



O OLHO DO TSAR VERMELHO

Sam Eastland

"Um triunfo! Cogi um olhar astuto, Eastland recria a tragédia da dinastia Romanov neste inteligente e implacável thriller." – David Hewson, autor de *The Killing*





DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

*poder, então nossa sociedade poderá enfim
evoluir a um novo nível."*



Sam Eastland

O OLHO DO
TSAR
VERMELHO

Tradução

Marcio de Paula S. Hack



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2013

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

E12o Eastland, Sam
O olho do tsar vermelho [recurso eletrônico] / Sam Eastland;
tradução Marcio de Paula Stockler Hack. - 1. ed. - Rio de Janeiro:
Record, 2013.
recurso digital

Tradução de: Eye of the Red Tsar
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-01-10127-3 (recurso eletrônico)

1. História de suspense. 2. Ficção americana. 3. Livros eletrônicos.
I. Hack, Marcio de Paula Stockler. II. Título.

13-05811

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

TÍTULO ORIGINAL EM INGLÊS:
Eye of the Red Tsar

Copyright © Sam Eastland, 2010.
Publicado originalmente pela Faber and Faber Ltd.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte,
através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Editoração eletrônica da versão impressa: Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil
adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10127-3

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



Este livro é para P.R.

Prólogo

Com olhos turvados pelo sangue, o tsar viu o homem recarregar a arma. Cartuchos vazios, deixando um rastro sinuoso de fumaça, caíam do cilindro do revólver. Com um tinido metálico, aterrissaram no chão onde ele estava caído. O tsar respirou fundo, sentindo o fremito das bolhas que saíam de seus pulmões perfurados.

O assassino ajoelhou-se ao seu lado.

— Está vendo?

O homem segurou o rosto do tsar com as mãos e virou sua cabeça de um lado para outro.

— Está vendo o que causou a si mesmo?

O tsar nada viu, cego pelo véu que toldava sua visão, mas sabia que, espalhada no chão em volta, estava sua família. A mulher. Os filhos.

— Vá em frente — disse ao homem. — Acabe logo comigo.

O tsar sentiu uma mão suja com seu próprio sangue dando-lhe tapinhas ligeiros no rosto.

— Você já está acabado — disse o assassino. Então ouviu os cliques suaves dos novos cartuchos sendo carregados no cilindro.

A seguir, o tsar ouviu novas explosões, ensurdecedoras, no espaço exíguo da sala.

— Minha família — tentou gritar, mas tudo que conseguiu foi tossir e sentir ânsia de vômito. Nada podia fazer para

ajudá-los. Não podia sequer erguer um braço para se defender.

Agora, o tsar estava sendo arrastado pelo chão.

O assassino grunhiu enquanto puxava o corpo escada acima, praguejando ao ver que os calcanhares da bota do tsar enganchavam em cada degrau.

Estava escuro lá fora.

O tsar sentiu a chuva no rosto. Logo depois, ouviu o som de corpos sendo jogados ao seu lado. As cabeças sem vida rachavam ao bater no chão de pedra.

Deram a partida em um motor. Um veículo. Um guincho de freios e então a pancada de uma traseira de caminhão se abrindo. Um após outro, os corpos foram levados até a carroceria. Logo chegou a vez do próprio tsar ser arremessado na pilha de corpos. A porta da carroceria foi baixada.

Quando o caminhão começou a andar, a dor que o tsar sentia no peito piorou. Cada solavanco na estrada esburacada transformava-se num novo ferimento, sua agonia queimando como um raio na escuridão que espiralava espessa à sua volta.

De repente, a dor começou a ceder. A escuridão parecia derramar-se como um líquido sobre seus olhos. Ela anulou todos os medos, ambições, memórias, até que nada restasse além de um vazio flutuante, do qual ele nada sabia...

Sibéria, 1929

O homem sentou-se, ofegante.

Estava sozinho na floresta.

Mais uma vez, era acordado por aquele sonho.

Jogou para o lado o velho cobertor de cavalo. O tecido estava úmido de orvalho.

Levantando-se rigidamente, apertou os olhos para enxergar melhor em meio à névoa matinal e aos raios de sol filtrados pelas árvores. Enrolou o cobertor e amarrou as pontas com um pedaço de couro cru, vestindo-o pela cabeça, para que cobrisse o peito e as costas. Tirou do bolso uma tira murcha de carne de veado defumada e comeu-a devagar, parando para ouvir o som dos ratos correndo sob o tapete de folhas mortas, dos pássaros que ralhavam nos ramos acima e o rumor do vento entre os cimos dos pinheiros.

Era um homem alto, de ombros largos, nariz reto e dentes fortes e brancos. Os olhos eram de um castanho-esverdeado, as íris marcadas por um estranho tom de prata que as pessoas só percebiam quando ele as encarava. Raias de fios prematuramente embranquecidos corriam por seus cabelos longos e negros, e uma barba cheia encobria as bochechas queimadas pelo vento.

Ele não tinha mais nome. Agora era conhecido apenas como prisioneiro 4745-P do campo de trabalho Borodok.

Logo se pôs em marcha, passando por um bosque de pinheiros em suave declive, que ia dar num riacho. Caminhava com o auxílio de um bastão grande, cuja nodosa

extremidade de raiz estava coberta de pregos de ferradura com cabeça quadrada. A única coisa que carregava a mais era um balde contendo tinta vermelha. Com ela, marcava as árvores que seriam cortadas por prisioneiros do campo, na floresta de Krasnagolyana. Em vez de usar um pincel, o homem mergulhava os dedos na tinta escarlata e emplastrava sua digital nos troncos. Essas marcas eram, para a maioria dos demais condenados, o único vestígio com que tinham contato.

Em média, a vida de um marcador de árvores na floresta de Krasnagolyana não passava de seis meses. Trabalhando sozinhos, sem a menor chance de fugir e distantes de qualquer contato humano, esses homens morriam em decorrência da exposição às intempéries, da fome e da solidão. Aqueles que se perdiam, ou que caíam e quebravam a perna, normalmente eram comidos por lobos. Dizia-se que marcar árvores era o único trabalho em Borodok pior do que a pena de morte.

Cumprindo seu nono ano de uma sentença de trinta anos por crimes contra o Estado, o prisioneiro 4745-P resistira por mais tempo do que qualquer outro marcador de árvores em todo o conjunto de gulags. Logo depois de chegar a Borodok, o diretor do campo o enviara aos bosques, temendo que os outros prisioneiros descobrissem sua verdadeira identidade. Todos acreditavam que, dentro de um ano, estaria morto.

Deixavam-lhe suprimentos três vezes por ano, no fim de uma estrada destinada ao transporte da madeira. Querosene. Latas de carne. Pregos. O resto tinha de conseguir por conta própria. Raramente era visto pelas equipes que vinham cortar as árvores. O que viam era uma criatura quase não identificável como um homem. Com a crosta de tinta vermelha que cobria suas roupas de prisioneiro e os longos cabelos ocultando o rosto, parecia

um animal cuja carne fora arrancada e havia sido abandonado para morrer. De algum modo conseguira sobreviver. Corriam os mais disparatados rumores a seu respeito; diziam que comia carne humana, que vestia uma couraça feita dos ossos daqueles que haviam desaparecido na floresta, que vestia um gorro feito de escalpos.

Chamavam-no de homem das mãos de sangue. Ninguém, à exceção do comandante de Borodok, sabia de onde viera o prisioneiro, ou quem era antes de chegar ali.

Os mesmos homens que temiam cruzar seu caminho não faziam ideia de que aquele era Pekkala, cujo nome antigamente invocavam, assim como seus ancestrais clamavam aos deuses.

Chapinhou pelo córrego, erguendo-se em meio à água gelada que alcançava sua cintura, e desapareceu em um agrupamento de bétulas brancas que cresciam na outra margem. Escondida entre essas árvores, meio enterrada no chão, estava uma cabana do tipo conhecido como *zemlyanka*. Pekkala a construía com as próprias mãos. Nela enfrentava os invernos siberianos, dos quais o pior não era o frio, mas um silêncio tão completo que parecia ele próprio ter um som, um ruído sibilante, vibrante, como o de um planeta viajando pelo universo.

Aproximando-se da cabana, Pekkala parou e farejou o ar. Alguma coisa perturbou seus instintos. Ficou completamente imóvel, como uma garça equilibrada acima d'água, os pés descalços afundando no chão musgoso.

O ar ficou preso na garganta.

Um homem estava sentado em um toco de árvore no canto da clareira. Tinha as costas viradas para Pekkala. Usava um uniforme militar marrom-oliva e botas pretas de cano longo que lhe chegavam aos joelhos. Não era um soldado comum. O tecido de sua túnica tinha o brilho suave da gabardina, não era feito do áspero pano de cobertor que

vestia os homens da guarnição local, que às vezes se aventuravam até o começo da trilha em suas patrulhas, mas nunca penetravam tão fundo na floresta.

Não parecia estar perdido. Tampouco carregava alguma arma, até onde Pekkala podia ver. A única coisa que trazia consigo era uma pasta. Era de boa qualidade, com acabamentos de latão polido que pareciam absurdamente descabidos ali no meio da floresta. O jovem parecia estar esperando.

Durante as horas que se seguiram, enquanto o sol surgia por detrás das árvores e o cheiro da seiva quente dos pinheiros flutuava no ar, Pekkala estudou o desconhecido, observando o ângulo com que inclinava a cabeça, como cruzava e descruzava as pernas, o jeito que pigarreava para expulsar o pólen da garganta. Uma vez, o homem levantou-se de um pulo e caminhou pela clareira, espantando furiosamente os enxames de mosquitos. Quando se virou, Pekkala viu as bochechas rosadas de um rapaz que mal saíra da adolescência. Era um menino escanifrado, com canelas finas e mãos frágeis.

Pekkala não pôde evitar compará-las às suas próprias palmas calejadas, à pele crestada e fendida dos nós de seus dedos e às suas pernas inchadas e musculosas, como se cobras houvessem se enroscado em volta dos ossos.

Pôde ver também uma estrela vermelha costurada em cada antebraço da túnica *gymnastiorka* que o homem vestia, que o cobria ao estilo camponês, como uma camisa para fora da calça que ia até o meio das coxas. As estrelas vermelhas disseram a Pekkala que o homem chegara ao posto de comissário; um inspetor político do Exército Vermelho.

Durante o dia inteiro o comissário esperou naquela clareira, atormentado pelos insetos, até que o último vestígio de luz do dia desapareceu. No crepúsculo, o homem

tirou um cachimbo de tubo longo e encheu-o com o tabaco de uma bolsa que mantinha presa em volta do pescoço. Acendeu-o com um isqueiro de metal e pitou com satisfação, mantendo os mosquitos à distância.

Lentamente, Pekkala encheu os pulmões de ar. O odor almiscarado do tabaco inundou todo seu ser. Observou como o rapaz tirava com frequência o cachimbo da boca e examinava-o, e como cerrava os dentes sobre o tubo quando ouvia um pequeno clique, como o de uma chave virando na fechadura.

Ele não tem esse cachimbo há muito tempo, Pekkala pensou consigo. Preferiu um cachimbo aos cigarros por achar que isso o faria parecer mais velho.

De vez em quando, o comissário relanceava os olhos para as estrelas vermelhas em seus antebraços, como se a presença delas ali o surpreendesse, e Pekkala soube que aquele rapaz acabara de receber sua patente.

Porém, quanto mais aprendia sobre o homem, menos conseguia compreender o que trouxera o comissário à floresta. Não podia evitar sentir certa admiração, a contragosto, por aquele homem, que não entrara na cabana, preferindo ficar no toco da árvore, assento bastante duro.

Quando a noite caiu, Pekkala levou as mãos à boca e bafejou com elas em formato de concha. Cochilou, recostado em uma árvore, e então acordou num sobressalto, descobrindo que estava inteiramente cercado pela neblina, que cheirava a terra e folhas mortas e girava à sua volta como um predador interessado.

Olhando rapidamente na direção da cabana, viu que o comissário não se mexera. Sentava-se de braços cruzados, o queixo apoiado no peito. O bufar suave de seu ronco ecoava pela clareira.

Antes do amanhecer ele vai embora, pensou Pekkala. Levantando a gola puída do casaco, fechou os olhos mais uma vez.

Mas, quando a manhã chegou, Pekkala impressionou-se ao ver que o comissário ainda estava lá. Ele caíra de seu toco de árvore e estava deitado de costas, com uma perna ainda sobre o toco, como uma estátua em pose de triunfo que houvesse caído do pedestal.

Pouco depois, o comissário resfolegou e sentou-se, olhando em volta como se não conseguisse lembrar-se de onde estava.

Agora, pensou Pekkala, esse homem vai tomar tino e me deixar em paz.

O comissário levantou-se, pôs as mãos na lombar e fez uma careta. Soltou um gemido. Então, virou-se e olhou diretamente para onde Pekkala estava escondido.

— Tem planos de sair daí algum dia? — interpelou.

As palavras atingiram Pekkala como areia jogada no rosto. Então, relutante, saiu do abrigo da árvore, apoiando-se no bastão com a extremidade coberta de pregos.

— O que você quer? — Falar era para ele tão raro que sua própria voz lhe soava estranha.

No rosto do comissário, calombos indicavam os locais em que os mosquitos haviam se banquetado.

— Você vem comigo — disse.

— Por quê? — perguntou Pekkala.

— Porque quando tiver ouvido o que tenho a dizer, é isso o que vai querer.

— É um homem otimista, comissário.

— As pessoas que me mandaram te buscar...

— Que pessoas?

— Logo, logo vai conhecê-las.

— E essas pessoas lhe disseram quem sou?

O jovem comissário deu de ombros.

— Tudo que sei é que seu nome é Pekkala, e que suas habilidades, sejam lá quais forem, agora são necessárias em outro lugar. — Deu uma olhada na melancólica clareira. — Eu imaginava que você agarraria uma chance de sair deste lugar esquecido até por Deus.

— Foram vocês que esqueceram Deus.

O comissário sorriu.

— Disseram-me que você era um homem difícil.

— Eles, pelo visto, me conhecem — respondeu Pekkala —, sejam lá quem forem.

— Disseram-me também — continuou o comissário — que se eu entrasse nesta floresta trazendo uma arma, você provavelmente me mataria antes mesmo que eu o visse. — O comissário levantou as mãos espalmadas. — Como pode ver, segui o conselho.

Pekkala entrou na clareira. Com os trapos remendados de suas roupas, parecia um gigante pré-histórico perto do comissário bem asseado. Tomou consciência, pela primeira vez em anos, do cheiro de seu corpo sujo.

— Qual é o seu nome? — perguntou Pekkala.

— Kirov — respondeu o rapaz, endireitando a postura. — Comissário Kirov.

— E há quanto tempo é comissário?

— Um mês e dois dias. — E acrescentou, numa voz mais baixa: — Incluindo hoje.

— Quantos anos você tem? — perguntou Pekkala.

— Quase 20 anos.

— Deve ter irritado alguém profundamente, tenente Kirov, para receber a tarefa de vir me procurar.

O comissário coçou suas picadas de mosquito.

— Imagino que você também tenha irritado os seus, para acabar aqui na Sibéria.

— Está bem, tenente Kirov — disse Pekkala. — Já entregou sua mensagem. Agora pode voltar para onde veio

e me deixar em paz.

— Mandaram entregar-lhe isto. — Kirov pegou a pasta que estava ao lado do toco de árvore.

— O que tem aí?

— Não faço ideia.

Pekkala segurou a alça revestida de couro. A pasta era mais pesada do que esperava. Com ela em mãos, Pekkala parecia um cruzamento de espantalho com executivo à espera do trem.

O jovem comissário virou-se para ir embora.

— Você tem até o pôr do sol de amanhã. Um carro estará à sua espera no início da trilha.

Pekkala ficou olhando enquanto Kirov voltava pelo caminho que viera. Por um longo tempo, o estalido dos gravetos assinalou sua passagem pela floresta. Por fim, o som foi desaparecendo aos poucos e Pekkala viu-se mais uma vez sozinho.

Carregando a pasta, caminhou até sua cabana. Sentou nas sacas cheias de agulhas de pinheiro que lhe serviam de cama e pôs a pasta sobre os joelhos. O conteúdo, pesado, fazia a pasta afundar. Com a lateral dos polegares, Pekkala abriu os fechos de latão em cada extremidade.

Quando levantou a aba, sentiu uma lufada de odor bolorento atingi-lo no rosto.

Dentro, havia um grosso cinto de couro envolvendo um coldre marrom-escuro com um revólver. Desenrolando o cinto do coldre, ergueu a arma: um revólver Webley de fabricação inglesa. Era uma arma de uso militar, excetuando o fato de que a coroa era de metal, e não de madeira.

Pekkala tirou a arma e segurou-a com o braço estendido, olhando através da mira. O metal azulado do revólver brilhou intensamente na obscuridade da cabana.

Em um canto da pasta, havia uma caixa de papelão contendo balas; os escritos na caixa eram em inglês. Ele

rasgou a embalagem de papel desgastado e carregou o Webley, abrindo a arma de modo que o cano se dobrou para frente em uma articulação, expondo as seis câmaras de balas. Os projéteis eram velhos, como a própria arma, e Pekkala limpou a munição antes de inseri-la no tambor.

Achou também um livro surrado. Na lombada amassada havia uma única palavra: *Kalevala*.

Deixando de lado esses objetos, Pekkala notou mais uma coisa dentro da pasta. Era uma pequena bolsa de algodão, fechada por um cordão de couro. Ele afrouxou a ponta e esvaziou a bolsa.

Expirou com violência ao ver o que havia dentro.

No chão diante dele, estava um pesado disco dourado, com diâmetro idêntico ao comprimento de seu dedo mindinho. Atravessando o centro, havia uma tira de esmalte branco marchetado, que começava num ponto, alargava-se até tomar metade do disco e estreitava-se novamente até um ponto do outro lado. Incrustada no meio do esmalte branco, havia uma grande esmeralda redonda. Juntos, o esmalte branco, o ouro e a esmeralda compunham a forma inconfundível de um olho. Pekkala passou a ponta de um dos dedos pelo disco, sentindo a suave saliência da joia, como um cego lendo em braile.

Agora ele sabia de quem partira a ordem de buscá-lo, e que a convocação era irrecusável. Achava que jamais colocaria os olhos naqueles objetos novamente. Até aquele momento, sentia que pertenciam a um mundo que não mais existia.

Nascera na Finlândia, na época em que aquele país ainda era colônia russa. Cresceu cercado por florestas densas e incontáveis lagos, perto da cidade de Lappeenranta.

Seu pai era agente funerário, o único da região. Pessoas que viviam a quilômetros de distância vinham trazer-lhe seus mortos. Viajavam aos solavancos por caminhos que atravessavam a floresta, carregando os corpos em carrinhos bambos ou rebocando-os em trenós que cruzavam os lagos congelados do inverno, de modo que, ao chegar, os cadáveres estavam duros como pedra.

No armário de seu pai ficavam pendurados três paletós pretos idênticos e três pares de calças pretas. Até mesmo os lenços eram pretos. Não admitia qualquer brilho metálico em sua pessoa. Os botões de latão originais do paletó haviam sido substituídos por botões de ébano. Seus sorrisos eram poucos e, quando sorria, cobria a boca como quem tem vergonha dos dentes. Cultivava o negror e as sombras com extremo cuidado, ciente de que seu trabalho os exigia.

Sua mãe era uma lapona de Rovaniemi. Ela trazia consigo uma inquietude que nunca a abandonou. Parecia ser assombrada por uma estranha vibração vinda da terra que deixara para trás, no Ártico, onde havia passado a infância.

Ele tinha um irmão mais velho, Anton. Por vontade do pai, Anton partiu para Petrogrado ao completar 18 anos, para alistar-se no regimento finlandês do tsar. Para o pai de

Pekkala, não podia haver maior honra do que servir naquela divisão de elite, que compunha o quadro pessoal do tsar.

Quando Anton embarcou no trem, seu pai chorou de orgulho, limpando os olhos com um lenço preto. A mãe parecia apenas aturdida, incapaz de compreender que sua criança estava sendo mandada para longe.

Anton inclinou-se para fora da janela de seu vagão, o cabelo impecavelmente penteado. Em seu rosto, via-se a conflito entre o desejo de ficar e a consciência de que tinha de partir.

Pekkala, então com apenas 16 anos, ao lado dos pais na plataforma, sentiu a ausência do irmão como se o trem tivesse partido há muito tempo.

Quando o trem sumiu de vista, o pai de Pekkala pôs os braços em volta da esposa e do filho.

— Hoje é um grande dia — disse, com olhos vermelhos do choro. — Um grande dia para nossa família.

Dali em diante, quando ia à cidade, jamais se esquecia de mencionar que Anton, seu filho, logo faria parte do regimento.

Como filho mais novo, Pekkala sempre soubera que ficaria em casa, como aprendiz de seu pai. Esperavam que ele cedo ou tarde assumisse os negócios da família. A discricção serena do velho tornou-se parte de Pekkala à medida que o ajudava no trabalho. A drenagem de fluidos dos corpos e a substituição por conservantes, o ato de vesti-los e arrumar os cabelos dos defuntos, a colocação de alfinetes no rosto para criar uma expressão relaxada e de paz: tudo isso se tornou natural para Pekkala enquanto aprendia a profissão de seu pai.

Era com as expressões faciais que o pai tomava mais cuidado. Era preciso que uma atmosfera de calma cercasse os mortos, como se eles dessem boas-vindas à próxima etapa da existência. A expressão facial de um cadáver

maltrabalhado podia aparentar ansiedade ou temor ou, ainda pior, podia parecer de outra pessoa.

Pekkala achava fascinante ler, nas mãos e rostos dos falecidos, a vida que tinham levado. Seus corpos, como mudas de roupas, denunciavam seus segredos de cuidado ou desleixo. Ao segurar a mão de um professor, podia sentir o calombo no segundo dedo, ponto de apoio de uma caneta-tinteiro, escavando um sulco no osso. As mãos de um pescador eram repletas de calos e velhas cicatrizes de cortes, que deixavam a pele enrugada como um pedaço de papel amassado. Sulcos em torno dos olhos e bocas diziam se os dias de uma pessoa haviam sido regidos pelo otimismo ou pelo pessimismo. Os mortos não lhe causavam qualquer aversão: eram apenas um grande e insolúvel mistério.

O trabalho funerário não era agradável, não era o tipo de emprego que um homem podia dizer que amava. Mas ele podia amar o fato de que era importante. Não era qualquer um que podia fazer aquilo; no entanto, era algo que precisava ser feito. Era necessário, não para os mortos, mas para as recordações dos vivos.

Sua mãe pensava de outro modo. Recusava-se a descer até o porão onde se fazia a preparação dos mortos. Parava a meio caminho da escada para dar um recado ou chamá-los para o jantar. Pekkala acostumou-se com a imagem de suas pernas nos degraus, os joelhos delicados e arredondados, o resto do corpo invisível. Guardou na memória o som de sua voz, abafado sob um pedaço de pano perfumado com óleo de lavanda que segurava na frente do rosto sempre que entrava no porão. Ela parecia temer a presença do formaldeído, como se a coisa pudesse infiltrar-se em seus pulmões e roubar sua alma.

Sua mãe acreditava em coisas assim. Sua infância na tundra estéril ensinara-a a encontrar significados até

mesmo na fumaça que subia de uma fogueira. Pekkala jamais esqueceu suas descrições da camuflagem de uma perdiz nival que se escondia entre pedras salpicadas de líquen, ou das pedras enegrecidas de uma fogueira cujas brasas haviam apagado há mil anos, ou da leve cavidade no chão — visível somente quando as sombras do anoitecer recaíam sobre ela — que marcava o local de uma cova.

Com a mãe, Pekkala aprendeu a discernir os mais ínfimos detalhes, mesmo os que não podia ver, mas que penetravam além dos limites dos sentidos, e a lembrar-se deles. Com o pai, aprendeu a paciência e a capacidade de sentir-se à vontade entre os mortos.

Pekkala acreditava que iria habitar aquele mundo, com suas fronteiras demarcadas pelos nomes de ruas conhecidas, de lagos cor de chá refletindo o céu azul pálido e um horizonte esculpido pelos pinheiros que se erguiam da floresta mais além.

Mas não foi assim que as coisas aconteceram.

Na manhã seguinte à visita do comissário, Pekkala incendiou a cabana.

Permaneceu na clareira enquanto a fumaça negra se desenrolava no céu. Os estalos e silvos do incêndio encheram seus ouvidos. O calor curvou-se em sua direção. Fagulhas pousaram em suas roupas e, com um peteleco, ele as limpou. Baldes de tinta empilhados ao lado da cabana engendraram línguas sujas e amarelas de fogo quando as substâncias que continham entraram em combustão. Ele viu o teto desmoronar sobre a cama feita com esmero e sobre a cadeira e mesa que foram suas companheiras por tanto tempo que, agora, o mundo lá fora parecia mais feito de sonhos do que real.

A única coisa que se salvou do fogo foi uma bolsa de pele de alce curtida, que fechava com um botão de chifre de veado. Nela estavam a arma no coldre, o livro e o impassível olho de esmeralda.

Quando nada restava, exceto montes de vigas fumegantes, Pekkala deu meia-volta e começou a andar em direção ao início da trilha. No instante seguinte, sumira, flutuando como um espectro por entre as árvores.

Horas depois, saiu da floresta fechada para uma estrada madeireira. Árvores cortadas estavam amontoadas em pilhas de dez, prontas para serem transportadas para a serraria do gulag. Tiras de cortiça atapetavam o chão e o bafio azedo de madeira recém-cortada saturava o ar.

Pekkala encontrou o carro, como prometera o comissário. Era de um tipo que ele não conhecia. Com capô arredondado, para-brisa pequeno e grade do radiador arqueada como uma sobancelha, a máquina tinha uma aparência quase esnobe. Um emblema azul e branco na grade do radiador informava que a marca do carro era “Emka”.

As portas estavam abertas. O tenente Kirov dormia no banco traseiro, com as pernas esticadas no ar.

Pekkala pegou no pé de Kirov e sacudiu-o.

Kirov deu um grito e desceu desajeitadamente do carro. A princípio, recuou diante do mendigo barbado que estava de pé a sua frente.

— Que susto você me deu!

— Vai me levar de volta para o campo? — perguntou Pekkala.

— Não. Não para o campo. Seus dias de prisioneiro acabaram. — Kirov gesticulou para que Pekkala subisse no banco traseiro. — Pelo menos por enquanto.

Manobrando o carro sem a menor sutileza, Kirov deu meia-volta com o Emka e deu início ao longo caminho de volta para o povoado de Oreshek. Depois de uma hora de derrapagens e trancos na estrada acidentada, eles saíram da floresta para a região rural desmatada, cuja amplidão encheu Pekkala de uma ansiedade inominável.

Durante grande parte da viagem, Kirov nada falou, e ficou de olho em Pekkala pelo espelho retrovisor, como um taxista preocupado, pensando se o passageiro tinha dinheiro para pagar a tarifa.

Atravessaram as ruínas de um vilarejo. Os telhados de palha de choupanas *izba* vergavam como o lombo de um cavalo exausto. Via-se terra na velha cobertura das paredes. Postigos pendiam abertos nas dobradiças e rastros de animais forrageiros se espalhavam pelo chão. Para além,

viam-se campos não cultivados. Girassóis desgarrados erguiam-se acima da terra sufocada por ervas daninhas.

— O que aconteceu com este lugar? — perguntou Pekkala.

— Isso é obra de contrarrevolucionários e aproveitadores da chamada American Relief Administration, que veio do Ocidente para sabotar a Nova Política Econômica. — Kirov cuspiu as palavras como se não conhecesse o conceito de pontuação.

— Mas o que aconteceu? — repetiu Pekkala.

— Agora todos vivem em Oreshek.

Quando enfim chegaram a Oreshek, Pekkala observou as barracas construídas às pressas que ladeavam a estrada. Embora as estruturas parecessem novas, os telhados de papel de alcatrão já estavam descascados. A maioria delas estava vazia, mas ainda assim parecia que o único trabalho era a construção de novas barracas. Trabalhadores, homens e mulheres, pararam para ver o carro passar. Máscaras de poeira cobriam seus rostos e mãos. Alguns empurravam carrinhos de mão. Outros carregavam o que aparentava ser pás gigantes cheias de tijolos.

Trigo e cevada cresciam nos campos, mas deviam ter sido plantados num estágio muito tardio da estação. Plantas que deviam chegar aos joelhos mal passavam dos tornozelos de um homem.

O carro encostou ao lado de um pequeno posto policial. Era a única construção feita de pedra, com pequenas janelas gradeadas e uma pesada porta de madeira reforçada por tiras de metal.

Kirov desligou o motor.

— Aqui estamos — disse.

Enquanto Pekkala saía do carro, algumas pessoas olhavam em sua direção, mas rapidamente desviavam, como se o fato de conhecê-lo os incriminasse.

Ele subiu os três degraus de madeira que levavam à porta principal, e então pulou para o lado quando um homem em uniforme preto, usando a insígnia da Polícia de Segurança Interna, saiu a toda do posto. Arrastava um velho pela nuca. Os pés do velho estavam cobertos por sandálias de casca de bétula, conhecidas como *lapti*. O policial arremessou-o escada abaixo e o velho caiu com os braços e as pernas esticados na terra, levantando uma nuvem de poeira cor de açafreão. Um punhado de grãos de milho escapou de sua mão fechada. Quando o velho os recolheu, Pekkala se deu conta de que eram, na verdade, seus dentes quebrados.

O homem levantou-se com dificuldade e encarou o policial, emudecido pela raiva e pelo medo.

Kirov pôs a mão nas costas de Pekkala e empurrou-o gentilmente em direção aos degraus.

— Mais um? — berrou o policial, segurando o braço de Pekkala, com os dedos enterrados em seu bíceps. — De qual tumulto tiraram este aqui?

Seis meses depois que o irmão de Pekkala foi embora para juntar-se ao regimento finlandês, chegou um telegrama de Petrogrado. Era endereçado ao pai de Pekkala e assinado pelo Oficial de Comando da Guarnição Finlandesa. O telegrama continha apenas cinco palavras — PEKKALA ANTON APARTADO UNIDADE CADETES.

O pai de Pekkala leu a frágil papeleta amarela. Nenhuma emoção transpareceu em seu rosto. Então, entregou o papel à esposa.

— Mas o que isso quer dizer? — perguntou ela. — Apartado? Nunca ouvi essa palavra em minha vida. — O telegrama tremia em suas mãos.

— Quer dizer que o expulsaram do regimento — disse o pai. — Agora ele vai voltar para casa.

No dia seguinte, Pekkala prendeu um dos cavalos da família a uma carriola para duas pessoas, foi até a estação e esperou a chegada do trem. Fez o mesmo no dia seguinte, e no outro. Pekkala passou uma semana inteira indo e voltando da estação de trem, observando os passageiros que saíam dos vagões, procurando entre a multidão, e então, quando o trem partia, encontrava-se novamente sozinho na plataforma.

Naqueles dias de espera, Pekkala notou no pai uma mudança que viera para ficar. O homem estava como um relógio cujo mecanismo havia subitamente escangalhado. Exteriormente, pouco mudara, mas por dentro estava arruinado. Não importava o motivo da volta de Anton. O

próprio fato da volta mudara o trajeto que traçara com esmero para a família.

Após duas semanas sem notícia de Anton, Pekkala parou de ir à estação para esperar pelo irmão.

Quando um mês se passou, ficou claro que Anton não voltaria.

O pai de Pekkala telegrafou à Guarnição Finlandesa perguntando sobre o filho.

Eles responderam, desta vez em uma carta, que, num certo dia, Anton fora escoltado aos portões do quartel, que recebera um bilhete de trem para voltar para casa e dinheiro para comer, e que desde então não fora mais visto.

Outro telegrama, perguntando o motivo da dispensa de Anton, não recebeu resposta.

Nesse momento, o pai de Pekkala havia se retirado para tão longe dentro de si mesmo que parecia apenas a carcaça de um homem. Enquanto isso, sua mãe calmamente insistia que Anton voltaria quando estivesse pronto, mas a tensão do apego a tal certeza a exauria, como um caco de vidro no mar, reduzido a nada pelo movimento das ondas contra a areia.

Certo dia, pouco antes de completar três meses do desaparecimento de Anton, Pekkala e seu pai cuidavam dos retoques finais em um corpo que teria velório em caixão aberto. O pai estava curvado, escovando com desvelo os cílios do morto com as pontas dos dedos. Pekkala ouviu o pai inspirar de repente. Viu as costas do homem se endireitarem, como se seus músculos estivessem se contraindo.

— Você vai embora — disse ele.

— Vou embora para onde? — perguntou Pekkala.

— Petrogrado. Vai se juntar ao regimento finlandês. Já preenchi os papéis do alistamento. Daqui a dez dias, vai se

apresentar à guarnição. Vai assumir o lugar dele. — Já não conseguia sequer referir-se a Anton pelo nome.

— E meu aprendizado? E o negócio da família?

— Já está decidido, menino. Não há o que discutir.

Uma semana depois, Pekkala inclinava-se da janela de um trem que ia para o leste, acenando para os pais até que seus rostos se transformaram em minúsculos pontos róseos com a distância, e as fileiras de pinheiros se fecharam em torno da pequena estação.

Pekkala encarou o policial.

Por um instante, o homem hesitou, perguntando-se por que um prisioneiro ousaria encará-lo diretamente. Os músculos de seu rosto retesaram-se.

— Já é hora de você aprender a mostrar respeito — sussurrou ele.

— Ele está sob proteção do Bureau de Operações Especiais — disse Kirov.

— Proteção? — perguntou o policial, rindo. — Este vagabundo? Qual o nome dele?

— Pekkala — respondeu Kirov.

— Pekkala? — O policial soltou-o como se sua mão estivesse encostando em metal quente. — O que quer dizer? O Pekkala?

O velho ainda estava de joelhos, observando a discussão que ocorria nos degraus do posto policial.

— Sai daqui! — gritou o policial.

O velho não se moveu.

— Pekkala — murmurou ele, e, ao falar, sangue escorria dos cantos da boca.

— Eu disse para dar o fora daqui, seu maldito! — berrou o policial, com o rosto ficando vermelho.

Então o velho se levantou e começou a andar estrada abaixo. Dava poucos passos e virava-se para olhar Pekkala.

Kirov e Pekkala passaram pelo policial e entraram num corredor iluminado apenas pela luz do dia, que se filtrava pelas janelas gradeadas e sem vidro.

Enquanto caminhavam, Kirov voltou-se para Pekkala.

— Quem diabos é você? — perguntou.

Pekkala não respondeu. Seguiu o jovem comissário até uma porta ao fim do corredor. A porta estava entreaberta.

O jovem deu um passo para o lado.

Pekkala entrou na sala.

À mesa de canto, sentava-se um homem. Exceto pela cadeira em que estava, era o único móvel da sala. Em sua túnica, portava a insígnia de um comandante do Exército Vermelho. Seus cabelos pretos eram bem-penteados, alisados para trás e repartidos severamente, como se por um corte de faca ao longo do couro cabeludo. O homem tinha as mãos elegantemente dobradas sobre a mesa, parecendo esperar que alguém o fotografasse.

— Anton! — exclamou Pekkala, perdendo o fôlego.

— Seja bem-vindo — respondeu ele.

Pekkala mirava o homem boquiaberto; pacientemente, o irmão o encarava de volta. Convencido enfim de que seus olhos não lhe pregavam uma peça, Pekkala deu meia-volta e saiu da sala.

— Aonde está indo? — perguntou Kirov, correndo para alcançá-lo.

— A qualquer lugar que não aqui — respondeu Pekkala.

— Você podia ter tido a consideração de me avisar.

— Avisá-lo de quê? — A frustração o fazia altear a voz.

O policial ainda estava de pé na entrada, olhando nervoso para os dois lados da rua.

Kirov pôs a mão no ombro de Pekkala.

— Você nem chegou a falar com o comandante Starek.

— É assim que ele se chama agora? — replicou Pekkala.

— Agora? — O rosto do comissário retorcia-se de perplexidade.

Pekkala voltou-se para encará-lo.

— Starek não é o nome verdadeiro dele. Ele o criou. Assim como Lenin! E Stalin! Não porque mude alguma coisa, mas simplesmente porque soa melhor do que Ulyanov ou Dzhugashvili.

— Você sabe — exclamou o comissário — que eu poderia mandar fuzilar você por dizer algo assim?

— Diga-me alguma coisa pela qual não poderia mandar me fuzilar — replicou Pekkala. — Isso seria mais impressionante. Ou, melhor ainda, peça a meu irmão que faça isso por você.

— Seu irmão? — O queixo de Kirov caíra. — O comandante Starek é seu irmão?

Agora era Anton que saía pela porta.

— Você não me disse — falou Kirov. — Eu certamente devia ter sido informado.

— Estou lhe informando agora. — Anton voltou-se para Pekkala.

— Não é mesmo ele, é? — perguntou o policial. — Você está curtindo com a minha cara, não é? — Ele tentou sorrir, mas não conseguiu. — Este homem não é o Olho de Esmeralda. Ele morreu faz anos. Ouvei gente dizendo que ele sequer existiu, que nunca passou de uma lenda.

Anton curvou-se e sussurrou no ouvido do policial.

O policial pigarreou.

— Mas o que foi que eu fiz? — Ele olhou para Pekkala. — Que foi que eu fiz? — perguntou mais uma vez.

— Poderíamos perguntar àquele homem que você atirou na rua — retrucou Pekkala.

O policial entrou pela porta.

— Mas este é meu posto — murmurou ele. — Estou no comando aqui. — Olhou para Anton, num silencioso pedido de ajuda.

Mas o rosto de Anton continuou inexpressivo como pedra.

— Sugiro que saia do nosso caminho enquanto ainda pode — disse, tranquilamente.

O policial afastou-se com passos incertos, como se nada mais fosse que a sombra de um homem.

Agora, com o olhar fixo em Pekkala, Anton acenou com a cabeça na direção do escritório ao fim do corredor.

— Irmão — disse —, é hora de conversarmos.

Dez anos haviam se passado desde a última vez que tinham se visto, em uma plataforma ferroviária desolada e congelada, designada para o transporte de prisioneiros para a Sibéria.

Com a cabeça raspada e ainda vestindo o parco pijama de algodão bege que lhe fora entregue na cadeia, Pekkala amontoava-se junto aos outros condenados à espera da chegada do comboio ETAP-61. Ninguém falava. À medida que mais prisioneiros chegavam, tomavam seus lugares na plataforma, colando-se à massa de homens congelados como as camadas de uma cebola.

O sol já havia se posto. Sincelos tão longos quanto a perna de um homem pendiam do teto da estação. O vento soprava nos trilhos, agitando redemoinhos de neve. Em cada extremidade da plataforma, guardas com rifles nas costas ficavam em volta de barris de petróleo nos quais fogueiras haviam sido acesas. Faíscas adejavam pelo ar, iluminando seus rostos.

Era tarde da noite quando o trem enfim chegou. Dois guardas postaram-se ao lado de cada porta aberta do vagão. Ao embarcar, Pekkala olhou brevemente a estação. Lá, à luz de uma fogueira em tambor de petróleo, um soldado aquecia suas mãos rosadas sobre as chamas.

Seus olhares se cruzaram.

Pekkala mal pudera reconhecer Anton quando um dos guardas o empurrou para dentro da escuridão do vagão coberto por uma crosta de gelo.

Pekkala segurava a navalha ao lado da bochecha coberta de barba, perguntando-se como começar.

Ele costumava barbear-se uma vez por mês, mas a velha navalha que guardava com cuidado finalmente quebrara ao meio certo dia quando usava a parte de dentro de seu cinto para afiá-la. E isso fora anos atrás.

Desde então, algumas vezes pegara uma faca para seu cabelo, cortando-o aos torrões enquanto sentava-se despido na água congelante do córrego logo abaixo de sua cabana. Mas agora, estando ali no banheiro sujo do posto policial, um par de tesouras em uma mão e a navalha em outra, a tarefa que o esperava parecia impossível.

Por quase uma hora, talhou e raspou, rangendo os dentes de dor e esfregando o rosto com uma áspera barra de sabão para lavar roupa, que lhe haviam emprestado junto com a navalha. Tentou não respirar o fedor penetrante da urina malmirada, a fumaça de tabaco velho que se alojara no reboco entre os azulejos de um azul pálido e o miasma medicinal do papel higiênico oficial do governo.

Lentamente, um rosto que Pekkala mal pôde reconhecer começou a surgir no espelho. Quando, por fim, toda a barba havia sido cortada, filetes de sangue minavam do queixo, do lábio superior e de logo abaixo das orelhas. Pegou algumas teias de aranha em um canto empoeirado do banheiro e aplicou-as nas feridas para conter o sangramento.

Saindo do banheiro, viu que seu velho traje salpicado de tinta fora levado. No lugar, encontrou outra muda de roupas

e surpreendeu-se ao ver que eram as mesmas que usava quando foi preso pela primeira vez. Até aquelas coisas haviam sido guardadas. Ele vestiu a camisa cinza sem colarinho, as pesadas calças pretas de algodão grosso e um colete de lã preta de quatro bolsos. Debaixo da cadeira, estavam as botas que iam até o tornozelo, com tiras para envolver os pés do tipo *portyanki*, impecavelmente enroladas dentro de cada uma.

Erguendo a correia da arma sobre o ombro, afivelou-a no centro do tronco. Ajustou-a até que a coronha da arma ficasse logo abaixo das costelas, no lado esquerdo do corpo, de modo que pudesse sacar o Webley e atirar sem prejudicar a fluidez dos movimentos: um método que salvara sua vida em mais de uma ocasião.

A última peça de roupa era um casaco justo feito da mesma lã negra do colete. Sua aba estendia-se até o lado esquerdo do peito, à maneira de uma jaqueta de peito duplo transpassado, mas era fechada por botões ocultos, de modo que nenhum ficava à vista quando se vestia o casaco. Descia até abaixo dos joelhos e sua gola era curta, diferente da enorme lapela do sobretudo de uso padrão do Exército russo. Por fim, Pekkala prendeu o olho de esmeralda sob a gola da jaqueta.

Olhou mais uma vez seu rosto no espelho. Cautelosamente, tocou com as pontas ásperas dos dedos a pele embaixo dos olhos, queimada pelo vento, como se não tivesse certeza de quem o olhava do outro lado.

Então voltou ao escritório. A porta estava fechada. Ele bateu.

— Entre! — Veio a grosseira resposta.

Com os calcanhares sobre a mesa, Anton fumava um cigarro.

O cinzeiro estava quase cheio. Várias das guimbas ainda fumegavam. Uma nuvem de fumaça azul pairava na sala.

Não havia outra cadeira exceto a que seu irmão ocupava, então Pekkala continuou de pé.

— Melhor assim— disse Anton, voltando os pés para o chão —, mas não muito.

Entrelaçou as mãos e pousou-as sobre a mesa.

— Você sabe quem mandou te chamar.

— Camarada Stalin — disse Pekkala.

Anton fez que sim.

— É verdade — perguntou Pekkala — que as pessoas o chamam de Tsar Vermelho?

— Não na frente dele — respondeu Anton —, se têm amor à vida.

— Se ele é o motivo de eu estar aqui — continuou Pekkala —, então me deixe falar com ele.

Anton riu.

— Ninguém pede para falar com o camarada Stalin! Você espera até que ele peça para falar com você, e se isso um dia acontecer, terá sua conversa. Enquanto isso, há trabalho a ser feito.

— Você sabe o que aconteceu comigo lá na prisão Butyrka.

— Sim.

— Stalin foi o responsável por aquilo. Pessoalmente responsável.

— Desde então, ele fez grandes coisas por este país.

— Você — Pekkala retrucou — também é responsável.

As mãos entrelaçadas de Anton apertaram-se em um nó de carne e osso.

— Há outros modos de ver a questão.

— Está falando da diferença entre quem é torturado e quem pratica a tortura.

Anton pigarreou, tentando manter a calma.

— O que estou dizendo é que seguimos cada um o seu caminho, você e eu. O meu me trouxe a este lado da mesa.

— Ele bateu na madeira para enfatizar. — E o seu o levou a ficar de pé aí desse lado. Agora sou um oficial do Bureau de Operações Especiais.

— O que vocês querem de mim?

Anton levantou-se e foi fechar a porta.

— Queremos que investigue um crime.

— Esgotou o suprimento de detetives do país?

— Para esse caso, é de você que precisamos.

— É um assassinato? — perguntou Pekkala. — Pessoas desaparecidas?

— É possível que sim — respondeu Anton, ainda de frente para a porta, em voz baixa. — É possível que não.

— Vou ser obrigado a solucionar charadas antes de resolver seu caso?

Nesse momento, Anton virou o rosto para ele.

— Estou falando sobre os Romanov. O tsar. A esposa dele. Os filhos. Todos eles.

Ao ouvir aqueles nomes, pesadelos antigos retornaram à cabeça de Pekkala.

— Mas eles foram executados — disse. — O caso foi arquivado anos atrás. O governo revolucionário, inclusive, assumiu a autoria dos assassinatos!

Anton voltou à mesa.

— É verdade que assumimos a responsabilidade pelas execuções. Mas como você talvez saiba, nenhum cadáver foi apresentado como prova.

Uma brisa soprou pela janela aberta, trazendo o cheiro úmido da chuva que se aproximava.

— Quer dizer que não sabe onde estão os corpos?

Anton assentiu com a cabeça.

— Precisamente.

— Então é um caso de pessoas desaparecidas? — perguntou Pekkala. — Está me dizendo que o tsar talvez ainda esteja vivo?

O sentimento de culpa por ter abandonado os Romanov ao destino que tiveram havia se alojado como uma bala em seu peito. A despeito do que ouvira sobre as execuções, as dúvidas de Pekkala nunca tinham desaparecido. Mas ouvir isso agora, da boca de um soldado do Exército Vermelho, era algo que não esperava.

Anton correu nervosamente o olhar pela sala, como se esperasse ver um espião materializar-se no ar carregado de fumaça. Levantou-se e foi até a janela, examinando a ruela que passava pela lateral do prédio. Então fechou a cortina. Uma escuridão purpúrea caiu como um crepúsculo sobre a sala.

— O tsar e sua família haviam sido levados à cidade de Ecatemburgo, que hoje é conhecida como Sverdlovsk.

— A viagem de carro para lá leva alguns dias.

— Sim. Sverdlovsk foi escolhida justamente por ser remota. Não haveria qualquer chance de que alguém tentasse resgatá-los. Pelo menos, foi o que nós pensamos. Quando a família chegou, eles foram alojados na casa de um mercador local chamado Ipatiev.

— O plano era fazer o que com eles?

— Não estava claro o que devia ser feito deles. Desde o momento em que foi presa em Petrogrado, a família Romanov se tornou um risco. Enquanto o tsar vivesse, ele serviria de foco para os que lutavam contra a revolução. Por outro lado, se simplesmente nos livrássemos dele, a opinião pública mundial podia se voltar contra nós. Foi decidido que os Romanov deviam ser mantidos vivos até que o novo governo estivesse firmemente estabelecido. Então o tsar seria levado a julgamento. Juízes viriam de Moscou. A coisa toda seria tão pública quanto possível. Os jornais fariam a cobertura dos procedimentos. Em todas as áreas rurais, os comissários distritais estariam de prontidão para explicar o processo legal.

— E o tsar seria considerado culpado.

Anton abanou a mão, rejeitando a ideia.

— É claro, mas a realização do julgamento teria dado legitimidade aos procedimentos.

— E depois, o que vocês planejavam fazer com o tsar?

— Fuzilá-lo, provavelmente. Ou poderíamos enforcá-lo. Faltava decidir os detalhes.

— E a esposa? E as quatro filhas? O filho? Seriam enforcados também?

— Não! Se quiséssemos matá-los, nunca nos teríamos dado o trabalho de trazer os Romanov até Sverdlovsk. A última coisa que queríamos era transformar crianças em mártires. A questão era justamente provar que a revolução não estava sendo comandada por bárbaros.

— Então o que vocês planejavam fazer com o resto da família?

— Seriam entregues aos ingleses, em troca do apoio oficial ao novo governo.

Para Lenin, deve ter parecido um plano simples. Mas são esses os que sempre dão errado, pensou Pekkala.

— E então, o que aconteceu?

Anton soltou o ar sem pressa.

— Não temos certeza do que aconteceu exatamente. Uma divisão inteira de soldados, conhecida como Legião Tcheca, havia se amotinado em maio de 1918, quando o novo governo ordenou que eles depusessem as armas. Eram, na maioria, austríacos e húngaros que haviam desertado e passado para o lado russo nas primeiras etapas da guerra. Os soldados vinham lutando na frente de batalha por mais de um ano. Eles não iriam simplesmente jogar fora as armas e juntar-se ao Exército Vermelho. Em vez disso, formaram uma força independente.

— Os Brancos — disse Pekkala. Nos anos que se seguiram à revolução, milhares de ex-oficiais do Exército

Branco haviam inundado os gulags. A eles era sempre reservado o pior tratamento. Poucos sobreviveram ao primeiro inverno.

— Visto que aqueles homens eram desertores — continuou Anton —, não podiam voltar para seus próprios países. Então, decidiram seguir a ferrovia Transiberiana cruzando toda a extensão da Rússia. Estavam muito bem-armados. A disciplina militar permaneceu intacta. Nada que a gente fizesse poderia detê-los. Em cada cidade por que passavam enquanto iam para leste ao longo da ferrovia, as guarnições do Exército Vermelho dispersavam-se ou eram estraçalhadas.

— A ferrovia passa logo ao sul de Sverdlovsk — disse Pekkala. Começava a ver onde o plano dera errado.

— Sim — respondeu Anton. — Os Brancos certamente tomariam a cidade. Os Romanov seriam libertados.

— Então Lenin ordenou a morte deles?

— Podia ter feito isso, mas não fez. — Anton parecia sentir-se oprimido pelos acontecimentos que descrevia. O mero fato de saber daqueles segredos bastava para colocar em risco a vida de uma pessoa. Dizê-los em voz alta era suicídio. — Houve tantos alarmes falsos... Unidades do Exército Vermelho confundidas com os Brancos, rebanhos de vacas confundidos com cavalarias, trovões confundidos com tiros de canhão. Lenin teve medo de que, caso desse a ordem para a execução, os homens que guardavam os Romanov entrassem em pânico. Eles fuzilariam o tsar e sua família em qualquer caso, com os tchecos tentando resgatá-los ou não. — Anton cobriu o rosto com as mãos, pressionando as pálpebras fechadas com as pontas dos dedos. — No fim das contas, não fez diferença.

— O que aconteceu?

Começara a chover. Gotículas batucavam nas venezianas.

— Uma ordem chegou à casa onde os Romanov estavam. Um homem que se identificava como oficial do Exército Vermelho disse que os Brancos estavam se aproximando dos limites da cidade. Ele ordenou aos guardas que construíssem uma barreira na estrada e que deixassem dois homens armados para proteger a casa. Eles não tinham nenhum motivo para questionar as ordens. Todos sabiam que os Brancos estavam perto. Então eles construíram a barreira nos arredores da cidade, como lhes tinha sido ordenado. Mas os Brancos não apareceram. A ordem era falsa. Quando os soldados do Exército Vermelho voltaram à casa de Ipatiev, descobriram que os Romanov não estavam mais lá. Os dois soldados que haviam ficado foram encontrados no porão, mortos a tiro.

— Como você sabe disso tudo? — inquiriu Pekkala. — Como sabe que não é só mais uma fantasia para colocar o mundo inteiro na pista falsa?

— Porque eu estava lá! — respondeu Anton, com exasperação na voz, como se aquele fosse um segredo que tinha esperanças de manter guardado consigo. — Eu tinha entrado para a Polícia Nacional dois anos antes.

A Cheka, pensou Pekkala. Formada logo no início da revolução, sob o comando do assassino polonês Felix Dzerzhinsky, a Cheka rapidamente tornou-se conhecida como um esquadrão da morte, responsável por assassinatos, tortura e desaparecimentos. Desde então, seguindo o exemplo de Lenin e Stalin, a Cheka havia mudado de nome, primeiramente para GPU, depois OGPU, mas seu propósito sangrento permanecera o mesmo. Muitos dos próprios membros originais da Cheka haviam sido engolidos nas câmaras subterrâneas onde os torturadores faziam seu trabalho.

— Dois meses antes do desaparecimento dos Romanov — continuou Anton —, recebi ordens para acompanhar um

oficial chamado Yurovsky até Sverdlovsk. Lá, um grupo nosso assumiu o lugar de uma unidade miliciana local que vinha guardando os Romanov. Dali em diante, ficamos responsáveis pelo tsar e por sua família. Na noite em que eles desapareceram, eu estava de folga. Estava na taverna quando me contaram sobre a ordem. Fui direto para onde haviam montado a barricada. Quando voltamos à casa de Ipatiev, os Romanov já tinham sumido e os dois guardas que ficaram estavam mortos.

— Você realizou uma investigação?

— Não houve tempo. Os Brancos estavam avançando na direção da cidade. Tínhamos de ir embora. Quando o Exército Branco marchou na cidade dois dias depois, realizou-se um inquérito. Mas nunca encontraram os Romanov, vivos ou mortos. Quando os Brancos seguiram em frente e nós finalmente retomamos o controle de Sverdlovsk, a pista tinha esfriado. A família inteira do tsar havia simplesmente desaparecido.

— Então, em vez de admitir que o destino dos Romanov era desconhecido, Lenin preferiu dizer que eles haviam sido mortos.

Anton fez que sim, cansado.

— Mas então os rumores começaram. Dos quatro cantos do mundo vinham relatos de pessoas que afirmavam ter visto os Romanov. Os relatos mencionavam especialmente as crianças. Toda vez que uma história nova surgia, por mais incrível que parecesse, mandávamos um agente investigar. Acredita que chegamos até a mandar um homem ao Taiti porque um comandante de navio disse ter visto uma pessoa lá que era idêntica à princesa Maria? Mas todos esses rumores acabaram mostrando-se falsos. Então nós esperamos. Todo dia esperávamos notícias de que os Romanov tivessem aparecido na China, ou Paris, ou Londres. Parecia ser apenas uma questão de tempo. Mas os anos se

passaram. Os relatos escassearam. Não havia novos rumores. Começamos a achar que talvez nunca mais ouvíssemos falar dos Romanov. Então, duas semanas atrás, fui chamado pelo Bureau de Operações Especiais. Eles me informaram que há pouco tempo aparecera um homem afirmando que os corpos dos Romanov tinham sido jogados em uma mina abandonada, não muito longe de Sverdlovsk. Disse que viu isso com os próprios olhos.

— E onde está esse homem? — perguntou Pekkala.

Chovia mais forte agora, a tempestade um estrondo regular sobre o telhado, como se um trem corresse pelo ar acima de suas cabeças.

— Num lugar chamado Vodovenko. É um manicômio penitenciário.

— Manicômio penitenciário? — grunhiu Pekkala. — Essa tal de mina ao menos existe?

— Sim. Foi localizada.

— E os corpos? Foram encontrados? — Um arrepio percorreu o corpo de Pekkala ao pensar nos esqueletos amontoados no fundo da mina. Muitas vezes sonhara com os assassinatos, mas aqueles pesadelos sempre terminavam no instante em que morriam. Até aquele momento, Pekkala nunca fora atormentado pela imagem de seus ossos insepultos.

— A mina foi lacrada assim que a notícia chegou ao Bureau. Até onde sabemos, a cena do crime não foi alterada.

— Ainda não entendi por que precisam de mim para isso — disse Pekkala.

— Você é a única pessoa ainda viva que conhecia pessoalmente os Romanov e que aprendeu a fazer investigações. Pode fazer uma identificação definitiva daqueles corpos. Não há margem de erro.

Pekkala hesitou antes de responder.

— Isso explica por que Stalin me chamou, mas não o que você está fazendo aqui.

Anton espalmou as mãos e mais uma vez as entrelaçou.

— O Bureau achou que talvez fosse útil que alguém conhecido lhe repassasse a proposta.

— Proposta? — perguntou Pekkala. — Que proposta?

— Sendo essa investigação concluída com sucesso, vão comutar sua sentença no gulag. Sua liberdade será decretada. Você vai poder sair do país. Vai poder ir aonde quiser.

O primeiro impulso de Pekkala foi não acreditar. Já ouvira mentiras demais para conseguir levar aquela oferta a sério.

— E o que você ganha com isso?

— Esta promoção é a minha recompensa — respondeu Anton. — Desde que os Romanov desapareceram, mesmo trabalhando duro, mesmo demonstrando lealdade, sempre me deixavam para trás. Até semana passada, eu não passava de um cabo num escritório abafado qualquer de Moscou. Meu trabalho era abrir cartas no vapor e transcrever qualquer coisa que soasse como crítica ao governo. Parecia que nunca ia passar disso. Então o Bureau ligou. — Anton recostou-se na cadeira. — Se a investigação for um sucesso, nós dois teremos uma segunda chance.

— E se não der? — perguntou Pekkala.

— Você será mandado de volta a Borodok — disse Anton —, e eu voltarei a abrir cartas com vapor.

— E aquele comissário? — perguntou Pekkala. — O que ele está fazendo aqui?

— Kirov? Não passa de uma criança. Estava fazendo curso de cozinheiro até que fecharam a escola dele e transferiram-no para a academia política. Esta é a primeira missão dele. Oficialmente, Kirov é o nosso contato político, mas por enquanto não sabe nem mesmo o assunto da investigação.

— Quando planeja contar a ele?

— Assim que você concordar em ajudar.

— Contato político — disse Pekkala. — Pelo visto, seu Bureau não confia em nenhum de nós dois.

— Pode ir se acostumando — disse Anton. — Hoje em dia ninguém confia em mais ninguém.

Pekkala balançou lentamente a cabeça, incrédulo.

— Parabéns.

— Pelo quê?

— Pela mixórdia que fizeram deste país.

Anton levantou de repente, fazendo a cadeira de rodinhas correr pelo chão.

— O tsar teve o que mereceu, e você também.

Estavam cara a cara, a mesa como uma barricada separando-os.

— O pai não ficaria orgulhoso de você — disse Pekkala, incapaz de ocultar o desgosto.

À menção do pai, alguma coisa explodiu dentro de Anton. Jogou-se por cima da mesa, atacando o irmão com o punho fechado e atingindo-o no lado da cabeça.

Pekkala viu um lampejo por trás dos olhos. Tremeu na base e depois recuperou o equilíbrio.

Anton deu a volta na mesa e atacou-o novamente, atingindo o irmão no peito.

Pekkala titubeou. Então, berrando, agarrou Anton pelos ombros, prendendo os braços nos flancos.

Os dois rolaram pelo chão, abrindo caminho pela porta do escritório, que se despedaçou como madeira barata. Caíram no corredor estreito. Anton foi o primeiro a bater no chão.

Pekkala caiu por cima dele.

Por alguns momentos, ambos pareciam atordoados.

Então Anton pegou Pekkala pela garganta.

Os dois homens se encararam, seus olhos cheios de ódio.

— Você me disse que agora as coisas são diferentes — disse Pekkala —, mas você está errado. Tudo continua igual entre a gente.

Incapaz de conter a raiva, Anton arrancou a pistola do cinto e enfiou a ponta do cano na têmpora do irmão.

No mesmo dia em que chegou a Petrogrado, Pekkala alistou-se como cadete no regimento finlandês de guardas.

Logo soube o porquê de Anton ter sido removido da unidade.

Anton fora acusado de roubar dinheiro do baú de outro cadete. A princípio, negou a acusação. Não conseguiram apresentar nenhuma prova contra ele, exceto pela coincidência de que repentinamente tinha dinheiro para gastar, justo no momento em que os fundos do outro cadete haviam sumido. Mas naquela mesma noite, enquanto o cadete recontava seu prejuízo para o recruta da barraca vizinha, percebeu alguma coisa em seu armário de cabeceira. Ele estava sentado na beira da cama e curvava-se de modo a não ter de falar alto. Enquanto falava, seu hálito morno passou sobre a superfície polida do armário, e uma espectral marca de mão foi vislumbrada. A marca não era sua, e tampouco pertencia a qualquer um dos outros seis cadetes com que dividia aquele alojamento. O sargento foi chamado e ordenou uma comparação entre a impressão da mão de Anton e a que fora encontrada sobre a mesa.

Quando viram que coincidiam, Anton confessou, mas também protestou que não passava de uma pequena quantia.

A quantia não importava. Pelo código da Guarda Finlandesa, em cujas barracas nenhuma porta era trancada e não se usava qualquer chave, todo roubo recebia punição de rebaixamento. Quando Anton voltou da audiência com o

comandante do regimento, suas bagagens já haviam sido arrumadas.

Dois oficiais de alto escalão acompanharam Anton até os portões do quartel. Então, sem uma palavra de despedida, viraram as costas para ele e voltaram para o complexo militar. Os portões foram fechados e trancados.

Em seu primeiro dia como cadete, Pekkala foi intimado a comparecer ao escritório do comandante. Ele ainda não sabia como portar-se diante de um oficial de alto escalão, ou como bater continência. Pekkala pensava nisso, preocupado, enquanto percorria a praça da revista de tropas. Pelotões de novos recrutas passaram por ele desajeitados, aprendendo a marchar, flanqueados pelos estridentes sargentos instrutores que os amaldiçoavam e às suas famílias até a origem dos tempos.

Na sala de espera, um guarda alto, impecavelmente trajado, esperava por Pekkala. As roupas do guarda eram de uma tonalidade mais clara que a dos recrutas. Sobre a túnica, vestia um cinto cuja pesada fivela de metal tinha o distintivo da águia de duas cabeças do tsar. Um quepe de abas curtas cobria metade de seu rosto.

Quando o guarda ergueu a cabeça e encarou-o nos olhos, Pekkala sentiu como se mirassem um holofote em seu rosto.

Num tom de voz pouco mais alto do que um sussurro, o guarda instruiu Pekkala a manter as costas eretas e os calcanhares juntos quando ficasse de frente para o comandante.

— Vamos ver como você faz — disse o guarda.

Pekkala fez o melhor que podia.

— Não se dobre para trás — ensinou o guarda.

Pekkala não conseguia evitar. Todos os seus músculos estavam tão contraídos que ele mal podia se mexer.

O guarda beliscou o pano cinza nas pontas dos ombros de Pekkala, endireitando a túnica de lã crua.

— Quando o comandante falar, você não deve responder “sim, senhor”. Em vez disso, diga só “senhor”. Porém, se a resposta à pergunta dele for não, pode dizer “não, senhor”. Entendeu?

— Senhor.

O guarda balançou a cabeça.

— Você não me chama de senhor. Não sou um oficial.

As regras daquele mundo estranho giravam pela cabeça de Pekkala como as abelhas de uma colmeia atirada ao chão. Nunca conseguiria saber todas de cor. Naquele momento, se alguém lhe oferecesse a chance de voltar para casa, teria aceitado. Ao mesmo tempo, Pekkala tinha medo de ser justamente esse o motivo do comandante tê-lo chamado.

O guarda parecia saber o que se passava por sua cabeça.

— Você não tem nada a temer — disse ele. Então se virou e bateu à porta do gabinete do comandante. Sem esperar resposta, abriu-a e, com um gesto do queixo, indicou a Pekkala que devia entrar.

O comandante era um homem chamado Parainen. Era alto e magro, e seu queixo e suas maçãs do rosto tinham ângulos tão agudos que o crânio parecia ser feito de cacos de vidro.

— Você é o irmão de Anton Pekkala?

— Senhor.

— Teve alguma notícia dele?

— Recentemente não, senhor.

O comandante coçou o pescoço.

— Faz um mês que ele devia ter voltado.

— Devia ter voltado? — perguntou Pekkala. — Mas eu pensei que ele tinha sido expulso!

— Não expulso. Apartado. Não é a mesma coisa.

— Então o que significa? — perguntou Pekkala, e então acrescentou: — Senhor.

— É apenas uma dispensa temporária — explicou Parainen. — Se acontecesse de novo, a expulsão seria definitiva, mas no caso do primeiro delito de um cadete, costumamos ser lenientes.

— Então por que ele não voltou? — perguntou Pekkala.

O comandante deu de ombros.

— Talvez tenha decidido que esta vida não é para ele.

— Isso não pode estar certo, senhor. Vir para cá era tudo o que ele queria neste mundo.

— As pessoas mudam. Além disso, agora você está aqui para assumir o lugar dele. — O comandante levantou-se. Andou até a janela, que tinha vista para o quartel e para a cidade mais além. O cinza da tarde de inverno, metálico como uma arma, iluminou seu rosto.

— Quero que saiba que você não será responsabilizado pelo que seu irmão fez. Terá as mesmas oportunidades que todos recebem. De modo que se você fracassar, como acontece com muitos, fracassará por si mesmo. E se tiver sucesso, será pelos seus feitos e de mais ninguém. Parece justo?

— Sim, senhor — disse Pekkala. — Parece sim.

Nas semanas que se seguiram, Pekkala aprendeu a marchar e a atirar, e a viver num lugar onde não havia qualquer privacidade, exceto nos pensamentos que mantinha trancados na mente. Dentro dos limites do quartel do regimento finlandês, jogado no meio de rapazes vindos de Helsinki, Kauhava e Turku, era quase possível esquecer que ele deixara seu país natal. Muitos jamais tinham sonhado com outra coisa que não se tornar membro da Guarda Finlandesa. Para alguns, era uma tradição familiar que datava de muitas gerações.

Às vezes, Pekkala sentia-se como se tivesse acordado e descoberto que vestia a pele de outro homem. A pessoa que

fora no passado estava recolhendo-se às sombras, como os mortos, cuja jornada final ele assistira em casa.

Certo dia, tudo isso mudou.

Com o cano da arma de Anton pressionando sua têmpora, Pekkala fechou lentamente os olhos. Não havia terror em seu rosto, apenas uma espécie de serena expectativa, como se há muito estivesse esperando por aquele momento.

— Vá em frente — sussurrou.

Passos soaram no corredor. Era Kirov, o jovem comissário.

— Aquele policial fugiu — disse ele, ao entrar na sala. Parou quando viu a arma de Anton apontada para a cabeça de Pekkala.

Praguejando algo ininteligível, Anton soltou a garganta do irmão.

Pekkala rolou para o lado, tossindo.

Kirov olhava-os, estupefato.

— Quando vocês terminarem de brigar, comandante — disse ele a Anton —, alguém se importaria de me explicar por que diabos seu irmão está deixando todo mundo tão nervoso?

A carreira de Pekkala começou com um cavalo.

Na metade do treinamento no regimento, os cadetes eram levados aos estábulos para ter aulas de equitação.

Embora Pekkala soubesse muito bem lidar com o cavalo que puxava a carroça de seu pai, ele jamais cavalgara na sela.

Pekkala não sentiu ansiedade. Afinal, disse a si mesmo, eu nada sabia sobre atirar ou marchar antes de vir para cá, e aprender essas coisas não foi mais difícil para mim que para qualquer outra pessoa.

O treinamento, de início, não teve percalços, enquanto os recrutas aprendiam a selar os cavalos, montar e desmontar, e a guiar o animal por uma série de barris de madeira. Os próprios cavalos estavam tão acostumados com aquela rotina que tudo que Pekkala teve de fazer foi não cair.

A próxima tarefa foi fazer o cavalo pular sobre uma barreira montada numa grande pista fechada. O sargento que comandava esse exercício era novo no trabalho. Ele pediu que vários fios de arame farpado fossem esticados ao longo do topo da barreira e presos nos postes em cada extremidade. Não bastava, disse ao grupo de cadetes, simplesmente segurar-se a um cavalo enquanto ele realizava tarefas que poderiam ser facilmente realizadas sem um cavaleiro.

— É necessário — disse ele, satisfeito com o eco da própria voz no espaço fechado da arena — que haja uma

união entre cavalo e cavaleiro. Até que consigam me dar provas dessa união, jamais permitirei que sejam membros do regimento.

Assim que os cavalos viram o brilho do arame farpado que percorria a parte superior das barreiras, ficaram nervosos, recuando, andando para os lados e fazendo tinir os freios com os dentes. Alguns se recusaram a pular, empinando diante do arame e derrubando os cadetes que os montavam. O cavalo de Pekkala virou de lado, bateu com o flanco na barreira e mandou Pekkala voando para o outro lado. Ele caiu em cima do ombro, rolando pelo chão duro calcado pelos cascos. Quando conseguiu se levantar, coberto de palha, o sargento já fazia anotações na caderneta.

Somente alguns animais pularam de primeira. Destes, a maior parte se feriu no arame, que abriu cortes nas pernas dianteiras ou barrigas.

O sargento ordenou que os cadetes tentassem de novo.

Passada uma hora, depois de várias tentativas, apenas metade dos alunos conseguira fazer seus cavalos pularem a barreira. O chão estava salpicado de sangue, como se uma caixa de botões de vidro vermelho tivesse caído no chão.

Os cadetes ficavam em posição de sentido, segurando as rédeas de seus cavalos trêmulos.

O sargento já percebera que havia cometido um erro, mas não tinha como voltar atrás sem passar vergonha. Tinha a voz em frangalhos de tanto gritar. Agora, quando gritava, sua estridência parecia nem tanto a de um homem no comando quanto a de alguém à beira de um ataque histérico.

Cada vez que um cavalo colidia contra a barreira — o ruído seco do flanco do animal batendo nas placas de madeira, o tumulto dos cascos e o grunhido do cavaleiro caindo violentamente no chão —, os outros cavalos e

cadetes estremeciam em uníssono, como se uma corrente elétrica formasse um arco voltaico através de seus corpos. Um rapaz chorou baixinho enquanto esperava sua vez. Seria a sexta tentativa dele. Como Pekkala, não havia passado pela barreira nem sequer uma vez.

Quando foi a vez de Pekkala tentar de novo, subiu na sela de um pulo. Olhou por cima da cabeça do cavalo para o espaço que os distanciava da barreira. Podia ver os talhos nas placas inferiores, onde os cascos haviam quebrado a madeira.

O sargento estava um pouco distante, de lado, com a caderneta a postos.

Pekkala estava prestes a enterrar os calcanhares no lombo do cavalo para dar início a uma nova corrida em direção à barreira. Não tinha dúvida de que seria derrubado pelo cavalo e estava resignado. Estava pronto, e então, de repente, não estava mais pronto para conduzir o cavalo contra aquela barreira, com sua guirlanda de espinhos de ferro ensanguentados. Com a mesma elegância com que subira na sela, desceu ao chão de novo.

— Volte para o seu cavalo — disse o homem.

— Não — disse Pekkala. — Não volto. — Com o canto do olho, Pekkala viu o que lhe pareceu alívio nos olhos dos outros cadetes. Alívio com a interrupção daquilo tudo, e alívio porque não seriam eles os punidos.

Dessa vez, o sargento não gritou e praguejou como viera fazendo o dia todo. Com a maior calma possível, fechou a caderneta e guardou-a no bolso superior da túnica. Juntou as mãos atrás das costas e andou até Pekkala, até que seus rostos quase se tocassem.

— Vou lhe dar mais uma chance — disse, com voz cansada, não mais que sussurrando.

— Não — Pekkala disse outra vez.

Então o sargento se aproximou ainda mais, levando os lábios ao ouvido de Pekkala.

— Ouça, tudo que estou lhe pedindo é que tente saltar. Se não conseguir, não haverá nenhuma consequência. Inclusive darei os exercícios do dia por terminados depois que você saltar. Mas você vai subir naquele cavalo e vai fazer o que estou mandando, ou vou providenciar a sua saída do regimento. Vou acompanhá-lo pessoalmente até os portões e trancá-los na sua cara, assim como foi com seu irmão. É por isso que vai ser fácil para mim, Pekkala. Porque as pessoas estão esperando que você fracasse.

Naquele momento, um arrepio percorreu o corpo de Pekkala. Foi quase como o choque de um tiro, exceto pela ausência de som. Foi a coisa mais estranha que já sentira na vida, e ele não foi o único a senti-la.

Tanto Pekkala quanto o sargento se viraram no mesmo instante e viram um homem de pé nas sombras, próximo à entrada do estábulo para a pista. Vestia uma túnica verde-escura e calças azuis com uma faixa vermelha descendo pelo lado. Era um simples uniforme, e ainda assim as cores pareciam vibrar no ar estático. O homem não usava chapéu. Por isso, eles puderam ver claramente que era o tsar em pessoa.

Uma pequena fogueira crepitava na lareira do escritório do chefe de polícia.

— Detetive? — Kirov percorria a sala a passos largos, levantando as mãos e deixando-as cair novamente. — Quer dizer que seu irmão trabalhava para a polícia secreta do tsar?

Pekkala estava sentado à mesa, lendo o arquivo contido na pasta cor de barro. Uma faixa vermelha cortava a página diagonalmente, onde estava escrito em tinta preta “Muito Secreto”. Sozinha, a palavra “secreto” perdera todo o sentido. Hoje em dia, tudo era secreto. Virou as páginas com cuidado, seu rosto a apenas um palmo de distância da mesa, tão perdido em seus pensamentos que não parecia ouvir a arenga do comissário.

— Não. — Anton estava ao pé da lareira, as mãos esticadas para o fogo. — Ele não trabalhou para a Okhrana.

— Então para quem trabalhava?

— Já lhe disse. Ele trabalhava para o tsar.

Os dois falavam sobre Pekkala como se ele não estivesse ali.

— Em qual departamento? — perguntou Kirov.

— Ele mesmo era o departamento — explicou Anton. — O tsar criou um investigador especial, um homem com autoridade absoluta, que respondia apenas a si mesmo. Nem a Okhrana podia interrogá-lo. Era chamado de Olho do Tsar, e não podia ser subornado, comprado ou ameaçado. Não importava quem você fosse, se era muito rico ou se

tinha as costas quentes. Ninguém estava acima do Olho de Esmeralda, nem mesmo o próprio tsar.

Pekkala parou de ler e fitou Anton.

— Já chega — murmurou ele.

Mas seu irmão continuou falando.

— A memória do meu irmão é perfeita! Ele se lembrava do rosto de todas as pessoas que conhecera na vida. Pôs aquele demônio, Grodek, atrás das grades. Ele matou a assassina Maria Balka!

Estendeu as mãos na direção de Pekkala.

— Este aqui era o Olho do Tsar!

— Nunca ouvi falar dele — disse Kirov.

— É de se imaginar — disse Anton — que não ensinam técnicas de investigação criminal a cozinheiros.

— Chef! — corrigiu Kirov. — Eu estava fazendo curso para ser chef, não cozinheiro.

— E tem alguma diferença?

— Tem se você é um chef, coisa que eu hoje seria se não tivessem fechado a escola.

— Bom, camarada quase chef, o motivo de não saber sobre ele é que sua identidade foi suprimida depois da revolução. Não podíamos permitir que as pessoas ficassem imaginando o que teria acontecido com o Olho do Tsar. Não tem importância. De agora em diante, você pode se referir a ele simplesmente como o Olho do Tsar Vermelho.

— Eu disse *chega!* — rugiu Pekkala.

Anton sorriu e expirou devagar, satisfeito com o efeito da provocação.

— Meu irmão tinha o tipo de poder que se vê uma vez a cada mil anos. Mas jogou tudo no lixo. Não é verdade, irmão?

— Vai para o inferno! — disse Pekkala.

O sargento, num pulo, ficou em posição de sentido.

Os cadetes, num só movimento, bateram os calcanhares em saudação. O som ecoou como um tiro na pista dos cavalos.

Até mesmo os cavalos permaneceram estranhamente imóveis enquanto o tsar cruzava a pista até onde os homens estavam.

Era a primeira vez que Pekkala o via. Recrutas em treinamento normalmente não punham os olhos nele antes do dia da graduação, quando desfilavam diante da família Romanov em seus uniformes cinza bem-talhados e novinhos em folha. Até então, o tsar mantinha distância.

Mas lá estava ele, sem seus guarda-costas de sempre, sem o cortejo de oficiais do regimento; um homem de estatura mediana e ombros estreitos que andava a passos curtos, colocando um pé diretamente na frente do outro ao caminhar. Tinha uma testa ampla e lisa, e a barba muito bem-aparada e esculpida, de um modo que emprestava certa angularidade ao queixo. Era difícil ler os olhos apertados do tsar. Seu semblante não era severo, mas tampouco amistoso. Parecia flutuar entre a satisfação e a vontade de estar em outro lugar.

Mais uma máscara que um rosto, pensou Pekkala.

Pekkala sabia que não devia olhar diretamente para o tsar. Apesar disso, não pôde evitar encará-lo. Era como ver um quadro ganhar vida, uma imagem bidimensional repentinamente emergindo à terceira dimensão dos vivos.

O tsar parou em frente ao sargento e fez uma saudação informal.

O sargento respondeu à saudação.

Ele voltou-se para Pekkala.

— Seu cavalo parece estar sangrando.

Ele não levantou a voz, mas ainda assim ela pareceu percorrer o amplo espaço da pista de treinamento.

— Sim, Excelência.

— Me parece que a maioria destes animais está sangrando. — Ele se virou para o sargento. — Por que meus cavalos estão sangrando?

— É parte do treinamento, Excelência — respondeu o sargento, sem respirar.

— Os cavalos já são treinados — retrucou o tsar.

O sargento falava para o chão; não ousava erguer a cabeça.

— Treinamento dos recrutas, Excelência.

— Mas os recrutas não estão sangrando. — O tsar correu a mão pela barba. Seu pesado anel de sinete se destacava como uma articulação feita de ouro.

— Não, Excelência.

— E qual é o problema com esse recruta em particular? — perguntou o tsar, olhando de relance para Pekkala.

— Ele se recusa a saltar.

O tsar voltou-se para Pekkala.

— É verdade isso? Recusa-se a saltar aquela barreira?

— Não, Excelência. Salto a barreira, só que não montando este cavalo.

Os olhos do tsar arregalaram-se por um instante, depois voltando ao seu normal, apertados.

— Não tenho certeza de que era isso que o sargento tinha em mente.

— Excelência, não continuarei a ferir este cavalo para provar que sou capaz de fazê-lo.

O tsar encheu longamente os pulmões de ar, como quem se prepara para mergulhar.

— Lamento que se encontre em um dilema. — Sem mais uma palavra, o tsar passou por Pekkala, indo em direção à fileira de cavalos e cavaleiros em posição de sentido. O único som que se ouvia era o de seus passos.

Quando o tsar virou as costas, o sargento levantou a cabeça e olhou Pekkala nos olhos. Era um olhar fixo que nada continha senão ódio.

O tsar continuou a andar, passando pela barreira, onde parou para examinar os filamentos ensanguentados de arame farpado.

Quando chegou à extremidade da pista, girou sobre os calcanhares e encarou novamente os soldados.

— Este exercício acabou — disse. Então voltou para as sombras e desapareceu.

Assim que o tsar saiu de vista, o sargento atacou Pekkala.

— Você sabe o que mais acabou? Sua vida como membro deste regimento. Agora volte para os estábulos, escove seu cavalo, limpe a sela, dobre o cobertor e retire-se.

Enquanto Pekkala levava seu cavalo embora, as ordens estridentes que o sargento dava aos outros cadetes ecoavam pela pista.

Pekkala levou o cavalo até o estábulo. O cavalo, obediente, entrou em sua baia, onde Pekkala desafivelou a sela e removeu a rédea. Ele escovou o cavalo, vendo os músculos do animal tremularem sob o manto marrom lustroso. Estava saindo para pegar um balde d'água e um pano para cuidar das pernas dianteiras feridas do cavalo quando viu a silhueta de um homem em pé do outro lado do estábulo, onde havia uma saída para as dependências do quartel.

Era o tsar. Ele voltara. Ou talvez não tivesse chegado a ir embora.

Pekkala não podia ver nada do homem, exceto os contornos escuros. Era como se o tsar tivesse retornado à forma bidimensional na qual Pekkala o imaginara anteriormente.

— Seu ato vai lhe custar caro —disse ele. — O sargento tratará de expulsá-lo.

— Sim, Excelência.

— Estando em seu lugar, eu também me recusaria — disse o tsar. — Infelizmente, não cabe a mim discutir os métodos de seu treinamento. Se tivesse uma nova chance, saltaria com o cavalo sobre o obstáculo?

— Não, Excelência

— Mas o escalaria você mesmo.

— Sim.

O tsar pigarreou.

— Mal posso esperar para contar essa história. Qual é o seu nome, cadete?

— Pekkala.

— Ah, sim. Veio para tomar o lugar de seu irmão no regimento. Li sua ficha. Está escrito que você tem uma memória excelente.

— É algo que faço sem esforço, Excelência. Não sou digno de nenhum mérito por ela.

— No entanto, assim está escrito. Bem, Pekkala, lamento que nosso contato tenha sido tão breve. — Ele se virou para sair. A luz do sol cintilava nos botões da túnica. Mas em vez de retirar-se, o tsar fez um círculo, voltando para as sombras do estábulo.

— Pekkala?

— Sim, Excelência?

— Quantos botões há em minha túnica?

— A resposta é doze.

— Doze. Um bom palpite, mas... — O tsar não concluiu a frase. Sua silhueta mudou enquanto ele baixava a cabeça, desapontado.

— Bom, adeus, cadete Pekkala.

— Não foi um palpite, Excelência. Há doze botões em sua túnica, incluindo os botões dos punhos.

O tsar levantou a cabeça como um gato atento.

— Meu Deus, você está certo! E o que há nesses botões, Pekkala? Que emblema você viu?

— Nenhum emblema, Excelência. Os botões são lisos.

— Ah! — O tsar entrou no estábulo. — Certo de novo! — disse ele.

Agora os dois homens estavam cara a cara, um ao alcance da mão do outro.

Pekkala reconheceu algo de familiar na expressão do tsar; uma espécie de resignação calejada, com raízes profundas, que já era parte tão indelével do homem quanto a cor dos olhos. Pekkala percebeu que o tsar, como ele mesmo, estava num caminho que não escolhera, mas aprendera a aceitar. Olhando para o rosto do tsar, Pekkala sentiu que examinava o reflexo de si mesmo no futuro.

O tsar pareceu perceber esse vínculo. Por alguns instantes, aparentou perplexidade, mas logo recobrou a postura.

— E meu anel? — perguntou ele. — Por acaso notou...?

— Alguma espécie de pássaro de pescoço longo. Talvez um cisne.

— Uma garça — murmurou o tsar. — Este anel foi de meu avô, Cristiano IX, da Dinamarca. A garça era seu emblema pessoal.

— Por que me faz essas perguntas, Excelência?

— Porque — respondeu o tsar — acho que seu destino, afinal de contas, é ficar conosco.

Anton voltou a olhar para o fogo.

— Meu irmão abriu mão de tudo o que tinha, mas ainda assim não abriu mão de tudo.

— E isso quer dizer o quê? — perguntou Kirov.

— Dizem os boatos que é a última pessoa viva que sabe a localização das reservas secretas de ouro do tsar.

— Isso não é um boato — disse Pekkala. — É um conto de fadas.

— Que reservas de ouro? — perguntou Kirov, parecendo mais confuso que nunca. — Aprendi na escola que todas as posses do tsar foram confiscadas.

— Só a parte em que conseguiram pôr as mãos — disse Anton.

— De quanto ouro você está falando? — perguntou Kirov.

— Parece que ninguém sabe ao certo — respondeu Anton. — Alguns dizem que há mais de dez mil lingotes.

Kirov virou-se para Pekkala.

— E você sabe onde está?

Parecendo irritado, Pekkala soltou o peso do corpo no encosto da cadeira.

— Pode acreditar no que quiser, mas estou dizendo a verdade. Não sei onde está.

— Bem — disse Kirov, enchendo a voz de autoridade —, não estou aqui para supervisionar uma busca por ouro. Estou aqui, inspetor Pekkala, para garantir que obedeça aos protocolos.

— Protocolos?

— Sim, e se não obedecer, fui autorizado a usar força mortal.

— Força mortal — repetiu Pekkala. — E já atirou em alguém alguma vez na vida?

— Não — respondeu Kirov. — Mas já efetuei disparos no campo de tiro.

— E os alvos, de que eram feitos?

— Não faço ideia — respondeu ele, irritado. — De papel, imagino.

— Não é tão fácil quando o alvo é de carne e osso. — Pekkala deslizou o relatório por sobre a mesa, para o comissário júnior. — Leia este relatório e depois, se ainda sentir vontade de atirar em mim — colocou a mão dentro do casaco, tirou o revólver Webley e o pôs no tampo da mesa, diante de Kirov —, pode pegar isso aqui emprestado para a ocasião.

Por ordem do tsar, Pekkala começou a trabalhar com a Polícia Regular de Petrogrado, mais tarde sendo transferido para a Polícia Estadual, conhecida como Gendarmerie, e acabando na Okhrana, no escritório central na rua Fontanka.

Lá, ele serviu sob o comando do major Vassilejev, um homem folgazão, de rosto redondo, que perdera o antebraço direito e a perna esquerda do joelho para baixo em um ataque a bomba dez anos antes. Vassilejev mais cambaleava do que propriamente andava, sempre à beira de cair, endireitando-se logo antes de desabar no chão. A perna artificial lhe causava muita dor no joelho mutilado, e era comum que retirasse a prótese quando se acomodava no escritório. Pekkala acostumou-se a ver o membro falso, usando meia e sapato, encostado na parede junto ao guarda-chuva e à bengala de Vassilejev. A mão direita artificial era de madeira com articulações de metal, as quais ele ajustava com a mão esquerda antes de utilizá-la, basicamente, para segurar cigarros. A marca que fumava chamava-se Markov. Era uma caixinha vermelha e dourada, e Vassilejev mantinha um estoque delas em uma prateleira atrás da mesa.

Também na parede atrás da mesa de Vassilejev, exposta em uma caixa preta com tampa de vidro, via-se uma navalha semiaberta em forma de V.

— É a navalha de Occam — explicou Vassilejev.

Pekkala, sentindo-se um idiota, confessou que nunca ouvira falar de Occam, que supôs ser um grande criminoso posto atrás das grades graças às investigações de Vassilejev.

Vassilejev riu ao ouvir isso.

— A navalha não pertenceu a Occam. Ela é só o símbolo de uma ideia.

Vendo que Pekkala continuava sem entender, ele explicou:

— Na Idade Média, um monge franciscano chamado Guilherme de Occam formulou um dos princípios básicos do trabalho do detetive: o de que a explicação mais simples que der conta dos fatos geralmente é a certa.

— Mas por que se chama navalha de Occam? — perguntou Pekkala.

— Não sei — admitiu Vassilejev. — Provavelmente porque corta um caminho direto para a verdade, uma coisa que você precisa aprender a fazer se pretende sobreviver como investigador.

Vassilejev gostava de testar Pekkala, mandando-o à cidade com instruções de percorrer uma certa rota. Vassilejev, enquanto isso, plantava pessoas pelo caminho, anotava o que diziam os anúncios colados nos muros, as manchetes dos jornais clamadas nas esquinas por garotos usando chapéus frouxos. Nenhum detalhe era insignificante. Quando Pekkala voltava, Vassilejev lhe fazia perguntas sobre tudo que vira. A razão disso, explicava Vassilejev, era que havia muitas coisas a serem anotadas, especialmente quando talvez nem soubesse o que estava procurando. A intenção do exercício era treinar a mente de Pekkala para registrar tudo e então permitir que seu subconsciente peneirasse as informações. Cedo ou tarde, explicou Vassilejev, ele seria capaz de confiar unicamente em seus instintos para saber se algo não estava certo.

Em outras ocasiões, Pekkala recebia a instrução de não ser capturado, viajando disfarçado pela cidade enquanto vários agentes procuravam por ele. Ele aprendeu a se passar por motorista de táxi, padre e barman.

Estudou os efeitos dos venenos, aprendeu a desarmar bombas e como se matava com faca.

Além de ensinar Pekkala a atirar com uma série de armas de fogo, todas as quais ele tinha de desmontar, remontar e carregar com os olhos vendados, Vassilejev ensinou-o a reconhecer os sons de armas de diferentes calibres, e até a distinguir os sons emitidos por diferentes modelos do mesmo calibre. Pekkala sentava-se em uma cadeira atrás de um muro de tijolos enquanto Vassilejev, empoleirado em uma cadeira do outro lado do muro, disparava com várias armas diferentes e pedia que Pekkala identificasse cada uma delas. Durante essas sessões, era raro que Vassilejev não tivesse um cigarro socado entre seus dedos de madeira. Pekkala aprendeu a observar a fina linha cinza de fumaça que subia detrás do muro, e as ondulações de quando ele mordia o cigarro, logo antes de puxar o gatilho da arma.

No começo do terceiro ano de treinamento, Vassilejev chamou Pekkala a seu escritório. A perna artificial estava deitada sobre a mesa. Usando um cinzel, Vassilejev começara a escavar a peça de madeira maciça que compunha a coxa da prótese.

— Por que está fazendo isso? — perguntou Pekkala.

— Bom, nunca se sabe quando um esconderijo para algo de valor pode ser útil. Além disso, esta porcaria é pesada demais para mim. — Vassilejev pôs o cinzel de lado e, com cuidado, varreu as lascas de madeira para a palma da mão.

— Sabe por que o tsar escolheu você para esse trabalho?

— Nunca perguntei a ele.

— Ele me disse que o escolheu porque sua memória é a que mais se aproxima da perfeição, entre todas as pessoas que ele conheceu. E também porque você é finlandês. Para nós, russos, os finlandeses nunca pareceram exatamente humanos.

— Não humanos?

— Feiticeiros. Bruxos. Magos — explicou Vassilejev. — Sabe que muitos russos ainda acreditam que os finlandeses são capazes de lançar feitiços? Foi por isso que ele se cercou de um regimento de guardas finlandeses. E foi por isso que ele o escolheu. Mas nós dois sabemos muito bem que você não é um mago.

— Eu nunca disse que era — replicou Pekkala.

— No entanto — respondeu Vassilejev —, é assim que você provavelmente será visto, até mesmo pelo próprio tsar. Nunca deve esquecer a diferença entre quem você é e quem as pessoas acreditam que você seja. O tsar precisa de você mais até do que ele imagina. Tempos sombrios aproximam-se, Pekkala. No tempo em que me explodiram em pedaços, os malfeitores ainda roubavam dinheiro em bancos. Agora eles aprenderam a roubar o banco inteiro. Não vai demorar muito para que estejam no controle do país. Se não for possível deter essa gente, Pekkala, você e eu descobriremos uma bela manhã que nós somos os criminosos. E então as habilidades que lhe ensinei serão necessárias até para sua sobrevivência.

Na manhã seguinte, enquanto os jatos vermelhos da luz da aurora se espalhavam pelo céu, Pekkala, Kirov e Anton acomodaram-se no carro militar Emka.

Todas as casas ainda estavam fechadas, e os moradores ainda não haviam saído para o dia. As venezianas fechadas faziam as casas parecer adormecidas, mas nelas havia algo de sinistro, e cada um dos homens sentia estar sendo vigiado.

Kirov sentou ao volante. Tendo passado em claro metade da noite, lendo o relatório secreto, ele agora parecia estar em pleno estado de choque.

Pekkala decidira que deviam se dirigir imediatamente para a mina onde os corpos haviam sido despejados. De acordo com Anton, que marcara o local em seu mapa, a mina ficava nos arredores de Sverdlovsk, a aproximadamente dois dias de carro.

Estavam na estrada há poucos minutos quando um vulto saiu cambaleando de uma casa abandonada nas cercanias da cidade. Era o policial. As roupas estavam sujas da noite que passara se escondendo.

O Emka freou com força, derrapando um pouco antes de parar.

O policial estava enfiado até os tornozelos em uma poça no meio da estrada. Estava bêbado. Seus movimentos eram como os de um homem no convés de um navio que navegasse por mar revolto.

— Não quero saber se ele é o Olho de Esmeralda ou não é! — gritou. — Vocês vão me levar junto.

Aproximou-se do carro com passos incertos, puxou o revólver e deu pancadinhas no vidro com o cano da arma.

— Todo mundo para fora — disse Anton, em voz baixa.

Os três homens amontoaram-se na estrada lamacenta.

— Temos que dar o fora daqui! — gritou o policial. — Estão dizendo pela cidade toda que Pekkala está me investigando! — Apontou a arma para os telhados da aldeia. — Mas eles não vão esperar por isso.

— Temos coisa mais importante a fazer do que investigá-lo — disse Anton, sem tirar os olhos da arma.

— Agora não importa mais! — respondeu o policial. — Se eu voltar para a cidade, aquela gente vai fazer picadinho de mim!

— Devia ter pensado nisso — afirmou Anton — antes de desdentar velhos na base do chute. Seu trabalho é permanecer em seu posto. Agora saia da estrada e volte ao trabalho.

— Não posso. — O dedo do policial enrijeceu dentro do guarda-mato. Bastava contrair a mão para que a arma disparasse. Pela aparência dele, parecia tão capaz de fazê-lo por acidente quanto de propósito. — Não vou admitir que vocês me deixem aqui!

— Não vou ajudar você a desertar — respondeu Anton.

— Eu não estaria desertando! — Sua voz espalhava-se pelo ar estático da manhã. — Eu poderia voltar com reforços.

— Não posso ajudá-lo — disse Anton. — Temos outras coisas a fazer.

— Isso é culpa sua. Foi você que trouxe esse fantasma para minha cidade — sacudiu a cabeça na direção de Pekkala — e acordou coisas que deviam continuar adormecidas.

— Volte para seu posto — disse Anton. — Você não vai com a gente.

O policial tremeu, como se o chão sob seus pés vibrasse. Então, de repente, mudou a direção do braço.

Anton viu-se encarando o olho azul do cano da arma. Tinha o coldre amarrado à cintura, mas sabia que era impossível alcançá-lo a tempo. Ficou imóvel, as mãos rentes ao corpo.

— Vá em frente — instigou o policial. — Me dê uma desculpa.

Então Kirov abriu a aba de seu coldre, puxou a arma, mas a mão escorregou na coronha. A pistola deslizou por entre os dedos. As mãos de Kirov agarraram o vazio enquanto o Tokarev girava no ar até cair na lama. Uma expressão de espanto aterrorizado espalhou-se por seu rosto.

O policial nem chegou a notar. Manteve a arma apontada para Anton.

— Vá em frente — disse ele —, vou lhe dar um tiro de qualquer jeito, então...

Um estampido atordoante encheu o ar.

Kirov gritou de susto.

Anton, perplexo, viu o policial cair de joelhos. Um talho branco apareceu no pescoço do homem, seguido imediatamente por um jorro de sangue que vazava do buraco em sua garganta. Devagar e com cautela, o policial levou a mão até a ferida para cobri-la. O sangue jorrava ritmicamente por entre os dedos. Os olhos piscaram em rápida sucessão, como se ele tentasse clarear a vista. Então tombou para frente, caindo numa poça da estrada.

Anton virou-se para o irmão.

Pekkala baixou a Webley. Um fio de fumaça subia serpeante do cilindro. Guardou a arma no coldre sob o casaco.

Kirov recuperou a arma que caíra na lama. Limpou um pouco da sujeira e tentou encaixar a pistola no coldre, mas as mãos tremiam tanto que desistiu. Fitou Anton e então Pekkala.

— Desculpe — disse. E foi até a beira da estrada e vomitou nos arbustos.

O motor do Emka ainda estava ligado. O escapamento soltava baforadas de fumaça.

— Vamos — gesticulou Anton, para que entrassem no carro.

— Devíamos fazer um boletim de ocorrência — ponderou Pekkala.

— Nada disso aconteceu — disse Anton. Sem olhar Pekkala nos olhos, passou por ele e entrou no carro.

— O que faremos com o corpo? — perguntou Kirov, limpando a boca na manga da camisa.

— Deixe ele aí! — gritou Anton.

Kirov sentou ao volante.

Pekkala olhou para o corpo na estrada. A poça tornara-se vermelha, como vinho derramado de uma garrafa. Então voltou para o carro.

Eles seguiram em frente.

Durante um longo tempo, todos ficaram em silêncio.

Nenhuma das estradas era pavimentada, e eles cruzaram com poucos carros no caminho. Diversas vezes ultrapassaram carroças puxadas a cavalo, cercando-as de nuvens de poeira amarela, ou desaceleraram o carro para contornar lagos em miniatura, formados por poças combinadas.

Andando por aquela zona rural ampla e deserta, enfim se perderam. As colinas e os vales ondulantes começaram a parecer todos iguais. Era como se houvessem removido à força todas as sinalizações rodoviárias, restando somente os tocos lascados dos postes onde as placas anteriormente

ficavam. Kirov tinha um mapa, mas que não parecia confiável.

— Não sei nem em que direção nós estamos indo — suspirou Kirov.

— Encoste o carro — disse Pekkala.

Kirov espiou Pekkala pelo espelho retrovisor.

— Se você parar o carro, eu posso lhe dizer para onde estamos indo.

— Você tem um compasso?

— Ainda não — respondeu Pekkala.

De má vontade, Kirov tirou o pé do acelerador. O carro perdeu velocidade até parar no meio da estrada. Kirov desligou o motor.

O silêncio pousou sobre eles como poeira.

Pekkala abriu a porta e saiu.

O vento soprava pela grama alta por todos os lados.

Pekkala abriu o bagageiro.

— O que ele está fazendo? — inquiriu Kirov.

— Deixe ele quieto — respondeu Anton.

Pekkala pescou um pé de cabra do meio da confusão de latas de combustível, cabos de reboque e latas variadas de ração do exército que rolavam soltas no bagageiro do carro.

Caminhou até o campo aberto e enfiou a barra no solo. A sombra do objeto estendeu-se longa pelo chão. Então, passando os dedos pela grama, catou algumas pedrinhas empoeiradas no meio da terra. Uma delas colocou no ponto extremo da sombra. A outra, guardou no bolso. Voltando-se para os homens que esperavam no carro, anunciou:

— Dez minutos.

Sentou de pernas cruzadas ao lado do pé de cabra, apoiou o cotovelo no joelho e o queixo na palma da mão.

Os dois homens olhavam fixamente pela janela o vulto de Pekkala, sua forma negra como um obelisco ancestral em meio ao vazio daquela terra desolada.

- O que ele está fazendo? — perguntou Kirov.
- Um compasso.
- Ele sabe fazer isso?
- Não me pergunte o que ele sabe.
- Tenho pena dele — disse Kirov.
- Ele não quer sua piedade — respondeu Anton.
- Ele é o último da espécie.
- Ele é o único da espécie.
- O que aconteceu com todas as pessoas que ele conhecia antes da revolução?
- Não existem mais — respondeu Anton. — Todas menos uma.

— Ela é muito bonita — disse o tsar.

Pekkala estava a seu lado na varanda do Grande Salão de Baile, apertando os olhos contra a luz do sol de um início de tarde de verão.

Ilya acabara de guiar seus estudantes pelo Palácio de Catarina. Agora as doze crianças, aos pares e de mãos dadas, percorriam a Ponte Chinesa.

Ilya era uma mulher alta com olhos de um azul de cerâmica Delft antiga e cabelo louro-escuro que caía sobre o colarinho de veludo marrom de seu casaco.

O tsar fez com a cabeça um gesto de quem aprova o que vê.

— Solzinho gosta dela.

Era assim que chamava a esposa, a tsarina Alexandra. Ela, por sua vez, dera-lhe o peculiar apelido de “criança azul”, inspirado pelo personagem de um romance da autora Florence Barclay, do qual ambos haviam gostado.

Tendo passado a ponte chinesa, Ilya guiou a pequena, porém, disciplinada procissão para os jardins Gribok. Iam para o Teatro Chinês, com suas janelas encimadas por frontões como os bigodes de imperadores mongóis.

— Quantas excursões dessas ela faz? — perguntou o tsar.

— Uma para cada turma, Excelência. É o ponto alto do ano para eles.

— Ela o viu dormindo em uma cadeira de novo, com os pés em cima de uma das minhas inestimáveis mesas?

— Isso foi da última vez.

— E vocês estão noivos?

Desconcertado com a pergunta, Pekkala pigarreou.

— Não, Excelência.

— Por que não?

Pekkala sentiu o sangue correr todo para seu rosto.

— Tenho andado muito ocupado com o treinamento, Excelência.

— Pode ser um motivo — respondeu o tsar —, mas não diria que justifica. Além disso, seu treinamento logo chegará ao fim. Tem planos de casar-se com ela?

— Bem, tenho. No devido tempo.

— Então é melhor entrar em ação antes que alguém chegue na sua frente. — O tsar parecia estar contorcendo as mãos, como se atormentado por alguma memória trazida violentamente à superfície da consciência. — Tome. — Ele apertou alguma coisa contra a mão de Pekkala.

— O que é isso? — perguntou Pekkala.

— Um anel.

Logo Pekkala compreendeu que o tsar estivera retirando o anel de sinete do dedo.

— Posso ver que é um anel — disse Pekkala —, mas por que está me entregando isso?

— É um presente, Pekkala, mas também uma advertência. Não é hora de hesitar. Quando se casar, vai precisar de um anel. Acho que esse cumprirá bem a função. Ela também vai precisar de um anel, mas isso deixo com você.

— Obrigado — disse Pekkala.

— Guarde isso num local seguro. Olhe lá! Veja. — Ele apontou na direção dos jardins.

Ilya os vira. Estava acenando.

Os dois homens acenaram de volta e sorriram.

— Se você deixá-la escapar — disse o tsar entre os dentes cerrados de seu amplo sorriso —, nunca vai se

perdoar. Nem eu, aliás.

Anton deu uma olhada na superfície branca de seu relógio de pulso excessivamente grande e pôs a cabeça para fora da janela.

— Dez minutos! — gritou.

Pekkala levantou-se. A sombra do pé de cabra havia deslizado para a direita. Ele retirou a segunda pedrinha do bolso e colocou-a no ponto extremo da nova localização da sombra. Calçou a bota na terra e traçou uma linha entre os dois pedregulhos. Postando-se na extremidade da segunda sombra, Pekkala esticou o braço ao longo da linha que escavara na areia.

— Esse sentido é o leste — disse.

Nenhum dos homens questionou o resultado, que ele conjurara do nada por meio de habilidades que eram incapazes de julgar, uma coisa ao mesmo tempo estranha e absoluta.

Tendo viajado durante todo o dia, detendo-se apenas para reabastecer usando uma das muitas latas de gasolina que carregavam no bagageiro, pararam à noite sob o telhado de um celeiro abandonado.

Estacionaram o Emka dentro do celeiro, mantendo-o fora de vista para o caso daquele lugar não ser tão deserto quanto parecia. Acenderam uma fogueira no chão de terra, alimentando as chamas com pranchas de madeira arrancadas de velhas baias para cavalos.

Anton abriu uma lata de ração de carne do exército, que tinha a palavra “Tushonka” estampada na lateral. Usando

uma colher que guardara na bota, encheu a boca de carne, enfiou a colher na lata e passou-a a Kirov, que escavou um grosso pedaço de carne com o qual atulhou a boca, e logo depois se virou para cuspir.

— Que negócio horrível! — disse.

— Vai se acostumando — disse Anton. — Tenho três caixas disso aí.

Kirov agitou a cabeça violentamente, como um cachorro que acabou de tomar banho.

— Se você tivesse se lembrado de trazer uma comida decente, eu cozinaria para nós sem problemas.

Anton puxou um frasco do bolso. Era de vidro e encapado em couro, e tinha um copinho de estanho que se encaixava no fundo do vidro. Ele desatarraxou a tampa de metal e tomou um trago.

— O motivo de terem fechado seu curso de cozinheiros...

— Era uma escola para formar chefs!

Anton revirou os olhos.

— O motivo de terem fechado, Kirov, é que não sobrou comida decente neste país para se fazer uma refeição digna desse nome. Vai por mim, você se deu bem em vir trabalhar para o governo. Ao menos não vai morrer de fome.

— Vou, sim — disse Kirov —, se tudo que tiver para comer for isso aí. — Ele estendeu a lata para Pekkala. — O que o tsar gostava de comer?

Lá em cima, nas vigas, pombos espiavam-nos, e as chamas refletiam em seus olhos muito abertos e curiosos.

— Na maior parte das vezes, pratos simples — respondeu Pekkala. — Carne de porco assada. Repolho cozido. *Blini*. *Shashlik*. — Pekkala lembrava-se dos espetos de carne, cebola, cogumelo e pimentão vermelho, servidos junto com porções de arroz, tudo acompanhado de vinho forte da Geórgia. — Receio que tenha achado o gosto dele meio decepcionante.

— Pelo contrário — respondeu Kirov —, esses pratos são os mais difíceis de fazer. Quando chefs se encontram para comer, escolhem as receitas mais tradicionais. A prova de um bom chef é a capacidade de criar uma refeição simples, que tenha o sabor que todos esperam dela.

— E os cozinheiros? — perguntou Anton.

Antes que Kirov pudesse responder, Anton jogou o frasco em seu colo.

— O que tem aqui? — perguntou Kirov, olhando para o frasco como se fosse uma granada prestes a explodir em seu rosto.

— Samahonka! — respondeu Anton.

— Bebida caseira — murmurou Kirov, devolvendo o frasco. — Você tem sorte de ainda não ter ficado cego.

— Fiz na minha banheira — disse Anton. Tomou mais um gole e recolocou o frasco no bolso.

— Não vai oferecer um pouco a seu irmão?

Anton reclinou-se, descansando a cabeça no relatório secreto.

— Um detetive não tem permissão para beber enquanto está de serviço. Não é verdade, irmão? — Cobriu-se com o pesado sobretudo e encolheu-se o quanto pôde. — Vão descansar — disse ele. — Ainda temos um longo caminho pela frente.

— Pensei que só tínhamos parado para comer — retrucou Kirov. — Quer dizer que vamos passar a noite aqui? Neste chão duro?

— Por que não? — Anton murmurou, a consciência já cedendo lugar ao mundo dos sonhos.

— Eu costumava ter uma cama — disse Kirov, indignado. — Costumava ter um quarto só meu. — Puxou um cachimbo do bolso. Com mãos agitadas e impacientes, encheu o forninho de tabaco.

— Você é novo demais para fumar cachimbo — declarou Anton.

Kirov estendeu o cachimbo, admirando-o.

— O bojo é feito de raiz de urze-branca inglesa.

— Cachimbo é coisa de velho — bocejou Anton.

Kirov encarou-o furioso.

— O camarada Stalin fuma cachimbo!

Mas Anton não ouviu o comentário. Acabara de cair no sono, e sua respiração regular soava como um pêndulo que oscilava no ar acima deles.

Pekkala cochilou, ouvindo o ranger dos dentes de Kirov contra o tubo do cachimbo e sentindo o aroma do tabaco dos Bálcãs, que o fazia lembrar-se do cheiro de sapatos de couro recém-tirados da caixa. Então a voz de Kirov o fez acordar no susto.

— Eu estava pensando — disse.

— O quê? — grunhiu Pekkala.

— Se forem mesmo os Romanov no fundo daquela mina, aqueles cadáveres estão lá há anos.

— Sim.

— Não terá sobrado nada deles. Como se pode investigar um assassinato quando não tem nenhum resto mortal para examinar?

— Sempre há algo a ser investigado — respondeu Pekkala, e ao dizer essas palavras, viu o rosto do Dr. Bandelayev vindo das sombras de sua mente.

— Melhor do que ele não existe — Vassilejev dissera a Pekkala —, num trabalho que nenhum homem são jamais desejaria fazer.

O Dr. Bandelayev era completamente careca. Sua cabeça parecia uma brilhante lâmpada cor-de-rosa. Como se para compensar, tinha um espesso bigode de morsa.

Numa tarde quente e úmida do fim de julho, Vassilejev levou Pekkala ao laboratório de Bandelayev.

Havia um cheiro que ele reconheceu; um odor agudo e doce que penetrava intensamente suas narinas. Ele o conhecia do porão de seu pai, onde se fazia a preparação dos mortos.

Vassilejev cobria boca e nariz com um lenço.

— Meu Deus, Bandelayev, como você consegue aguentar isso?

— Respire esse ar! — ordenou Bandelayev. Vestia um jaleco que batia nos joelhos, com seu nome e a palavra “Osteologista” bordados em vermelho. — Respire o cheiro da morte.

Vassilejev virou-se para Pekkala.

— Ele é todo seu — disse, com a voz abafada pelo lenço. Então, a passos largos, saiu da sala o mais rápido que pôde.

Pekkala olhou o laboratório em volta. Embora uma parede de janelas desse para o pátio principal da Universidade Estadual de Petrogrado, a vista fora bloqueada por prateleiras de jarros de vidro contendo partes do corpo humano, preservadas em um fluido amarronzado que

parecia chá. Viu mãos e pés, as regiões dos cortes desgastadas, com tocos de osso emergindo da carne enrugada. Em outros jarros, espirais de intestinos enroscados como tornados em miniatura. Do outro lado daquele corredor estreito, ossos haviam sido dispostos em bandejas de metal, fazendo lembrar um quebra-cabeça abandonado.

— São mesmo quebra-cabeças! — disse Bandelayev, quando Pekkala mencionou a impressão que tivera. — Tudo isso, tudo o que eu faço, é a disciplina dos quebra-cabeças.

Nos dias que se seguiram, Pekkala esforçou-se para manter-se em dia com o que Bandelayev ensinava.

— O fedor de um humano apodrecido não é diferente do que exala um veado morto na beira da estrada — alegou Bandelayev — e é por isso que eu não acredito em Deus. — O doutor falava rápido, as palavras coladas umas às outras, ficando sem fôlego até que era forçado a parar para encher os pulmões de ar fresco.

Mas, na verdade, não havia ar fresco no laboratório de Bandelayev. As janelas ficavam fechadas, e haviam sido lacradas com fita veda rosca.

— Insetos! — disse Bandelayev, a título de explicação. — Isso aqui não é uma simples loja de carne podre, como já disseram alguns colegas. Aqui, todos os aspectos da decomposição são controlados. Uma única mosca poderia arruinar semanas inteiras de trabalho.

Bandelayev não gostava de ficar sentado. Achava que era coisa de gente preguiçosa. Então, enquanto dava suas aulas a Pekkala, ficava de pé atrás de uma mesa alta apinhada de ossos, os quais tirava de suas respectivas bandejas e estendia para que Pekkala os identificasse. Ou então mergulhava a mão em um jarro e removia um nódulo de carne pálida, ordenando que Pekkala dissesse o nome, o

líquido marrom de conservar escorrendo por seus dedos, caindo em gotas dentro das mangas da camisa.

Certa vez, Bandelayev estendeu um crânio perfurado na testa, um pequeno buraco redondo e perfeito, resultado de uma bala disparada à queima-roupa contra a vítima.

— Sabe que, nos meses do verão, as varejeiras se instalam em um corpo em questão de minutos? Elas se concentram na boca, no nariz, nos olhos ou na ferida.

Bandelayev enfiou o dedo mindinho no buraco da testa.

— Em poucas horas, pode haver até meio milhão de ovos depositados em um corpo. Em um único dia, as larvas que emergem desses ovos podem reduzir à metade o corpo de um homem adulto. Em uma semana — sacudiu a cabeça para o lado, um movimento que usava para dar ênfase, mas que parecia mais um tique nervoso involuntário — pode não haver mais nada além de ossos.

Tendo visto muitos corpos dispostos na laje de mármore em que o pai trabalhava, não sentiu repugnância a princípio. Não se encolheu quando Bandelayev empurrou um pulmão em suas mãos ou lhe entregou uma caixa de ossos de dedos humanos. A parte mais difícil para Pekkala, acostumado à tranquila reverência com que seu pai tratava os cadáveres, era o total descaso de Bandelayev pelas pessoas cujos corpos ele desmembrava e reagrupava, deixava que apodrecessem ou deles fazia pickles no fluido de conservação.

Seu pai não teria gostado de Bandelayev, Pekkala concluiu. Havia alguma coisa no entusiasmo esbaforido dele que teria parecido indigna a seu pai.

Quando Pekkala mencionou que seu pai fora agente funerário, Bandelayev continuou sem se comover.

— Peculiar — disse, com desdém — e essencialmente irrelevante.

— E por quê? — perguntou Pekkala.

— Preparar corpos — disse Bandelayev — é criar uma ilusão. É um show de mágica. Dar aos mortos uma aparência de paz. Dar a impressão de que estão dormindo. — Olhou para Pekkala como se perguntasse: “E que sentido poderia haver nisso?” — A osteologia é a sondagem da morte. — Bandelayev envolveu essas palavras com os lábios como se fosse impossível a qualquer pessoa resistir ao desejo de desmembrar um cadáver com as mãos e uma faca. — Vivo — disse Bandelayev —, você tem muito pouco interesse para mim, Pekkala. Venha me procurar quando estiver morto, e então prometo que nos conheceremos muito bem.

Pekkala aprendeu a diferenciar os crânios femininos (boca estreita, queixo pontudo, testa aerodinâmica, extremidades agudas onde as órbitas oculares se encontravam com a testa) dos masculinos, imediatamente identificáveis pela saliência óssea na base do crânio.

— Identidade! — dizia Bandelayev. — Sexo, idade, estatura.

Fazia Pekkala repetir, como se fosse um feitiço.

— A protuberância occipital externa! — anunciava Bandelayev, como se apresentasse um dignitário a uma assembleia de príncipes.

Pekkala aprendeu a identificar os dentes protrusos de um africano, e a diferenciá-los dos de um caucasiano, que cresciam perpendicularmente à mandíbula.

Estudou as linhas em zigue-zague das suturas cranianas, erguendo-se como raios sobre o domo de um crânio, enquanto Bandelayev se curvava sobre seu ombro, sussurrando:

— O que ele está dizendo? O que ele está contando a você?

Ao fim de cada lição, Bandelayev recomendava-lhe livros de autores como o romano Vitrúvio, com quem aprendeu

que o comprimento dos braços esticados de uma pessoa correspondia à sua altura e que o comprimento de uma mão correspondia à décima parte do comprimento do corpo.

Num outro dia, Bandelayev o mandou para casa com uma tradução do livro do médico chinês do século XIII, Sung Tzu, *The Washing Away of Wrongs*, no qual a devoração de um cadáver por larvas era descrito numa linguagem que Pekkala antes pensara reservada apenas aos êxtases místicos.

Logo o fedor da morte parou de incomodá-lo, mesmo permanecendo em suas roupas muito depois de sair do laboratório de Bandelayev.

Ao longo das semanas que passaram juntos, Bandelayev voltava sempre à pergunta “O que isso lhe diz?”.

Certo dia, Bandelayev estava dando uma aula sobre o efeito que o fogo tinha nos cadáveres.

— As mãos se contraem — afirmou —, os braços e joelhos se dobram. Um corpo pegando fogo assume uma posição parecida com a de um boxeador na luta. Mas vamos supor que você encontre um corpo que foi queimado, mas descubra que os braços estão retos. O que isso lhe diz?

— Diz — respondeu Pekkala — que talvez as mãos estivessem amarradas atrás das costas.

Bandelayev sorriu.

— Agora você já sabe falar a língua dos mortos.

Para sua própria surpresa, Pekkala percebeu que Bandelayev tinha razão. De repente, vindas de cada jarro e cada bandeja, vozes pareciam bradar em seus ouvidos, contando a história de suas mortes.

As chamas haviam se extinguido no chão do celeiro. Brasas cor de papoula ardiam por entre as cinzas.

Lá fora, raios brilhavam cortando os céus.

— Quem é Grodek? — perguntou Kirov.

Pekkala inspirou o ar com força.

— Grodek? O que sabe sobre ele?

— Ouvi seu irmão dizer que você pôs um homem chamado Grodek atrás das grades.

Ocultando o rosto dos olhos de Kirov, os olhos de Pekkala emitiram um brilho prateado no escuro.

— Grodek foi o homem mais perigoso que conheci em minha vida.

— O que fazia dele tão perigoso assim?

— A pergunta certa não é “o que?” e sim “quem?”. E a resposta é: a própria polícia secreta do tsar.

— A Okhrana? Mas isso significa que ele estava trabalhando para você, e não contra você.

— O plano era esse — respondeu Pekkala —, mas não foi isso o que aconteceu. Foi o general Zubatov, chefe da Okhrana de Moscou, quem teve a ideia. Zubatov queria organizar um grupo terrorista cujo único objetivo seria o assassinato do tsar.

— Mas Zubatov era leal ao tsar! — disse Kirov. — Por que diabos ia querer assassiná-lo?

Quando sua voz ecoou por todo o celeiro, Anton resmungou, murmurou algo ininteligível e então voltou a dormir.

— O grupo seria falso. O plano de Zubatov era atrair tantos aspirantes a assassinos quanto possível. Então, na hora certa, ele prenderia todos. Veja, no trabalho policial comum, é necessário esperar até que um crime seja cometido antes de prender a pessoa. Mas em organizações como a Okhrana, o trabalho é às vezes combater os crimes antes que eles aconteçam.

— Então, o tempo todo, essas pessoas que acreditavam estar trabalhando para uma célula terrorista estavam, na verdade, trabalhando para Zubatov?

— Exatamente.

Os olhos do jovem comissário pareciam vidrados enquanto ele tentava compreender a profundidade daquele ardil.

— Grodek fazia parte dessa célula?

— Mais do que parte — respondeu Pekkala. — Grodek é quem estava no comando. Ele era mais novo que você. O pai dele era um primo distante do tsar. O homem foi malsucedido muitas vezes nos negócios, mas, em vez de aceitar que era ele mesmo o responsável pelos fracassos, preferiu jogar a culpa no tsar. Ele acreditava que sua família fora privada dos privilégios a que tinha direito. Quando o pai de Grodek se matou depois de acumular mais dívidas do que seria capaz de pagar em uma vida, Grodek responsabilizou o tsar.

— Como poderia ser diferente — disse Kirov —, sendo que tudo o que ele conhecia era o que o pai tinha dito?

— Exatamente, e ao entrar na juventude, Grodek não fez mistério do ódio que nutria pelos Romanov. Ele era o candidato perfeito para encabeçar uma tentativa de assassinato.

— Mas como se conseguiu convencer uma pessoa dessas a trabalhar para a Okhrana? Isso me parece impossível.

— Foi exatamente por isso que Zubatov o escolheu. Primeiro, ele fez com que Grodek fosse preso num local público. A notícia espalhou-se logo. Um jovem pego na rua e brutalmente enfiado num carro que estava de prontidão. Qualquer um que visse tal coisa, e Zubatov providenciou para que fosse muita gente, seria solidário a Grodek. Mas foi quando ele já estava preso que o verdadeiro trabalho de Zubatov começou.

— O que ele fez com o menino? — perguntou Kirov.

— Ele vendou Grodek, enfiou-o num carro e levou-o a um local secreto. Quando Zubatov tirou a venda de Grodek, o próprio tsar estava lá, na frente deles.

— E qual era o plano por trás disso? — perguntou Kirov.

— Zubatov colocou Grodek cara a cara com um homem que se tornara nada mais do que um símbolo para ele. Mas vê-lo ali, como um homem de carne e osso, em vez da imagem fabricada pelo pai dele, aquilo foi o início do processo. O tsar explicou sua própria versão dos fatos. Juntos, eles examinaram os livros contábeis do pai de Grodek, escritos à mão por ele mesmo, que mostravam como a riqueza da família fora dissipada. É claro, Grodek nunca tinha posto os olhos nessas coisas. Serem lembrados de que faziam parte da mesma família deixou uma impressão profunda nos dois.

— E Grodek ficou convencido com isso tudo?

— Sim — respondeu Pekkala —, e foi então que Zubatov explicou seu plano. Ele deveria se tornar o que se conhece como um *agent provocateur* e agir como o cabeça dessa célula terrorista falsa. Era extremamente perigoso. Se qualquer um daqueles assassinos suspeitasse do fato de que Grodek estava, na verdade, trabalhando para a Okhrana, ele seria morto no instante seguinte. Mas os jovens sentem atração pelo perigo, e quando Grodek concordou em liderar esse grupo de terroristas, Zubatov

achou que tinha escolhido o homem certo. Na verdade, isso acabou se mostrando o maior erro que ele cometeu na vida.

— Por quê? — perguntou Kirov.

— Ao longo do ano seguinte — continuou Pekkala —, Grodek passou por um treinamento na Seção Especial da Okhrana. Para ser convincente no papel de terrorista, ele tinha de saber se comportar como um. Ensinaram-no a fazer bombas, atirar, como lutar com faca, assim como me ensinaram. Logo depois da ativação da célula terrorista, surgiram pessoas querendo alistar-se. Grodek tinha o dom. Tinha um tipo de energia que atraía pessoas para perto dele. Nos meses seguintes, enquanto o número de membros de sua célula continuava a crescer, Grodek ultrapassou todos os objetivos que Zubatov havia estipulado para ele. Jamais faltava a uma reunião com seus contatos, e as informações que fornecia eram tão precisas que Zubatov falava de Grodek como a pessoa que um dia assumiria seu lugar na chefia da Okhrana. Mas Zubatov cometeu um erro de cálculo, um erro imenso. Após provar a Grodek que a culpa da desdita de sua família era de seu pai, Zubatov partiu do princípio de que o ódio que Grodek nutria pelo tsar se extinguiria. O que Zubatov não percebeu foi que Grodek, depois de ver as provas que lhe haviam sido apresentadas, havia decidido culpar os dois.

“Nesse meio-tempo, Grodek também havia cometido um erro. Ele se apaixonou por uma das mulheres que havia recrutado. Ela se chamava Maria Balka. Era 15 anos mais velha que Grodek e, em vários aspectos, mais perigosa que ele. Já havia cometido vários assassinatos em nome de diversos grupos anarquistas. Grodek manteve o relacionamento escondido de Zubatov, e quando Zubatov disse a ele que Maria Balka certamente receberia a pena de morte depois de ser presa junto com os outros membros da

organização de Grodek, isso tornou praticamente inevitável o que aconteceu a seguir.

— O que aconteceu? — perguntou Kirov.

— Zubatov decidiu que a armadilha só poderia ser acionada depois que houvesse uma tentativa de assassinar o tsar. Isso serviria de justificativa para as prisões que se seguiriam. É claro que foi arranjado para que o próprio Grodek se encarregasse da tentativa. Fariam a coisa de um jeito que parecesse que o tsar havia sido realmente morto. Outros membros da célula terrorista estariam situados nas proximidades, de modo a testemunhar o falso assassinato. Os assassinos então se reuniriam no esconderijo, onde seriam presos pelos agentes da Okhrana.

“O ataque aconteceria durante um passeio vespertino do tsar pelos jardins do Palácio de Verão. Zubatov providenciou para que o tsar percorresse sempre o mesmo caminho nesses passeios, para que os terroristas ficassem certos do sucesso. O tiro seria disparado contra o tsar enquanto ele passava por entre os portões que cercavam o palácio e a lagoa Lamski. Era uma área relativamente estreita, que não oferecia qualquer proteção. Atirando pelos portões, Grodek estaria a apenas alguns passos do tsar.”

— Mas não pareceria suspeito o fato de o tsar estar caminhando desacompanhado?

— De jeito nenhum — respondeu Pekkala. — Ele reservava um horário para os exercícios físicos todos os dias. Às vezes, andava a cavalo; outras, nadava, mas era comum que caminhasse pelos jardins do palácio, qualquer que fosse o clima, e nessas horas ele insistia em ficar sozinho.

— Mas e quanto aos outros assassinos? Eles não estariam armados também?

— A instrução era que atirassem apenas se Grodek errasse o alvo. Eles veriam o tsar cair, atingido por vários

tiros, mas obviamente só seriam usadas balas de festim.

“Naquele momento, ninguém tinha a menor dúvida de que Grodek era leal à Okhrana. Afinal, ele entregara os nomes de todos os membros da organização que tinha ajudado a criar. Traíra todos eles, como se comprometera a fazer desde o início.

“O que ninguém na Okhrana sabia era que Grodek havia substituído as balas de festim por balas de verdade.

“Na noite da encenação, tudo funcionou como um relógio. Permitiu-se que os terroristas se aproximassem dos jardins do palácio. Eles se esconderam como tinham planejado. O tsar começou a fazer sua caminhada. Enquanto isso, dezenas de agentes da Okhrana esperavam para invadir o esconderijo. O tsar chegou à passagem estreita por entre os portões e a lagoa Lamski. O sol já havia se posto, e uma brisa fria soprava da lagoa. Grodek saiu das sombras. O tsar estacou. Tinha ouvido algum barulho entre as folhas. Grodek foi até o portão, esticou o braço por entre as barras, com a arma em punho. O tsar não se mexeu. Só ficou lá parado, como se não soubesse o que estava acontecendo.”

— E ele errou o tiro? — balbuciou Kirov. — Grodek errou a três passos de distância?

Pekkala abanou a cabeça.

— Grodek não errou. Ele esvaziou o tambor. Todos os seis tiros atingiram o alvo.

Kirov então pôs-se de pé.

— Você está me dizendo que ele atirou seis vezes no tsar e o homem não morreu?

— O homem que Grodek matou não era o tsar.

— Então quem... — Kirov estreitou os olhos, gradualmente compreendendo o que havia acontecido. — Quer dizer que foi um sócia? Grodek atirou num sócia?

— Zubatov cometeu muitos erros, mas nunca chegaria a ponto de colocar a vida do tsar realmente em perigo. Essa foi a única parte do plano que Zubatov jamais discutiu com Grodek. Quando Grodek puxou o gatilho, não sabia que estava matando um sócia.

— Mas, ainda assim, alguém morreu — disse Kirov.

— Alguém sempre morre — respondeu Pekkala.

Era noite. Pekkala e o tsar estavam no terraço do palácio, olhando para além dos jardins. Podiam ver a Ponte Chinesa e o Monte Parnasso. Nos jardins Gribok, em linha reta diante deles, as folhas farfalhavam com a brisa noturna.

Naquele mesmo instante, eles sabiam, o sócia do tsar estaria caminhando pelo terreno que circundava o palácio, entre a Grande Lagoa e a Estrada Parkovaya.

Fazia algum tempo que nenhum dos dois falava.

Sentia-se a tensão no ar enquanto esperavam pelos tiros.

— Consegue imaginar como é — perguntou o tsar — não poder aventurar-me além dos portões deste palácio sem me perguntar se serei assassinado? Sou o governante de um país cujas ruas não posso percorrer sem proteção. — Abanou a mão para lá e para cá na direção do terreno do palácio, de um jeito que fez Pekkala pensar num padre agitando um turíbulo. — Ter tudo isso compensa? Existe alguma coisa que compense?

— Isso logo vai ter fim, Excelência — disse Pekkala. — Amanhã os terroristas já estarão na cadeia.

— Mas isso não se resume a um simples grupo de terroristas — respondeu o tsar. — A questão é a guerra que nos trouxe até esse ponto. Lembro-me do dia em que foi declarada, quando estive na varanda do Palácio de Inverno, olhando por cima aquele mar de pessoas que vieram para demonstrar apoio. Senti que éramos indestrutíveis. A ideia de rendição sequer me passara pela cabeça. Eu nunca poderia ter imaginado as derrotas que sofreríamos.

Tannenburg. Os lagos Masurian. Os nomes daqueles lugares ainda ecoam em minha mente. Eu devia ter dado ouvidos a Rasputin.

— O que isso tem a ver com ele? — Pekkala conheceu o místico siberiano, que supostamente possuía a capacidade mágica de curar a hemofilia que afligia o único filho homem do tsar, Alexei. Na opinião de Pekkala, Rasputin era um homem que entendia as próprias limitações. Eram o tsar e, principalmente, a tsarina que haviam exigido de Rasputin uma sabedoria que ele não possuía. Fora convocado para julgar questões de Estado sobre as quais pouco sabia. O melhor que podia fazer, na maior parte das vezes, era oferecer vagas palavras de conforto. Mas os Romanov se agarravam àquelas palavras, delas excluindo o que tinham de vagas, transformando-as em profecia. Não era de espantar que Rasputin fosse tão odiado pelos que procuravam os favores do tsar.

Pekkala estava lá, numa manhã terrivelmente fria de dezembro de 1916, quando a polícia de Petrogrado pescou o corpo de Rasputin do rio Neva. Rasputin fora convidado para uma festa particular na casa do príncipe Yusupov. Lá lhe serviram bolos que, com a ajuda de um médico chamado Lazoviert, haviam sido batizados com cianeto de potássio em quantidade suficiente para matar um elefante. Quando o veneno pareceu não surtir efeito, o cúmplice de Yusupov, um membro do governo chamado Purishkyevich, atirou várias vezes em Rasputin e esfaqueou-o na garganta. Então os dois o enrolaram em um pesado tapete e o jogaram na água onde, apesar de tudo que lhe haviam feito, Rasputin morreu por afogamento.

— Sofrimento sem fim — disse o tsar. — Foi isso o que Rasputin disse que a guerra nos traria. Percebe como ele estava certo?

— Todas as guerras causam sofrimento, Excelência.

O tsar voltou-se para ele, tremendo.

— Deus falava pela boca daquele homem, Pekkala!

Quem fala através da sua, pode me dizer?

— Sua Excelência fala por minha boca.

Por um instante, o tsar pareceu aturdido.

— Perdão, Pekkala — disse. — Eu não tinha o direito de falar como falei.

— Não há de que se desculpar — respondeu Pekkala. Foi a primeira e última vez que mentiu para o tsar.

A voz de Kirov puxou Pekkala de volta para o tempo presente.

— E Grodek? — perguntou Kirov. — O que aconteceu com ele?

— Quando os agentes da Okhrana cercaram o esconderijo, começou um tiroteio. Os agentes se viram sob fogo vindo de armas que eles mesmos haviam fornecido a Grodek. Depois da batalha, dos 36 membros da célula terrorista, a Okhrana encontrou apenas quatro sobreviventes entre os mortos. Grodek não era um deles, tampouco Maria Balka. Os dois haviam, simplesmente, desaparecido. Foi aí que o tsar me convocou, com ordens de prender Balka e Grodek antes que eles pudessem matar outra vez. — Pekkala soltou um longo suspiro. — E eu fracassei.

— Mas você o encontrou!

— Não antes que pudesse matar de novo. Segui seus rastros até uma pequena hospedaria na alameda Maximilian, do distrito Kasan, de Petersburgo. O dono da hospedaria mencionou a diferença de idade entre a mulher e o homem. Ele presumiu que os dois simplesmente estivessem tendo um caso, algo que os proprietários de lugares como aquele às vezes são obrigados a fingir que não veem. Mas eles não paravam de levar caixas para o quarto, e quando o dono perguntou o que havia nelas, Balka respondeu que eram apenas livros. Ora, pessoas que estão tendo casos não passam seus dias enfurnadas lendo livros.

Foi aí que ele notificou a polícia. Logo cercamos a hospedaria. Fiquei aguardando na parte de trás. Os agentes da Okhrana entraram pela frente, esperando que Balka e Grodek tentassem fugir pela saída de serviço, onde eu os deteria.

“Infelizmente, tendo sido treinado na polícia, Grodek percebeu que os agentes estavam se posicionando. Quando os agentes arrombaram a porta do quarto, acionaram uma bomba que destruiu toda a parte da frente do prédio. O próprio Grodek fez a bomba, que matou justamente as pessoas que o haviam ensinado a fabricar bombas. Quatro agentes e 16 civis morreram. Eu mesmo quase fiquei inconsciente com o impacto. Quando me levantei, Balka e Grodek estavam fugindo a toda pela parte de trás do edifício.

“Persegui-os pela rua Moika, às margens do Neva. Era meado do inverno. As ruas tinham neve semiderretida até a altura dos tornozelos, e a neve havia se acumulado também nas margens da estrada. Não consegui mirar em nenhum dos dois. Por fim, Balka escorregou. Ela deve ter quebrado o tornozelo. Eu os alcancei na ponte Potsuleyev. Os policiais vinham na outra direção. Não havia onde se esconder. Eles estavam na minha mira. Não tinham para onde ir.”

Pekkala fez silêncio. Fechou os olhos e beliscou a ponta do nariz.

— E o que vi naquela hora nunca mais pude tirar da cabeça. Eles pararam na beira da ponte. Dava para ouvir a polícia gritando com eles do outro lado. Balka obviamente estava ferida. Grodek alternara por vários quarteirões entre carregar e arrastar Maria, e estava exausto. Era claro que eles não tinham como continuar. Eu chamei. Disse que era hora de se entregarem. Balka estava ao lado dele, com o braço sobre o ombro de Grodek. Então Grodek a abraçou, ergueu-a e colocou-a sobre o parapeito de pedra da ponte.

A água abaixo estava cheia de gelo. Disse a ele que não havia como escapar por ali.

— O que ele fez? — perguntou Kirov.

— Ele a beijou, puxou a arma e deu um tiro na cabeça dela.

Kirov chegou mais perto.

— Ele atirou nela? Pensei que estava apaixonado.

— Eu não tinha entendido até onde ele estava disposto a ir. Maria Balka caiu no rio e flutuou encoberta pelo gelo.

— E Grodek? Rendeu-se?

— Só depois de não conseguir se matar. Apontou a arma para a própria cabeça e puxou o gatilho, mas o cilindro havia emperrado.

— Por que ele não pulou? — perguntou Kirov. — Talvez conseguisse escapar.

— Grodek tinha medo de altura. Mesmo a distância até a água sendo de apenas três ou quatro vezes a altura de uma pessoa, Grodek ficou paralisado de medo. Ele tentou passar correndo por mim, e eu o nocauteei com a coronha da arma. Fez um corte na testa dele. Durante todo o julgamento de Grodek, ele se recusou a usar curativos. A cicatriz, com uma linha de pontos pretos, parecia uma centopeia roxa rastejando em direção ao couro cabeludo. Todo dia, quando saía ao fim dos procedimentos de volta para sua cela, Grodek gritava para os jornalistas que se reuniam do lado de fora do tribunal, dizendo que a polícia o havia torturado.

— E Balka? O que aconteceu com o corpo dela?

— Nunca foi encontrado. No inverno, aquele rio corre rápido debaixo do gelo; pode ser que a corrente a tenha carregado até o mar Báltico. Mandei que uma equipe de mergulhadores inspecionasse o rio mais de 12 vezes. — Pekkala abanou a cabeça, desolado. — Ela desapareceu sem deixar rastro.

— E Grodek? Depois do que ele fez, por que o prenderam? Por que não recebeu pena de morte?

— A primeira sentença foi essa, mas o tsar vetou a decisão dos juízes. Ele acreditava que Grodek não passava de um peão, primeiro do pai e depois de Zubatov. Grodek era ainda um homem jovem. Num mundo diferente, era assim que o tsar sentia, poderia ser seu próprio filho no cadafalso. Mas era claro para o tsar que Grodek jamais poderia ser posto em liberdade. Então ele foi encarcerado pelo resto da vida, sem possibilidade de condicional, no Bastião Trubetskoy da Fortaleza de Pedro e Paulo.

— Mas eu pensei que todos os prisioneiros haviam sido libertados durante a revolução.

— Os prisioneiros políticos sim, mas mesmo os bolcheviques sabiam que libertar um homem como Grodek não seria boa coisa.

— O que tornava Grodek tão diferente dos outros assassinos que eles libertaram?

Pekkala pensou um pouco antes de responder.

— Praticamente todas as pessoas — disse Pekkala — podem ser levadas a matar, se forçadas pelas circunstâncias. Mas há uma diferença entre aqueles que reagem a situações e aqueles que criam a situação da qual o assassinato é a consequência. São esses que devemos temer, Kirov, pois eles sentem prazer em matar. E em todos os meus anos como detetive, nunca encontrei um assassino que sentisse mais prazer no que fazia do que Grodek.

A fogueira chiava e crepitava.

— Você está com medo? — perguntou Kirov.

— Medo de quê? — sussurrou Pekkala, suas pálpebras pendendo até quase fechar.

— Do que podemos encontrar naquela mina.

— Para dizer a verdade, Kirov, tenho sentido medo desde o instante em que saí da floresta.

— Para onde vai quando estiver livre? — perguntou Kirov.

— Paris — respondeu.

— Por que Paris?

— Se você precisa perguntar, então nunca esteve em Paris. Além do mais, tenho alguns negócios a tratar por lá.

Era estranho pensar no futuro. Cada vez que via o sol se pôr no vale de Krasnagolyana, sabia que, pelas probabilidades, não deveria estar vivo. Media sua sobrevivência em períodos de dias, não ousando esperar mais que isso. Pensar que poderia esticar aquele intervalo de dias para um de semanas, meses e até mesmo anos o enchia de perplexidade. Pekkala precisou de algum tempo para entender que o que sentia era realmente esperança, uma emoção que acreditava ter enterrado a sete palmos.

Enfim, a respiração de Kirov ficou mais pesada e profunda.

Raios reluziam ao longe.

Ao nascer do sol, na manhã seguinte, já estavam de novo na estrada.

O caminho que tomaram cruzava com uma estrada conhecida como rodovia Moscou, a qual, apesar do nome grandioso, não passava de uma faixa de terra de pista dupla estendida sobre a estepe sinuosa.

Enquanto a poeira cor de açafreão carregada pelo vento entrava pelas janelas abertas, Anton consultava o mapa, estreitando os olhos para ver melhor as espirais de morros como uma impressão digital, estradas parecendo veias e artérias, e as florestas como densas massas ósseas.

Ao meio-dia, chegaram ao cruzamento pelo qual Anton esperava. Sem qualquer placa, não parecia nada além de um crucifixo horizontal feito de lama.

— Vire aqui, Kirov — ordenou ele. — Vire aqui.

E mais uma vez:

— Vire aqui.

O caminho levou-os ao longo das margens de um córrego raso e através de um bosque de bétulas brancas antes de entrarem em campo aberto. As florestas que circundavam o campo eram negras e de aspecto soturno. Kirov manobrou o carro por uma antiga pista de carroça que cortava o campo, o para-choque do Emka fazendo a grama alta farfalhar.

Havia uma velha choça no meio do campo, uma chaminé de latão ebriamente inclinada para fora do telhado. Ao lado da choça, um comprido alojamento, com pequenas janelas de venezianas cerradas como olhos fechados com força.

Anton virou o mapa para um lado e então para o outro, esforçando-se para se orientar.

— É lá perto daquela casa, acho.

As molas do carro rangeram enquanto percorria mal e lentamente o chão acidentado. Quando chegaram à extremidade do campo, os três homens desceram do carro e começaram a procurar a entrada da mina.

Não tardaram a encontrar. Era pouco mais que um buraco no chão, com cerca de quatro metros de largura, sobre o qual se empoleirava uma polia de metal enferrujado. Torrões de grama verde brilhante pendiam da beira do buraco. A primeira seção da entrada da mina fora impecavelmente revestida de tijolos, como as paredes de um poço. Logo abaixo havia terra e pedra bruta, das quais pequenos arroios d'água escorriam para dentro das trevas. Aparafusadas às paredes, de ambos os lados, duas escadas de ferro oxidado. A maior parte dos degraus não estava mais lá. Os parafusos que as prendiam às paredes estavam frouxos. Não havia esperanças de usá-las para descer até a mina.

— Você vai mesmo descer até lá? — perguntou Kirov. — Está tudo escuro.

— Tenho uma lanterna de mão — disse Anton, encaminhando-se para o carro. A lanterna tinha um revestimento de couro em torno de sua estrutura de metal e um cristal convexo servindo de lente. Ele a pendurou numa corda em volta do pescoço.

Procurando uma maneira de baixar Pekkala até a mina, Anton examinou a polia. Os fios retorcidos do cabo haviam se unido pela ferrugem, com gotículas d'água onde o óleo ainda aderira ao metal. Destacando-se da lateral do tambor, havia uma grande manivela dupla para subir e baixar o cabo para dentro da mina. Ele pegou a manivela, puxou-a, e a alavanca quebrou em suas mãos.

— Bem, isso já era — murmurou.

Mas Kirov já estava tirando uma corda de cânhamo do bagageiro do carro, que fora guardada lá para o caso do veículo quebrar e precisar ser rebocado. Ele amarrou uma extremidade ao para-choque do Emka, caminhou até a beira da fossa e jogou o resto do rolo mina abaixo.

Os três homens ouviram a corda desenrolar-se na escuridão e fazer um ruído molhado quando bateu no solo.

Pekkala postou-se na beira do poço, corda em mãos. Parecia hesitar.

— Tem certeza de que quer fazer isso?

— Dê-me a lanterna — disse Pekkala.

Depois que Anton a entregou, Pekkala puxou a corda com todo o peso de seu corpo, testando a resistência. O cânhamo rangeu no para-choque, mas se manteve firme. Enquanto Kirov erguia a corda de modo que não atritasse contra a beira do buraco, Pekkala foi até lá e inclinou-se de costas sobre o vazio. Com as mãos fechadas em torno da corda, embranquecendo os nós dos dedos, ele desceu. Num instante, desapareceu.

Os dois homens na superfície observaram a luz da lanterna ziguezagueando para lá e para cá no peito de

Pekkala, iluminando seus pés, a corda e as paredes escorregadias da mina. A luz ficava cada vez menor e o som da respiração resfolegante de Pekkala desvaneceu até tornar-se um eco vazio.

— Ele parecia com medo — disse Kirov.

— Ele está com medo — respondeu Anton.

— Dos cadáveres?

— Cadáveres não o assustam. É ficar fechado lá dentro que ele não suporta. E ele nunca vai me perdoar por isso.

— Por que você teria culpa? — perguntou Kirov.

— Era um jogo — disse Anton. — Pelo menos foi assim que começou. Certa vez, quando éramos crianças, fomos a um lugar que nosso pai nos fizera prometer que nunca iríamos. Bem embrenhado na floresta atrás de nossa casa, havia um forno crematório que ele usava para trabalho. Tinha uma chaminé alta, tão alta quanto os cimos das árvores, e o forno era como um imenso caixão de ferro construído sobre um pedestal de tijolos. Nos dias em que ele usava o forno, eu ia até a janela do meu quarto e via a fumaça subindo acima dos topos das árvores. Nosso pai descrevera o forno para nós, mas eu nunca o tinha visto. Queria ver, mas tinha medo demais para ir sozinho. Convenci meu irmão a ir comigo — ele nunca teria ido por outro motivo. Era obediente demais, mas é mais novo que eu e, naquela idade, consegui convencê-lo.

“Era um dia de outono quando fomos ver o forno. Sabíamos que ninguém ia dar por nossa falta. Várias vezes desaparecíamos por horas seguidas.

“O chão era duro. A primeira neve havia caído, não mais que uma poeira gelada, acumulando-se nas conchas de folhas secas. Ficávamos olhando para trás, esperando ver nosso pai vindo pela trilha atrás de nós, mas depois de um tempo percebemos que estávamos sozinhos.

“Havia uma curva na trilha e então de repente, o forno apareceu diante de nós. Era menor do que eu havia imaginado. E a área em volta dele estava muito organizada. Lenha para a queima havia sido cortada e empilhada. O chão estava varrido e meu pai deixara uma vassoura para usar como alavanca e abrir a porta do forno. Mesmo com sol a pino, o forno ficava debaixo das árvores e lá parecia escuro e frio também.

“Peguei a vassoura e abri a porta do forno. Dentro, vi uma longa bandeja, como a armação de uma maca. A câmara estava cinza de poeira, mas havia sido varrida da melhor forma possível.

“Esse tipo de coisa era importante para meu pai. Mesmo que ninguém mais fosse até o forno, pelo menos que ele soubesse, ele precisava que o lugar ficasse em ordem e tivesse uma aparência digna.

“Assim que chegamos, meu irmão quis voltar. Ele tinha certeza de que papai deduziria que estivemos lá.

“Foi quando sugeri que um de nós devia entrar, só pra ver como era.

“De início, meu irmão se recusou.

“Chamei-o de covarde. Eu disse que íamos tirar no palitinho e que, se eu estava disposto a entrar, ele devia estar também.

“No fim das contas, consegui fazê-lo concordar.”

— E ele tirou o palito menor? — perguntou Kirov.

— Ele achou que sim — respondeu Anton. — A verdade é que, depois que vi que ele havia posto a mão no palito mais longo, eu apertei com tanta força entre meus dedos que o quebrei ao meio, então o que ele tirou tinha só metade do tamanho verdadeiro.

“Eu disse que ele não podia recuar, que senão passaria o resto da vida sabendo que tinha sido um covarde.

“Ele rastejou forno adentro. Fiz com que ele pusesse a cabeça primeiro. Então fechei a porta atrás dele.”

— Você fez o quê?

— Era para ser apenas por um segundo, só pra dar um susto nele. Mas havia uma fechadura de mola na porta e eu não consegui abrir. Tentei. De verdade mesmo. Mas não tinha força.

“Podia ouvi-lo gritando. Estava tentando sair. Entrei em pânico e corri para casa. Já estava escurecendo. Cheguei em casa justo na hora que minha mãe estava servindo o jantar.

“Na mesa, quando meus pais me perguntaram onde estava meu irmão, eu disse que não sabia.

“Meu pai estava me olhando. Ele deve ter percebido que eu estava escondendo alguma coisa.

“‘Me mostra tuas mãos’, ele disse. E quando mostrei, ele as agarrou com força e olhou bem. Lembro que até baixou o rosto até as pontas dos meus dedos e cheirou-os. Então, correu para fora da casa.

“Vi o lampião que ele estava carregando desaparecer na trilha que levava ao forno.

“Uma hora depois, ele estava de volta com meu irmão.”

— O que aconteceu com você? — perguntou Kirov.

— Nada — respondeu Anton. — Meu irmão disse que ele mesmo havia se fechado lá dentro. É claro, não era nem possível trancar aquela porta por dentro. Meu pai devia saber disso, mas fingiu acreditar em meu irmão. Tudo que ele fez foi nos obrigar a jurar que nunca voltaríamos ao forno.

— E seu irmão, nunca se vingou do que você fez?

— Vingança? — Anton riu. — Toda a vida dele, desde que entrou para o regimento finlandês, tem sido uma vingança pelo que aconteceu entre nós.

— Eu teria matado você — disse Kirov.

Anton virou-se para encará-lo. Seu rosto estava encoberto por camadas de sombras.

— Isso teria sido menos cruel do que o que meu irmão me fez.

A meio caminho na descida, Pekkala agarrava-se fortemente à corda.

Lá embaixo era frio, úmido e cheirava a mofo, mas o suor escorria pelo rosto. As paredes pareciam girar em torno dele, como um redemoinho feito de pedra. Memórias giravam dentro de sua cabeça. Lembrava-se de estender a mão para a escuridão, seus dedos roçando contra os dentes cegos dos bocais dos queimadores que pendiam do teto do forno. Ele os havia tapado com as mãos, como se para impedir que as chamas saíssem. Ainda podia se lembrar do cheiro. De início, tentara não respirar, como se seus pulmões pudessem reter aquelas partículas de poeira. Mas de nada adiantava. Ele tinha de respirar, e enquanto o ar se esgotava dentro daquele cilindro de metal, Pekkala tinha de encher os pulmões o máximo que podia e, nisso, aquele cheiro o invadia, sendo filtrado para dentro de seu sangue como gotas de tinta na água.

Pekkala olhou para cima. A boca da mina era um disco azul pálido cercado pela escuridão das paredes do túnel. Por vários minutos lutou contra o impulso de subir de volta. Ondas de pânico viajaram por seu corpo, e ele ficou lá, pendurado, até que cessassem. Então baixou até o piso da mina.

A primeira coisa que viu foi uma parte da escada que quebrara e caíra no chão. Estava escorada contra a parede, o metal enferrujado brilhando, negro e laranja.

Seus pés tocaram o chão, afundando em décadas de sujeira acumulada. Pedacos de madeira podres, com pregos

como dentes, estavam espalhadas pelo chão.

Pekkala largou a corda e massageou as mãos para restabelecer a circulação. Então pegou a lanterna e a fez brilhar nas trevas.

O espaço era amplo, mas o caminho até a cavidade da mina logo se estreitava até um ponto onde o túnel se dividia em dois e pares de trilhos de ferro oxidado se curvavam escuridão adentro. Ambas as entradas dos túneis estavam bloqueadas por paredes de pedra. Pekkala sabia que minas às vezes eram fechadas antes de chegarem a ser completamente escavadas. Os mineiros provavelmente tinham fechado os túneis de propósito, para proteger quaisquer minerais que restassem no chão, para o caso de retornarem algum dia. Os carrinhos que haviam corrido por aqueles trilhos estavam estacionados em uma reentrância. Suas laterais estavam arranhadas e amassadas de tanto uso, o metal manchado de pó amarelo-esbranquiçado. Pekkala sentiu um tremor de compaixão pelos homens que haviam trabalhado naqueles túneis, sedentos por luz do sol, o peso da terra pendendo sobre suas costas curvadas.

Pekkala passou a lanterna pela câmara de pedra, perguntando-se onde estariam os corpos, quando lhe ocorreu que talvez seu irmão estivesse errado. Talvez o louco tivesse trabalhado nesta mina anos atrás e inventado toda a história, simplesmente para chamar atenção. Ainda considerava essa possibilidade quando se virou, varrendo a escuridão com o fecho de luz da lanterna, e percebeu que estavam ali a seu lado.

Descansavam na posição em que haviam caído, empilhados num monte grotesco de ossos, e tecido, e sapatos, e cabelo. Eram vários cadáveres. Ele não tinha como saber quantos, tamanho era o emaranhado em decomposição.

Ele descera por um dos lados da abertura da mina. Os corpos devem ter caído do outro.

Ao ver a luz vacilar, como a chama de uma vela golpeada pelo vento, os instintos de Pekkala gritaram para que saísse dali, mas ele sabia que não podia. Ainda não, mesmo com o medo roubando o ar de seus pulmões.

Pekkala forçou-se a ficar firme, lembrando-se de que já vira muitos cadáveres na vida, muitos em condições piores que aquelas. Mas os outros corpos eram anônimos para ele na morte, assim como haviam sido na vida. Se aquela triste massa de membros de fato pertencia aos Romanov, então aquilo era diferente de tudo que vira antes.

Um ruído o sobressaltou, ecoando nas paredes de pedra. Pekkala levou um instante para perceber que era a voz de seu irmão, gritando lá de cima.

— Encontrou alguma coisa?

— Sim! — gritou em resposta.

Houve um longo silêncio.

— Então? — A voz do irmão chegou lá embaixo.

— Ainda não sei.

Silêncio na superfície.

Pekkala voltou-se para os corpos. Aqui, no fundo da mina, o processo de decomposição fora retardado. As roupas estavam em grande parte intactas e não havia moscas ou outros insetos, cujas larvas teriam comido os corpos até o osso caso tivessem sido abandonados na superfície. Não havia tampouco nenhum indício de que ratos ou camundongos houvessem roído os mortos. A profundidade da mina e a entrada vertical os havia impedido de chegar até os cadáveres. Ele não sabia o que era minerado ali. Fosse o que fosse, talvez tivesse contribuído para a conservação dos corpos.

As vítimas pareciam parcialmente mumificadas. Suas peles haviam assumido um tom marrom-esverdeado, quase

translúcido, esticadas contra os ossos, e sobre elas havia um véu de mofo. Já vira corpos assim antes; pessoas congeladas ou enterradas em solo muito ácido, como turfeiras. Pekkala também se lembrava de um caso em que o assassino inserira o corpo em uma chaminé de fábrica. Ao longo dos anos em que a vítima permaneceu oculta, foi defumada até adquirir a consistência de couro de sapato. O corpo estava incrivelmente bem preservado, mas logo que foi removido pela polícia, decompôs-se numa velocidade impressionante.

Embora os corpos tivessem permanecido intactos no ambiente em que se encontravam, ele sabia que também deteriorariam com grande rapidez caso se fizesse qualquer tentativa de içá-los até a superfície. Ficou feliz com a decisão de deixá-los lá até que uma equipe pudesse fazer a remoção com os equipamentos adequados.

De início, Pekkala em nada tocou.

Por cima da pilha, estava uma mulher deitada de costas, com os braços jogados para o lado. Pela posição em que caíra, Pekkala julgou que a queda provavelmente a teria matado, mas ele pôde ver que ela já estava morta antes de cair. Seu crânio fora estraçalhado por um projétil que a atingira entre os olhos e a base do nariz, penetrando naquela parte do cérebro conhecida como “medulla oblongata”. A mulher teria morrido imediatamente. Quem quer que fosse o responsável por aquilo, percebeu Pekkala, sabia exatamente o que estava fazendo. Mas ali havia algo mais que simplesmente saber como matar uma pessoa. Como lhe fora incutido por Vassilyev, o método do assassinato dizia muita coisa sobre o assassino. Mesmo nos casos em que os corpos eram terrivelmente mutilados, normalmente com facas, a maioria dos assassinos evitava danificar os rostos de suas vítimas. Os que usavam armas de fogo costumavam disparar várias vezes, e o mais comum

é que mirassem no peito. Nos casos em que uma pistola era utilizada por alguém sem experiência com armas de fogo, os corpos muitas vezes exibiam múltiplas feridas de impacto, distribuídas aleatoriamente, tendo os atiradores subestimado a imprecisão dessas armas. Pekkala sabia de pessoas que haviam sobrevivido a disparos feitos praticamente à queima-roupa por atiradores incompetentes.

Os assassinatos realizados por profissionais eram normalmente classificados como execuções. Estes, também, tinham um estilo próprio que os identificava. Na nuca de um homem, entre as orelhas, há uma pequena protuberância óssea: a protuberância occipital externa. Os assassinos profissionais eram ensinados a apertar o gatilho de suas armas mirando exatamente naquele ponto, o que lhes permitia matar com um único tiro. Pekkala viu muitas execuções assim, realizadas por ambos os lados nos primeiros estágios da revolução. Os assassinos deixavam suas vítimas com o rosto enfiado no chão, em campos abertos, valas ou barrancos de neve, as mãos amarradas às costas, testas estouradas pela saída do projétil.

Um motivo para tal método era que os executores, dessa forma, não precisavam olhar suas vítimas no rosto. Mas o assassino desta mulher a havia encarado, e Pekkala sabia que esse método requeria um sangue anormalmente frio.

Em sua mente, já começava a desenhar um retrato dos assassinos, presumindo que houvera mais de um. Eram quase com certeza homens. Era incomum que mulheres fossem utilizadas em equipes de execução, embora existissem exceções. Os Vermelhos haviam utilizado mulheres em seus esquadrões da morte, e estas haviam se mostrado mais sedentas de sangue que qualquer um de seus companheiros homens. Lembrou-se da assassina bolchevique Rosa Schwartz, responsável pelas mortes de centenas de ex-oficiais tsaristas. Depois da série de

assassinatos que cometera, fora declarada heroína nacional e percorrera o país como a “Rosa Vermelha”, carregando um buquê de rosas e usando um vestido branco, como uma virgem no dia do casamento. Outro detalhe que sugeria que os assassinos eram homens era o fato de que todos aqueles crânios tinham feridas de saída do projétil, o que indicava o uso de uma pistola de alto calibre. As mulheres, mesmo as que participavam de esquadrões da morte, costumavam usar armas de calibre menor.

Pekkala examinou então as roupas, aproximando a lanterna do cadáver da mulher, de modo a poder analisar o tecido. A primeira coisa que chamou sua atenção foram os pequenos botões de madrepérola no vestido, que um dia fora vermelho, mas agora era de um rosa desbotado. Seu coração pesou. Eram roupas de gente rica. Caso contrário, aqueles botões seriam de osso ou madeira. Longas madeixas de cabelo amontoadas cobriam o vestido.

Nos braços nus, viu que os depósitos de gordura haviam se transformado em adipocera, a substância amarelo-acinzentada parecida com sabão, conhecida como “cera de cadáver”.

Observou os sapatos, o couro contraído e retorcido, os pequenos pregos que outrora os mantivera inteiros agora projetando-se para fora, como pequenos dentes saindo das solas. Sentiu novamente o peso de uma certeza que crescia cada vez mais. Não eram os calçados de uma trabalhadora, nem do tipo que se encontraria nas regiões rurais, e eram demasiado elegantes para a inóspita Sibéria.

Naquele momento, a luz da lanterna tremelicou e sumiu.

A escuridão que o envolveu era tão completa que Pekkala sentiu ter ficado cego de uma hora para outra. Sua respiração tornou-se curta e rápida. Ele lutou contra o pânico que rodopiava à sua volta como um ser vivo.

Praguejando, agitou a lanterna e a luz retornou.

Limpando o suor do rosto, Pekkala voltou ao trabalho.

Tendo examinado o máximo possível sem interferir na cena, estendeu o braço e tocou o que havia à sua frente.

As pontas de seus dedos tremiam.

Ele tentou manter distância emocional daqueles corpos, como o Dr. Bandelayev lhe ensinara.

— Pense neles como enigmas, não como pessoas — dissera o médico.

Inserindo as mãos por baixo das costas da mulher, os dedos roçando entre as camadas de tecido úmido e mofado que separavam os corpos, ele a içou. O peso do corpo ainda era significativo, diferente do cadáver que retirara da chaminé, tão leve que o fizera lembrar-se de uma lanterna japonesa.

Enquanto colocava o corpo no chão, de modo a poder posicionar os cadáveres lado a lado, o crânio da mulher se soltou. Rolou por cima da pilha e bateu contra o piso de pedra, fazendo um barulho de cerâmica caindo no chão. Ele deu a volta na pilha e recuperou o crânio, erguendo-o delicadamente. Foi ali, à luz da lanterna, que ele viu a manga de uma camisa masculina, e dela pendendo uma mão seca e encarquilhada como a garra de um pássaro.

Ele não conseguiu identificar imediatamente a mulher que estava no topo da pilha. Mas ao olhar para a mão, sentiu um tremor de certeza percorrer-lhe o corpo. Embora não tivesse características que a distinguissem, Pekkala aprendera a confiar nesse tipo de instinto, mesmo antes de ter chance de testá-lo racionalmente.

Pekkala colocou o crânio da mulher junto ao resto de seu corpo e passou para o seguinte.

Durante a próxima meia hora, Pekkala separou os cadáveres de três outras mulheres, e colocou-os deitados no chão. Todas haviam sido baleadas no rosto.

Agora restavam poucas dúvidas de que eram as irmãs Romanov: Olga, Maria, Anastácia e Tatiana.

Embaixo delas, havia uma quinta mulher, certamente a tsarina, dado o peso do corpo e o corte mais adulto das roupas. Ela também havia levado um tiro na cabeça. Ao contrário das outras, o tiro entrara por trás. Como acontecia com a maioria dos ferimentos desse tipo, a saída havia estourado a testa, abrindo uma imensa cavidade no crânio. Ela morrerá daquele jeito, pensou Pekkala, tentando proteger uma de suas crianças da arma do assassino.

A morte de todas elas, Pekkala sabia, devia ter sido instantânea. Tentou consolar-se um pouco com esse fato.

Pekkala percebeu que era óbvio que as mulheres não haviam resistido. Os disparos haviam sido mirados com cuidado, o que não teria sido possível se as vítimas tivessem resistido.

Então passou para o último corpo.

As pilhas da lanterna já estavam quase se esgotando. A luz que atravessava o cristal convexo passara de um branco cegante para um pálido amarelo-cobre. Pensar que ela podia apagar de uma vez por todas, deixando-o sem enxergar em meio àqueles cadáveres, encheu sua mente com sussurros de terror.

O último cadáver era de um homem, caído de lado. Seus ossos haviam sido parcialmente esmagados pelo peso dos outros corpos, que haviam sido jogados sobre o dele. As costelas e a clavícula haviam quebrado. Embaixo dele, espalhando-se em uma poça de ambos os lados, o chão encontrava-se preto e oleoso.

O corpo inteiro estava coberto por uma camada de mofo seco, marrom-amarelado. Os botões do casaco destacavam-se como pequenos cogumelos saindo do tecido. Pekkala esticou o braço e passou o polegar sobre a poeira que

cobria a fivela, descobrindo a águia de duas cabeças dos Romanov.

O braço esquerdo do homem, que ele vira saindo da pilha, estava quebrado, o que provavelmente acontecera na queda. O braço direito encobria o rosto, como se ele tivesse tentado se proteger. Pekkala se perguntou se o homem havia sobrevivido à queda e tentado proteger-se dos cadáveres que foram jogados em cima dele.

Além das calças de montaria e das botas de cano alto, o morto vestia uma túnica do estilo *gymnastiorka*. A túnica fora modificada para abrir pela frente. Era fechada com ganchos em vez de botões, e o colarinho duro, decorado com duas faixas grossas de brocado de prata. A túnica fora originalmente de um marrom-esverdeado pálido, o peitilho e a bainha enfeitados pelo mesmo brocado de prata que havia no colarinho. Agora, tinha cor de maçã podre.

Ele já vira aquela túnica antes, e agora não havia mais dúvida: aquele era mesmo o corpo do tsar. O tsar tinha dezenas de uniformes diferentes, cada um representando um ramo diferente do serviço militar russo. Aquele uniforme específico, que o tsar usava ao passar em revista seus regimentos de guardas, era um dos mais confortáveis. Por isso, era também um de seus favoritos.

Quatro feridas de bala estavam claramente visíveis no peito da túnica. Pekkala estudou as manchas de sangue empalidecidas que se irradiavam dos ferimentos. O tecido exibia sinais de queimadura de pólvora, indicando que o tiro fora disparado de muito perto. Delicadamente, Pekkala moveu o braço, para poder ver melhor o rosto do morto. Não tinha dúvida de que o crânio estaria esfaçalhado como o resto, mas surpreendeu-se ao vê-lo ainda intacto. Nenhum projétil havia perfurado a medula oblongata. Confuso, observou os restos da barba cuidadosamente aparada, a

cavidade do nariz, os lábios secos encolhidos, mostrando dentes fortes e retilíneos.

Pekkala deu um passo atrás, inspirando um ar menos contaminado pela poeira da decomposição. Olhou para cima, onde um disco sedoso de céu noturno indicava a boca da mina. Naquele momento, como se sacudido pelo soterramento do próprio corpo, Pekkala, sem querer, começou a ver tudo pelos olhos do tsar naqueles últimos segundos de vida, passados no chão da mina. De lá de cima, feixes de luz arremetiam para baixo, na direção dele. Eles se refletiam nas paredes do túnel de pedra úmida. Gotas de chuva iluminadas rebrilhavam como joias por toda sua volta. Então viu as silhuetas da esposa e das filhas do tsar caindo na direção dele, dedos abertos como asas, os vestidos ruflando com a velocidade da queda. Pekkala as sentiu passarem por ele, deixando para trás um rastro como cometas negros, e ouviu seus ossos estilhaçando-se como vidro.

Pekkala expulsou o pesadelo de sua mente. Forçou-se a se concentrar no trabalho que tinha pela frente. Por que, Pekkala se perguntou, o assassino executaria as mulheres com um tiro na cabeça, deixando intacto o rosto do tsar? Faria mais sentido se fosse o contrário, especialmente se o assassino fosse, como ele suspeitava, do sexo masculino. Seria mais provável que tal homicida desfigurasse alguém do mesmo sexo.

De repente, o coração de Pekkala começou a acelerar. Concentrara-se tanto no detalhe que esquecera completamente de algo muito mais importante.

O corpo do tsar era o último que havia na mina.

Com esperança de que houvesse cometido algum erro, Pekkala lançou um olhar aos cadáveres das mulheres que dispusera sobre o chão de terra da mina.

Mas não, ele não havia errado. Havia um corpo faltando.

Alexei não estava entre os mortos.

Sempre que Pekkala pensava no menino, sentia um nó na garganta. De todos os membros daquela família, Alexei era seu predileto. As filhas eram encantadoras, em especial Olga, a filha mais velha, mas todas as quatro eram reservadas. Eram lindas, embora de uma beleza melancólica, e raramente pareciam notar sua presença. Pekkala sabia que as deixava nervosas, imenso em sua sobrecasaca preta e aparentemente imune ao tipo de frivolidade que ocupava grande parte de suas vidas. Pekkala era desprovido dos refinamentos da procissão aparentemente infinita de visitantes que eram recebidos pela família Romanov. Os barões, lordes e duques (sempre havia algum título de nobreza), com suas roupas elegantes, beliscando os bigodes bem-aparados e salpicando o que diziam com interjeições em francês, consideravam Pekkala rústico demais para ser digno de sua companhia.

— Não esquenta com eles, Pekkala! — dissera Alexei.

Após relatos de uma explosão nas ruas de Petrogrado, Pekkala fora intimado pelo tsar ao palácio real, conhecido como Tsarskoye Selo, localizado nos arredores da cidade.

Ao entrar no gabinete do tsar, na ala norte do Palácio de Alexandre, uma multidão de convidados passou por ele aos empurrões, sem mesmo uma olhadela em sua direção.

O tsar estava sentado à mesa.

Alexei sentava-se ao lado, a cabeça envolta por uma bandagem branca inchada por alguma mistura de ervas que Rasputin lhe havia receitado.

A expressão de Alexei era sempre a mesma: afetuosa e triste, a um só tempo. A hemofilia que o afligia quase levava a vida do menino tantas vezes que o tsar, e especialmente a tsarina Alexandra, pareciam quase ter absorvido a doença em seus corpos. Alexei poderia sangrar até a morte em consequência de um machucado ou uma escoriação que um menino normal geralmente sofre todos os dias. Sua fragilidade o obrigara a viver como se fosse feito de porcelana. Então os pais viviam como se fossem igualmente frágeis, como as dezenas de milhares de peças de âmbar que recobriam as paredes da Sala de Âmbar do Palácio de Catarina, ou os extraordinariamente intrincados ovos Fabergé que o tsar dera à esposa como presente de aniversário.

Até mesmo os amigos de Alexei eram escolhidos a dedo pelos pais, que os selecionavam pela capacidade de brincar

sem brutalidades. Pekkala lembrava-se dos irmãos Makarov, com seu jeito manso de falar — garotos magros e nervosos, com orelhas de abano e ombros eternamente curvados, como fazem os meninos quando esperam a explosão de fogos de artifício. Apesar de sua fragilidade, Alexei sobrevivera a eles, já que ambos haviam morrido na guerra.

Por mais precauções que tomassem com o filho, os pais pareciam sempre à espera do momento em que Alexei simplesmente desapareceria. Então, também eles caíam aos pedaços.

— Alexei está certo — afirmou o tsar. — Não deve se deixar intimidar por essas pessoas. — Fez um gesto de desprezo com a mão na direção dos convidados.

— Eles não lhe deram as boas-vindas que você merece — disse Alexei.

— Eles não me conhecem — respondeu Pekkala.

— Mas nós o conhecemos, Pekkala — retrucou Alexei —, e isso é o mais importante.

— Bem, Pekkala! Veja o que tenho aqui! — O tsar gesticulou na direção de um lenço vermelho que estava sobre a mesa. O lenço parecia fora de lugar ao lado das canetas, tesouras, tinteiro e abridor de cartas com cabo de jade, tudo muito bem-organizado. O tsar exigia que sua mesa fosse mantida na mais perfeita ordem. Ao conferenciar com pessoas em seu gabinete, particularmente aquelas cuja companhia não apreciava, ele muitas vezes ficava fazendo pequenos ajustes na arrumação desses itens, como se a distância de um milímetro entre os objetos fosse absolutamente necessária para sua sanidade.

Agora, com o floreio de um mágico que faz o seu truque, o tsar puxou rapidamente o lenço, revelando o que havia embaixo.

Para Pekkala, parecia uma espécie de ovo gigante. Suas cores eram luminosas — uma mistura de verdes e

vermelhos e laranja flamejantes. Perguntou-se se seria mais uma das criações de Fabergé.

— O que acha, Pekkala? — perguntou o tsar.

Pekkala sabia a melhor maneira de portar-se nesses joguinhos.

— Parece... — fez uma pausa — ...algum tipo de feijão mágico.

O tsar irrompeu em gargalhadas, deixando à mostra seus dentes brancos e fortes.

Alexei também riu, mas ele sempre baixava a cabeça e tapava a boca com a mão.

— Feijão mágico! — gritou o tsar. — Depois dessa, nada mais me surpreende!

— É uma manga — disse Alexei. — Aquelas pessoas que acabaram de sair nos deram de presente. Ela vem lá da América do Sul, pelos navios e barcos e trens mais rápidos do mundo. Segundo disseram, essa manga estava no pé não faz nem três semanas.

— Uma manga — repetiu Pekkala, esforçando-se para lembrar se alguma vez ouvira falar naquilo.

— É um tipo de fruta — informou o tsar.

— Pekkala não tem tempo para mangas — disse Alexei, tentando fazê-lo sorrir.

— A menos — declarou Pekkala, levantando um dedo — que ela seja culpada de algum crime.

— Um crime! — disse o tsar, rindo.

Pekkala estendeu a mão para pegar a manga, e quando a recebeu do tsar, fingiu examiná-la com cuidado.

— Suspeita — murmurou ele. — Muito suspeita.

Alexei recostou-se na cadeira.

— Então — disse o tsar, entrando na brincadeira —, ela deve sofrer a pena capital. Só há uma coisa a ser feita. — Ele abriu uma gaveta e puxou um grande canivete com cabo de chifre de veado.

O tsar puxou a lâmina, que, com um clique nítido, ficou presa na posição ereta. Pegando a fruta em uma das mãos, rompeu a pele luminosa, revelando uma polpa de um laranja vívido por dentro. Com cuidado, foi cortando a manga. Segurando as fatias entre o fio cego da lâmina e a lateral do polegar, ofereceu uma a Pekkala e outra a Alexei, e então tirou uma para si.

Em silêncio, os três mastigaram.

A doçura fria da fruta parecia pular dentro da boca de Pekkala. Não conseguiu conter pequenos gemidos de prazer.

— Pekkala gostou — disse Alexei.

— Gostei — concordou Pekkala. Olhando por sobre o ombro do tsar, viu a neve caindo no terreno que circundava o palácio.

Terminaram de comer a manga.

O tsar limpou a lâmina no lenço vermelho, e então guardou a faca de volta na gaveta. Quando ergueu os olhos para encarar Pekkala, o rosto do tsar endurecera, tomando aquela expressão que sempre aparecia quando os problemas do mundo lá fora se impunham.

Ele já adivinhara que os relatos da explosão em Petrogrado eram verdadeiros. E mesmo que o tsar não soubesse quem havia morrido, não teve dúvida de que alguém leal a ele havia encontrado seu fim. Era como se ele realmente pudesse ver o corpo esfaçalhado do ministro Orlov, de cuja morte no atentado ele seria informado mais tarde, tão esfrangalhado que praticamente toda a coluna dele fora encontrada como uma cobra branca ao lado das costelas do morto.

Aqueles ataques estavam se tornando cada vez mais frequentes.

Por mais conspirações terroristas que descobrissem, parecia sempre haver outras que passavam despercebidas.

— Não tenho a intenção de discutir o recente evento desagradável em Petrogrado — disse o tsar. Era mais um pedido que uma ordem. Com um gesto que indicava fadiga, pousou o rosto nas mãos, massageando as pálpebras fechadas com as pontas dos dedos. — Depois vemos isso.

— Sim, Excelência.

Sem saber o verdadeiro motivo da visita de Pekkala, Alexei ainda sorria para ele.

Pekkala piscou para o menino.

Alexei piscou de volta.

Pekkala recuou três passos, virou-se e foi em direção à porta.

— Pekkala! — chamou o tsar.

Pekkala parou, virou-se novamente e esperou.

— Nunca deixe de ser quem você é — disse o tsar.

— Nunca! — gritou Alexei.

Quando Pekkala saiu do gabinete e fechou a porta, ouviu no mesmo instante a voz de Alexei.

— Por que Pekkala nunca sorri, papai?

Pekkala estacou. Não era sua intenção bisbilhotar, mas a pergunta o pegara de surpresa. Não era esta a imagem que tinha de si: um homem que nunca sorria.

— Pekkala é um homem sério — respondeu o tsar. — Ele tem uma visão sombria do mundo. Não tem tempo para os jogos que eu e você curtimos.

— Ele é infeliz? — perguntou Alexei.

— Não, não acho que seja. É só um homem reservado. Não mostra o que sente.

— Por que você o escolheu para ser seu investigador especial? Não seria mais fácil escolher outro detetive na Okhrana ou na Gendarmerie?

Pekkala olhou para os lados no corredor vazio. Ouviu risadas em cômodos distantes. Sabia que devia ir embora, mas ele mesmo se fizera muitas vezes essa pergunta, e lhe

pareceu que, se não soubesse a resposta agora, jamais saberia. Então ficou, quase sem respirar, esforçando-se para ouvir as vozes através da porta espessa.

— Um homem como Pekkala — disse o tsar — não tem consciência do próprio potencial. Soube disso desde o momento em que pus os olhos nele. Sabe, Alexei, para pessoas que vivem uma vida como a nossa, é essencial saber captar com um único olhar o caráter das pessoas que encontramos. Temos que saber se devemos confiar na pessoa ou manter distância. O que uma pessoa faz importa mais do que o que ela diz. Vi Pekkala recusando-se a saltar com o cavalo sobre uma cerca de arame farpado, que o instrutor, um sádico qualquer, tinha colocado lá, e vi como ele se comportou enquanto o sargento lhe passava um sabão. E acredite em mim: ele não demonstrou sentir medo algum. Se eu não tivesse testemunhado o que aconteceu, aquele sargento teria expulsado Pekkala da guarda por insubordinação. E para Pekkala isso não teria importado.

— Mas por que não? — perguntou Alexei. — Se ele não queria continuar no regimento...

— Ah, mas ele queria. Só que não naqueles termos. A maioria daqueles cadetes teria simplesmente sacrificado o cavalo e obedecido às ordens.

— Mas isso não é importante? — perguntou Alexei. — Ser obediente sempre?

— Às vezes sim, mas não para o que eu tinha em mente.

— Quer dizer que escolheu Pekkala por achar que ele poderia não cumprir ordens?

— Do que eu precisava, Alexei, era um homem para quem ameaças, força física ou subornos fossem impotentes contra o que ele considera certo. E, com uma pessoa como Pekkala, isso nunca vai mudar.

— Mas por que não?

— Porque isso não ocorreria a ele. Homens como ele, Alexei, são menos que um em um milhão, e quando você encontrá-los, vai reconhecê-los à primeira vista.

— E por que ele escolheria o trabalho que faz? — perguntou Alexei. — Acha que ele gosta de levar uma vida assim?

— Não é questão de gostar ou não gostar — respondeu o tsar. — Ele foi feito para isso, assim como um galgo foi feito para correr. Ele faz aquilo que nasceu para fazer, porque ele sabe que é importante.

Enquanto ouvia o tsar, Pekkala lembrou-se do pai, fazendo o trabalho que ninguém mais se dispunha a fazer. Às vezes, nos meses anteriores, Pekkala sentira-se atordoado ao pensar nas coincidências extraordinárias que o levaram a trabalhar para o tsar. Agora, ao ouvir aquelas palavras, o que antes parecera o resultado de uma aleatoriedade impossível lhe parecia algo praticamente inevitável.

— Você realmente precisava de alguém como ele? — perguntou Alexei.

— É triste, mas o fato é que a Okhrana está cheia de espiões. Assim como a Gendarmerie. As duas divisões se espionam mutuamente. Mandamos espiões para se infiltrarem entre os terroristas. Criamos até mesmo células de espiões que parecem estar trabalhando contra nós, mas que, na verdade, são controladas pelo governo. As mentiras não têm fim. Quando as pessoas chegam a um ponto em que não querem mais ser governadas por líderes em quem podem confiar, então temos um país indo em direção à ruína. Com tudo isso acontecendo, Alexei, as pessoas precisavam de alguém em quem pudessem confiar.

— Até mais do que em você, papai?

— Espero que não — respondeu o tsar —, mas, de qualquer forma, a resposta é sim.

— Você está bem? — A voz de Kirov ricocheteou mina abaixo.

Ao olhar para cima, Pekkala percebeu vagamente as silhuetas de Anton e Kirov debruçados sobre o buraco, como se fossem recortes de papelão.

— Estou bem — gaguejou ele.

— São eles mesmo? — perguntou Anton.

— Sim, mas um deles não está aqui. — Até aquele momento, Pekkala só pensara em três possibilidades: 1) que não encontraria corpos; 2) que haveria corpos lá, mas não os dos Romanov; e 3) que realmente encontraria os Romanov mortos naquela mina. Pekkala não considerara a chance de que um dos Romanov poderia não estar lá.

— Não está? — gritou Kirov. — Quem?

— Alexei — respondeu Pekkala.

A luz da lanterna estava muito fraca agora, reduzida a uma névoa acobreada que mal iluminava além da lente. A escuridão avultava ao seu redor.

— Tem certeza? — perguntou Anton. Ao viajar mina abaixo, sua voz era amplificada como se ele estivesse falando num megafone.

Pekkala lançou um olhar para onde as entradas do túnel haviam sido interditadas.

— Sim, não há dúvida. — Mesmo que Alexei houvesse sobrevivido à queda, não teria como percorrer os túneis e, com sua hemofilia, o menino certamente morreria em decorrência dos ferimentos.

Lá em cima, na entrada da mina, os dois homens conversavam aos sussurros. A discussão acalorou-se, e o som lembrava o sibilar de serpentes.

— Nós vamos puxá-lo — gritou Anton.

Um momento depois, o motor do Emka voltou à vida, rosnando.

— Segure firme na corda — avisou Anton. — Kirov vai dar ré bem devagar. Vamos tirá-lo daí.

A luz da lanterna bruxuleou nas paredes, criando sombras que faziam pensar em fantasmas emergindo das pedras.

Pekkala pegou a corda.

— Pronto? — perguntou Anton.

— Sim — respondeu ele.

O motor roncou, e Pekkala sentiu-se puxado lentamente até a superfície. Enquanto subia, olhava para os cadáveres abaixo de si, dispostos um do lado do outro, as bocas escancaradas, como se a família formasse um coro mudo e terrível.

Segurando firme na corda, escalou as paredes íngremes da mina com os pés. Por fim, quando Pekkala estava quase chegando, Anton acenou para Kirov e o carro parou. Anton deu-lhe o braço.

— Segure em mim — ordenou ele.

Pekkala hesitou.

— Se eu quisesse matá-lo — disse Anton —, você já estaria morto.

Pekkala soltou uma das mãos da corda e segurou com força o antebraço do irmão.

Então, Anton puxou-o até a superfície.

Enquanto Kirov enrolava a corda, Pekkala andou até o carro e debruçou-se sobre o capô, braços cruzados, perdido em pensamentos.

Anton ofereceu-lhe o frasco de Samahonka.

Pekkala recusou.

— Espero que tenha compreendido que agora temos duas investigações. Uma para descobrir quem matou os Romanov e outra para encontrar o tsarévitch. Ele ainda pode estar vivo.

Anton deu de ombros e tomou um gole.

— Tudo é possível — resmungou.

— Posso ajudá-lo a encontrar o corpo de Alexei — continuou Pekkala —, mas, se por acaso ele estiver vivo, terá de encontrar outra pessoa para rastreá-lo.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que não vou entregar Alexei a vocês para que ele seja morto ou jogado na prisão pelo resto da vida.

— Tenho uma coisa para contar a você. — Anton guardou o frasco no bolso. — Talvez o ajude a mudar de ideia.

— Duvido muito — respondeu Pekkala.

— Ouça — disse Anton —, não esqueça que faz anos que investigamos rumores de que algum dos Romanov talvez tenha sobrevivido. Sabíamos muito bem que os rumores poderiam ser verdadeiros. O camarada Stalin tem a intenção de conceder anistia a qualquer pessoa da família do tsar que seja encontrada viva.

— E você espera que eu acredite nisso? — grunhiu Pekkala.

— Já lhe disse antes que matar todos os Romanov nunca foi a intenção de Moscou. O tsar seria levado a julgamento, e sim, ele seria considerado culpado, e sim, quase com certeza teria sido executado. Mas nunca se falou de um plano para matar toda a família dele. Ela seria usada como barganha. Eles eram um recurso valioso demais para que fossem simplesmente assassinados.

— Mas Moscou já anunciou que toda a família foi morta! — disse Pekkala. — Por que Stalin reconheceria ter cometido

um erro? Faria mais sentido para ele matar o tsarévitch , em vez de confessar que tinha mentido.

— Talvez um dos guardas tenha se apiedado de Alexei. Talvez ele tenha sido poupado da execução e ocultado até que pudesse fugir em segurança. Se isso tivesse acontecido, não haveria mentira alguma. Moscou poderia dizer que simplesmente recebeu a informação errada. Afinal, Stalin deixar que Alexei viva significa que não temos mais medo do nosso passado. Os Romanov nunca mais governarão este país. Alexei não representa mais uma ameaça, e é por isso que vale mais para nós vivo que morto.

Kirov acabara de guardar a corda de reboque no carro. Fechou o bagageiro e aproximou-se dos irmãos. Não disse nada, mas claramente estivera prestando atenção à conversa.

— Qual é a sua opinião? — perguntou Pekkala.

A princípio, Kirov pareceu surpreso com a pergunta. Refletiu por alguns instantes antes de responder.

— Vivo ou morto, Alexei agora é só mais uma pessoa. Igualzinho a você ou a mim.

— O tsar gostaria que o filho tivesse uma vida assim — disse Pekkala —, e não só o filho, mas ele mesmo.

— Bem...? — Anton deu tapinhas no braço do irmão. — O que me diz?

Apesar de sua desconfiança instintiva, Pekkala não podia negar que a oferta de anistia era um indício significativo. Só um governo que confiasse em si mesmo poderia oferecer tal gesto a um ex-inimigo. Stalin tinha razão. O mundo não ficaria indiferente a isso.

Pekkala sentiu-se arrebatado pela possibilidade de que Alexei ainda estivesse vivo. Tentou reprimir-se, sabendo o quão perigoso era desejar ardentemente alguma coisa. Poderia obscurecer seu discernimento. Torná-lo vulnerável.

Mas, naquele momento, com o cheiro dos mortos ainda amargo em seus pulmões, a hesitação de Pekkala foi vencida pelo dever que sentia ter para com o tsarévitchê .

— Está bem — disse Pekkala. — Vou ajudar na procura de Alexei, estando ele vivo ou morto.

— Para onde vamos agora, chefe? — perguntou Kirov.

— O manicômio de Vodovenko — disse Pekkala. — Obviamente, aquele louco não é tão maluco quanto eles pensam que é.

Embora estivessem agora bem próximos de Sverdlovsk, com a cúpula dourada e em formato de cebola da igreja erguendo-se sobre os telhados a distância, decidiram-se por um caminho que contornava a estrada principal até a cidade, e continuaram indo para o sul, em direção a Vodovenko. Nos arredores de Sverdlovsk, pararam em um armazém de combustíveis para requisitar mais gasolina.

O armazém era pouco mais que um espaço cercado, dentro do qual havia uma cabana rodeada por uma barricada de tambores amarelos e sujos contendo combustível. O portão estava aberto e, quando o Emka entrou, o gerente do posto saiu da cabana, limpando as mãos em um trapo. Vestia um macacão azul, rasgado nos joelhos e tatuado por manchas de graxa.

— Bem-vindos ao Centro Regional de Transporte de Sverdlovsk — anunciou ele, sem entusiasmo, enquanto se aproximava com passos arrastados, passando por poças coloridas pelo combustível derramado. — Somos também o Centro Regional de Contato e Comunicação. — O gerente apontou para um telefone surrado pregado à parede dentro da cabana. — Gostariam de saber o título que me deram para comandar este lugar? Leva uns cinco minutos para eu dizer a porcaria inteira.

— Só queremos combustível. — Anton tirou do bolso um maço de cupons cor de tijolo. Folheou o maço rapidamente,

como um caixa de banco contando dinheiro, e entregou alguns deles.

Sem sequer olhar para eles, o gerente jogou os cupons em um tonel cheio de peças antigas de motor e trapos sujos de óleo. Então se virou para um tambor que tinha uma bomba afixada ao topo; pressionou a bomba manual para pressurizar o tambor de combustível, ergueu a pistola pesada e começou a encher o tanque de combustível do Emka.

— Aonde vocês estão indo? Pouca gente passa aqui de carro. Hoje em dia, todo mundo vai de trem.

— Ao manicômio de Vodovenko — respondeu Kirov.

O gerente fez que sim, carrancudo.

— Que caminho vão tomar?

— A estrada que vai para o sul dá direto lá — respondeu Kirov.

— Ah — murmurou o homem. — Um engano perdoável, visto que vocês não são daqui.

— Como assim, “um engano”?

— Bom, acho que verão que a estrada... ahn... não está lá.

— Do que está falando? — perguntou Anton. — Eu a vi no mapa.

— Ah, ela existe — assegurou-lhe o gerente. — Só que... — hesitou — não há terras para o sul.

— Não há terras? Você perdeu a cabeça, foi?

— O mapa está com vocês? — perguntou o gerente.

— Sim.

— Então deem uma olhada nele e vão entender o que estou falando — afirmou.

Com o gerente de pé ao seu lado, Anton abriu o mapa sobre o capô do carro. Levou alguns segundos olhando para o papel antes de se orientar.

— Aqui está a estrada — disse Anton, correndo o dedo sobre ela.

O gerente então deu uma pancadinha com um dedo sujo de óleo diesel sobre um grande espaço em branco que havia ao sul da cidade, no qual a artéria azul-escura da estrada se transformava numa linha pontilhada.

— Não tinha percebido — disse Anton. — O que isso quer dizer?

Pelo olhar que viu no rosto do gerente, ficou claro que ele sabia, mas não tinha qualquer intenção de dizer.

— Faça a volta — disse, apontando para outra estrada que serpeava em direção ao sul e então dava a volta, finalmente entrando em Vodovenko.

— Mas isso vai levar dias! — disse Anton. — Não temos todo esse tempo.

— Faça o que achar melhor — respondeu o gerente.

— O que você não está querendo nos contar? — perguntou Pekkala.

O gerente levantou outra lata de combustível e colocou-a nos braços de Pekkala.

— Leve isso com você, só por precaução — disse.

A tarde caía quando chegaram às margens daquele vazio demarcado no mapa; lá toparam com uma barreira, um tronco de árvore atravessando a estrada, o qual batia na cintura, apoiado de ambos os lados por duas estruturas de madeira em forma de X.

Havia um guarda de pé no meio da estrada, que estendeu o braço indicando que parassem o carro. Na outra mão segurava um revólver preso a uma corda pendurada no pescoço. Suas orelhas quase não se destacavam da cabeça, o que lhe dava um ar de predador. No colarinho, usava os retângulos vermelhos esmaltados de um policial.

Outro homem cochilava na escuridão do posto, braços cruzados e cabeça pendendo sobre o ombro.

Pekkala percebeu que para além da barreira os campos eram verdes e cultivados. A distância, os telhados de palha de um vilarejo pareciam em brasa sob o sol do meio-dia.

Anton percebera a mesma coisa.

— De acordo com o mapa — disse —, aquele vilarejo não existe.

Kirov parou o carro, mas não desligou o motor.

O policial veio até sua janela.

— Fora! — disse. — Vocês três.

Nisso, um segundo guarda saía do posto. Tinha olhos grandes e encovados, e uma barba negra que crescia de modo irregular em seu rosto. Afivelou o cinto com a arma no coldre e juntou-se ao companheiro do lado do carro.

Enquanto Anton, Pekkala e Kirov aguardavam em pé na beira da estrada, os dois guardas revistaram o veículo. Abriram as latas de combustível e cheiraram o líquido que havia dentro. Inspeccionaram as latas de ração de carne do exército. Remexeram os rolos da corda áspera de cânhamo. Não encontrando nada, o primeiro guarda finalmente se dirigiu aos três homens.

— Vocês se perderam — disse.

— Não — respondeu Kirov —, estamos indo para Vodovenko.

— Não estou perguntando se se perderam. Estou informando.

— Por que não há nada no mapa? — perguntou Anton.

— Não tenho autorização para responder essa pergunta — disse o policial. — Você não tem nem permissão para perguntar.

— Mas como fazemos então? — perguntou Anton. — Essa é a única estrada que vai para o sul.

— Vão ter de voltar — disse o policial. — Voltem pelo caminho que vieram. Uma hora vocês vão chegar num cruzamento. De lá, podem ir para o norte. E então — agitou

as mãos no ar —, depois de algumas horas, vão encontrar outra estrada que vai para o leste.

— Mas isso vai levar horas! — exclamou Kirov.

— Sim, então quanto mais cedo vocês partirem...

Anton vasculhou o bolso da túnica.

Nisso, o segundo guarda lentamente levou a mão até o coldre e abriu a aba que cobria o revólver.

Anton tirou um maço de documentos datilografados num papel fino e desbotado, acinzentado e meio transparente, o último deles com uma assinatura ao pé da página, ladeada por uma mancha de tinta que ensopara o papel.

— Leia isto — disse.

O policial pegou os papéis. Olhou para os três homens, um de cada vez.

O motor do Emka gorgolejava pacientemente, enchendo o ar com o cheiro de fumaça do escapamento.

O segundo guarda inclinou-se sobre o ombro do policial, lendo os documentos que Anton lhes entregara. Emitiu um leve ruído de engasgo.

— O Olho de Esmeralda — disse.

Num fim de tarde de setembro, Pekkala foi intimado a comparecer ao Palácio de Catarina, que ficava no mesmo terreno da propriedade real Tsarskoye Selo.

Pekkala chegou atrasado. Naquela tarde, em Petrogrado, ele testemunhara no julgamento de Grodek. As audiências haviam tomado mais tempo do que o esperado. Quando o tribunal liberou Pekkala do banco de testemunhas, a hora marcada já havia passado.

Imaginou que o tsar não o esperaria acordado e que havia se retirado para seus aposentos. Sem ter como confirmar a suposição e sem fazer ideia do que o tsar queria, Pekkala decidiu ir ao palácio mesmo assim. Em seus dois anos como Investigador Especial do Tsar, Pekkala fora muitas vezes intimado sem ser informado sobre o objetivo de sua visita. O tsar não gostava que o fizessem esperar. Era um homem de hábitos disciplinados, tendo seus dias rigidamente estruturados entre reuniões, refeições, exercícios físicos e o tempo dedicado à família. Qualquer um que perturbasse esse equilíbrio não era tratado com muita gentileza.

Para surpresa de Pekkala, o criado que o recebeu no Palácio de Catarina explicou que o tsar o estava esperando. A surpresa seguinte veio quando o criado lhe disse que o tsar o aguardava na Sala de Âmbar.

A Sala de Âmbar era diferente de qualquer outro lugar na Terra. Pekkala já a ouvira ser chamada de oitava maravilha do mundo. Poucas pessoas de fora da família do tsar

podiam entrar lá. Não era uma sala grande, tendo pouco mais de cinco metros de largura por oito de comprimento, e o pé-direito equivalia a dois homens altos, um em cima do outro. Em comparação com outras salas do Palácio de Catarina, tampouco se tinha acesso, das janelas alinhadas em uma das paredes, à vista mais espetacular. O que tornava aquela sala tão notável eram as próprias paredes. Os painéis que as cobriam do chão ao teto eram incrustados com mais de meio milhão de peças de âmbar. Mosaicos de madeira no chão espelhavam aquela vertiginosa colagem de fragmentos, e uma caixa de vidro em um canto continha badulaques feitos de seiva fossilizada: charuteiras, caixinhas de música, escovas de cabelo e um conjunto completo de peças de xadrez de âmbar esculpido.

Quando a luz entrava pelas janelas, as paredes brilhavam como se estivessem em brasa, radiando chamas frias de suas profundezas. Em momentos assim, o âmbar parecia quase uma janela para um mundo em que o sol estava eternamente se pondo.

Apesar de tantas vezes se ver cercado pelas posses inestimáveis do tsar, Pekkala não as cobiçava. Crescera numa casa onde a beleza era encontrada na simplicidade. Ferramentas, móveis e talheres eram apreciados por não serem frívolos. Para Pekkala, grande parte do que o tsar possuía não passava de coisas sem a menor utilidade prática.

A falta de interesse de Pekkala por tanta riqueza deixava o tsar perplexo. Estava acostumado à inveja dos outros, e o fato de Pekkala não o invejar era fonte de preocupação. Ele tentava fazer Pekkala interessar-se pelo marchetado de marfim e ébano de uma mesa, ou por um conjunto de pistolas de duelo de cano de aço damasquino, chegando até a oferecê-las como um presente a ele. Pekkala normalmente recusava, aceitando apenas pequenas

lembranças, e isso unicamente quando o tsar não aceitava a recusa. No fim das contas, era o tsar que invejava Pekkala, e não o contrário, não por causa do que ele tinha, mas por causa do que ele não precisava.

Mas a Sala de Âmbar se destacava entre todos os outros tesouros do tsar. Nem mesmo Pekkala podia negar o feitiço com que a sala parecia prender todos que a viam.

Ao passar pelas salas de jantar Branca e Carmesim, Pekkala percebeu um homem alto em uniforme militar saindo da Sala de Âmbar. O homem fechou a porta atrás de si e, lépido, cruzou a passos largos a galeria de retratos.

Quando o homem se aproximou, Pekkala reconheceu o uniforme de talhe justo e a marcha de pernas levemente arqueadas de um oficial da cavalaria. Seu rosto era magro e marcado por um bigode rígido e encerado.

Ele passou direto por Pekkala, sem ao menos cumprimentá-lo, mas então pareceu mudar de ideia e parou.

— Pekkala? — perguntou.

Pekkala virou-se e ergueu uma das sobrancelhas, esperando que o homem se identificasse.

— Major Kolchak! — disse o homem, a voz mais alta do que seria necessário no espaço confinado da galeria. Estendeu a mão. — Que bom encontrar você.

— Major — disse Pekkala, e apertou a mão estendida. Não queria ofendê-lo admitindo que jamais ouvira falar nele.

— Creio que está sendo esperado. — Kolchak acenou com a cabeça na direção da Sala de Âmbar.

Pekkala bateu à porta e entrou na sala.

Sem o sol brilhando através das janelas abertas, as paredes de âmbar pareciam mosqueadas e banais. À meia-luz, a superfície polida fazia as paredes parecerem molhadas, e era como se ele tivesse entrado sem querer em uma caverna, não em uma sala do Palácio de Catarina.

O tsar estava sentado em uma cadeira perto da janela. Ao lado da cadeira havia uma mesa pequena, sobre a qual uma vela queimava em um castiçal. O objeto tinha a forma de um cachorro uivando para a lua, com a vela presa entre os dentes. Dois livros estavam empilhados com perfeição ao seu lado.

Apenas na esfera do alcance da vela, o âmbar parecia brilhar. O próprio tsar mais parecia um espectro, flutuando na escuridão. Em seu colo, havia uma pilha de documentos — algo comum, já que ele não tinha secretário. Isso significava que, apesar de sua meticulosidade, o tsar muitas vezes se via com mais papéis do que podia lidar.

— Encontrou-se com o major Kolchak? — perguntou o tsar.

— Só brevemente — respondeu Pekkala.

— Kolchak é um homem muito engenhoso. Dei-lhe a tarefa peculiar de proteger minhas reservas financeiras particulares. Caso haja alguma emergência, eu e ele combinamos de escondê-las em um lugar que, se Deus quiser, não serão encontradas até que eu necessite delas. — O tsar levantou a pilha de documentos e deixou-a cair no chão com um baque. — Bem — disse. — Você está atrasado.

— Peço desculpas, Excelência — respondeu Pekkala, e estava prestes a explicar o motivo quando o tsar o interrompeu.

— Como foi o julgamento?

— Longo, Excelência.

O tsar fez um gesto indicando os dois livros.

— Tenho algumas coisas para você.

Agora, olhando com mais atenção, Pekkala percebeu que não eram livros, e sim caixas de madeira.

— Vá em frente, abra — incitou o tsar.

Pekkala pegou a primeira caixa, que era menor que a de baixo. Abrindo, viu pela primeira vez o emblema que se

tornaria sua marca registrada nos anos seguintes.

— Cheguei à conclusão — declarou o tsar — de que o título de Investigador Especial não tem... — torceu a mão no ar, como os tentáculos de um polvo varrendo uma corrente oceânica — ... não tem a solenidade devida para o cargo que você ocupa. Existem outros investigadores especiais em minha força policial, mas nunca houve um cargo exatamente como o seu antes. Foi meu avô quem criou a Gendarmerie, e meu pai fundou a Okhrana. E você é minha criação. Você é único, Pekkala, e único também é esse distintivo que você usará de hoje em diante. Já percebi, assim como outras pessoas, um certo tom prateado em seu olhar. Nunca vi nada igual. Alguém poderia pensar que você sofre de algum tipo de cegueira.

— Não, Excelência. Não tenho problemas de visão. Sei do que está falando — Pekkala trouxe uma das mãos para perto dos olhos, como se quisesse tocar a luz que parecia emanar deles. — Mas não sei por que tenho isso.

— Vamos chamar de destino — disse o tsar. Levantou-se da cadeira e, tirando a insígnia da almofada de veludo, prendeu-a ao tecido sob a lapela direita do paletó de Pekkala. — Você será conhecido de hoje em diante como o Olho de Esmeralda. De agora em diante, terá autoridade absoluta no cumprimento de seus deveres. Nenhum segredo lhe será ocultado. Não há documentos que, solicitados por você, não possa ver. Não há porta pela qual não possa passar sem aviso prévio. Pode requerer qualquer meio de transporte imediatamente se considerar necessário. Está livre para ir e vir aonde e quando bem entender. Pode prender qualquer pessoa que suspeite ser culpada de um crime. Inclusive eu mesmo.

— Excelência... — Pekkala começou a dizer.

O tsar ergueu uma das mãos para silenciá-lo.

— Não pode haver exceção alguma, Pekkala. Caso contrário, não faria sentido. Entrego em suas mãos a segurança deste país e também a minha vida e a de meus familiares. O que nos leva à segunda caixa.

Colocando de lado a caixa agora vazia, na qual o emblema estivera guardado, o tsar abriu a caixa maior, que ainda estava sobre a mesinha de canto.

Em um estojo sob medida, estava o revólver Webley com cabo metálico.

— Meu primo, Jorge V, deu-me isto de presente.

Pekkala vira uma foto dos dois juntos pendurada na parede do escritório do tsar; o rei da Inglaterra e o tsar da Rússia, dois dos homens mais poderosos do mundo. A foto fora tirada na Inglaterra, com ambos em trajes formais de navegação, depois que o tsar velejara até lá em seu iate, o Estandarte. Os dois pareciam quase idênticos. Suas fisionomias eram iguais, a forma de suas cabeças, as barbas, as bocas, narizes e orelhas. Apenas seus olhos diferiam, sendo os do rei mais arredondados que os do tsar.

— Vamos — disse o tsar. — Pegue-o.

Pekkala retirou delicadamente o revólver da caixa. Era pesado, mas bem-equilibrado. Sentiu o frio do cabo metálico contra a palma da mão.

— A imperatriz quer se ver livre disso — comentou o tsar. — Diz que é muito “sauvage” para um homem como eu, embora eu não saiba o que ela quer dizer com isso.

Pekkala sabia exatamente o que aquilo queria dizer, vindo de uma mulher como a imperatriz, e ele suspeitou que o tsar soubesse também.

— Foi ela quem teve a ideia de entregar isso a você. E sabe o que eu disse a ela? Que para um homem como Pekkala, talvez não fosse “sauvage” o bastante. — O tsar riu, mas seu rosto ficou sério de uma hora para outra. — A verdade é, Pekkala, que se meus inimigos se aproximassem

de mim a ponto de me obrigarem a usar uma arma como essa, já seria tarde demais. É por isso que ela deve ser sua.

— É uma arma belíssima, Excelência, mas sabe como me sinto em relação a presentes.

— Quem é que falou em presente? Isso e o emblema são as ferramentas do seu trabalho, Pekkala. Estou lhe entregando essas ferramentas da mesma maneira que qualquer soldado recebe aquilo de que precisa para trabalhar. Farei com que 5 mil cartuchos da munição correta lhe sejam entregues antes de amanhã à noite. Isso deve bastar por algum tempo.

Pekkala concordou com a cabeça e estava prestes a se retirar quando o tsar lhe falou mais uma vez.

— Esse episódio do Grodek o fará famoso, Pekkala. É inevitável. A publicidade foi muito grande desde que você o prendeu. Algumas pessoas têm necessidade de fama. Fazem o que for preciso para obtê-la. Traem qualquer um. Humilham a si mesmas e quem estiver perto delas. Ser odiado ou amado não faz diferença. O que elas querem é ser conhecidas. É um vício triste, e elas chafurdam nessa lama a vida inteira, como porcos. Mas se você é o homem que penso que é, não vai gostar da fama.

— Sim, Excelência.

O tsar segurou Pekkala pelos braços.

— E é por isso que considero você um amigo.

O policial folheou os documentos.

— Operações Especiais — murmurou ele.

— Você viu quem assinou esses papéis? — perguntou o segundo guarda.

— Cala a boca — disse o policial. Ele dobrou os papéis e devolveu-os a Anton. — Vocês podem passar.

O segundo guarda recolocou a arma no coldre.

— Não contem a ninguém o que virem além desta barreira — disse o policial. — Devem seguir sempre reto. Não podem parar. Não podem falar com ninguém. É importante que pareçam normais. Quando deixarem o vilarejo para trás, chegarão a outra barreira. Não devem jamais contar o que viram aqui. Entendido?

— Que diabos tem aí? — perguntou Kirov. Seu rosto empalidecera.

— Logo vão saber — respondeu o policial —, mas ainda há tempo para mudarem de ideia.

— Não temos tempo — disse Anton.

— Muito bem — disse o guarda. Virou-se para o parceiro. — Pegue as maçãs — disse.

O segundo homem desapareceu dentro do posto e voltou trazendo uma caixa de madeira, que colocou sobre o capô do carro. Na caixa, aninhadas em um tecido preto almofadado, estavam meia dúzia de maçãs perfeitas. Entregou uma a cada um dos homens.

Foi só quando Pekkala sentiu a maçã na mão que percebeu que era feita de madeira e que fora

cuidadosamente pintada.

— O que está havendo? — perguntou Kirov.

— Quando passarem pela cidade — disse o guarda —, devem segurar essas maçãs nas mãos como se estivessem prestes a comer. Não se esqueçam de deixá-las à vista. A maçã é um sinal para as pessoas da cidade de que vocês foram autorizados a passar. Se não fizerem exatamente o que digo, correm o risco de levarem tiros.

— Por que não podemos simplesmente falar com eles? — tentou Kirov, novamente.

— Sem mais perguntas — disse o policial. — Tudo o que têm a fazer é deixar que vejam as maçãs em suas mãos.

Os dois homens levantaram a pesada viga que bloqueava a estrada.

Kirov passou com o Emka.

Pekkala olhou a maçã com atenção. Tinha até mesmo uma folhinha verde pintada à mão sobre um pedúnculo de madeira.

Passaram por campos de um amarelo ofuscante, cheios de girassóis. Lá longe, por entre marés esverdeadas de cevada, puderam entrever os lenços brancos que cobriam as cabeças de mulheres em pé sobre carroças, empilhando cestas que homens lhes entregavam do chão.

— Aquelas cestas estão vazias — murmurou Kirov.

Quando entraram no vilarejo, depararam com uma multidão de pessoas. O lugar parecia limpo e próspero. As mulheres carregavam bebês em seus quadris. As vitrines das lojas estavam cheias de pães, frutas e cortes de carne. Não havia qualquer semelhança com as ruas enlameadas e os habitantes maltrapilhos de Oreshek.

Enquanto passavam, um aglomerado de homens e mulheres saiu da assembleia do vilarejo. Eram estrangeiros. Suas roupas e cortes de cabelo eram típicos da Europa ocidental e dos Estados Unidos. Alguns carregavam bolsas

de couro e câmeras fotográficas. Outros, cadernetas nas quais escreviam enquanto andavam.

Liderando o grupo, havia um homem pequeno com óculos redondos e um terno escuro que, pelo comprimento do paletó e pelo grande tamanho da lapela, era claramente de origem russa. Ele sorria. Gesticulava para um lado e depois para o outro, e as cabeças dos estrangeiros giravam para lá e para cá, seguindo suas mãos esticadas, como se estivessem em um transe induzido pela oscilação do pêndulo de um hipnotizador.

— Jornalistas — murmurou Anton.

O homem de terno escuro deu as costas ao rebanho que liderava e encarou o carro que passava. Com as costas viradas para os jornalistas, o sorriso sumiu de seu rosto e foi substituído por um olhar ameaçador.

Anton acenou, com a maçã de madeira firmemente segura em seu punho.

Colocando uma pequena câmera na altura do olho, um jornalista tirou uma foto do carro em movimento.

Os outros jornalistas se inclinaram para a frente, espichando os pescoços como pássaros, para ver o interior do veículo.

O homem de terno voltou-se para os jornalistas e nisso o sorriso reapareceu em seu rosto, como o sol saindo detrás de uma nuvem.

Pekkala olhou atentamente para as pessoas que andavam para lá e para cá nas ruas. Todas pareciam muito felizes. Então reparou em um homem sentado sozinho em um banco, fumando cachimbo. E em seu olhar não havia nada senão medo.

Havia uma estação ferroviária no outro lado da cidade. O único trilho terminava em um desvio e em uma meia-volta a locomotiva podia voltar por onde viera. O trem fora preparado para sua jornada de volta, para onde quer que

isso fosse. Cortinas negras cobriam as janelas dos dois vagões, cujas laterais verde-oliva eram enfeitadas com tinta azul-marinho. A lateral de cada vagão era ornada com foice e martelo, cercados por uma grande estrela vermelha.

Quatro homens que estavam sentados na beira da plataforma, pernas balançando sobre os trilhos, de repente levantaram de um pulo ao perceberem o carro se aproximando, pegaram vassouras e imediatamente começaram a varrer a plataforma. Pararam de varrer enquanto encaravam os ocupantes do carro. Eles pareciam confusos. Ainda olhavam enquanto o carro saía de seu campo de visão em direção à segunda barreira.

A estrada mergulhava em um túnel subterrâneo, onde subitamente se viram diante de outra trave pesada de madeira que atravessava a estrada.

Kirov freou rapidamente, e o carro derrapou antes de parar.

Os guardas os esperavam.

— Parou o carro alguma vez? — perguntou o homem no comando.

— Não — respondeu Kirov.

— Falaram com alguém?

— Não.

Kirov mostrou a maçã de madeira.

— Quer que devolva isso aqui? — perguntou.

As maçãs foram recolhidas e, quando a viga foi levantada, Kirov pisou tão forte no acelerador que as rodas do Emka giraram em falso no chão de terra.

Emergindo do túnel, Pekkala olhou para trás e entendeu por que aquele local fora escolhido. Dos trilhos do trem não se podia ver a barreira caso algum dos estrangeiros conseguisse olhar além das cortinas negras que tapavam sua visão. Perguntou-se qual seria a história inventada pelas autoridades para justificar as cortinas fechadas, e se os

jornalistas do ocidente acreditavam no que lhes era mostrado.

Adiante, a terra voltava a ser como antes: os campos sem cultivo, fileiras de árvores frutíferas mortas rasgando o céu com galhos sem folhas como ossos, e casas cujos tetos malcuidados pendiam tortos.

Subitamente, Kirov deu uma guinada, saindo da estrada.

Os dois irmãos se chocaram e praguejaram.

Assim que o carro parou, Kirov saltou e caminhou campo adentro, deixando a porta aberta. Ficou de costas para o carro, fitando a paisagem vazia.

Antes que Pekkala pudesse fazer a pergunta, Anton começou a explicar:

— Depois da revolução, o governo ordenou que todas as fazendas fossem coletivizadas. Os proprietários originais foram fuzilados ou enviados para a Sibéria. As pessoas que ficaram no comando não sabiam como administrar as fazendas, então as safras se perderam. Houve uma grande fome. Cerca de 5 milhões de pessoas morreram sem ter o que comer.

Pekkala soltou o ar por entre os dentes cerrados.

— Talvez mais do que cinco — continuou Anton. — Nunca saberemos os números exatos. Quando a notícia da fome se espalhou pelo mundo, o governo simplesmente negou. Foram construídas várias destas cidades-modelo. Jornalistas estrangeiros são convidados a viajar pelo país. São bem alimentados. Recebem presentes. É dito a eles que a fome é uma invenção da propaganda antissoviética. A localização desses vilarejos é secreta. Eu não sabia que esta era uma delas até entrarmos.

— Acha que esses jornalistas acreditaram no que estavam vendo? — perguntou Pekkala.

— Nem todos, mas o bastante. As pessoas podem sentir compaixão pela morte de uma pessoa, cinco, dez, mas para

elas um milhão de mortes não passa de estatística. Sempre que houver possibilidade de dúvida, escolherão acreditar naquilo que é mais fácil. É por isso que você e o seu tsar não tinham a menor chance contra nós na revolução. Vocês estavam firmemente decididos a acreditar que a capacidade que o homem tem para a violência tem limites. O tsar morreu acreditando que, por amar seu povo, o amor era correspondido. E veja no que deu.

Pekkala ficou em silêncio. Olhou para as mãos e fechou-as, formando dois punhos.

Quando Kirov voltou para o carro, Pekkala e Anton ficaram surpresos ao ver que ele sorria.

— É bom ver que está tão animado — disse Anton, quando Kirov pegou a estrada novamente.

— Por que eu não estaria? — perguntou Kirov. — Não entende a genialidade do que vimos ali atrás? No Instituto nos ensinaram que às vezes é necessário mostrar a verdade sob um ângulo diferente.

— Você quer dizer mentir — disse Pekkala.

— Uma mentira provisória — explicou Kirov. — Algum dia, na hora certa, tudo será explicado.

— Você acredita nisso? — perguntou Pekkala.

— É claro! — respondeu com entusiasmo. — Acontece que eu nunca imaginei que veria com meus próprios olhos.

Pekkala levou a mão ao bolso e tirou a maçã de madeira que recebera no posto de fronteira e não devolvera. Jogou-a no colo de Kirov.

— Aqui está uma lembrancinha — disse — da sua visita à cidade das mentiras provisórias.

Anton esticou o braço e deu um soquinho no ombro do irmão.

— Bem-vindo à revolução! — disse.

Mas Pekkala não pensava na revolução. Seus pensamentos pairavam em uma época mais antiga, quando

as maçãs como aquela eram de verdade.

Ele encontrou o tsar cortando lenha do lado de fora das estufas do Tsarskoye Selo, que eram conhecidas como Laranjais.

Quando saiu para o terraço do Palácio de Catarina, não conseguindo encontrar o tsar em nenhum dos cômodos, ouviu a distância o som ritmado de um machado cortando madeira seca.

Pela maneira com que o machado era usado — rápida, sem hesitação, e sem o baque pesado de alguém aplicando mais força que o necessário para partir o tronco —, Pekkala soube que era o tsar.

O tsar gostava de fazer exercícios, mas não sem um objetivo. Preferia fazer algo que considerasse útil, como remover neve com uma pá, limpar junco das margens das lagoas. Mas sua ocupação favorita era simplesmente esconder-se atrás dos Laranjais e mergulhar em pensamentos enquanto manejava o machado.

Era um dia frio em fins de setembro. A primeira neve do inverno havia caído e a terra estava dura e congelada. Dentro de alguns dias, provavelmente, derreteria de novo. As estradas e veredas virariam lama. Pekkala notara que aquela era uma época especial para os habitantes de Petrogrado. Suas energias renovavam-se, reabastecendo o que lhes fora roubado pelos opressivos meses de verão.

O tsar estava nu da cintura para cima. À sua esquerda havia uma pilha bem organizada de toras, cada uma cerca de metade do tamanho da perna de um homem. À direita,

um amontoado de toras partidas em quatro para a queima. No meio, o tsar usava um toco de árvore como plataforma de corte. Pekkala admirou a precisão do trabalho do tsar, o jeito que posicionava cada tora para o corte, como erguia o machado, o cabo de freixo escorregando entre suas mãos fechadas até que chegasse ao centro da curvatura do cabo. Então vinha o vigoroso golpe, quase rápido demais para ver, e a tora se partia como os gomos de uma laranja.

Pekkala esperou à margem da clareira até que o tsar parasse para limpar o suor do rosto. Então deu um passo à frente e pigarreou.

O tsar girou sobre os calcanhares, surpreso. De início, pareceu irritado com a interrupção, mas seu semblante se suavizou ao perceber quem era.

— Ah, é você, Pekkala. — Deixou o machado cair no toco de árvore. A lâmina penetrou na madeira e, quando ele o largou, o machado permaneceu na mesma posição, suspenso obliquamente sobre a plataforma de corte. — O que o traz aqui hoje?

— Vim pedir um favor, Excelência.

— Um favor? — O tsar bateu uma mão na outra, como se pudesse limpar a vermelhidão de suas palmas. — Bom, já estava passando da hora de você me pedir alguma coisa. Estava começando a desconfiar de que eu não tinha qualquer utilidade para você.

— Qualquer utilidade para mim, Excelência? — Ele nunca pensara sob aquela perspectiva.

O tsar sorriu pela perplexidade de Pekkala.

— Do que gostaria, meu amigo?

— De um barco.

O tsar ergueu as sobrancelhas.

— Bom, acho que podemos providenciar isso. Que tipo de barco? Meu iate, o Estandarte? Ou algo maior? Precisa de algum tipo de embarcação militar?

— *Preciso de um barco a remo, Excelência.*

— *Um barco a remo.*

— *Sim.*

— *Um simples barco a remo? — O tsar não conseguia esconder a decepção.*

— *E remos, Excelência.*

— *Deixe-me adivinhar — disse o tsar. — Você quer dois remos.*

Pekkala fez que sim.

— *É tudo o que quer de mim?*

— *Não, Excelência — respondeu. — Também preciso de um lago para pôr o barco.*

— *Ah — resmungou o tsar — agora melhorou, Pekkala.*

Dois dias depois, logo após o pôr do sol, Pekkala remou para dentro de um lago conhecido como a Grande Lagoa, na margem sul da propriedade Tsarskoye Selo. Ilya estava sentada na popa do barco, de olhos vendados.

Era uma tarde fresca, mas não fria. Dentro de um mês, o lago estaria inteiramente congelado.

— *Quando vou poder tirar isso? — Antes que ele tivesse chance de responder, ela fez outra pergunta. — Aonde estamos indo?*

Ele abriu a boca para responder.

— *Tem mais alguém neste barco? — perguntou ela. — Por que não me responde?*

— *Respondo assim que você deixar — disse ele. — As respostas são: não demora, não vou dizer e não.*

Ilya suspirou e juntou as mãos sobre o colo.

— *E se um dos meus estudantes me vir? Vai pensar que estou sendo sequestrada.*

— *Eu te amo — disse Pekkala. Ele planejava dizer isso bem mais tarde, mas as palavras saíram de sua boca como se tivessem vontade própria.*

— O quê? — perguntou ela, a voz ficando subitamente mais suave.

— Você me ouviu.

Ela engoliu em seco.

Pekkala se perguntou se havia cometido um erro.

— Bom, já estava passando da hora — disse ela.

— Você é a segunda pessoa que me diz isso esses dias.

— Eu também te amo — disse ela.

A proa do barco bateu nas margens de uma ilha chamada “O Salão”, que ficava no meio da Grande Lagoa. Um grande pavilhão fora construído na ilha, tomando a maior parte da superfície, de modo que o próprio pavilhão parecia flutuar sobre as águas.

Pekkala puxou os remos, as gotículas d’água caindo dos nós cabeça de turco que haviam sido amarrados logo depois dos cabos dos remos. Então ajudou Ilya a descer do barco. Ela ainda estava vendada, mas já não reclamava, e mesmo as queixas de antes não tinham sido a sério. Ele a guiou até o pavilhão, no qual havia uma única mesa com duas cadeiras. Um lampião sobre a mesa lançava um círculo de luz ao redor e os encostos das cadeiras faziam sombras como os arcos de trepadeiras retorcidas.

Quando ela se sentou, ele ergueu as cúpulas de prata que cobriam os pratos. Ele próprio cozinhara aquela refeição: frango à Kiev, recheado com manteiga e salsa, cogumelos cozidos até que perdessem metade do tamanho e misturados em um molho de nata e conhaque, feijões, finos como agulhas de costura, e batatas grelhadas com alecrim. A tsarina contribuía com uma garrafa de Grande Dame Veuve Clicquot. Ao lado do lampião, havia uma tigela cheia de maçãs perfeitas, que eles comeriam com queijo na sobremesa.

Os pratos haviam sido dispostos sobre anéis de prata, erguendo-os pouco acima do nível da mesa, e a refeição

mantida quente por velas postas embaixo.

Pekkala então retirou as velas e os anéis de prata, colocando os pratos sobre a mesa.

Ele inspirou o ar, examinando a arrumação da mesa para ter certeza de que tudo estava em seu devido lugar. Durante os dois últimos dias estivera tão ocupado com os detalhes daquela refeição que não tivera tempo de ficar nervoso. Mas agora estava muito nervoso. Então soltou o ar.

— Pode tirar a venda agora — disse.

Ela olhou para o prato, então para ele, para o pavilhão à sua volta, para a escuridão como cortinas de veludo.

Pekkala observou-a, inquieto.

— Não precisava ter tido esse trabalho todo — disse ela.

— Bem, eu sei, mas...

— Você já tinha me conquistado com o primeiro rangido dos remos.

Kirov agora segurava a maçã de madeira enquanto dirigia; a outra mão agarrando o volante.

— Não é linda? — disse ele. — Vivemos uma época maravilhosa!

O sanatório de Vodoenko reinava sozinho no topo de uma colina exposta ao vento. Somente uma estrada levava à imponente estrutura de pedra. A colina não tinha qualquer vegetação, e toda terra à sua volta fora arada.

— Por que fizeram isso? — perguntou Kirov. — Estão plantando alguma coisa?

Foi Anton quem respondeu.

— É para as pegadas de quem fugir poderem ser vistas.

Chegaram a um posto de controle na base da colina.

Guardas armados inspecionaram seus papéis, ergueram a barra amarela e preta que servia de barreira e lhes deram passagem.

Duas portas de aço na entrada de Vodoenko se abriram. O Emka entrou em um pátio.

As paredes do sanatório pareciam inclinar-se sobre eles. Na frente de cada janela, presas por parafusos a um palmo de distância da parede, grandes placas de metal impediam qualquer visão.

Kirov desligou o motor.

Eles não esperavam o silêncio que os recebeu, mas aquele não era o silêncio de um lugar vazio. Em vez disso, era como se tudo o que havia dentro daquele prédio estivesse prendendo a respiração.

Na mesa da recepção, um funcionário reexaminou os documentos. Era um homem de rosto largo, com uma juba de cabelos ruivos e sardas cor de ferrugem que constelavam sua face. O nariz fora quebrado e cicatrizara de um jeito torto. Ele pegou um arquivo e deslizou-o sobre o balcão.

Pekkala viu a fotografia de um homem que parecia atormentado, grampeada no canto superior esquerdo, e um nome escrito no topo: Katamidze.

O funcionário pegou um telefone e mandou que o paciente fosse levado a uma sala segura.

Pekkala perguntou-se o que “segura” significaria, em um lugar que já era uma prisão.

— Vocês precisam entregar suas armas — disse o funcionário.

Dois Tokarevs e o Webley retiniram sobre o balcão.

O funcionário fitou Webley. Deu uma olhada em Pekkala, mas não disse nada. As armas foram guardadas em um armário de metal. Então o funcionário levantou da mesa, deu a volta até um conjunto de portas de metal, abriu um trinco e fez sinal com a cabeça para que entrassem.

Pekkala virou-se para Anton e Kirov.

— Esperem por mim aqui — disse.

Anton pareceu aliviado.

— Eu não me importo de entrar — disse Kirov. — Na verdade, eu...

— Não — disse Pekkala.

Anton tocou Kirov no ombro.

— Vamos lá, Júnior. Vamos sair para você fumar aquele seu cachimbinho elegante.

Kirov lançou-lhe um olhar furioso, mas obedeceu.

Quando Pekkala passou para o outro lado da porta blindada, o funcionário seguiu-o e trancou-a com uma chave que guardava no cinto.

Ao dar o primeiro passo adentrando os corredores de Vodovenko, Pekkala começou a suar. Tudo começou com o piso, que era coberto por uma grossa camada de feltro cinza. O piso absorvia o ruído de seus passos e parecia sugar de seu corpo até mesmo a suave batida de seu coração. Inundavam seus sentidos os cheiros de sabão de alcatrão de hulha, de alimentos cozidos até virar pasta, de excrementos e, perpassando e reunindo tudo, o fedor do suor de pessoas que viviam sempre com medo.

Portas se enfileiravam nos corredores. Tinta azul ovo de pato grudava em camadas no metal. Todas estavam fechadas e cada uma delas tinha uma fenda de observação, coberta por uma aba deslizante. Sob essa fenda, como uma boca que não sorri, cada porta também tinha uma entrada para a comida.

Pekkala parou. As pernas se recusaram a continuar. O suor pingava da mandíbula. Seu hálito era quente como carvão em brasa na garganta.

— Você está bem? — perguntou o funcionário.

— Acho que sim — respondeu Pekkala.

— Você já esteve aqui antes — disse o funcionário. — Aqui ou em algum lugar parecido. Eu sei como vocês ficam quando voltam.

O funcionário levou-o a uma sala dois andares abaixo. Tinha um teto baixo, pouco mais de um palmo acima da cabeça de Pekkala. Havia uma cadeira de metal exatamente no centro da sala, ancorada ao chão de concreto por colchetes em forma de L, através dos quais parafusos haviam sido fixados no chão.

A única luz na sala vinha do teto, diretamente acima da cadeira, onde uma lâmpada exposta pendia dentro de uma gaiola de metal.

Um homem estava sentado na cadeira, com correntes que prendiam cada pulso às pernas dianteiras da cadeira.

Era um homem alto e fora acorrentado de maneira tal que o obrigava a se inclinar como um velocista agachado antes do início da corrida.

Cabelos sujos e encanecidos saíam dos lados da cabeça, deixando uma vasta careca no meio. Tinha orelhas grandes, e grande era também o queixo macio e arredondado, salpicado por uma barba de dois dias por fazer. Os olhos do homem, sob uma testa rasa, tinham o tom azul acinzentado dos de um recém-nascido.

Katamidze vestia o mesmo tipo de pijama de algodão bege que Pekkala vestira no início de sua jornada até o gulag. Lembrou-se da humilhante finura do tecido, de como se grudava na parte de trás das pernas quando ele suava e da ilógica ausência de um cordão, de modo que o prisioneiro era obrigado a segurar as calças o tempo todo.

— Katamidze — disse o funcionário —, tenho uma visita para você.

— Esta não é minha cela normal — respondeu o homem.

— Vamos, Katamidze — disse o funcionário. — Está vendo o homem que eu trouxe para te visitar?

— Sim, vejo. — Seus olhos fixaram-se em Pekkala. — Então você é o Olho de Esmeralda?

— Sim — disse Pekkala.

— Prove — disse Katamidze.

Pekkala levantou a lapela. A esmeralda lampejou no clarão da lâmpada engaiolada.

— Disseram-me que você estava morto.

— Um leve exagero — respondeu Pekkala.

— Eu disse que só falaria com você. — Katamidze olhou para o outro homem. — Em particular.

— Muito bem — disse Pekkala.

— Não estou autorizado a deixá-lo sozinho com o paciente — disse o funcionário.

— Eu não quero ser libertado — disse Katamidze. Depois que terminou a frase, a boca continuou mexendo, mas sem emitir qualquer som.

Pekkala observou as palavras que se formavam nos lábios e percebeu que Katamidze estava repetindo as últimas palavras de cada frase, como um eco de si mesmo dentro da cabeça. Percebeu também que o tornozelo direito e o pulso esquerdo do prisioneiro estavam muito inchados nas partes em que estivera acorrentado à parede da cela.

— O regulamento não permite — disse o funcionário.

— Saia agora — respondeu Pekkala.

O funcionário parecia estar prestes a cuspir no chão.

— Está certo — disse —, mas esse homem é classificado como perigoso. Fique longe dele. Não assumo responsabilidade pelo que ele vai fazer com você caso se aproxime demais.

Quando os dois ficaram afinal a sós, Pekkala sentou no chão, de costas para a parede. Não queria que Katamidze sentisse que estava sendo interrogado.

— Em que estação estamos agora? — perguntou Katamidze.

— É quase outono — respondeu Pekkala. — As folhas estão começando a mudar de cor.

Um sorriso tremeluziu no rosto de Katamidze.

— Eu me lembro do cheiro das folhas no chão depois da primeira geada. Sabe, eu estava começando a acreditar quando me diziam que você estava morto.

— Eu estive morto, de certa maneira.

— Então deve agradecer-me, inspetor Pekkala, por trazê-lo de volta do mundo dos mortos! E agora você tem uma razão para viver.

— Sim — disse Pekkala. — Eu tenho.

Ilya e Pekkala estavam na plataforma lotada da estação ferroviária Nikolaevsky, em Petrogrado.

Era a última semana de fevereiro de 1917.

Regimentos inteiros do Exército — o Volhynian, o Semyonovsky, o Preobrazhensky — haviam se amotinado. Muitos dos oficiais já haviam sido fuzilados. Ouvia-se o estrépito das metralhadoras, vindo do Likjeiny Prospekt. Junto com o Exército, operários de fábricas em greve e marinheiros da ilha-fortaleza de Kronstadt tinham começado a saquear as lojas sistematicamente. Eles haviam tomado de assalto as delegacias da polícia de Petrogrado e destruído o Arquivo Geral dos Criminosos.

O tsar fora finalmente persuadido a enviar uma tropa de cossacos para lutar contra os revolucionários, mas a decisão veio tarde demais. Vendo que a revolução ganhava força, os próprios cossacos rebelaram-se contra o governo.

Foi nesse momento que Pekkala soube que tinha de mandar Ilya para fora do país, pelo menos até que a poeira baixasse.

O trem estava prestes a partir, indo para leste rumo a Varsóvia. De lá, iria para Berlim e a seguir para Paris, o destino de Ilya.

— Tome — disse Pekkala, e pôs a mão dentro da camisa. Puxou um cordão de couro que estava pendurado no pescoço. Preso ao cordão, havia um anel de sinete de ouro.

— Cuide disso para mim.

— Mas essa seria a sua aliança de casamento.

— Será — respondeu ele —, e quando nos virmos de novo, colocarei essa aliança e nunca mais tirarei do meu dedo.

A multidão fluía de um lado para outro, como se um vento a soprasse como palha em um campo.

Muitos dos que fugiam haviam trazido baús imensos, conjuntos de malas e até mesmo pássaros engaiolados. As bagagens eram puxadas por carregadores exaustos em seus casquetes e uniformes azuis-escuros com uma faixa vermelha, como um filete de sangue, descendo as laterais das calças. Havia gente demais. Era impossível mover-se sem trombar nos outros. Um por um, os passageiros deixavam suas bagagens e abriam caminho até o trem, com os bilhetes levantados acima das cabeças. Seus gritos erguiam-se mais alto que o ronco resfolegante da locomotiva a vapor, que se preparava para a partida. Lá em cima, sob o teto envidraçado, a condensação formava gotículas no vidro sujo e caía como uma chuva negra sobre os passageiros.

Um condutor inclinou-se para fora de uma das entradas do trem, um apito preso entre os dentes. Soprou três toques estridentes.

— É um aviso de dois minutos — disse Pekkala. — O trem não vai esperar. Você tem que ir, Ilya.

A multidão começou a entrar em pânico.

— Eu posso esperar pelo próximo trem — rogou ela. Nas mãos, apertava uma bolsa, feita de um tecido alcatifado com estampa alegre, contendo alguns livros, umas poucas fotos e uma muda de roupas.

— Pode não haver um próximo trem. Por favor. Você precisa ir agora.

— Mas como você vai me encontrar? — perguntou ela.

Ele sorriu vagamente, enquanto corria os dedos pelo cabelo de Ilya.

— Não se preocupe — disse. — Isso é o que eu faço de melhor.

— Como eu vou saber onde você está?

— Onde o tsar estiver, lá estarei eu.

— Eu devia ficar com você.

— Não. De jeito nenhum. A situação é muito perigosa. Quando as coisas se acalmarem, vou buscar você.

— Mas e se as coisas não se acalmarem?

— Então saio daqui. Vou ao seu encontro. Fique em Paris se puder, mas, onde quer que esteja, vou te encontrar. Então começaremos uma vida nova. De um jeito ou de outro, prometo que logo estaremos juntos.

O bramido daqueles que não tinham conseguido embarcar transformara-se num guincho constante.

Uma pilha de bagagem alta demais subitamente oscilou e tombou. Passageiros em casacos de pele se dispersaram. A multidão se fechou em torno deles.

— Agora! — disse Pekkala. — Antes que seja tarde demais.

— Tudo bem — disse ela, finalmente. — Não deixe que nada de ruim aconteça com você.

— Não se preocupe comigo — disse. — Embarque no trem.

Ela se distanciou em meio a um mar de pessoas.

Pekkala não saiu do lugar. Acompanhou a cabeça dela, mais alta que a dos outros. Quando estava quase no vagão, virou-se e acenou para ele.

Ele acenou de volta. Então a perdeu de vista quando uma maré de pessoas passou por ele no encalço de um boato de que outro trem havia chegado à estação na Finlândia, do outro lado do rio.

De repente, viu que fora arrastado até a rua.

Pekkala correu pela lateral da estação e, de uma rua logo depois do Nevski Prospekt, viu o trem partir. As janelas

estavam abertas. As pessoas debruçavam-se para fora, acenando para os que haviam deixado para trás na plataforma. Os vagões passaram velozes. Então, de repente, os trilhos estavam vazios e ouvia-se apenas o tropel ritmado das rodas, esmorecendo na distância.

Foi o último trem a sair.

No dia seguinte, os Vermelhos incendiaram a estação.

— O que você quer me contar, Katamidze?

— Eu sei onde eles estão — respondeu. — Os corpos dos Romanov.

— Sim — respondeu Pekkala. — Nós os encontramos. — Ele decidiu por enquanto não mencionar Alexei.

— E você encontrou minha câmera?

— Câmera? Não. Não havia câmera nenhuma na mina.

— Não na mina! No porão da casa Ipatiev.

O rosto de Pekkala ficou dormente.

— Você esteve na casa Ipatiev?

Katamidze fez que sim.

— Ah, sim. Sou fotógrafo — disse, como se isso explicasse tudo. — O único da cidade.

— Mas como você foi parar no porão? — perguntou Pekkala. De acordo com Anton, fora no porão que tinham encontrado os corpos dos guardas. Ele tentou aparentar calma, mesmo com o coração disparado.

— Para o retrato! — disse Katamidze. — Eles me chamaram. Eu tenho telefone. Pouca gente na cidade tem telefone.

— Quem ligou?

— Um oficial da Segurança Interna, a Cheka. Eram eles que guardavam o tsar e a família dele. O oficial disse que queriam que eu tirasse um retrato formal para mostrar ao país que os Romanov estavam sendo bem-tratados. Ele disse que seria publicado.

— Ele disse o nome?

— Não. Eu não perguntei. Só disse que era da Cheka.

— Você sabia que o tsar estava na casa Ipatiev?

— É claro! Ninguém os viu, mas todo mundo sabia que estavam lá. É o tipo de coisa que não dá pra manter em segredo. Os guardas levantaram uma cerca improvisada em volta da casa e pintaram as janelas para que ninguém de fora pudesse ver o que se passava dentro. Depois, eles arrancaram a cerca, mas quando os Romanov estavam lá, bastava você parar e olhar para a casa que os soldados botavam uma arma na sua cara. Só os Guardas Vermelhos podiam entrar e sair. E eu recebi a ligação! Um retrato do tsar. Imagina só. Numa hora, estou tirando fotos de vacas premiadas e fazendeiros que têm que me pagar com maçãs porque não têm dinheiro para uma foto; no instante seguinte, estou fotografando os Romanov. Isso teria feito a minha carreira. Eu tinha planos de dobrar meus preços. O oficial disse pra eu ir logo, mas já tinha escurecido. Perguntei se não podia esperar até a manhã. Ele disse que tinha acabado de receber ordens de Moscou. Você sabe como é essa gente. Se pedimos, eles não fazem nada; mas quando querem alguma coisa, tem que ser pra ontem. Ele me disse que havia um quarto no porão que tinha sido esvaziado e que seria um bom lugar para tirar o retrato da família. Felizmente eu sabia que os Ipatiev tinham eletricidade na casa, então eu poderia usar as minhas luzes de estúdio. Mal tive tempo de juntar as coisas. Preciso de um monte de equipamentos. Tripé. Filme. Eu tinha acabado de receber uma câmera nova. Pedi a Moscou. Estava com ela fazendo apenas um mês. Gostaria de tê-la de volta.

— O que aconteceu quando você chegou à casa Ipatiev?

Katamidze estufou as bochechas e soltou o ar ruidosamente.

— Bem, eu quase fui atropelado a caminho de lá. Um dos caminhões deles passou correndo por mim. Eles tinham

dois, sabe? Eu estava carregando todo o meu equipamento fotográfico. Quase não consegui desviar. É um milagre que nada tenha quebrado.

— Onde estava o outro caminhão?

— Estava no pátio atrás da casa. Não dava para ver, porque o pátio tem um muro alto, mas dava para ouvir o motor ligado. Eu senti o cheiro do escapamento. Quando bati à porta, dois guardas da Cheka vieram abrir. Os dois estavam de arma na mão. Pareciam muito nervosos. Disseram-me para ir embora, mas, quando expliquei que era para a foto e que a ordem de tirá-la tinha vindo de um deles, me deixaram entrar.

— O que você viu quando entrou?

Katamidze deu de ombros.

— Eu já tinha estado lá antes. Tirei retratos para a família Ipatiev. Parecia a mesma coisa, só que tinha menos móveis no térreo. Não cheguei a subir as escadas. Era lá que estavam os Romanov. Há uma escada à direita da porta da frente e uma sala grande à esquerda.

— Você viu os Romanov?

— Não naquela hora — disse Katamidze, e no silêncio que se seguiu seus lábios continuaram a formar palavras. Naquela hora. Naquela hora. Naquela hora. — Dava pra ouvi-los lá em cima. Vozes abafadas. Tinha música também. Estava tocando num gramofone. Mozart. Concerto número 331. Eu costumava tocar essa música quando estava aprendendo a tocar piano.

Mozart era um dos compositores prediletos da tsarina. Pekkala lembrava-se de como ela inclinava a cabeça enquanto ouvia. Encostava as pontas do polegar e do indicador da mão direita, formando um O, traçando gaivotas no ar como se ela própria conduzisse a música.

— Desci com meus equipamentos para o porão — continuou Katamidze. — Depois fiz o mesmo com algumas

cadeiras da sala de jantar. Arrumei a luz e o tripé. Estava checando o filme na câmera quando ouvi um barulho atrás de mim e uma mulher apareceu no pé da escada. Era a princesa Maria. Reconheci-a pelas fotos que eu havia visto. Não sabia o que fazer, então fiquei de joelhos! E ela riu de mim, pedindo para eu me levantar. Comentou que havia sido informada sobre o retrato e queria saber se estava tudo pronto. Eu disse que sim, que eles deviam vir imediatamente. Então ela subiu as escadas.

— O que você fez depois?

— O que eu fiz? Chequei a câmera umas vinte vezes pra ter certeza de que estava funcionando, e então os ouvi descendo as escadas. Passinhos pianinho, igual ratos. Entraram em fila no porão, e eu fiz uma reverência para cada um deles, que fizeram um gesto com a cabeça para mim. Pensei que meu coração ia parar!

“Coloquei o tsar e a tsarina nas duas cadeiras do meio, e então os dois mais novos, Anastácia e Alexei, um em cada lado. Atrás deles, ficaram as três filhas mais velhas.

— E que impressão eles deram? — perguntou Pekkala. — Pareciam nervosos?

— Nervosos não. Não. Eu não diria isso.

— Falaram com você?

Katamidze fez que não.

— Só para perguntar se eu queria que mudassem de posição ou se do jeito que estavam seria aceitável. Mal consegui responder, eu estava tão nervoso.

— Continue — disse Pekkala. — O que aconteceu então?

— Eu tinha acabado de tirar a primeira foto. Minha ideia era tirar várias. Então ouvi alguém batendo na porta da frente da casa, a mesma que usei pra entrar. Os guardas abriram. Conversaram alguma coisa. Não dava para ouvir o que estavam dizendo. Então ouvi gritos. Aí foi a primeira vez que vi o tsar parecer nervoso. A próxima coisa que ouvi foi

uma arma disparando! Uma vez! Duas! Perdi a conta. Tinha uma guerra de verdade acontecendo lá em cima. Uma das princesas gritou. Não sei qual. Ouvei o tsarévitch Alexei perguntar ao pai se eles seriam resgatados. O tsar mandou todo mundo ficar quieto. Ele levantou da cadeira e passou por mim. Foi até a porta e fechou-a. Eu estava paralisado, não mexia um dedo. Ele se virou para mim e perguntou se eu sabia o que estava acontecendo. Não consegui nem falar. Ele deve ter entendido que eu não fazia ideia. Então o tsar me disse: “Não deixe eles perceberem que você está com medo.”

— E aí?

— Passos. Descendo a escada. Alguém parou do outro lado da porta fechada. Então a porta abriu de repente. Outro guarda da Cheka entrou na sala.

— Era outra pessoa?

— Sim, não tinha visto aquele homem antes. Naquela hora, achei que ele tinha vindo nos dizer que estava tudo bem.

— Era só um homem? Pode descrevê-lo?

Katamidze franziu o cenho, tentando lembrar-se.

— Não era alto nem baixo. Tinha um peito magro e ombros estreitos.

— E como era o rosto?

— Ele tinha um desses quepes que os oficiais usam, do tipo que a aba cobre os olhos. Não deu para vê-lo muito bem. Estava segurando um revólver em cada mão.

Pekkala fez que sim com a cabeça.

— E então?

— O tsar disse para o homem me deixar ir — continuou Katamidze. — Na hora eu não achei que ele ia deixar, mas então o homem disse pra eu sair. Enquanto eu me retirava dali aos tropeços, ouvi o homem falando com o tsar.

— Do que eles estavam falando?

— Não deu pra ouvir. As vozes deles estavam abafadas.

— Ouviu o tsar chamar o guarda pelo nome?

Katamidze olhou para a lâmpada no teto, rangendo os dentes com esforço para se lembrar.

— O tsar gritou uma palavra logo que o homem entrou. Podia ter sido um nome. Eu lembrei por um tempo, mas depois esqueci.

— Tente, Katamidze. Tente lembrar agora.

Katamidze riu.

— Depois de tanto tempo tentando esquecer. — Ele meneou a cabeça. — Não. Não lembro. O que lembro depois disso é que o tsar e o guarda começaram a discutir. Então as armas dispararam. Ouvi gritos. O porão se encheu de fumaça.

— Por que não correu? — perguntou Pekkala.

Katamidze fez que não com a cabeça.

— Eu estava tão apavorado que não conseguia fazer minhas pernas subirem os degraus. Só fiquei lá olhando. Não conseguia acreditar no que estava acontecendo.

— O que fez então?

— A gritaria parou de repente. A porta estava meio aberta. Deu pra ver o guarda recarregando as armas. Os corpos estavam se retorcendo no chão. Ouvi gemidos. O braço de uma mulher esticou-se para fora da fumaça. Dava para ver Alexei. Ele ainda estava sentado na cadeira. Estava com as mãos no peito. Tudo que fazia era olhar fixo para a frente. Quando as armas foram carregadas de novo, o guarda alternou de um para o outro. — Ele fez silêncio, o queixo caído, incapaz de encontrar as palavras certas.

— Viu o guarda atirar em Alexei?

— Vi que ele atirou na tsarina — balbuciou.

Pekkala estremeceu, como se o som daquele tiro tivesse acabado de cortar o ar.

— Mas e quanto a Alexei? O que aconteceu com ele?

— Não sei. Não acho possível que alguém tenha sobrevivido. A partir daí, finalmente voltei a mim e corri. Subi as escadas. Saí pela porta da frente. Quando deixei a casa, encontrei os dois guardas que tinham me deixado entrar. Os dois tinham levado tiros e estavam caídos no chão. Havia muito sangue. Imaginei que estivessem mortos, não parei para olhar. Não consigo entender. Se o dever da Cheka era proteger os Romanov, por que um deles mataria o tsar e até mesmo seu próprio pessoal?

— O que aconteceu então, Katamidze?

— Eu corri noite adentro — disse — e continuei correndo. Primeiro fui para casa, mas então percebi que era só uma questão de tempo antes que alguém viesse me procurar, o assassino ou alguém que achasse que eu era o assassino. Então fui embora. Fugi. Tenho uma cabaninha na floresta fora da cidade, do tipo que chamam *zemlyanka*.

Pekkala pensou em sua própria cabana, nas profundezas da floresta de Krasnagolyana, agora apenas uma silhueta de cinzas e pregos enferrujados.

— Sabia que estaria seguro lá — continuou Katamidze —, pelo menos por um tempo. Eu estava andando há cerca de uma hora quando passei pela velha mina nos limites da cidade. É um lugar ruim. Na língua antiga, é chamado de Tunug Koriak. Quer dizer “o lugar onde os pássaros não cantam mais”. Os habitantes mantêm distância de lá. As pessoas que trabalhavam naquela mina tinham de ser trazidas de fora. Todas adoeciam. A maioria morreu.

— O que mineravam lá? — Pekkala perguntou.

— Rádio. O material que usam em relógios e bússolas. Aquilo brilha no escuro. A poeira é venenosa.

— O que você viu na mina?

— Um dos caminhões da Cheka — respondeu Katamidze.

— O mesmo homem que matou os Romanov. Ele tinha

colocado os corpos perto da entrada da mina. Estava jogando-os no buraco, um por um.

— Tem certeza de que era ele?

Katamidze assentiu.

— Os faróis do caminhão estavam acesos. Quando passou na frente da luz, soube que era ele.

— Mas você tem certeza de que ele jogou todos os corpos?

— Quando cheguei, o caminhão já estava lá. Não sei quantos corpos ele jogou lá embaixo.

— Ele viu você?

— Não. Estava escuro. Eu me escondi atrás dos prédios antigos, onde os trabalhadores da mina moravam. Esperei-o voltar para o caminhão e ir embora. Então eu segui em frente. Quando cheguei a minha cabana, fiquei lá por um tempo. Mas não me senti seguro. E me mudei de novo. E de novo. Em algum lugar no caminho, li no jornal que os Romanov tinham sido executados por ordens de Moscou. Tudo oficial. Mas não foi o que pareceu para mim. Depois de ler isso, dei-me conta de que eu sabia de alguma coisa que não devia saber. Em quem você pode confiar depois disso? Continuei viajando, até que acabei em Vodovenko.

— Como foi que acabou aqui, Katamidze?

— Eu estava vivendo nas ruas em Moscou, nos esgotos. Uns trabalhadores das galerias de esgoto me encontraram. Não sei quanto tempo eu tinha passado lá embaixo. Era o único lugar onde eu achava que estaria seguro. Você tem ideia de como é isso, inspetor? Nunca se sentir seguro, onde quer que você esteja?

— Sim — disse Pekkala. — Sei como é.

Em 2 de março de 1917, com tumultos nas ruas de Petrogrado e os soldados no fronte manifestamente amotinados contra seus superiores, o tsar abdicou de seu poder como governante supremo da Rússia.

Uma semana depois, com negociações em andamento para que os Romanov se exilassem na Inglaterra, o tsar e sua família foram colocados em prisão domiciliar em Tsarskoye Selo.

O general Kornilov, comandante revolucionário do distrito de Petrogrado, informou aos funcionários do Tsarskoye Selo que tinham 24 horas para sair. Quem decidisse permanecer ficaria preso sob as mesmas condições da família real.

A maioria do pessoal partiu imediatamente.

Pekkala decidiu ficar.

O tsar lhe concedera um pequeno chalé nos arredores da propriedade, não longe do anexo para cavalos, conhecido como os Estábulos do Pensionista. Foi lá que Pekkala esperou, sentindo-se cada vez mais impotente, o desenrolar dos acontecimentos. A confusão do lado de fora dos portões do palácio ficou pior, pois ninguém da casa imperial parecia ter qualquer noção do que estava realmente acontecendo ou do que devia fazer.

A única instrução dada a Pekkala, que ele recebera no mesmo dia da abdicação do tsar, havia sido a de esperar por novas ordens. Naquele tempo de incertezas, o mais difícil para Pekkala eram as tarefas cotidianas comuns, que antigamente realizava com tanta naturalidade que jamais

chegava a pensar nelas. Coisas como ferver água para o chá, arrumar a cama ou lavar as roupas tornaram-se, de uma hora para outra, monumentalmente complexas. Sem nada mais para fazer, a expectativa o corroía enquanto tentava imaginar o que estaria acontecendo além dos confins de seu mundo, que se encolhia velozmente.

O tsar não entrou mais em contato com Pekkala. Tudo o que ele ouvia eram fragmentos de fofocas quando fazia suas viagens diárias à cozinha para pegar suas rações.

Soube que haviam iniciado negociações para que a família Romanov se exilasse na Inglaterra. Eles velejariam sob a escolta armada da Marinha Real, partindo do porto ártico de Murmansk. De início, o tsar mostrara-se relutante a viajar, visto que seus filhos se recuperavam de uma crise de sarampo. A tsarina, temendo uma longa jornada marítima, pedira que eles velejassem somente até a Dinamarca.

Com multidões de operários armados, vindo diariamente caçar dos Romanov pelos portões da propriedade real, Pekkala sabia que se os Romanov quisessem escapar, teria de ser às escondidas. Já que nenhuma notícia desse plano havia chegado a Pekkala, ele concluiu que estava sendo deixado para trás, e que devia lutar pela própria vida.

Logo a seguir, contudo, soube que os ingleses haviam retirado a oferta de asilo político. Dali em diante, até que o Comitê Revolucionário decidisse o que fazer com eles, os Romanov ficariam presos dentro de sua própria casa.

Pelo bem das crianças, o tsar e a tsarina estavam tentando levar a vida da maneira mais normal possível. O tutor de Alexei, Pierre Gilliard, conhecido pelos Romanov como Zhilik, que também decidira ficar, dava diariamente suas aulas de francês. O próprio tsar dava aulas de história e geografia.

Pekkala sempre encontrava a cozinha cheia de guardas em horário de folga, esquentando o corpo depois de suas patrulhas a pé pelo terreno da propriedade. Sabiam quem ele era, e Pekkala não podia evitar a surpresa ao ver que não eram hostis. Ao contrário dos professores e criados pessoais que haviam permanecido, eles o consideravam uma entidade distinta dos Romanov. Sua decisão de permanecer no Tsarskoye Selo era um mistério para eles. Em particular, eles o encorajavam a ir embora e chegaram até a oferecer ajuda para que burlasse o perímetro dos guardas.

Os próprios guardas não pareciam ter recebido ordens claras sobre como tratar os Romanov. Certo dia, confiscaram a arma de brinquedo de Alexei. Depois a devolveram. Outro dia, proibiram que os Romanov nadassem na lagoa Lamski. Então essa ordem foi revogada. Sem uma direção clara, a hostilidade para com os Romanov tornou-se mais explícita. Uma vez, enquanto o tsar andava de bicicleta pelo terreno, um guarda enfiou uma baioneta entre os raios da roda, fazendo o tsar estatelar-se no chão.

Quando lhe contaram esse caso, Pekkala percebeu que era uma simples questão de tempo até que as vidas dos Romanov corressem perigo. Logo, eles não estariam mais seguros dentro dos limites da propriedade do que estariam do lado de fora. Se não saíssem logo dali, nunca mais sairiam, e sua própria vida seria engolida junto com as deles.

— Tenho uma última pergunta — disse Pekkala.

Katamidze ergueu as sobrancelhas.

— Por que contar agora? Depois de todos esses anos?

— Durante algum tempo — disse Katamidze —, eu sabia que a única maneira de continuar vivo seria fazer as pessoas acharem que eu era louco. Assim ninguém acreditaria em nenhuma palavra do que eu dissesse. O problema, inspetor, é que se você passa muito tempo aqui, você fica louco de verdade. Eu queria contar o que aconteceu antes que eu mesmo começasse a não acreditar mais.

— Não tem medo de que o homem que matou o tsar possa encontrá-lo?

— Quero que ele me encontre — sussurrou Katamidze. — Estou cansado de viver com medo.

Era tarde quando eles chegaram a Sverdlovsk.

Os pneus do Emka estalavam e roncavam sobre as pedras que pavimentavam a rua principal que cortava a cidade. Com o orvalho da noite brilhando sobre as pedras, a estrada parecia a pele abandonada de uma cobra gigante.

Árvores elegantemente dispostas ladeavam a rua, formando uma barreira entre a parte reservada aos carros e cavalos e a outra reservada aos pedestres. Depois do calçadão havia casas grandes em boas condições, com

jardins fechados por cercas brancas e venezianas trancadas para a noite.

As ordens de Anton eram apresentar seus papéis ao chefe da polícia local assim que chegasse, mas a delegacia estava fechada, e eles decidiram esperar a manhã seguinte.

Somente a taverna estava aberta, um lugar de teto baixo com bancos dispostos em frente a paredes caiadas. Nos bancos, sentava-se uma fileira de homens velhos e barbados, com as costas curvadas contra a parede do prédio. Uma série de grandes canecos de cobre, cada um com duas asas, era passada de mão em mão. Alguns deles fumavam cachimbos, serpentes de fumaça evoluindo-se dos bojos, seus rostos iluminados pelo tabaco incandescente. Observaram a passagem do Emka, com olhos aguçados pela desconfiança.

Seguindo as orientações de Anton, Kirov manobrou o carro para dentro de um pátio na parte de trás de uma grande casa de dois andares. Muros altos de pedra cercavam o pátio, impedindo que quem estivesse de fora visse alguma coisa. A casa mostrava sinais de descuido e Pekkala soube de imediato que ninguém vivia ali. A pintura ao redor dos caixilhos das janelas havia descascado e ervas daninhas cresciam nas calhas. O muro do pátio fora outrora argamassado e pintado, mas nacos haviam despencado, revelando as pedras nuas por dentro. A estrutura parecia irradiar um vazio hostil.

— Onde estamos? — perguntou Kirov, enquanto descia do carro.

— Na casa Ipatiev — respondeu Anton. — Aquilo que chamávamos de “Casa com Propósito Especial”.

Com uma chave que tirou do bolso, Anton abriu a porta da cozinha e os três homens entraram. Ele encontrou um interruptor de luz elétrica e apertou-o, mas as instalações empoeiradas acima dele permaneceram escuras. Vários

lampiões estavam pendurados em pregos perto da porta, os quais Kirov encheu com querosene de uma lata que haviam trazido do Emka. Cada um carregava um lampião enquanto atravessavam a cozinha, desviando de algumas cadeiras bambas tombadas no chão. Saíram para um hall com chão de tábuas de madeira estreitas e teto alto, do qual pendiam os restos de um lustre de cristal. Suas sombras agigantavam-se nas paredes. Diante deles, estava a porta da frente, que dava para a rua, e à esquerda, uma escadaria que levava ao segundo andar, com o corrimão coberto de poeira. À direita, uma grande lareira de pedra ocupava uma posição central na sala da frente.

Pekkala respirou o ar estagnado.

— Por que ninguém vive aqui agora?

— A casa foi fechada assim que os Romanov desapareceram. Nikolai Ipatiev, o proprietário, fugiu para Viena e nunca mais voltou.

— Vejam — disse Kirov, apontando para buracos de balas no papel de parede. — Vamos dar o fora daqui. Vamos para o hotel.

— Que hotel? — perguntou Anton.

Kirov piscou os olhos.

— O hotel em que vamos ficar enquanto conduzimos a investigação.

— Vamos ficar aqui — respondeu Anton.

Kirov esbugalhou os olhos.

— Ah, não. Aqui não.

Anton deu de ombros.

— Mas este lugar está vazio! — disse Kirov.

— Não vai estar enquanto estivermos aqui.

— Quero dizer que não tem móveis! — Kirov apontou para a sala da frente. — Olhem só!

Ao longo de uma parede da sala vazia, janelas altas davam para a rua. Cortinas feitas de um veludo pesado,

verde-escuro, não só estavam fechadas como haviam sido costuradas umas às outras, de modo que fosse impossível abri-las.

Kirov suplicou aos companheiros.

— Tem que haver um hotel na cidade, um hotel com uma cama decente.

— Existe — disse Anton —, mas não cabe no orçamento.

— O que isso quer dizer? — interpelou Kirov. — Você não pode simplesmente esfregar essas ordens na cara dos outros e arranjar qualquer coisa para a gente?

— As ordens dizem que esta deve ser a nossa base de operações.

— Talvez o segundo andar tenha camas — comentou Pekkala.

— Sim — disse Kirov. — Vou olhar. — Subiu correndo as escadas, o lampião oscilando em sua mão, longas sombras rastejando atrás dele como cobras.

— Nada de camas — disse Anton, baixinho.

— O que aconteceu com elas? — perguntou Pekkala.

— Roubaram — respondeu Anton —, como todo o resto. Quando a família Ipatiev se mudou, teve permissão de levar algumas de suas posses, retratos e coisas assim. Quando os Romanov chegaram, só sobrava o básico. Quando saímos da cidade, as boas pessoas de Sverdlovsk vieram e limparam tudo antes que os Brancos chegassem. Quando eles chegaram aqui, provavelmente não havia mais nada que valesse roubar.

Kirov caminhava a passos pesados no andar de cima. Enquanto passava de um cômodo a outro, as tábuas do chão rangiam sob seu peso. Suas imprecações ecoavam pela casa.

— Onde fica o porão? — perguntou Pekkala.

— Por aqui — Anton respondeu. Carregando um lampião, guiou Pekkala pela cozinha até uma porta de um amarelo

pálido, com impressões digitais oleosas borrando a velha maçaneta de metal.

Anton abriu a porta.

Uma escada simples de madeira descia em direção à escuridão.

— Aí embaixo — disse Anton — foi onde encontramos os guardas.

Eles desceram até o porão. À sua esquerda, ao pé da escada, descobriram um aposento para estocagem de carvão. Um alçapão no teto abria para deixar que o carvão fosse despejado do andar térreo. O que restava no aposento era basicamente sujeira empilhada nos cantos. Somente alguns pedaços de carvão estavam espalhados pelo chão. Pelo visto, até mesmo o carvão fora roubado. À direita deles, havia um cômodo que normalmente estaria fechado por uma porta de duas folhas, mas estas estavam abertas, deixando à mostra um espaço de três metros de largura por sete de comprimento, com um teto baixo arqueado. Tiras brancas e vermelho rosado forravam as paredes. Sobre as tiras cor-de-rosa, Pekkala percebeu uma imagem que se repetia, que o fazia se lembrar de um design estilizado de uma tartaruga pequena. Cômodos como aquele eram utilizados para guardar roupas durante as estações em que não eram usadas.

Por mais bem-arrumado que devesse ser o lugar antigamente, agora encontrava-se destruído. Pedacos enormes do papel de parede estavam faltando, deixando à mostra uma malha de gesso, terra e pedra, grande parte dos quais agora se encontrava espalhada pelo chão. Buracos de bala cobriam as paredes. Grandes manchas de sangue seco emplastravam o chão, misturando-se a migalhas de argamassa para formar crostas como escudos marrom-escuros, jogados no chão de um antigo campo de batalha. Filetes de sangue pareciam pendentes, suspensos

no ar; e, prestando muita atenção, Pekkala pôde ver que, na verdade, haviam sido esguichados nas paredes.

— Com base no que Katamidze me disse — falou Pekkala —, os guardas foram mortos no andar de cima e arrastados até aqui, provavelmente para confundir os investigadores quanto à origem de todo esse sangue.

— Se você diz — comentou Anton. Olhou em volta, nervoso. Os buracos de bala nas paredes pareciam sondá-los como olhos.

Pekkala viu os lábios dos aros de cartuchos de bala caídos em meio à poeira. Abaixando-se, pegou um e revirou-o com os dedos. Usou o polegar para limpar a poeira na base, e viu uma minúscula moosa no centro, onde o percussor da arma havia incendiado a cápsula de percussão. As marcas de identificação em torno da base eram russas, com data de 1918, indicando que a munição era nova quando fora disparada. Juntando um punhado de outros cartuchos, percebeu que eram todos do mesmo fabricante e traziam a mesma data de fabricação.

— Preciso conversar com você — disse Anton.

Pekkala virou-se para o irmão, que estava imóvel como uma estátua, com o lampião erguido acima da cabeça para iluminar o cômodo.

— Sobre o quê?

Anton olhou para trás, para ver se Kirov não estava presente.

— Sobre aquela coisa que você chamou de conto de fadas — disse.

— Quer dizer o tesouro do tsar?

Anton fez que sim.

— Nós dois sabemos que ele existe.

— Ah, existe — concordou Pekkala. — Não vou discutir isso. O conto de fadas significa eu saber onde fica o esconderijo.

Anton esforçou-se para conter a frustração.

— O tsar não tinha segredos com você. Talvez você seja a única pessoa no mundo em quem ele realmente confiava. Ele deve ter-lhe contado onde escondia o ouro.

— Mesmo que eu soubesse a localização — disse Pekkala —, é justamente porque o tsar de fato confiava em mim que eu não pensaria em ficar com o ouro.

Anton estendeu a mão e agarrou o braço do irmão.

— O tsar está morto! O sangue dele está nesse chão que você pisa. Sua lealdade agora é para com os vivos.

— Se Alexei estiver vivo, aquele ouro pertence a ele.

— E depois do que sua lealdade lhe custou, não acha que merece uma parte dele também?

— O único ouro de que preciso é o que o dentista colocou nos meus dentes.

— E quanto a Ilya? O que ela merece?

À menção do nome de Ilya, Pekkala estremeceu.

— Deixe-a fora disso — falou.

— Não venha me dizer que você a esqueceu — disse Anton.

— É claro que não. Penso nela o tempo inteiro.

— E você acha que ela por acaso te esqueceu?

Pekkala deu de ombros. Parecia estar sofrendo, como se sua omoplata tivesse ficado pesada demais para suas costas.

— Você esperou por ela, não esperou? — perguntou Anton. — Então como sabe que ela não esperou por você também? Ela também pagou um preço pela própria lealdade, mas a lealdade dela não era para com o tsar. Era para com você. E você deve a ela, quando a encontrar de novo, providenciar para que ela não acabe mendigando nas ruas.

A cabeça de Pekkala girava. Os desenhos no papel de parede dançavam diante de seus olhos e parecia a ele que

as manchas de um marrom opaco nas tábuas do chão
brilhavam novamente com a luz mortiça do sangue fresco.

Março de 1917.

Pekkala ouviu baterem na porta de seu chalé no Tsarskoye Selo, onde ele ficara confinado por meses.

Quando Pekkala abriu a porta, surpreendeu-se ao ver quem era: o tsar. Mesmo que ambos fossem prisioneiros ali, o tsar nunca o visitara antes. No estranho equilíbrio de suas vidas, e mesmo em tempos como aqueles, a privacidade de Pekkala era mais sagrada que a do tsar.

O tsar envelhecera nos últimos dois meses. A pele sob seus olhos se tornara flácida. A cor sumira das maçãs do rosto. Ele vestia uma túnica cinza ardósia com botões simples de metal e um colarinho duro abotoado justo na garganta.

— Posso entrar? — perguntou ele.

— Sim — respondeu Pekkala.

O tsar esperou um momento.

— Então talvez você pudesse dar um passo para o lado.

Pekkala quase tropeçou nos próprios pés ao abrir passagem.

— Não posso ficar por muito tempo — disse. — Estou sob vigilância constante. Preciso voltar antes que percebam minha ausência. — De pé na sala da frente, de teto baixo, o tsar lançou um breve olhar para as paredes amarelo pálido, observando a pequena lareira e a cadeira colocada na frente dela. Os olhos do tsar vagaram pela sala até finalmente pousarem em Pekkala.

— Peço desculpas por só entrar em contato agora, mas a verdade é que quanto menos você for visto em minha companhia, melhor. Eu ouvi um boato de que vão nos levar daqui, eu e minha família, em algum momento nos próximos meses.

— Para onde vão?

— Ouvi alguém mencionar a Sibéria. Pelo menos a família vai permanecer junta. Isso faz parte do acordo. — O tsar soltou um pesado suspiro. — Tudo foi ladeira abaixo. Fui obrigado a enviar uma mensagem ao major Kolchak. Lembra-se dele, não?

— Sim, Excelência. Sua apólice de seguro.

— Exato. E como estou cuidando do que tem valor para mim — um vago sorriso passou pelos lábios do tsar —, meu velho amigo, quero que vá embora daqui. — Levou a mão ao bolso e tirou uma carteira de couro. — Aqui estão os documentos para a sua jornada.

— Documentos?

— Falsificados, é claro. Identidade. Passagens de trem. Um pouco de dinheiro. No momento ainda estão aceitando a moeda oficial. Os bolcheviques não tiveram tempo de emitir a moeda deles.

— Mas, Excelência... — protestou. — Não posso aceitar isso.

— Pekkala, se nossa amizade significou alguma coisa para você, não me obrigue a ser responsável pela sua morte. Assim que formos embora de Tsarskoye Selo, eles não vão perder tempo reunindo quem tiver ficado. E não posso garantir a sua segurança mais do que a minha. Assim que perceberem sua ausência, Pekkala, vão começar a procurá-lo. Quanto maior for a dianteira que você conseguir tomar, mais seguro estará. Como você sabe — continuou o tsar —, eles interditaram todas as entradas, exceto o portão principal e a entrada para a cozinha, mas há uma seção

perto do pavilhão Lamskoy que só foi parcialmente bloqueada. A passagem é estreita demais para um veículo, mas uma pessoa consegue passar. Um carro está esperando por você lá. Ele vai levá-lo o mais perto possível da fronteira com a Finlândia. Não há mais trens entrando na cidade, mas eles ainda estão em funcionamento nos distritos mais afastados. Se tiver alguma sorte, pode embarcar num daqueles com destino a Helsinki. — O tsar estendeu a carteira de couro. — Fique com isso, Pekkala.

Ainda confuso, Pekkala pegou a carteira da mão estendida do tsar.

— Ah. E mais uma coisa — disse o tsar. Retirou do bolso da túnica a cópia de Pekkala do Kalevala, que pegara emprestada meses antes. — Talvez você achasse que eu tinha esquecido. — O tsar entregou o livro nas mãos de Pekkala. — Gostei muito deste livro, Pekkala. Você devia dar uma nova olhada nele.

— Mas, Excelência — disse Pekkala, colocando o livro sobre a mesa —, eu conheço todas as histórias de cor.

— Vá por mim, Pekkala. — O tsar pegou o livro de novo e bateu delicadamente com ele no peito do amigo.

Pekkala, perplexo, olhou para o tsar com olhos arregalados.

— Muito bem, Excelência.

Ouvir o tsar falando daquele jeito incoerente quase levou Pekkala às lágrimas. Ele entendeu que não havia mais nada que pudesse fazer.

— Quando devo ir embora? — perguntou.

— Agora! — O tsar andou até a porta aberta e apontou para o grande espaço do Parque de Alexandre, na direção do pavilhão Lamskoy. — Já é hora de você encontrar aquela sua professora. Onde ela está agora?

— Paris, Excelência.

— Sabe a localização exata dela?

— Não, mas vou encontrá-la.

— Não duvido — respondeu o tsar. — Foi para isso que você foi treinado, afinal. Gostaria de poder ir com você, Pekkala.

Ambos sabiam que aquilo seria impossível.

— Agora vá — disse o tsar —, antes que seja tarde demais.

Sentindo-se impotente para contrariar a ordem, Pekkala começou a cruzar o parque. Antes de desaparecer entre as árvores, olhou para trás, para seu chalé.

O tsar ainda estava lá, vendo-o ir embora. Ele levantou a mão, despedindo-se.

Naquele momento, Pekkala sentiu uma parte de si morrer, como trevas devorando trevas.

— Se você pudesse nos levar até ele — continuou Anton. — Não teríamos que pegar tudo.

— Basta — disse Pekkala.

— Kirov não precisa nem ficar sabendo.

— Basta! — disse de novo.

Anton ficou em silêncio.

Suas sombras inclinavam-se com os movimentos da chama do lampião.

— Pela última vez, Anton, eu não sei onde o ouro está.

Anton virou-se e começou a subir a escada.

— Anton! — Pekkala tentou chamá-lo de volta.

Mas Anton não parou.

Sabendo que seria inútil ir atrás dele, Pekkala voltou a perscrutar os cartuchos empoeirados na palma da mão. Todos eram 7,62 mm. Pertenciam a um revólver M1895 Nagant. Era uma arma com um cano que aparentava ser frágil, cabo em forma de banana e um grande cão como um polegar dobrado para trás. Apesar da aparência desajeitada, o Nagant era uma obra de arte, cuja beleza só ficava evidente quando era usado. Ajustava-se perfeitamente à mão, o equilíbrio era impecável e, para um revólver, tinha grande precisão.

Foi o formato singular dos cartuchos que Pekkala encontrara que revelou a identidade do Nagant. Na maior parte dos tipos de munição, a bala projetava-se da extremidade do cartucho, mas no cartucho de um Nagant a bala aninhava-se dentro do estojo de latão. O objetivo disso

era formar um lacre, impedindo a saída de gás, o que resultaria num disparo mais poderoso. Isso dava ao Nagant a vantagem adicional de ser adaptável ao uso de um silenciador. Armas equipadas com essa peça haviam rapidamente se tornado as prediletas dos assassinos, e Pekkala encontrara muitas vezes um Nagant em cenas de crime, com os silenciadores grandes, em formato de charuto, atarraxados ao bocal dos canos, abandonados perto dos corpos das vítimas.

O som de um tiro em um espaço fechado como aquele devia ser ensurdecido, refletiu Pekkala. Ele tentou imaginar como estaria o lugar depois de disparado o último tiro. A fumaça e o gesso despedaçado. O sangue encharcando a poeira.

— Um matadouro — sussurrou Pekkala, com seus botões.

Ele subiu a escada e examinou o resto da casa. Outras marcas de tiro feriam as paredes que ladeavam a escada, mostrando que os guardas haviam resistido. No segundo andar, onde os Romanov ficavam, havia quatro quartos, dois grandes e dois pequenos, e também dois escritórios. Um dos quartos, com as paredes cobertas por um papel verde-escuro e prateleiras de madeira para livros, presas às paredes, obviamente fora ocupado por um homem. O outro, cujas paredes eram cor de pêssego, continha um banco acolchoado, no qual a mulher da casa poderia ter sentado, observando as pessoas que passavam na rua. O banco ainda estava no quarto, caído de lado. Uma de suas pernas fora arrancada pelo impacto de um tiro. Um espelho oval estava pendurado torto na parede, um pedaço de vidro em forma de dente de tubarão ainda preso à moldura, o resto caído no chão. Teias de aranha pendiam da luminária no teto. Rastros de cal ainda eram perceptíveis nas janelas. Os Brancos devem ter limpado a cal quando ocuparam a casa, pensou Pekkala.

Tendo percorrido toda a casa, Pekkala parou no patamar da escada, e seu olhar seguiu a linha do corrimão polido que brilhava como mercúrio e descia para o térreo. Ele tentou imaginar o tsar de pé naquele mesmo local. Lembrou-se de como o imperador às vezes se interrompia no meio de uma frase ou parava de andar em um dos longos corredores do Palácio de Inverno. Ele ficava imóvel, como quem ouve uma música a distância e tenta identificar a melodia. Enquanto descia, Pekkala lembrou-se de ocasiões na floresta em que observava os veados, com galhadas como os ramos bifurcados de um raio emergindo de seus crânios, ficarem imóveis exatamente daquela maneira, esperando que algum perigo se revelasse.

Pouco tempo depois, os três homens estavam sentados, cansados e com rostos inexpressivos em torno da mesa nua de madeira da cozinha. Só se ouvia o raspar das colheres no interior das latas de comida. Eles não tinham pratos ou tigelas. Anton acabara de abrir meia dúzia de latas de legumes e de ração de carne do exército e pusera todas no meio da mesa. Quando um estava cansado de comer fatias de cenoura, devolvia a lata à mesa e pegava uma outra de tiras de beterraba. Eles bebiam a água do poço lá fora, armazenada em um vaso de flores com a borda lascada que encontraram no chão de um quarto do segundo andar.

Kirov foi quem quebrou o silêncio. Ele empurrou sua lata de carne e soltou o peso do corpo, apoiando as costas na parede.

— Até quando vou ter de aguentar isso?

Tirou do bolso a maçã de madeira que Pekkala lhe dera. Colocou-a com cuidado sobre a mesa. A maçã pintada de vermelho parecia ter um brilho próprio, interior.

— Só olhar pra isso já me faz salivar — disse Kirov. Levou a mão ao bolso e tirou o cachimbo. — Para piorar, estou quase sem tabaco.

— Ah, Kirov — disse Anton. — O que aconteceu com nosso alegre Juniorzinho? — Pegou do bolso uma bolsa de couro estufada e inspecionou o que havia dentro. Uma lufada do cheiro de mato do tabaco fresco percorreu a mesa. — O meu estoque ainda está muito bom.

— Me empresta um pouco — disse Kirov.

— Você que arranje o seu. — Anton tomou fôlego, prestes a falar mais, mas foi interrompido por um ruído que parecia o de um pedregulho batendo em uma janela.

Os três pularam.

— Que diabos foi isso? — perguntou Anton.

O cachimbo caiu da boca de Kirov.

O ruído se repetiu, dessa vez mais alto.

Anton empunhou sua arma.

— Tem alguém na porta — disse Pekkala.

Fosse quem fosse, tinha vindo por trás, preferindo não arriscar ser visto na frente da casa.

Pekkala foi ver quem era.

Os outros dois ficaram à mesa.

Quando Pekkala reapareceu, estava acompanhado por um velho barrigudo que andava arrastando os pés, desengonçado, o que o fazia cambalear como um pêndulo. Com olhos pequenos cor de amêndoa, examinou Anton com desconfiança.

— Este é Yevgeny Mayakovsky — disse Pekkala.

O velho cumprimentou-os com a cabeça.

— Ele diz — continuou Pekkala — que tem informações.

— Eu me lembro de você — disse Anton.

— Também me lembro de você. — Mayakovsky virou-se para ir embora. — Acho que está na hora de eu ir — disse.

— Não tão rápido — Anton levantou a mão. — Por que não fica um pouco? — Ele puxou uma cadeira e deu tapinhas no assento. — Aproxime-se.

Relutante, Mayakovsky sentou-se, o suor já salpicando suas bochechas com caminhos de veias vermelhas.

— Como vocês se conhecem?

— Ah, ele já tentou esse truquezinho antes — respondeu Anton. — No dia que a Cheka veio, ele apareceu com informações para vender. Disse que nos podia ser útil.

— E foi? — perguntou Kirov.

— Não demos trela — respondeu Anton.

— Eles quebraram meu nariz — disse Mayakovsky, baixinho. — Foi muita falta de educação.

— Se estava procurando educação — retrucou Anton —, bateu à porta errada.

— Quando vi as luzes acesas aqui — continuou Mayakovsky —, não fazia ideia de que era você. — Mexeu-se inquieto na cadeira. — Vou tomar meu rumo.

— Ninguém vai machucar você dessa vez — disse Pekkala.

Mayakovsky encarou-o.

— Ah, é?

— Tem a minha palavra — disse Pekkala.

— Tenho uma informação valiosa — disse Mayakovsky, batendo na têmpora com um dedo atarracado.

— Do que está falando? — perguntou Pekkala.

— Quando os Brancos chegaram, formaram um comitê de investigação. Eles não acreditavam que os Romanov tivessem sobrevivido. Só estavam interessados em garantir que os Vermelhos levassem a culpa. Então, quando os Vermelhos voltaram, fizeram a investigação deles. Assim como os Brancos, eles acreditavam que os Romanov tinham sido todos assassinados. A diferença era que os Vermelhos queriam que disséssemos que os guardas nesta casa haviam feito tudo sozinhos, sem receber ordens. Parecia que todos queriam os Romanov mortos, mas ninguém

queria ser responsável pelo assassinato deles. E, claro, há o que realmente aconteceu.

— E o que aconteceu? — perguntou Pekkala.

Mayakovsky juntou as mãos com suavidade.

— Bem, essa é a parte que vim vender.

— Não temos dinheiro para comprar informações — disse Anton.

— Poderíamos trocar — disse Mayakovsky, com sua voz pouco acima de um sussurro.

— Trocar o quê? — perguntou Kirov.

Mayakovsky lambeu os beiços.

— É um belo cachimbo este que está fumando.

— O quê? — Kirov endireitou a coluna. — Você não vai ficar com isso!

— Dê o cachimbo a ele — disse Pekkala.

— O quê?

— Sim, eu gostaria de ter este cachimbo — disse Mayakovsky.

— Bom, não vai ser possível! — gritou Kirov. — Já vou ter que dormir no chão. Você não pode esperar que eu...

— Dê o cachimbo a ele — repetiu Pekkala —, e vamos ouvir o que este homem tem a dizer.

Kirov apelou para Anton.

— Ele não pode me obrigar a fazer isso!

— Foi o que ele acabou de fazer — disse Anton.

— Ninguém sabe o que eu sei — disse Mayakovsky.

Kirov encarou Anton e Pekkala.

— Seus cretinos.

Os irmãos ficaram olhando pacientemente.

— Ora, isso é simplesmente um ultraje! — gritou Kirov.

Mayakovsky estendeu a mão para receber o cachimbo.

Anton cruzou os braços e riu quando Kirov o entregou.

— E dê seu tabaco a ele — disse Pekkala, sinalizando com a cabeça a bolsa de couro que estava sobre a mesa.

A gargalhada morreu na garganta de Anton.

— Meu tabaco?

— Sim. — Kirov bateu na mesa com o punho fechado.—
Dê seu tabaco a ele.

O velho Mayakovsky estendeu a mão e mexeu os dedos para Anton.

— É melhor que isso seja bom.

Anton pegou a bolsa e jogou-a para o velho.

— Ou vou fazer um novo ajuste na sua cara.

Enquanto os três esperavam, Mayakovsky encheu o cachimbo e acendeu-o com um fósforo coberto de fiapos, que tirou do bolso do colete e acendeu na sola do sapato. Pitou satisfeito o novo cachimbo por um minuto. Então começou a falar.

— Eu li nos jornais que os Romanov estão mortos.

— Todos leram isso! — disse Kirov. — O mundo inteiro leu essa notícia.

— Leu — concordou Mayakovsky. — Mas não é verdade.

Anton abriu a boca para gritar com o velho.

Rapidamente, Pekkala levantou a mão para mandar que ficasse quieto.

Resmungando, Anton voltou a acomodar-se na cadeira.

— Mayakovsky — disse Pekkala —, o que te faz achar que eles não estão mortos?

— Porque eu vi tudo! — respondeu Mayakovsky. — Moro do outro lado da rua.

— Tudo bem, Mayakovsky — disse Pekkala —, conte pra gente o que aconteceu.

— Na noite em que os Romanov foram resgatados — continuou —, um monte de guardas da Cheka veio correndo de repente, indo para o pátio da casa Ipatiev, onde eles guardavam dois caminhões lá, e os guardas amontoaram-se em um deles e foram embora.

— Tínhamos acabado de receber uma mensagem — disse Anton. — Nos mandaram levantar uma barreira na estrada. Os Brancos estavam se aprontando para atacar. Pelo menos foi isso o que nos disseram.

— Bom, poucos minutos após a saída do caminhão, aquela besta do Katamidze apareceu na porta da frente desta casa! É o que eles prenderam lá em Vodovenko. Não me surpreende que ele tenha acabado naquele lugar. Ele se achava um artista! Bom, eu vi essa tal de arte. Senhoras sem roupas. Isso eu conheço por outro nome. E aquelas fotos eram caras...

— Mayakovsky! — Pekkala o interrompeu. — O que aconteceu quando o fotógrafo chegou à casa?

— Os guardas deixaram-no entrar e poucos minutos depois um oficial da Cheka apareceu na porta. Ele bateu e os guardas deixaram-no entrar. Então começou o tiroteio.

— O que você viu então? — perguntou Pekkala.

— Um simples tiroteio — respondeu Mayakovsky.

— Espera um minuto — interrompeu Anton. — Tinha uma cerca alta ao redor da casa inteira. Exceto pela porta da frente e pela entrada do pátio, o lugar inteiro estava cercado. Como você viu alguma coisa?

— Já disse que moro do outro lado da rua — respondeu Mayakovsky. — Tem uma janelinha no meu sótão. Subindo lá, dava pra eu ver por cima da cerca.

— Mas as janelas tinham sido pintadas — disse Anton. — E até mesmo fechadas com cola.

— Eu pude ver o clarão dos disparos indo de um cômodo ao outro. Quando o tiroteio parou, abriram de repente a porta da frente, e eu vi Katamidze sair desabalado da casa. Saiu correndo noite adentro.

— Você acha que Katamidze tomou parte no tiroteio? — perguntou Pekkala.

Mayakovsky riu.

— Se você desse uma arma a Katamidze, ele não saberia dizer por onde as balas saem. O mais perto que chegaria de uma arma seria tirando uma foto dela. Se você está pensando que ele teria coragem de atacar a casa Ipatiev e resgatar o tsar, então não o conhece.

— O que aconteceu depois que Katamidze saiu? — perguntou Pekkala.

— Mais ou menos vinte minutos depois, o segundo caminhão da Cheka saiu do pátio e partiu na direção contrária à do primeiro caminhão. Eram os Romanov. Eles estavam fugindo, junto com o homem que os resgatou. Não demorou muito para o primeiro caminhão voltar. A Cheka percebeu que tinha sido enganada. Aí foi um pandemônio. Os guardas tinham sido assassinados. Eu ouvi um deles dizer que os Romanov tinham escapado.

— Como você sabe que os guardas foram assassinados? — perguntou Pekkala.

— Porque vi os corpos deles sendo carregados para o pátio no dia seguinte. Não vi os corpos dos Romanov. É por isso que sei que eles fugiram. Essa é a verdade, não importa o que os jornais tenham dito.

Por alguns instantes houve silêncio na cozinha, exceto pelo leve chiado de Mayakovsky fumando o cachimbo.

— Aquele homem que bateu à porta — disse Kirov. — Viu o rosto dele?

Pekkala encarou Kirov.

O rosto de Kirov enrubesceu.

— O que eu quis dizer foi...

Anton o interrompeu.

— Sim, o que quis dizer exatamente, Júnior? Eu não sabia que você tinha assumido o comando da investigação.

Mayakovsky acompanhou a conversa como um espectador que segue a bola em uma partida de tênis.

— Não tem problema. — Pekkala fez um gesto de cabeça para Kirov. — Continue.

Anton jogou as mãos para o alto.

— Agora estamos realmente fazendo progresso.

Kirov pigarreou.

— Pode descrever o homem, Mayakovsky?

— Ele estava de costas para mim. Estava escuro. — Mayakovsky enfiou a unha em alguma coisa presa entre seus dentes da frente. — Não sei quem era ele, mas vou te contar quem eles dizem que resgatou o tsar.

— Quem são “eles”? — perguntou Pekkala.

— Eles! — Mayakovsky deu de ombros. — Eles não têm nome. Eles são vozes. Todas as diferentes vozes. Elas se juntam e é assim que você sabe o que elas dizem.

— Está bem — disse Kirov. — Quem eles dizem que foi?

— Um homem famoso. Um homem que eu gostaria de ter conhecido.

— E quem é essa pessoa?

— Inspetor Pekkala — disse Mayakovsky. — O Olho de Esmeralda em pessoa.

Os três estavam inclinados para a frente, mas então se deixaram cair nos encostos das cadeiras. Todos suspiraram.

— O que foi? — perguntou Mayakovsky.

— É que — disse Kirov — o Olho de Esmeralda está sentado na sua frente. — Fez um gesto vago na direção de Pekkala.

Mayakovsky tirou o cachimbo da boca e apontou a haste para Pekkala.

— Ora... você dá suas voltas, não é?

Menos de 24 horas depois de se despedir do tsar, Pekkala foi preso por um destacamento da Guarda Vermelha da Polícia Ferroviária, em uma pequena estação chamada Vainikkala. A situação ao longo da fronteira ainda era bastante desordenada. Algumas estações eram operadas por guarnições finlandesas, enquanto outras, inclusive mais para oeste, estavam sob controle russo. Uma delas era Vainikkala.

Era tarde da noite quando os guardas embarcaram no trem. Seus uniformes eram feitos de lã preta comum, seus colarinhos tinham adornos em vermelho-cereja e nos braços direitos usavam braçadeiras vermelhas feitas à mão, nas quais alguém desenhara o símbolo de uma charrua e um martelo, que logo seria substituído por uma foice e um martelo como símbolo da União Soviética. Usavam chapéus pretos de abas estreitas que combinavam com o uniforme e uma grande estrela vermelha costurada na altura da testa.

Os documentos falsificados de Pekkala o registravam como médico obstetra e haviam sido confeccionados algum tempo antes pelo serviço de impressão da Okhrana, por ordens do tsar. Ele não soubera da existência desses documentos até que o tsar o chamasse, dois dias antes, ordenando que saísse do país. Os documentos eram perfeitos, contendo fotos, todos os carimbos necessários e assinaturas à mão em múltiplas licenças de viagem. Não foram eles o motivo de sua detenção.

Pekkala cometeu o erro de levantar a cabeça e olhar um dos guardas nos olhos, quando três deles caminhavam pelo corredor estreito do vagão. A neve derretia em seus ombros e o ar se condensara em gotículas sobre suas armas.

O líder dos guardas havia tropeçado na alça de uma bolsa de viagem que estava sob um assento três fileiras à frente de Pekkala. Ele perdera o equilíbrio e caíra de joelhos, praguejando com todas as forças. Os viajantes do vagão retraíram-se ao ouvir a torrente de obscenidades. Ele estava furioso e envergonhado por ter tropeçado. A primeira pessoa que viu foi Pekkala, que, naquele momento, por coincidência, estava olhando para ele.

— Vamos — disse o guarda, que puxou Pekkala, obrigando-o a levantar.

A primeira lufada de ar frio que Pekkala tomou ao sair do trem queimou seus pulmões como pimenta.

Uma dúzia de pessoas, a maioria delas homens, mas também algumas mulheres bonitas, havia sido retirada do trem. Ficaram ali na plataforma, amontoadas. O nome da estação mal podia ser visto sob a capa de gelo, que mais parecia um recife de corais.

O trem soltava estrondos e resfolegava, esperando para continuar noite adentro, em direção a Helsinki.

Pekkala avaliou a situação. Ele sabia que aqueles homens provavelmente não passavam de ex-soldados, e não eram o tipo de profissional que poderia detectar documentos habilmente falsificados ou que soubesse quais perguntas fazer para induzir ao erro um homem que não era quem dizia ser. Uma pergunta astuciosa sobre obstetrícia poderia abrir um buraco no disfarce de Pekkala. Ele não tivera tempo de pesquisar sua nova profissão.

Pekkala carregava a Webley presa junto ao peito. Poderia com facilidade ter atirado no único homem que os guardava e fugir rumo à escuridão enquanto os outros continuavam a

revistar o trem. Mas bastou uma olhada para a densa floresta cheia de neve que cercava a estação para que Pekkala soubesse que não chegaria longe. Mesmo que não o capturassem, o mais provável seria morrer congelado.

Não havia nada a fazer senão esperar que os guardas tivessem satisfeito a curiosidade e a necessidade de se sentir importantes. Então eles todos poderiam simplesmente voltar para o trem.

Seu plano era visitar os pais, e então seguir em frente, via Estocolmo, para Copenhague, e de lá em direção a Paris, onde começaria a busca por Ilya.

Os outros guardas desembarcaram.

Os passageiros que permaneceram a bordo esfregaram as janelas embaçadas, formando círculos que lhes permitiram ver o que estava acontecendo do lado de fora.

O guarda que tropeçara percorreu a fila dos que haviam sido detidos, examinando os documentos. Ele era um pouco grande demais para a túnica que vestia, cujas mangas acabavam bem acima dos pulsos. Um cigarro aceso pendia entre os lábios, e quando falou, soou como alguém com paralisia facial.

— Está certo — disse ele a um dos homens. — Pode ir.

O homem não olhou para trás. Correu para subir no trem.

Duas mulheres que estavam à frente de Pekkala e que não haviam recebido permissão para embarcar choravam sob as luzes da estação. A neve voltara a cair, e as sombras dos flocos passavam, gigantescas como nuvens, por cima da plataforma congelada.

Chegou a vez de Pekkala.

— Um médico — disse o guarda.

— Sim, senhor — respondeu Pekkala, mantendo a cabeça baixa.

— Que osso é este? — perguntou o homem.

E então Pekkala soube que fora pego. Não porque não soubesse os nomes dos ossos do corpo humano. Com o treinamento que recebera de Bandelayev e anos prestando atenção à ilustração do corpo humano que havia pendurada na sala mortuária de seu pai, eram poucos os ossos dos quais ele não lembrava o nome. Pekkala soube que fora pego porque, se ele fizesse contato visual com o guarda, não havia possibilidade de que lhe dessem permissão para ir embora. Aquilo não era diferente de estar diante de um cachorro. Para o guarda, aquilo era um jogo.

— Esse osso aqui — disse o homem, e estalou os dedos para chamar a atenção de Pekkala.

Pekkala continuou a olhar para os próprios pés. Flocos de neve pousavam em suas botas.

O trem apitou impaciente.

Uma baforada de fumaça de cigarro passou roçando em seu rosto.

— Responda, maldito — disse o guarda.

Então Pekkala não teve escolha senão levantar a cabeça.

O guarda sorriu maliciosamente, o cigarro tão perto do fim que a brasa quase tocava os lábios. Ele ergueu as mãos atrás da cabeça, mexendo os dedos lentamente, numa espécie de cumprimento zombeteiro.

Seus olhares se cruzaram.

Quando o trem partiu, somente Pekkala e uma das mulheres ficaram para trás. Pekkala foi algemado a um banco. Os guardas arrastaram a mulher até a sala de espera atrás do posto policial.

Pekkala ouviu-a gritar.

Meia hora mais tarde, a mulher correu nua para a plataforma.

A neve parara de cair. Uma lua cheia brilhava através de retalhos de nuvem. A neve que caía não mais derretia no casaco de Pekkala. Em vez disso, amontoava-se sobre ele

como um manto de pelo de urso polar. Ele já não sentia as mãos. As algemas eram tão frias que pareciam queimar sua pele. Os dedos dos pés ficaram duros como projéteis martelados na carne macia.

A mulher chegou ao fim da plataforma. Seus pés deslizaram na neve semiderretida. Por um segundo, ela se virou e encarou Pekkala.

Retorcida em seu rosto, estava a mesma expressão de terror que ele certa vez vira nos olhos de um velho cavalo que desabara na beira da estrada. O dono puxara uma longa faca puukko e estava preparando-se para cortar a garganta do animal. Ele se sentou ao lado do cavalo e afiou a faca em uma pequena pedra de amolar que colocara sobre o joelho. O cavalo ficou olhando para ele o tempo todo, os olhos esvaziados pelo medo.

A mulher saltou da plataforma e caiu bruscamente sobre os trilhos, menos de um metro abaixo. Então se levantou e começou a correr pelos trilhos, na direção de Helsinki.

Os guardas saíram cambaleando para a plataforma. Um deles tocava com os dedos o lábio ensanguentado. Eles olharam em volta, confusos e às gargalhadas.

— Ei! — Um dos guardas chutou Pekkala na perna. — Pra onde ela foi?

Antes que ele pudesse responder, o líder dos guardas a viu. Ela ainda corria. Suas costas nuas emitiam um brilho branco, como alabastro à luz da lua. As baforadas sedosas de sua respiração subiam acima da cabeça.

O guarda puxou um revólver. Era uma Mauser de nove milímetros e cabo parecido com o de uma vassoura, com um coldre de madeira que podia ser usado como coronha, de modo que a arma podia ser disparada como um rifle. O guarda removeu o coldre e afixou-o à coronha da arma. Então, apoiou a coronha no ombro e mirou na direção da mulher que corria pelos trilhos. A arma emitiu um estalo

surdo. Um cartucho foi arremessado no ar e deslizou pelo chão da plataforma, girando até parar próximo às botas de Pekkala. Um filete de fumaça saía da boca da arma e serpeava no ar.

Os outros guardas haviam se juntado na beira da plataforma, tentando enxergar na escuridão.

— Ela ainda está correndo — disse um deles.

O líder dos guardas mirou novamente e atirou.

O cheiro de pólvora espalhou-se pelo ar gélido.

— Errou — disse um guarda.

O líder virou-se.

— Então me deem espaço!

Os outros guardas estavam a mais de três passos do líder, mas se afastaram obedientes, às cotoveladas.

Curvando-se para a frente, Pekkala pôde ver obscuramente que a mulher ainda estava de pé e corria; seu corpo parecia uma chama de vela emitindo luz fraca entre os trilhos prateados.

O líder dos guardas mirou de novo e atirou duas vezes, uma logo depois da outra.

A chama que fora a mulher pareceu bruxulear por um instante e então se apagou.

O atirador apoiou a coronha da arma na curva de seu braço, o cano da arma agora mirando o céu.

— É pra gente ir pegá-la? — perguntou um dos guardas.

— Deixe-a congelar — respondeu o líder. — Pela manhã, ela não estará mais lá.

— Por que não?

— Antes do amanhecer, outro trem vai passar por aqui. Quando a pegar, ela vai quebrar como um caco de vidro.

Na manhã seguinte, um guarda colocou um pano preto sobre a cabeça de Pekkala. Quando o trem de Helsinki chegou, Pekkala foi empurrado pela plataforma, cego e sufocando. Mãos brutas içaram-no a bordo, e ele ficou no

compartimento de bagagem, que não tinha aquecimento, algemado a um motor de reposição para um trator, até que o trem chegasse a Petrogrado.

Pekkala foi até a porta com Mayakovsky, que estava de saída.

— E se os Romanov estavam naquele caminhão...?

Mayakovsky virou-se sob o batente da porta.

— Já disse que eles estavam.

— Mas e se eles estavam mortos quando o caminhão os levou embora?

— Escuta — disse Mayakovsky. — Todo mundo nesta cidade sabia que quando aqueles homens da Cheka chegaram na cidade, o único motivo para a presença deles aqui era garantir que os Romanov estivessem mortos antes que os Brancos entrassem na cidade. É por isso que eles expulsaram os homens da milícia local que estavam guardando a casa Ipatiev. Moscou queria ter certeza absoluta de que se os Brancos chegassem perto o bastante, a Cheka tomaria conta de executar a família e que simplesmente não fugiria como a milícia talvez fugisse. Se alguém de fora quisesse ver os Romanov mortos, tudo o que teria a fazer seria esperar a chegada dos Brancos. O único tipo de pessoa que invadiria aquela casa e arriscaria a vida em um tiroteio com aqueles guardas seria alguém que quisesse salvar a família do tsar, e não matá-la.

Depois de Mayakovsky ir embora, os três homens voltaram à mesa.

— Por que você o deixou continuar falando — perguntou Kirov —, quando sabia que era tudo um monte de mentiras?

— Desta vez — disse Anton —, eu estou com o Júnior. E o pior de tudo é que ele acha que se safou.

— Mayakovsky não acha que está mentindo — disse Pekkala. — Ele estava convicto de que o único motivo de você e os outros guardas da Cheka substituírem a milícia era poderem assassinar a família.

— Nós substituímos a milícia — respondeu Anton — porque eles estavam roubando os Romanov. O tsar estava sendo protegido por uma gangue de ladrões de meia-tigela. Não havia profissionalismo. Não se podia mais confiar neles para nada.

— Mas você entende o que a chegada de vocês deve ter parecido a alguém que via tudo de fora. É por isso que Mayakovsky acreditava no que estava dizendo. É importante saber como as pessoas perceberam um crime, mesmo que você saiba que não é verdade.

— Ou é verdade, ou não é. — Anton pegou a maçã de madeira e jogou-a para Pekkala. — Você está parecendo os homens que nos deram isso.

— A diferença — disse Pekkala — é que estamos solucionando um crime, não cometendo um.

Anton jogou as mãos para o alto.

— Vá em frente e conduza essa investigação como quiser. Eu vou para a taverna ver se posso esmolar um pouco de tabaco, já que essa é a única chance que vou ter de conseguir. — Ele saiu e bateu a porta.

Kirov e Pekkala foram para a sala da frente e acenderam a lareira. Trouxeram as cadeiras da cozinha e sentaram na frente do fogo, mão estendidas para as chamas e cobertores cobrindo os ombros.

Do bolso do casaco, Pekkala tirou o velho livro que trouxera consigo. Enquanto lia, a expressão de seu rosto tornou-se sonhadora. As linhas que marcavam seu rosto desapareceram.

— O que é isso? — perguntou Kirov.

— O *Kalevala* — murmurou Pekkala, e continuou a ler.

— O quê? — inquiriu Kirov.

Pekkala suspirou e pousou o livro sobre os joelhos.

— É um livro de histórias — explicou.

— Que tipo de histórias? — perguntou Kirov.

— Lendas — respondeu Pekkala.

— Eu não conheço lenda nenhuma — disse Kirov.

— São como histórias de fantasmas. Você não tem que acreditar nelas, mas é difícil pensar que elas não contêm verdade alguma.

— Você acredita em fantasmas, Pekkala?

— Por que pergunta, Kirov?

— Porque eu acabo de ver um — disse.

Pekkala endireitou a coluna.

— O quê?

Kirov, constrangido, deu de ombros.

— Enquanto eu acendia o fogo, alguém olhou por aquela janela. — Apontou para as cortinas no canto, perto da lareira. De onde estavam sentados, podiam ver um pequeno pedaço do vidro da janela que não era tapado pela cortina. Pelo vidro, podiam ver a rua. As silhuetas dos galhos das árvores agitavam-se como estranhas criaturas aquáticas sob o luar.

— Deve ser algum bêbado voltando da taverna para casa, que queria ver por que as luzes daqui estão acesas — disse Pekkala. — É claro que isso deixa as pessoas curiosas.

Constrangido, Kirov coçou as bochechas, que coravam.

— É que... bem... parece...

— O que é, Kirov? Diga logo para eu poder voltar a ler meu livro.

— É que eu poderia jurar que o homem que olhou pela janela era o tsar. Aquela barba dele. Aqueles olhos tristonhos. Só o conhecimento de fotos, é claro. E estava escuro.

— Soltou devagar o ar dos pulmões. — Talvez eu tenha só imaginado.

Pekkala levantou e saiu da sala. Abriu a porta da frente da casa. A brisa noturna passou por ele e infiltrou-se na casa, substituindo o ar parado que se acumulara na casa Ipatiev. Por um longo tempo ficou lá estático, fitando as janelas estilhaçadas das casas do outro lado da rua, procurando qualquer sinal que pudesse denunciar a presença de um espião. Pekkala não viu ninguém, mas de fato sentiu que alguém estava lá.

Quando enfim voltou para a sala, encontrou Kirov agachado diante do fogo, juntando pedaços de uma cadeira quebrada.

Pekkala sentou-se no mesmo lugar de antes. O fogo sibilava ao erguer-se sobre os pedaços de lenha.

— Eu disse que devo ter imaginado.

— Pode ser — respondeu Pekkala.

Pekkala acordou num sobressalto.

Um barulho de vidro quebrando o acordara.

Anton não estava em lugar algum. Seu cobertor continuava dobrado à beira da lareira.

Kirov já estava de pé. Os cabelos estavam arrepiados em tufo irregulares.

— Veio lá de dentro. — Ele apontou para a cozinha. Então foi até a outra sala e acendeu um dos lampiões.

Pekkala jogou o cobertor para o lado e esfregou o rosto. Devia ser Anton, pensou. Ficou preso do lado de fora e quebrou uma janela tentando entrar.

— Crianças malditas! — disse Kirov.

Pekkala levantou-se. Tirou a Webley do coldre por via das dúvidas. Sentindo as pernas ainda rígidas, foi até a cozinha. A primeira coisa que viu foi que a janela que ficava acima

da pia fora quebrada. Os cacos de vidro estavam espalhados pelo chão.

Kirov aproximou o rosto da janela quebrada.

— Andem! — gritou ele para a escuridão. — Saiam daqui!

— O que jogaram? — perguntou Pekkala.

— Um pedaço de perna de mesa — respondeu Kirov.

O ar parou na garganta de Pekkala.

Kirov tinha em mãos uma granada alemã em forma de barra; um cilindro de metal pintado de cinza, como uma pequena lata de sopa acoplada a um pedaço de pau um pouco mais curto que um antebraço, para que pudesse ser arremessada a grandes distâncias.

— O que foi? — perguntou Kirov. Olhou para Pekkala e então para a barra em sua mão. De repente, pareceu compreender. — Meu Deus. — sussurrou.

Pekkala arrancou a granada da mão de Kirov e jogou-a de volta pela janela da cozinha, quebrando mais uma vidraça. Então segurou a camisa de Kirov e puxou-o para o chão.

A granada caiu e rolou pelo chão do pátio. Fragmentos de vidro tiniram melodiosamente nos paralelepípedos

Pekkala tapou os ouvidos com as mãos, mantendo a boca aberta para equalizar a pressão, esperando pelo estrondo da explosão. Ele sabia que se os homens lá fora possuísem o treinamento adequado, entrariam na casa imediatamente depois da detonação. Pekkala ficou o mais perto possível da parede para não se machucar quando as janelas e a porta estourassem para dentro. Aquelas granadas tinham um detonador de sete segundos. O próprio Vassilejev lhe ensinara isso. Ele esperou, contando, mas não houve explosão. Convencido enfim de que a granada estava inativa, Pekkala levantou-se e olhou para o pátio. A luz do luar cintilava nos cacos de vidro e no para-brisa do Emka, dividindo o pátio em formas geométricas de luz azulada e ângulos bem-esculpidos de sombra negra.

Cutucou Kirov com a ponta do pé.

— Vamos — disse.

Com cautela, os dois homens saíram em direção ao pátio. As estrelas se estendiam pelo céu.

O portão estava aberto. Eles o haviam fechado antes de dormir.

— Acha melhor tentar segui-los? — perguntou Kirov.

Pekkala fez que não com a cabeça.

— Quando perceberem que a granada não explodiu, eles podem voltar. É mais seguro esperá-los aqui.

Enquanto Kirov saía para apanhar sua arma, Pekkala viu a granada, caída sobre o galpão de estocagem. Ao aproximar-se, pôde ver o que parecia um pequeno botão branco caído ao lado da granada. Olhando mais de perto, percebeu que o botão era, na verdade, uma bola, do tamanho de uma pequena bola de gude, perfurada no centro. Um fio fora passado através dela. A outra extremidade desaparecia dentro do cabo oco da granada. Isso seria coberto por uma tampa metálica de rosca até o momento de seu uso. Aquela bola de porcelana e a corda eram armazenadas dentro do cabo, e tinham de ser puxadas de modo a acionar o detonador. A pessoa que jogara a granada, fosse quem fosse, desatarraxara a tampa, mas esquecera de puxar a corda.

— Talvez seja só um aviso — disse Kirov, depois de Pekkala explicar o motivo da granada não ter explodido.

Pekkala sentiu o peso do explosivo batendo delicadamente a lata de metal, que continha o detonador, na palma da mão.

Enquanto Kirov ficava de vigia na frente da casa, Pekkala permaneceu na cozinha. Com as luzes apagadas, ficou sentado mantendo a Webley e a granada diante de si. Pequenos flocos de vidro espalhavam-se pela superfície da mesa. Pela janela quebrada, olhou fixamente as trevas lá

fora, até que seus olhos cansaram e sombras começaram a dançar como pessoas que o provocavam.

Anton voltou ao amanhecer. Foi direto até a bomba d'água que havia no pátio. Sua alavanca, com uma curva graciosa, era revestida por uma velha camada de tinta vermelha, da mesma cor vívida de uma baga de azevinho. Enquanto Anton pressionava a alavanca, o guincho do metal rangendo, parecido com o grito de uma ave de rapina, encheu o ar.

Um instante depois, uma explosão prateada amorfa emergiu da extremidade da bomba, e Anton enfiou o rosto sob a água corrente. Quando levantou a cabeça, um penacho prateado arqueava-se sobre seu ombro. Alisou o cabelo para trás com as mãos, de olhos fechados, boca aberta, gotículas caindo do queixo.

Naquele instante, Pekkala se deu conta de que já vira aquela bomba d'água antes.

Fora numa foto, que Pekkala descobrira em um número do *Pravda* que fora deixado junto de suas rações para o inverno no início da trilha em Krasnagolyana.

O tsar e seu filho Alexei estavam cortando madeira com um grande serrote de lenhador. Cada um segurava uma extremidade. Havia uma pilha de madeira ao lado. A bomba d'água estava em segundo plano. A foto fora tirada durante a prisão do tsar naquela casa. O tsar vestia uma túnica simples de trabalho, exatamente o que seus captores fariam numa ocasião assim. Alexei vestia um casaco pesado e um chapéu de pele, agasalhado contra um frio que seu pai não parecia sentir. Na época que Pekkala viu a foto, o jornal já era tão antigo que o tsar já estava morto há mais de um ano.

Pekkala pensou no rosto que Kirov vira na janela. Talvez esse lugar seja mesmo assombrado, ele pensou.

Anton entrou na cozinha. Tinha olhos injetados, o branco transformado em um amarelo doentio. Uma das bochechas tinha um roxo, a cor quase preta onde o osso molar se destacava sob a pele.

— O que aconteceu? — perguntou Pekkala.

— Vamos dizer que Mayakovsky não é o único nessa cidade que se lembra de mim.

— Recebemos outra visita noite passada — disse Pekkala. Ele pôs a granada sobre a mesa.

Anton assobiou baixinho. Aproximou-se para examinar melhor.

— Engasgou?

— Não puxaram a corda.

— Isso não é algo que se faça por engano.

— Então é um aviso — disse Pekkala —, e da próxima vez não teremos tanta sorte.

— Tenho de apresentar meus documentos no posto policial antes que você possa começar oficialmente sua investigação — disse Anton. — Pode vir junto para ver se eles sabem de alguma coisa.

Alexander Kropotkin, o chefe de polícia de Sverdlovsk, era um homem atarracado, de ombros largos, com uma densa cabeleira loira, a qual penteava para baixo, encobrindo a testa.

Enquanto Pekkala e Anton esperavam, Kropotkin ficou sentado atrás de sua mesa, folheando os papéis que Anton lhe entregara. Chegou à última página, apertou os olhos para ler a assinatura, então jogou os papéis sobre a mesa.

— Por que você se dá ao trabalho?

— Ao trabalho de quê? — perguntou Anton.

Kropotkin bateu nos documentos com um indicador curto e gordo.

— O camarada Stalin assinou essas ordens. Você pode fazer tudo o que quiser. Não precisa de minha permissão.

— É uma cortesia — disse Anton.

Kropotkin curvou-se para a frente, apoiando os antebraços na mesa. Olhos fixos em Pekkala.

— O Olho de Esmeralda. Ouvi dizer que você estava morto.

— Você não é o único.

— Também ouvi dizer que você era incorruptível, mas aqui está você, trabalhando para eles. — Apontou Anton com o queixo.

— Eu não fui corrompido — disse Pekkala.

— Subornado então. Ou ameaçado. Não tem importância. De uma maneira ou de outra, você agora trabalha para eles.

Aquelas palavras calaram fundo em Pekkala, mas ele decidiu não responder.

Então Kropotkin voltou a atenção para Anton.

— Você não me é estranho. Era um dos guardas da Cheka, não era?

— Talvez — respondeu Anton.

— Não, sem talvez. Não esqueço rostos, e eu vi você na taverna o tempo todo que passou aqui. Quantas vezes eu vi os homens da Cheka virem encontrá-lo quando você estava bêbado demais para andar? E pelo seu rosto, ou esse machucado é antigo e não vai sair nunca mais, ou não perdeu tempo em voltar aos seus velhos hábitos. Agora você vem ao meu escritório e fala de cortesia comigo? Vocês, cavalheiros, podem ir pastar. Estou sendo cortês o bastante?

— O que te deixou irritado assim? — inquiriu Anton.

— Você quer saber? Está bem, vou dizer. Aqui era um lugar bom e tranquilo até que vocês trouxessem os Romanov para cá. Desde então nunca mais foi o mesmo. —

Formou uma arma com o indicador e o polegar e colocou-a na têmpera.

— Morte. Execução. Assassinato. Você escolhe. E sempre que as coisas começam a acalmar, alguém do seu pessoal aparece e tumultua tudo de novo. Ninguém quer vocês aqui, mas não posso expulsá-los. — Apontou a porta com o queixo. — Então vão cuidar do seu trabalho e depois nos deixem em paz.

Pekkala tirou a granada do fundo bolso interno do casaco e colocou-a sobre a mesa.

Kropotkin ficou olhando.

— Que é isso? Um presente?

— Alguém jogou isso pela nossa janela ontem à noite — respondeu Pekkala —, mas esqueceu de tirar o pino.

— É alemã — acrescentou Anton.

Kropotkin esticou o braço e pegou a granada.

— Na verdade, é austríaca. As granadas de barra alemãs tinham cliques para prender ao cinto aqui no cilindro. — Ele deu pancadinhas na lata de sopa cinza que continha os explosivos. — As austríacas não — completou.

— Você lutou na guerra? — perguntou Pekkala.

— Sim — respondeu Kropotkin —, e você aprende essas coisinhas quando jogam muitas granadas em você.

— Esperávamos que você soubesse dizer de onde isso veio.

— Os Brancos usavam — respondeu Kropotkin. — A maioria dos homens que atacou Sverdlovsk havia estado no Exército austríaco antes que passasse para o nosso lado. Muitos deles ainda usavam equipamentos austríacos.

— Acha que pode ser alguém que esteve com os Brancos? — perguntou Pekkala.

Kropotkin negou com a cabeça.

— O homem que lançou isso aqui não esteve com os Brancos.

— Então você não sabe quem pode ter jogado isso?

Kropotkin estreitou os olhos.

— Ah, eu sei exatamente quem jogou essa granada em vocês. Só há um homem louco o bastante para fazer isso e idiota a ponto de não puxar a corda antes. O nome dele é Nekrasov. Ele foi um dos homens da milícia que guardava os Romanov antes que a Cheka viesse e os expulsasse. Suponho que ele ainda guarde rancor. Assim que as luzes se acenderam de novo na casa Ipatiev, ele deve ter adivinhado que vocês estavam de volta.

— Mas por que ele se daria ao trabalho de jogar uma granada?

— É melhor perguntarem isso pessoalmente. — Kropotkin pegou um lápis, rabiscou um endereço em um bloco de notas, arrancou a folha e estendeu-a para que um deles pegasse. — É aqui que vocês vão encontrá-lo.

Anton pegou o papel.

— Não levem a mal — riu Kropotkin. — Ele tenta matar todo mundo. Só que é muito ruim no serviço. Se Nekrasov não jogou pelo menos uma bomba em vocês até a hora de irem embora, podiam muito bem ter ficado em casa.

— Pelo menos eu não sou o único odiado por aqui — disse Anton, quando ele e Pekkala estavam de volta à rua. — Quer que eu vá com você falar com Nekrasov?

— Deixe comigo — disse Pekkala. — Você está com cara de quem precisa dormir.

Anton concordou, semicerrando os olhos para proteger-se do sol da manhã.

— Pior que sim.

* * *

A porta abriu bem pouco. Da escuridão de dentro da casa, um homem observava Pekkala.

— O que você quer?

— Nekrasov?

A porta foi escancarada de uma só vez, revelando um homem de cabelos grisalhos ondulados e barba de dois dias no queixo.

— Quem pergunta? — perguntou.

— Meu nome é Pekkala — respondeu. Então socou Nekrasov, um direto na mandíbula.

Quando Nekrasov acordou, estava encolhido em um carrinho de mão, com os braços amarrados à roda atrás de suas costas.

Pekkala estava sentado num caixote verde de madeira com alças de corda. O caixote estava carimbado com a águia Habsburgo de duas cabeças, do Exército austro-húngaro. Embaixo do símbolo, em letras amarelas, havia as palavras “Granaten” e “Achtung-Explosiven”.

Nekrasov vivia em uma cabana com telhado de palha, com uma cerca branca de estacas na frente. Dentro, o teto era tão baixo que Pekkala fora forçado a se abaixar, desviando dos ramos de sálvia, alecrim e manjeriço que estavam amarrados às vigas com filamentos de grama. Ao afastá-los com as mãos, o cheiro das ervas flutuava suavemente pelo ar.

Com as mãos em gancho sob as axilas de Nekrasov, Pekkala arrastara o homem por um cômodo com um banco antiquado apoiado na parede, do tipo usado antigamente como cama em casas de um só andar como aquela. Bem dobrado sobre o banco, havia um cobertor azul e um travesseiro vermelho sujo, mostrando que ele ainda era usado para sua finalidade original. Próxima ao banco, Pekkala encontrou a caixa de granadas, com 17 das trinta que continha originalmente, cada uma amarrada em papel

encerado marrom. Quando abriu a tampa da caixa, o odor doce de marzipã dos explosivos soprou em seu rosto.

Saindo para um pequeno jardim, Pekkala descobriu uma selva de feijões trepadores, tomates e abóboras. O único espaço livre era um caminho que ia até o centro do jardim, que tinha espaço para a passagem do carrinho de mão e nada mais.

Chovera na noite passada, e agora o sol vaporizava a umidade. Pekkala sentia o ar pesado nos pulmões. Enquanto esperava Nekrasov recobrar a consciência, fizera um sanduíche de queijo na cozinha do homem. Agora comia o sanduíche como café da manhã.

As pálpebras de Nekrasov tremularam e se abriram. Olhou em volta, zozzo, até ver Pekkala.

— Como você disse que era o seu nome?

— Pekkala — respondeu ele, quando acabou de mastigar.

Nekrasov contorceu-se um pouco.

— Podia ao menos ter me amarrado em uma cadeira.

— Um carrinho de mão também serve.

— Estou vendo que você descobriu minhas granadas.

— Não foi difícil encontrá-las.

— Os Brancos as deixaram para trás. Como me encontrou tão rápido?

— O chefe de polícia me falou de você.

— Kropotkin! — Nekrasov se esticou para o lado do carrinho e cuspiu no chão. — Ele me deve dinheiro.

Pekkala mostrou a granada.

— Você se importaria de me contar por que jogou isto aqui pela janela na noite passada?

— Porque vocês me dão nojo.

— De quem você está falando?

— A Cheka. A GPU. A OGPU. Seja lá qual for o nome de vocês agora.

— Não faço parte de nenhuma dessas coisas — disse Pekkala.

— Quem mais entraria naquela casa? Além do mais, vi um dos seus homens entrando na taverna na noite passada. Eu o reconheci. É um dos filhos da puta da Cheka que estavam guardando os Romanov quando eles desapareceram. Pelo menos tenha a decência de me dizer a verdade, seu comissário maldito.

— Não sou comissário. Sou um investigador. Fui contratado pelo Bureau de Investigações Especiais.

Nekrasov bramiu uma risada.

— Qual era o nome deles semana passada? E qual será o nome semana que vem? Vocês são todos iguais. Só sabem ficar mudando as palavras até que elas não signifiquem mais nada.

Pekkala assentiu, resignado.

— Gostei da nossa conversa — disse. Então se levantou e foi na direção da saída.

— Onde você está indo? — gritou Nekrasov. — Não pode me deixar aqui assim.

— Tenho certeza que alguém virá. Cedo ou tarde. Embora, pelo visto, você não receba muitas visitas, e pelo que Kropotkin disse sobre você, mesmo quem aparecer dificilmente vai te desamarrar daí tão cedo.

— Não me importo. Eles podem todos ir pastar, e você também!

— Você e Kropotkin têm um vocabulário parecido.

— Kropotkin! — Nekrasov cuspiu mais uma vez. — É ele que você tinha de investigar. Os Brancos trataram-no bem quando entraram na cidade. Não deram uma dura nele como fizeram com todo mundo. E quando os Vermelhos voltaram, nomearam-no chefe da polícia. Ele jogava nos dois lados, se quer minha opinião, e um homem que joga nos dois lados é capaz de tudo.

Pekkala apertou os olhos, voltando o olhar para o céu turvo.

— Parece que hoje vai ser um dia quente.

— Não me importo — respondeu Nekrasov.

— Não é em você que estou pensando — disse Pekkala. — É naquelas granadas. — Indicou a caixa com a cabeça.

— O que está dizendo? — perguntou Nekrasov, olhando fixamente para as palavras “Achtung — Explosiven”.

— Essa caixa é de 1916. As granadas têm 13 anos de idade. Um soldado como você deve saber que a dinamite fica muito instável se não for armazenada corretamente.

— Eu que as armazenei! Eu as guardo bem ao lado da minha cama!

— Mas antes disso...

— Encontrei-as na floresta. — Sua voz parecia ficar cada vez mais baixa à medida que falava.

Mais uma vez Pekkala olhou para o céu azul com nuvens esbranquiçadas a grande altitude.

— Bem, adeus. — Ele se virou para ir embora.

— Vá para o inferno!

— Como quiser.

Pekkala começou a andar.

— Espere! — gritou Nekrasov. — Está bem. Desculpe por eu ter jogado uma granada em você.

— Se eu ganhasse um rublo a cada vez que me dissessem isso — Pekkala parou e se virou —, eu teria apenas um rublo.

— Bem, e o que mais você quer?

— Você poderia responder a algumas perguntas.

— Perguntas sobre o quê?

Pekkala voltou e sentou mais uma vez sobre o caixote.

— É verdade que você era um dos homens da milícia que guardava a casa Ipatiev?

— Sim, e também o único que ainda está vivo.

— O que aconteceu com os outros?

— Éramos 12. Quando os Brancos vieram, mandaram que a gente protegesse a ponte nos arredores da cidade. Nós tombamos uma carroça para bloquear o caminho e nos escondemos atrás dela. Mas isso não serviu para deter os Brancos. Eles trouxeram um morteiro austríaco da montanha. Então nos deram duas salvas de tiro, em linha reta, a menos de 100 metros de distância. Nem ouvimos a arma disparar. A primeira salva matou metade dos meus companheiros. A segunda pegou bem no meio da carroça. Eu não me lembro disso. Tudo o que sei é que quando acordei estava caído na vala à beira da estrada. Estava pelado, só com minhas botas e uma manga da minha camisa. Todo o resto tinha sido arrancado do meu corpo pela explosão. Uma das rodas da carroça estava pendurada num galho de árvore do outro lado da estrada. Cadáveres por todo canto. Estavam pegando fogo. Os Brancos acharam que eu estava morto e foram embora. Eu fui o único sobrevivente entre os homens que eles mandaram para proteger aquela ponte.

— Nekrasov, eu entendo o motivo de você odiar os Brancos, mas não o que você tem contra a Cheka. Afinal, a única coisa que fizeram foi substituir vocês na guarda dos Romanov.

— Tudo? Isso foi tudo o que eles fizeram? — Ele se debateu, tentando livrar-se das cordas, mas os nós eram firmes, o que o fez desistir. — A Cheka nos humilhou! Disseram que a gente estava roubando o tsar!

— E estavam?

— Eram só coisas miúdas — protestou. — As freiras do convento estavam na cidade. Elas traziam comida em cestas, e o tsar dava livros a elas, em agradecimento. Nós roubamos algumas batatas. Pode ir perguntar às freiras, se

é que alguma delas ainda está viva. Eles estão fechando o convento. Cancelar Deus! O que me diz disso?

— Foi só isso que roubaram? Umas batatas?

— Eu não sei! — O rosto de Nekrasov ficara vermelho. — Às vezes, uma caneta-tinteiro pode sumir. Às vezes, um baralho de cartas. Coisas pequenas, estou dizendo! Ninguém passou fome. Ninguém ia nem dormir com fome. Mandaram a gente fazê-los sentir que eram prisioneiros. Não tínhamos permissão para falar com eles. Nem mesmo olhar para eles, se desse pra evitar. O que importa é que os Romanov estavam em segurança. Ninguém fugiu. Ninguém invadiu a casa. Era para a gente tomar conta deles até a hora que o tsar pudesse ser levado a julgamento, e era exatamente isso o que estávamos fazendo.

— E quanto ao resto da família?

— Não sei. Ninguém disse nada sobre submetê-los a julgamento. E com certeza ninguém disse nada sobre matá-los! Então, esses homens da Cheka vêm e fazem um tumulto por causa de umas batatas roubadas. Eles nos expulsam, e aí o que acontece? Não há julgamento algum! Em vez disso, toda a família é assassinada. Então, quando aqueles guardas da Cheka acabam de dar tiros em mulheres e crianças indefesas, saem da cidade o mais rápido que conseguem e deixam para a gente o trabalho de lutar contra 30 mil Brancos que têm canhões e — fustigou o caixote com o pé — tantas granadas que podem dar-se ao luxo de deixar caixas inteiras nas florestas. E é por isso que eu os odeio. Porque a gente fez o nosso trabalho e eles não fizeram o deles.

Pekkala foi até a parte da frente do carrinho de mão e tirou as cordas que atavam os braços de Nekrasov à roda.

Nekrasov não se levantou. Só ficou lá parado, massageando os pulsos no lugar em que a corda escavara a pele.

— Numa cidade desse tamanho — explicou ele —, a vida de um homem pode se resumir a um único momento. Uma coisa que ele disse ou fez. E é só por essa coisa que os outros se lembram dele. E ninguém pensa em nós aguentando firme naquela ponte até que nos explodiram em pedacinhos com um morteiro. Só se lembram da gente por causa de umas batatas roubadas.

Com a ponta da bota, Pekkala ergueu a tampa do caixote e recolocou a granada que não explodira lá dentro.

— Por que você não puxou o pino? — perguntou.

— Eu estava bêbado — explicou Nekrasov.

— Não, não estava. Eu revistei essa casa enquanto você estava desmaiado e não há nenhum sinal de álcool aqui. Você não estava bêbado. — Pekkala estendeu a mão para Nekrasov e ajudou-o a levantar-se. — Deve haver outro motivo — completou Pekkala.

— Eu sou maluco — disse Nekrasov.

— Eu também não acredito nisso.

Nekrasov suspirou.

— Talvez eu não seja do tipo que sai despedaçando os outros enquanto estão dormindo.

— E quanto ao tsar?

— Eu matei pessoas na guerra, mas isso foi diferente. Um homem desarmado. Mulheres. Crianças. O mesmo vale para os homens que estavam comigo. Se era pra atirar nos Romanov, foi bom a Cheka ter assumido o nosso lugar.

— Então você acha que a Cheka assassinou o tsar?

Nekrasov deu de ombros.

— Quem mais seria?

* * *

Quando Pekkala voltou para a casa Ipatiev, encontrou Anton sentado na soleira da porta dos fundos da casa, uma laje de pedra desgastada pelos incontáveis passos daqueles que haviam habitado e trabalhado ali antes que a casa fosse congelada no tempo. Estava comendo alguma coisa em uma frigideira, cavando com uma colher de pau.

Kirov apareceu na entrada da cozinha, com as mangas da camisa arregaçadas.

— Achou o velho da milícia? — perguntou.

— Sim — respondeu Pekkala.

— Você o prendeu?

— Não — respondeu Pekkala.

— Por que não? — perguntou Kirov. — Ele tentou nos matar na noite passada!

— Se ele quisesse nos matar, já estaríamos mortos.

— De qualquer modo, acho que você devia tê-lo prendido — disse. — É uma questão de princípio.

— É justamente disso que o mundo precisa — disse Anton. — Um menino, uma arma e princípios.

— Ele confessou ter matado o tsar? — perguntou Kirov.

— Não.

— Que surpresa — resmungou Anton.

— O ódio dele não era pelos Romanov — disse Pekkala. — É por você e seus amigos da Cheka.

— Bom, ele pode entrar na fila como todo mundo — disse Anton. — A milícia. Os Brancos. Os Romanov. Aquele chefe de polícia, Kropotkin. Até mesmo aquelas freiras do convento odiavam a gente.

— Na verdade — continuou Pekkala —, ele está convencido de que a Cheka foi responsável pela morte dos Romanov.

Kirov assobiou entre os dentes.

— A Cheka acha que a milícia matou o tsar. A milícia acha que foi a Cheka. E Mayakovsky acha que eles

sobreviveram!

— Bem — disse Pekkala —, pelo menos dá para excluir a hipótese de terem sobrevivido.

— E quanto à Cheka? — perguntou Anton. — Vai me dizer que acredita mesmo que nós tomamos parte nisso?

Pekkala deu de ombros.

Anton abanou a colher de pau na direção do irmão.

— Está me colocando sob suspeita?

Pressentindo que mais uma briga estava prestes a irromper entre os irmãos, Kirov tentou mudar de assunto.

— Você não tem nada mais a dizer? — perguntou a Anton.

— Eu já me desculpei — respondeu Anton, enfiando na boca mais uma colherada.

— Desculpas em público! Esse foi o nosso acordo.

Anton resmungou. Colocou a frigideira sobre os paralelepípedos do pátio e deixou a colher cair ruidosamente sobre a superfície enegrecida da panela.

— Peço desculpas por chamar você de cozinheiro. Você é um chef. Um chef excepcional.

— Viu? — disse Kirov. — Não foi tão difícil, foi?

Anton engoliu em seco e não disse nada.

— O que você fez? — perguntou Pekkala, espiando o que havia na frigideira.

— Frango com molho de groselha! — anunciou Kirov, como um chef cuja presença fosse exigida pelos clientes.

— Onde achou os ingredientes para isso? — perguntou Pekkala.

— Nosso novo amigo, Mayakovsky — respondeu Kirov.

— Nosso único amigo, você quer dizer — interveio Anton.

— Ele disse que pode arranjar tudo o que quisermos — disse Kirov.

Anton virou a cabeça e olhou Kirov.

— Espera um minuto. Como foi que você pagou por isso aqui? Eu sou o único que toma conta das nossas reservas de dinheiro.

— Enquanto estava comendo, essa pergunta nem lhe ocorreu, não é? — perguntou Kirov. — Digamos que temos apenas a quantidade de cupons de combustível para fazer a maior parte do caminho de volta para Moscou.

— Maldição! — gritou Anton. — Por que não invadimos a casa dele e pegamos o que quisermos?

— Seria possível — disse Pekkala —, mas acho que ele sabe mais do que nos disse até agora. Cedo ou tarde, vai voltar com mais informações.

— Não temos tempo para cedo ou tarde — rosnou Anton.

— Apressar uma investigação — Pekkala se abaixou e passou um dedo no molho da frigideira — é igual a apressar uma refeição... — Ele provou o molho. Seus olhos fecharam. — Isso aqui é muito bom — murmurou. — E além do mais, com a sua ajuda, as coisas vão andar muito mais rápido.

— Eu já estou ajudando — disse Anton.

— Ajudando como? — perguntou Pekkala. — Exceto por devorar a comida, é claro.

— Eu ajudo — disse Kirov, animadamente.

— Você fique aí, sendo um cozinheiro — murmurou Anton.

— Quanto maior for o número de pessoas que a gente ouvir — disse Pekkala —, mais rápido isso vai acabar.

Kirov espetou as costas de Anton com a ponta da bota.

— Quer voltar a abrir cartas no vapor?

— Está bem! — Anton soltou um gemido zangado. — O que você quer que eu faça?

Depois de atribuir a cada um uma parte da cidade, Pekkala explicou que precisava que eles fossem de porta em porta e descobrissem todo o possível sobre a noite do desaparecimento dos Romanov.

— A gente não pode fazer isso! — disse Anton. — Oficialmente, os Romanov foram executados por ordem do governo. Se começar a correr à boca pequena que estamos procurando o assassino do tsar e da família dele...

— Você não precisa dizer isso. Diga só que alguns fatos foram descobertos recentemente. Não precisa explicar que fatos são esses, e a maioria das pessoas vai estar ocupada demais com as perguntas que você está fazendo para pensar em suas próprias perguntas. Questione se viram algum estranho, ou estranhos, na cidade, quando os Romanov desapareceram. Pergunte se algum corpo foi encontrado. Se alguém de fora da cidade enterrou uma vítima de assassinato às pressas; é improvável que isso tenha passado despercebido aos locais.

— Já se passou muito tempo desde aquela noite — disse Anton. — Se guardaram segredo por todo esse tempo, o que te faz achar que vão nos dizer alguma coisa agora?

— Os segredos ficam mais pesados — disse Pekkala. — Com o tempo, tornam-se pesados demais para carregar. Converse com pessoas que trabalham ao ar livre: carteiros, guardas-florestais, fazendeiros. Se alguma coisa estava acontecendo nos dias que antecederam os desaparecimentos, é mais provável que eles saibam do que quem ficou dentro de casa ou no local de trabalho. Ou pode ir para a taverna...

— A taverna? — perguntou Anton.

Kirov revirou os olhos.

— E de repente ele está louco para ajudar.

— É mais provável que as pessoas contem segredos lá do que em qualquer outro lugar — disse Pekkala. — Você só tem que ficar sóbrio para poder prestar atenção ao que disserem.

— É claro — disse Anton. — O que você acha que eu sou?

Pekkala não respondeu. Ele estava encarando a frigideira.

— Sobrou alguma coisa? — perguntou.

— Um restinho. — Anton lhe passou a panela.

Pekkala sentou ao lado do irmão no degrau de pedra. Não tinha sobrado frango, mas, raspando a colher de pau nos cantos da frigideira, juntou um pouco do molho e uma única groselha verde-jade e translúcida, que seu irmão, satisfeito, não quisera comer. O molho ainda morno, amanteigado, salpicado de salsa picada e engrossado com migalhas de pão frito, era crocante. Ele sentiu a doçura da cebola e o sabor terroso da cenoura cozida. Então deixou a groselha descansar na língua, e lentamente pressionou-a contra o céu da boca, até que a casca firme e redonda cedesse, quase como um suspiro, derramando um suco morno e ácido em sua boca. A saliva jorrou debaixo da língua e ele suspirou, lembrando-se de invernos em sua cabana na floresta de Krasnagolyana, quando sua única refeição por vários dias era batata cozida com sal. Lembrou-se do silêncio daquelas noites, uma tranquilidade tão absoluta que Pekkala conseguia ouvir o suave sibilar que só podia detectar quando não havia nenhum outro ruído. Na floresta, muitas vezes ouvira aquele barulho, e às vezes, nos meses de inverno, parecia-lhe quase ensurdecedor. Mesmo quando criança ele já o conhecia. Seu pai lhe explicara que era o ruído do sangue correndo pelo corpo. Aquele silêncio, mais do que qualquer cerca de arame farpado, fora sua prisão na Sibéria. Mesmo que o corpo de Pekkala tivesse deixado aquela prisão para trás, sua mente continuava encarcerada nela. Só agora, com aqueles sabores abrindo caminhos que seus sentidos desconheciam, Pekkala sentiu-se emergir aos poucos dos anos de sentença.

Depois de ser detido na estação ferroviária de Vainikkala, Pekkala foi levado à prisão Butyrka, em Petrogrado. A Webley e seu exemplar do Kalevala foram entregues às autoridades. Mandaram que assinasse um livro gigante contendo milhares de páginas. O livro tinha uma placa de aço, que cobria tudo exceto o espaço destinado à assinatura dele. De lá, os guardas o conduziram a uma sala onde foi obrigado a ficar nu, e suas roupas foram levadas embora.

Sozinho, Pekkala caminhava nervosamente pela sala. O cômodo tinha teto alto, dois metros de largura e três de comprimento. As paredes eram pintadas de marrom até a metade. Acima disso, tudo era branco. A luz da sala vinha de uma única lâmpada inserida na parede, acima da porta, e coberta por uma tela de arame. A sala não tinha cama, cadeira e nenhum outro tipo de móvel, então, quando Pekkala se cansou de andar, sentou no chão apoiando as costas na parede, joelhos dobrados na altura do peito nu. De poucos em poucos minutos, um orifício na porta se abria e Pekkala podia ver um par de olhos que o espiava.

Foi enquanto esperava nu na cela que os guardas da prisão, revistando suas roupas, descobriram o olho de esmeralda sob a lapela do casaco.

Durante as semanas que se seguiram, nas poucas vezes em que sua mente esteve lúcida o bastante para pensar com clareza, Pekkala se perguntava por que ele não jogara fora o distintivo que revelara sua identidade. Talvez fosse só vaidade. Talvez ele tivesse imaginado que algum dia

retornaria ao seu antigo posto. Talvez fosse porque o distintivo se tornara parte dele, e podia jogá-lo fora tanto quanto podia dispensar o fígado, os rins, o coração. Mas havia outro motivo possível para ter mantido o distintivo, e era que uma parte dele não quisera fugir. Era aquela parte que sabia que seu destino se entrelaçara de tal forma ao do tsar que mesmo a liberdade não poderia cortar aquele vínculo.

Assim que o pessoal da prisão de Butyrka percebeu que havia prendido o Olho de Esmeralda, Pekkala foi separado dos outros prisioneiros e levado a um lugar conhecido como a Chaminé.

Eles o levaram à cela e o jogaram lá dentro. Pekkala tropeçou num degrau, caindo em um espaço do tamanho de um armário pequeno. A porta fechou com um clique. Ele tentou levantar, mas o teto era baixo demais. Paredes pintadas de preto inclinavam-se acima dele, mais baixas na parte de trás, e convergindo em um ponto logo acima da porta. Era um espaço tão estreito que ele não podia se deitar, e tampouco podia ficar em pé, a menos que se curvasse. Uma lâmpada potente ofuscava-o de uma gaiola de tela metálica, tão perto de seu rosto que era possível sentir o calor. Uma onda de claustrofobia percorreu todo o seu ser. Sua mandíbula travou-se na posição aberta, e ele era incapaz de emitir um som.

Depois de alguns minutos, era impossível aguentar, e ele bateu na porta, pedindo que o tirassem dali.

O orifício se abriu.

— O prisioneiro deve fazer silêncio — disse uma voz.

— Por favor — disse Pekkala. — Não consigo respirar aqui.

O orifício fechou com estrépito.

Não demorou para que Pekkala começasse a sentir cãibras nas costas de tanto ficar curvado. Deixou-se

escorregar pela parede, pressionando os joelhos contra a porta. Isso ajudou por alguns minutos, mas então sentiu cãimbra nos joelhos. Logo descobriu que não havia posição em que pudesse ficar confortável. Ondas de claustrofobia não paravam de inundar seu corpo. Não havia ar. O calor da lâmpada pulsava contra sua nuca, e o suor escorria pelo rosto.

Pekkala não tinha dúvidas de que iria morrer. Antes disso, sabia que seria torturado. Tendo chegado a essa conclusão, seu corpo encheu-se de uma curiosa sensação de leveza, como se seu espírito já começasse a migrar lentamente para fora do corpo.

Ele estava pronto para a tortura.

Os três homens espalharam-se pela cidade.

Kirov ficou com as casas da rua principal. Certificou-se de que havia páginas em branco em seu caderno de anotações. Apontou dois lápis. Penteou os cabelos e até escovou os dentes.

Anton chegou enquanto fazia a barba, usando o espelho retrovisor lateral do Emka, de modo que pudesse ver o que estava fazendo.

— Aonde você vai? — perguntou Kirov.

— À taverna — respondeu Anton. — É lá que as pessoas contam seus segredos. Por que procurá-las em casa quando podem vir até mim?

Pekkala decidiu investigar a história de Nekrasov sobre a milícia roubar os cestos de alimentos entregues pelas freiras do convento de Sverdlovsk. Perguntou-se se as freiras realmente tinham visto os Romanov no cativo. Talvez tivessem até conversado com a família. Nesse caso, elas seriam as únicas pessoas que teriam falado com eles, excetuando a Cheka e a milícia.

O caminho para o convento levou-o até os limites da cidade. Decidido a interrogar o máximo possível de pessoas no caminho, teve de parar em várias casas antes de ser recebido pela primeira vez. Os proprietários estavam em casa. Só que se recusavam a atender. Ele conseguiu ver um casal de velhos sentado em cadeiras numa sala sem iluminação, piscando um para o outro enquanto o som do punho de Pekkala batendo à porta ecoava pela casa. O casal

de velhos não se mexeu. Seus dedos encarquilhados, encobrendo os braços das cadeiras, pendiam como trepadeiras pálidas.

Finalmente, uma porta se abriu.

Um homem magro e forte, o rosto marcado coberto por uma barba branca desgrenhada, perguntou a Pekkala se ele viera para comprar sangue.

— Sangue? — perguntou Pekkala.

— Do porco — disse o homem.

Agora Pekkala podia ouvir um guincho gorgolejante, vindo de algum lugar atrás da casa. O ruído subia e descia, como respiração.

— Você tem de cortar a garganta deles — explicou o homem. — Eles têm que sangrar até a morte ou a carne fica com gosto ruim. Às vezes demora um pouco. Eu deixo o sangue escorrer nos baldes. Pensei que era isso que você queria.

Pekkala explicou por que estava lá.

O homem não pareceu surpreso.

— Eu sabia que você viria, cedo ou tarde, em busca da verdade.

— E que verdade é essa?

— Que não mataram todos os Romanov, como os jornais disseram. Eu vi um deles na noite seguinte à suposta execução.

— Quem você viu? — perguntou Pekkala. Ele sentiu o peito apertar, esperando que aquilo o pudesse levar até Alexei.

— Uma das filhas — respondeu o velho.

Pekkala sentiu um peso no coração. Como Mayakovsky, aquele homem estava certo de alguma coisa que Pekkala sabia ser falsa. Não conseguia entender.

— Você não acredita em mim, não é? — perguntou o homem.

— Eu não acho que esteja mentindo.

— Não tem problema — disse o homem. — Os Brancos não acreditaram em mim também. Um dos oficiais deles veio até minha casa logo depois que botaram os Vermelhos para correr da cidade. Conteí a ele o que vi e ele disse na minha cara que eu devia estar sonhando. Ele me mandou não contar a ninguém, a menos que estivesse querendo arranjar problemas. E quando o ouvi me ameaçar assim, tive mais certeza do que nunca que eu realmente tinha visto uma das filhas.

— Onde foi que a viu? — perguntou Pekkala.

— Lá no pátio dos trens, em Perm. É a primeira parada depois de Sverdlovsk na Transiberiana. Já fui engatador lá.

— Engatador?

O homem fechou os punhos e encaixou os nós dos dedos das mãos.

— Um engatador cuida para que os vagões certos estejam engatados nas locomotivas certas. Sem isso, um carregamento que venha lá de Moscou vai acabar voltando para a origem, em vez de ir para Vladivostok. Na noite seguinte ao desaparecimento dos Romanov, eu estava engatando um conjunto de vagões em uma locomotiva que ia para o leste. Os Brancos ainda não haviam chegado. Estávamos tentando limpar o pátio antes que chegassem. Os trens passavam a todo momento, fora dos horários normais. Os noturnos eram quase todos de carga, mas tinha um com um vagão de passageiros, o único do trem. As janelas estavam fechadas por cortinas pretas, e o vagão tinha um guarda em cada ponta segurando um rifle e uma baioneta. Foi onde vi a princesa.

— Você entrou no trem?

— Está de brincadeira? Aqueles patifes com aquelas faconas teriam me espetado!

— Mas você disse que as cortinas estavam fechadas. Como foi que a viu então?

— Eu estava caminhando ao longo dos trilhos, do lado do vagão, verificando as rodas como a gente deve fazer, e um dos guardas pulou no cascalho. Ele apontou a arma para mim e perguntou o que eu estava fazendo. Então eu disse que era um engatador, e ele gritou mandando que eu me escafedesse dali. Ele também não sabia o que era um engatador, então eu disse a ele: “Tá, vou dar o fora, e quando a locomotiva sair vai te deixar aqui no desvio. Se você quiser ir junto com o resto do trem” eu disse, “é melhor deixar que eu faça meu trabalho”.

— E ele deixou?

— Ele subiu logo no trem e então o ouvi gritando com alguém que tinha vindo perguntar o que estava acontecendo. O senhor sabe, seja lá quem estava naquele vagão, eles não queriam que ninguém saltasse e não queriam que ninguém subisse. Mas enquanto eu voltava para engatar o vagão, abriram uma das cortinas — ele fez um movimento com a mão — e eu vi o rosto de uma mulher que olhava para mim.

— E você a reconheceu?

— É claro! Era Olga, a filha mais velha. Com aquela carranca, igual nas fotos. E ela me olhou bem no olho, e então a cortina fechou de novo.

— Tem certeza de que era Olga? — perguntou Pekkala.

— Ah, sim — disse o homem, enfatizando a resposta com a cabeça. — Com certeza.

Então apareceu uma mulher dando a volta pelo lado da casa, trazendo uma faca longa em uma das mãos e um balde de sangue na outra. Atrás dela, vinha uma criança com um vestido amarelo como um dente-de-leão, descalça. Com seu queixinho, olhos grandes e curiosos, e um nariz do tamanho do nó do mindinho de Pekkala, ela parecia mais

uma boneca que uma pessoa. A mulher colocou o balde no chão.

— Tá aqui — disse ela. O sangue fumegava.

— Ele não veio para isso — disse o homem.

A mulher grunhiu.

— Carreguei esse negócio pelo caminho todo.

— Agora você pega e carrega de volta — disse-lhe o homem.

— Tem certeza de que não quer? — perguntou a mulher.

— É muito nutritivo. Olha só a minha filha. Ela bebe, e tem saúde para dar e vender.

A criança sorriu para Pekkala, uma mãozinha enrolada no vestido da mãe.

— Não, obrigado — disse Pekkala. Ele olhou o sangue, oscilando para lá e para cá dentro do balde.

— Ele veio ouvir a minha história — disse o homem. — Sobre a princesa no trem.

— E tem mais — disse a mulher. — Contou a ele sobre a garota que encontraram no bosque?

— Não contei — disse o homem, irritado com a mulher tentando aparecer mais que ele — porque não vi com meus próprios olhos.

A mulher não prestou atenção ao marido. Pousou a faca em cima do balde. O sangue secara e enegrecera na lâmina.

— Viram uma garota perambulando na floresta, lá pros lados de Chelyabinsk. Estava machucada. Tinha um curativo na cabeça. Assim. — Com dedos rastejando como ervas daninhas em um córrego, ela descreveu um caminho pelos cabelos grisalhos.

— Que idade ela tinha? Como era a aparência dela?

— Bem, criança não era. Mas também não era adulta. Tinha cabelos castanhos. Alguns guardas florestais tentaram falar com ela, mas ela fugiu. Então ela apareceu na casa de algumas pessoas, mas eles entregaram-na à Cheka. Foi a

última vez que foi vista. Era uma das filhas do meio. Tatiana. Talvez Maria. Ela tinha escapado dos Vermelhos, mas eles a pegaram de novo. Quase ficou livre. É tão triste. É terrível mesmo.

Havia um olhar em seu rosto que Pekkala já vira muitas vezes antes. Os olhos da mulher brilharam enquanto ela falava da tragédia. Ao repetir as palavras “terrível mesmo”, as maçãs do rosto ficaram vermelhas, com um prazer que parecia quase sexual.

— Como foi que soube disso?

— Uma mulher de Chelyabinsk me contou. Ela costumava comprar aqui conosco. Ela se apaixonou por um oficial dos Brancos. Quando os Brancos foram embora, ela foi também. — A mulher apontou para o balde mais uma vez. — Tem certeza de que não quer um pouco?

Enquanto se afastava, Pekkala virou-se para olhar.

Os pais já haviam ido embora, mas a criança do vestido amarelo ainda estava ali, em frente à porta.

Pekkala acenou.

A criança acenou de volta, então deu uma risadinha e correu para trás da casa.

Naquele momento, uma espécie de ameaça ainda informe estendeu-se como asas por trás de seus olhos, como se aquela criança não fosse uma criança de verdade. Como se alguma coisa tentasse alertá-lo em uma linguagem vazia de palavras.

Pekkala achou o convento, um austero prédio branco, no topo de uma colina íngreme nos limites da cidade. Uma brisa que ele não conseguia sentir fazia farfalhar as folhas dos choupos que margeavam a estrada. Ao subir a colina, Pekkala logo tirou o pesado casaco preto e carregou-o debaixo do braço. O suor escorria, entrando em seus olhos,

e ele o limpava com a manga da camisa. O coração batia furiosamente contra as costelas.

Grades altas e pretas de ferro circundavam o convento. No pátio, um saibro pálido, cor de areia, fervia debaixo do sol vespertino. Diante dos degraus da entrada, uma equipe de homens armazenava caixotes dentro de um caminhão.

Os portões da frente foram abertos e Pekkala entrou, seus pés triturando o saibro. Subindo os degraus do convento, ele teve de abrir passagem para dois homens que carregavam um piano pequeno. Outras caixas enchiam o hall de entrada.

Parecia que todo o convento estava sendo esvaziado.

Pekkala perguntou-se se havia chegado tarde demais. Ele parou, o suor esfriando no rosto.

— Veio pelo piano? — perguntou uma voz de mulher.

Pekkala olhou em volta. De início, não conseguiu ver ninguém.

A mulher pigarreou.

Pekkala ergueu os olhos e viu uma freira, que vestia um hábito azul e branco, de pé sobre um balcão do qual se tinha uma vista panorâmica do hall. O rosto da freira era emoldurado pelo pano branco engomado do gorro.

— Chegou tarde demais — disse ela. — O piano acabou de sair. — Ela falava como se o instrumento tivesse saído com as próprias pernas.

— Não — disse Pekkala. — Não vim pelo piano.

— Ah. — A freira desceu as escadas. — Então o que veio roubar de nós hoje?

Enquanto Pekkala assegurava de que não fora roubar o convento, a freira se ocupou em inspecionar os caixotes ásperos, dando pancadinhas com os nós dos dedos como se verificasse se a madeira era sólida. De início, ele nada obteve além de seu nome, irmã Ania, e mesmo essa informação ela pareceu conceder de má vontade. A freira

pegou uma lista de itens, olhou para o papel e largou-o de novo. Então se afastou, deixando para Pekkala a tarefa de segui-la enquanto ele continuava a se explicar.

— Pekkala — disse irmã Ania. — Que tipo de nome é este?

— Sou da Finlândia, mas vim de lá há muito tempo.

— Nunca fui à Finlândia, mas esse nome não me é estranho.

— Eu era um pouco mais conhecido por outro nome.

A freira, que entrara em uma pequena sala de espera e começava a fechar a porta na cara de Pekkala, repentinamente se deteve.

— Então você mudou de nome. Ouvi que está em voga hoje em dia. Seguindo o exemplo do camarada Stalin, suponho.

— Ou talvez o seu, irmã Ania.

— E qual é esse seu outro nome? — perguntou ela.

Pekkala levantou a lapela.

— O Olho de Esmeralda — disse.

Lentamente a porta se abriu de novo. A severidade desaparecera de seu rosto.

— Bem — disse ela —, é um consolo saber que mesmo nos dias de hoje as nossas preces às vezes são atendidas.

Pekkala e a freira sentaram-se em cadeiras frágeis, numa sala vazia, exceto por algumas fotografias emolduradas nas paredes. Eram retratos das freiras. As fotos tinham sido coloridas à mão, e as bochechas das freiras eram bolas cor-de-rosa, os lábios toscamente delineados. Só a parte azul de seus hábitos fora pintada corretamente. O artista tentara preencher os olhos, mas em vez de dar vida às fotos, conseguira apenas dar às mulheres uma aparência de medo.

— Estamos fechando temporariamente — explicou a irmã Ania.

— Temporariamente?

— Nossas crenças, no atual momento, não estão mais de acordo com o governo, segundo o Escritório Central do Soviete dos Urais.

— Foram esses os termos usados? — disse Pekkala.

— A surpresa não é que estejam fazendo isso conosco, inspetor. O que me deixa pasma é que tenham demorado tanto. — A irmã Ania sentava-se ereta na cadeira, com as mãos repousando no colo. Ela parecia segura de si, mas incomodada. — As outras irmãs foram todas dispensadas. Meu dever é ficar como zeladora deste prédio vazio. A maioria de nossas posses deve ser estocada. Onde, eu não sei. Por quanto tempo, não sei. E por qual motivo, também não sei. Deviam fechar ou não fechar o convento. Em vez disso, estão nos colocando num tipo de animação suspensa, como insetos presos no âmbar. Mas alguma coisa me diz que você não está aqui para investigar essa injustiça.

— Infelizmente não.

— Então suponho que tenha alguma coisa a ver com os Romanov.

— Exato.

— É claro. Afinal, o que mais lhe traria até esse fim de mundo?

— Para dizer a verdade, sou forçado pelas circunstâncias...

— Somos todos forçados pelas circunstâncias — interrompeu a irmã Ania. — Creio que posso poupar-lhe do trabalho de me manipular com suas técnicas interrogativas.

— Irmã Ania, não é isso que eu...

Ela ergueu uma das mãos, que descansavam no colo, e lentamente abaixou de novo.

— Esperei muito tempo pela oportunidade de contar o que sei a alguém em quem possa confiar. Ele falou de você,

se não sabe, nos poucos momentos em que pudemos conversar. “Ah, se Pekkala estivesse aqui”, ele dizia.

Pekkala sentiu um peso oprimindo-o, como grilhões envolvendo seu pescoço.

— Ele realmente acreditava que eu poderia ter ajudado, estando ele preso e cercado por guardas armados?

— Ah, não — respondeu irmã Ania —, mas acho que o mundo dele simplesmente fazia mais sentido quando você estava presente.

— Eu devia ter ficado — disse Pekkala baixinho, mais para si mesmo do que para a freira.

— E por que não ficou?

— Ele me deu ordens para partir — respondeu Pekkala.

— Então não devia se arrepender. — Ela fez uma pausa.

Pekkala concordou com a cabeça, os grilhões pesando tanto em seus ombros que ele mal podia encher os pulmões de ar.

— Quando o tsar falava de você, eu percebia que ele havia criado no Olho de Esmeralda uma imagem de si mesmo, uma imagem de como gostaria de ter sido, mas nunca poderia ser.

— E qual era essa imagem? — perguntou Pekkala.

— A de um homem que não tinha necessidade das coisas que ele próprio descobrira que não podia viver sem.

— Sim — concordou Pekkala. — Acho que há alguma verdade nisso.

A irmã Ania suspirou profundamente.

— De qualquer modo, o que importa isso agora, exceto para os que ainda acreditam, como eu e você? Ele se foi, e você vai ouvir muitas histórias nesta cidade sobre a noite em que os Romanov desapareceram.

— Já ouvi algumas delas.

— Existem quase tantas versões quanto habitantes em Sverdlovsk. Não posso afiançar todas elas, mas posso lhe

dizer que os Romanov tinham motivos para acreditar que seriam resgatados.

— Resgatados? Quer dizer pelos Brancos?

— Não. O tsar sabia que se os Brancos se aproximassem o suficiente desta cidade, os Vermelhos simplesmente executariam toda sua família, incluindo ele. O resgate deveria acontecer antes disso. Havia um plano.

— Posso perguntar como você sabia disso?

— Eu levava mensagens para eles.

— Escritas por você?

— Ah, não. Eu só as entregava.

— Então de quem elas vinham?

— Um ex-oficial do exército do tsar me perguntou se eu poderia levar uma mensagem aos Romanov. Isso foi nos primeiros dias da prisão deles na casa Ipatiev, quando a milícia ainda era responsável pela guarda deles. O oficial me disse que um grupo de soldados leais estava preparado para invadir a casa e levar toda a família para um local seguro.

— E você concordou?

Ela assentiu, enfática.

— Concordei.

— Então posso presumir que vocês também eram leais ao tsar.

— Digamos que essa notificação de despejo do Soviete dos Urais não era completamente inesperada. Eu me dispus a entregar essas mensagens pessoalmente, de modo que ninguém mais no convento precisasse saber delas.

— Como elas eram entregues?

— Enroladas e escondidas dentro de rolhas usadas para fechar garrafas de leite.

— E como o tsar respondia? — perguntou Pekkala. — Também escondia as mensagens nas rolhas?

— Não, não era possível remover as mensagens sem danificar as rolas. O tsar inventou um método próprio. Era muito engenhoso. Ele usou livros. Eles me eram entregues como presentes, mas eu os repassava ao oficial.

— E esses livros continham mensagens?

— Nenhuma que os guardas da milícia pudessem encontrar. Nem eu mesma tinha certeza de como as mensagens eram passadas. Não havia nenhum papel dentro dos livros nem anotações escritas nas margens. Foi só depois que os Romanov desapareceram que o oficial explicou como as mensagens tinham sido escondidas.

— Como ele fazia?

— O tsar usava um alfinete — ela beliscou o ar à sua frente —, fazendo buraquinhos embaixo das letras para formar palavras. Ele sempre começava na página dez.

— E o oficial alguma vez falou com você sobre as mensagens?

— Ah, sim. Ele até se ofereceu para me levar junto quando os Romanov fossem resgatados. Mas ele nunca teve chance.

— Por que não? — perguntou Pekkala.

— De início, o tsar respondeu que estava disposto a ser resgatado, mas apenas se toda a família pudesse ir junto. Alexei estava doente. Ele temia que o menino estivesse fraco demais para fazer qualquer viagem mais longa. Ele estava ansioso para evitar qualquer derramamento de sangue, mesmo o da milícia que o protegia.

— O que o fez mudar de ideia?

— Logo depois que a milícia local foi substituída pelo destacamento de segurança da Cheka, o tsar enviou uma mensagem ordenando que o oficial não tentasse realizar o resgate.

— Por que o tsar faria isso — perguntou Pekkala —, sendo que essa era a única chance de escapar?

— Isso eu não sei dizer — respondeu a irmã Ania. — O oficial disse que seria perigoso demais se eu soubesse, já que ele não podia mais garantir minha segurança.

— Irmã Ania — disse Pekkala —, é importante que eu fale com esse homem, seja lá quem for.

Olhou para Pekkala com atenção.

— Se aquele oficial estivesse aqui do meu lado, ele diria que eu já falei demais.

— Não estou aqui para encontrar o homem que tentou salvar o tsar — disse Pekkala — mas para achar quem colocou uma bala no peito dele.

Os lábios da freira estremeceram.

— Então é verdade o que os jornais disseram?

— Sim — disse Pekkala. — O tsar está morto.

Ela soltou um profundo suspiro.

— Muitos acreditaram que ele havia sobrevivido.

— Contudo, é possível que um dos filhos esteja vivo.

A irmã Ania arregalou os olhos.

— Possível? O que isso quer dizer? Por favor, inspetor, diga-me. Algum deles sobreviveu ou não?

— É isso que estou investigando, irmã Ania. É por isso que estou aqui falando com a senhora.

— Quem? — perguntou ela. — Qual dos filhos?

— Alexei.

Ela se esforçou para manter a compostura.

— Pobre menino. Ele já tinha sofrido tanto.

— Sim.

Subitamente ela se curvou, aproximando-se de Pekkala.

— E qual é a sua opinião, inspetor Pekkala?

— Ainda não concluí minha investigação.

— Não! — Ela deu um tapa no próprio joelho. — No que acredita? Acha que ele está vivo ou não?

— Acho que talvez esteja sim. — Sua voz era pouco mais que um sussurro. — E existindo qualquer possibilidade de

que o tsarévitchê esteja vivo — continuou —, acho que seu oficial pode me ajudar a encontrá-lo.

— Ele está no posto policial — disse a irmã Ania.

— Está preso? — perguntou Pekkala.

— Pelo contrário — disse ela —, ele é o chefe de polícia. Chama-se oficial Kropotkin.

— Kropotkin. Então não vai ser a minha primeira conversa com o chefe de polícia.

— Não tem problema — disse. — A primeira impressão que se tem dele nunca é muito boa.

A irmã Ania acompanhou Pekkala até a saída.

Ao passar pelos caixotes cheios dos pertences do convento, Pekkala questionou-se em que depósito escuro eles seriam trancafiados e, se vissem a luz do dia novamente, o que seria lembrado de suas donas, que mentiras convenientes seriam aceitas.

Antes que saíssem da sombra fresca do prédio para o clarão ofuscante do pátio de saibro, a irmã Ania pôs a mão no ombro dele.

— Se o tsarévitchê estiver vivo, prometa-me que não vai deixar que nada de mal aconteça a ele. Já sofreu o bastante por crimes que não cometeu.

— Tem a minha palavra — disse Pekkala.

Saíram para o sol.

— Acredita em milagres, inspetor Pekkala?

— Não é da minha índole — respondeu ele.

— Então talvez seja hora de começar.

Escorada contra a parede do convento estava uma velha bicicleta, com o couro do selim seco e rachado e a tinta preta coberta por uma película de poeira. O guidom de madeira havia sido polido pelo excesso de uso e as bandas de rodagem dos pneus desgastadas até ficarem quase lisas. Apesar de sua idade, a velha máquina tinha uma certa

dignidade, como acontece com as coisas que acompanharam uma pessoa durante uma vida inteira.

Pekkala olhou além dos portões de ferro, na direção do longo caminho que descia até Sverdlovsk. Um ardente céu azul ofuscava a estrada. As sombras mosqueadas proporcionadas pelos choupos não pareciam oferecer conforto algum.

Ele encarou a bicicleta, imaginando a brisa fresca que sentiria no rosto enquanto descia a toda pela colina, em vez da difícil e monótona caminhada debaixo do calor.

A irmã Ania acompanhou seu olhar.

— Fique com ela — disse. — Se não, aqueles homens a levarão embora. Quando sair do depósito, essa bicicleta será uma peça de antiquário, se é que já não é. Se for trazer algum benefício a você, por favor, fique com ela agora e não diga mais nem uma palavra.

Pekkala subiu na bicicleta, o velho selim de couro não tão confortável quanto ele gostaria.

— Bem — disse a irmã Ania —, vamos ver como você se sai. Não quero ser a culpada por você quebrar o pescoço.

Ele deu voltas com a bicicleta no caminho de saibro. Anos tinham se passado desde a última vez que andara de bicicleta, e a roda da frente bamboleou enquanto ele lutava para não cair.

— Talvez seja má ideia — disse ela.

— De jeito nenhum — Pekkala reconfortou a irmã Ania ao parar a bicicleta sem muita firmeza ao lado dela.

Ela estendeu a mão para ele.

Pekkala tomou na sua a mão pequena e rosada.

O toque da pele afetou Pekkala como uma descarga elétrica. Fazia anos que não encostava na mão de uma mulher.

— Nós precisamos de você — disse ela. — Nunca mais nos abandone de novo.

Pekkala abriu a boca, mas nenhum som saiu. Estava comovido demais para falar.

Irmã Ania apertou sua mão e então a largou. Virou-se e voltou para o convento.

Lá embaixo, na base da colina, a estrada se bifurcava. A estrada da direita levava à cidade. A da esquerda margeava uma lagoa cheia de mato em volta e dava em um mar verde pálido de campos de cevada.

Assim que Pekkala passou pelo portão, a estrada se transformou num forte declive. Dali em diante, a gravidade o impeliu, e não havia necessidade de pedalar. Começou a lacrimejar. O vento em seus ouvidos, como o rugido de um fogo alimentado por gás, era tudo o que ouvia. De repente, para sua completa surpresa, Pekkala riu.

A bicicleta estava indo tão rápido que ele sentiu a roda traseira começar a tremer, e esticou os dedos, fechando-os em torno do metal gasto da alavanca de freio, apertando de leve. Mas a velocidade não diminuiu. Pekkala olhou para baixo a tempo de ver as velhas pastilhas de freio de borracha se desmanchando em grandes pedaços na parte em que se conectavam ao aro da roda.

Sem saber por que, Pekkala ainda estava rindo. Ele não conseguia parar.

Aplicou mais força aos freios, e a velocidade diminuiu por um momento. Então as duas pastilhas se soltaram por inteiro. Ele olhou para os freios traseiros, e só então percebeu que não havia cabo, o que os tornava inúteis.

Ele gargalhava estrepitosamente, e o vento entrava pela sua boca.

As rodas agora zumbiam.

Pekkala lutou para continuar em cima da bicicleta enquanto as árvores passavam ao lado, num borrão, cada uma emitindo um som farfalhante ao passar.

Quando chegou ao pé da colina, atracava-se à bicicleta para não ser arremessado para a morte. Inclinou-se para a esquerda, agarrou o guidom de madeira o mais forte que pôde. A estrada ficou plana. Ele endireitou o guidom. Tudo parecia estar funcionando. Pekkala acabara de permitir-se um momento de autocongratulação silenciosa quando ouviu um ruído alto de algo quebrando em algum lugar às suas costas. A bicicleta deu uma guinada para trás. Ele girou para a esquerda e invadiu a grama alta que crescia às margens da estrada. Por um breve momento, teve a sensação de voar, como se as rodas que giravam a toda pudessem carregá-lo até o céu. Um segundo depois, adornado por peônias, margaridas e uma trama de ervilhaca de flores roxas, Pekkala foi arremessado por cima do guidom e caiu na lagoa.

Ficou lá por um segundo, de bruços. As árvores por que passara no caminho colina abaixo ainda tremulavam por trás de seus olhos fechados.

Então, fincando os pés na lama, Pekkala levantou-se. Espigas d'água agarravam-se a seu casaco como confete verde. O lodo remexido espalhava-se ao seu redor.

Enquanto Pekkala voltava para a terra seca, puxando a bicicleta e exausto pelo peso da água nas roupas, lembrou-se de uma imagem da infância: ele e Anton arrastando trenós e sofrendo sob o peso das roupas de inverno. Eles costumavam descer de trenó uma colina íngreme que ficava perto de casa. A colina só era usada no verão, quando lenhadores arrastavam a madeira para fora da mata, rolando os troncos colina abaixo até um rio onde podiam flutuar até a serraria na cidade. No inverno, ele e Anton tinham a colina toda para os dois. Isso foi antes de as coisas mudarem entre eles: antes do forno crematório, antes que Anton fosse embora para juntar-se ao regimento finlandês. Desde então, a distância que os separava só fizera

aumentar. Pekkala perguntou-se, enquanto o ar esquentava em seus pulmões, se as coisas poderiam um dia voltar a ser como antigamente. Não sem um milagre, disse a si mesmo. Talvez a irmã Ania tivesse razão. Talvez fosse hora de começar a acreditar.

— Está chovendo? — perguntou o oficial Kropotkin, ainda sentado à mesa, como se não tivesse saído dali desde a última vez que se falaram. Ele se virou na cadeira e olhou pela janela para o céu azul.

— Não — respondeu Pekkala. — Não está chovendo.

Kropotkin voltou-se para Pekkala.

— Então por que você está pingando no meu chão?

— Estive na lagoa de patos.

— Não está deixando pedra sobre pedra, não é?

Pekkala pegou sua caderneta e abriu. Um filete de água escorreu.

— Tenho algumas perguntas.

Enquanto Pekkala contava os detalhes de sua conversa com irmã Ania, o rosto de Kropotkin ficava cada vez mais vermelho, até que por fim ele levantou de um salto e gritou.

— Chega! Se todas as noivas de Cristo forem tão tagarelas quanto a irmã Ania, então espero pelo bem dele que Jesus tenha virado um velhinho bem surdo! Em que encrenca ela me meteu?

— Nenhuma — respondeu Pekkala.

— E o que você quer saber de mim? — perguntou Kropotkin, agressivo.

— Por que o tsar informou a você de que ele não queria mais fugir?

— Não foi isso o que ele disse — respondeu Kropotkin. — Ele só ordenou que eu não tentasse resgatá-lo.

— Por que acha que ele fez isso?

— Talvez tenha ouvido sobre o que aconteceu com o irmão dele, o grão-duque Mikhail, que estava sendo mantido em cativeiro em outra parte do país.

— Atiraram nele quando tentou fugir, não foi?

— Não exatamente — disse Kropotkin. — Pelo visto, Mikhail vinha se comunicando com um grupo que alegava ainda ser leal ao tsar. Mikhail seguiu as instruções deles e, umas poucas semanas antes do tsar ser executado, fugiu dos guardas. O que ele não tinha entendido era que os homens que haviam prometido salvá-lo eram, na verdade, membros da Cheka. Tinham armado para cima dele. Assim que escapou, eles o abateram a tiros. — Kropotkin deu de ombros. — Depois disso, talvez o tsar não confiasse mais em nós, e quem poderia culpá-lo? Mas eu teria sacrificado minha vida com prazer para resgatá-lo. Se tivesse funcionado, quem sabe? Este país podia ser um lugar diferente hoje.

— Conversei com uma série de pessoas que acreditam que mais de um dos filhos do tsar sobreviveu.

— O que você está ouvindo — disse Kropotkin — é a culpa coletiva desta cidade. Mesmo que fosse possível acreditar que o tsar e a tsarina eram culpados pelos crimes de que os políticos em Moscou os acusavam, ninguém com a cabeça no lugar podia ser convencido de que as crianças mereciam morrer. Na pior das hipóteses, elas talvez fossem muito mimadas. Talvez tivessem sido protegidas do mundo. Mas isso não era culpa delas, e não é crime. Existem os que desprezavam o tsar muito antes de ele chegar a Sverdlovsk, mas as pessoas sempre vão desprezar alguém que tenha mais que elas, e é mais fácil odiar a distância. Mas quando o tsar chegou com a família, as pessoas foram obrigadas a vê-lo como ser humano. Matar uma família que está ali desarmada na sua frente exige algo mais que ódio. É por

isso que, nas histórias que lhe contaram, deram liberdade aos filhos.

— Então você não acredita que alguém tenha sobrevivido?

— Se tivesse — respondeu Kropotkin —, acho que já teríamos ouvido notícias. É claro que existe outra possibilidade.

— Qual? — perguntou Pekkala.

— O tsar pode ter recebido outra oferta de ajuda para fugir.

— Mas as únicas mensagens que chegavam de fora para o tsar eram as suas.

— Não, não de fora — disse Kropotkin. — De dentro da casa Ipatiev.

— Quer dizer da Cheka?

Kropotkin deu de ombros.

— Talvez eles planejassem matá-lo enquanto ele tentava fugir, do mesmo jeito que fizeram com o grão-duque Mikhail.

Pekkala negou com a cabeça.

— O tsar não foi assassinado enquanto tentava fugir.

— Então talvez algum dos guardas da Cheka realmente pretendesse resgatá-lo.

— Para mim — disse Pekkala —, isso parece quase impossível.

— Você realmente acha tão inacreditável alguém se dar a tal trabalho para manter o tsar vivo? — perguntou Kropotkin. — Afinal, sua própria sobrevivência não é nada menos que um milagre.

— Digo o mesmo de você ter sobrevivido — acrescentou Pekkala. — Os comunistas devem ter suspeitado que você colaborava com os Brancos, e ainda assim eles o colocaram como chefe de polícia em Sverdlovsk.

— Os Vermelhos precisavam de alguém que pudesse manter a paz — explicou Kropotkin. — Na época, eles não podiam se dar ao luxo de escolher muito. Desde então, não consideraram uma boa ideia se livrarem de mim. Mas esse dia vai chegar. A única maneira de ter um futuro neste país é não ter um passado. Isso é um luxo que nem eu nem você podemos ter e, cedo ou tarde, vamos pagar o preço por isso.

— O que você vai fazer quando eles decidirem que não precisam mais de você, Kropotkin?

Kropotkin deu de ombros.

— Posso mudar de ramo, mas as coisas que são importantes para mim, as coisas pelas quais estou preparado a arriscar minha vida, vão continuar sempre as mesmas.

— Para os comandantes deste país, isso faz de você um homem perigoso.

— Não chego perto de ser tão perigoso quanto você, inspetor Pekkala. Sou um homem de carne e osso. Podem desaparecer completamente comigo. Mas se livrar de você — Kropotkin sorriu —, bem, isso daria algum trabalho.

— Fala de mim como se eu fosse à prova de balas — disse Pekkala —, coisa que, posso garantir, eu não sou.

— Não, não você — respondeu Kropotkin, apontando o dedo para Pekkala —, mas isso.

Pekkala percebeu que Kropotkin estava apontando para o distintivo do olho de esmeralda, visível desde que a lapela ensopada de seu casaco fora virada para cima.

— Mesmo que sua vida possa ser destruída num instante, o Olho de Esmeralda já é parte do mundo das lendas. Ele não pode ser simplesmente descartado de uma hora para outra, e a verdade é que não querem descartá-lo. Eles precisam de você, Pekkala. Precisam da sua lendária incorruptibilidade, assim como o tsar precisou antes deles. A

maioria das lendas tem a felicidade de estarem mortas — continuou Kropotkin —, mas enquanto você continuar vivo, é tão perigoso para eles quanto é valioso. Quanto mais cedo você sumir do mapa, mais seguros eles se sentirão.

— Então eles não vão ter de esperar muito — disse Pekkala. — Assim que este caso estiver resolvido, vou deixar o país de uma vez por todas.

Kropotkin recostou-se na cadeira. Bateu a ponta de um lápis na unha do polegar.

— Espero que isso seja verdade, Pekkala, mas, nesse meio-tempo, eles vão fazer tudo o que puderem para manter você aqui, onde ainda podem controlar seu destino. Se eles conseguirem, tudo aquilo pelo que trabalhou será perdido e nós dois vamos acabar em lados opostos nessa guerra.

— Não tenho qualquer intenção de virar seu inimigo — disse Pekkala.

Kropotkin fez que sim com a cabeça.

— Então, para o nosso bem, tenhamos a esperança de que, quando a hora chegar, você faça a escolha certa.

Os dias se passaram enquanto Pekkala continuava em sua cela esperando pelo início dos interrogatórios.

Uma vez por dia lhe entregavam comida por um painel de correr logo abaixo do orifício de vigia. Ele recebia uma tigela de sopa de repolho salgada e uma caneca de chá. Tanto a tigela quanto a caneca eram feitas de um metal tão macio que ele poderia amassá-las com a força das mãos, como se fossem feitas de barro cru.

Depois que a comida era retirada, dois guardas o escoltavam até um banheiro. Um deles ficava na frente e o outro, atrás. Somente o guarda de trás falava.

— Um passo para a esquerda. Um passo para a direita.

O guarda não chegava a terminar as frases. Não precisava. Em vez disso, esticava o braço e tocava a bochecha de Pekkala com o cano de metal frio de uma arma.

O guarda da frente começava a andar e Pekkala sentia um leve empurrão do guarda de trás.

Um grosso carpete cinza cobria o chão da prisão. As botas dos guardas tinham sola de feltro. Exceto pelas ordens em voz baixa emitidas por eles, o silêncio em Butyrka era absoluto.

Eles o levavam por um corredor sem janelas, ladeado por portas, até uma sala com um buraco no meio do chão e um balde de água posto ao lado.

Alguns minutos depois refazia o caminho pelo corredor, pés descalços sobre o carpete. E Pekkala tropeçava de volta

para a cela.

Não conseguia dormir. Tudo o que conseguia era despencar em um tipo de semiconsciência. Os joelhos, esmagados contra a porta, ficavam dormentes o tempo todo. Perdeu por completo a sensação dos pés.

Ele não fora preparado para a espera. Ela desgastou seus nervos até que toda sua mente ficou como os farrapos de uma bandeira tatalando em um furacão.

Sem poder ver o mundo lá fora, logo perdeu a noção de há quanto tempo estava na prisão.

Usando a unha do polegar, Pekkala cavava um pequeno sulco na parede para marcar quando vinham as refeições. Percebeu outros arranhões nas paredes, similares aos seus, que também aparentavam ter sido feitos à unha. Havia diversos conjuntos distintos destes, um dos quais com mais de cem marcas. Ver aquilo o enchia de pavor. Sabia que não conseguiria durar cem dias naquela cela.

No dia que imaginou ser o vigésimo primeiro em Butyrka, os guardas o escoltaram a uma sala diferente, na qual havia duas cadeiras, separadas por uma mesa pequena de tampo de metal.

Passara todo aquele tempo nu, desde sua primeira hora na prisão, mas agora um dos guardas lhe entregou um pijama de um algodão fino que cheirava a mofo. As calças tinham cordões nos tornozelos, mas não na cintura. Dali em diante, uma das mãos de Pekkala se ocupou constantemente de segurar as calças.

Os guardas saíram, fechando a porta.

Um minuto depois, um oficial entrou na sala trazendo uma pasta executiva pequena. O homem era de estatura mediana, o rosto cheio de sardas e marcas de varíola, olhos de um verde amarelado e um abundante emaranhado de cabelos pretos. Embora o uniforme usado se ajustasse bem

ao corpo, ele não parecia sentir-se confortável, e Pekkala estimou que passara a usá-lo fazia pouco tempo.

O homem abriu a pasta e tirou dela a Webley de Pekkala, que ele portava ao ser preso em Vainikkala. O homem levantou a arma, examinando-a com cuidado. Tocou acidentalmente com o polegar o botão para recarregar a Webley, e o tambor do revólver de repente saltou para fora, expondo as câmaras do cilindro. O homem tomou um susto e quase deixou a arma cair.

Pekkala teve de se conter para não pular e apanhá-la, temendo que a Webley caísse no chão.

O homem pegou o revólver no último instante. Recolocou-o rapidamente na pasta. A próxima coisa que tirou de dentro foi o olho de esmeralda. Com o distintivo pousado na ponta dos dedos, o homem remexeu-o de um lado para o outro, para que a esmeralda refletisse a luz.

— Seus inimigos o chamam de “o monstro do tsar”.

Recolocou o distintivo na pasta.

— Mas você não me parece um monstro.

Por fim, retirou o livro de Pekkala. Folheou, olhando sem entender as palavras do Kalevala, então o deixou cair no lugar em que o encontrara.

Pigarreou várias vezes antes de começar a falar.

— Soube que a Finlândia declarou independência da Rússia?

Pekkala não soubera. A notícia o deixou perplexo. Perguntou-se como seu pai, partidário tão leal do tsar, deveria estar se sentindo.

— Como você pode ver — continuou o homem —, com essas coisas que achamos sob sua posse, sabemos exatamente quem você é, inspetor Pekkala. — Falava numa voz tão baixa que quase parecia sentir-se acanhado.

— Geórgia — respondeu Pekkala.

— Perdão?

— Geórgia — repetiu Pekkala. — Seu sotaque.

— Ah, sim. Sou de Tiflis.

Agora Pekkala se lembrava.

— Dzhugashvili — disse. — Josef Dzhugashvili. Você foi responsável por um assalto a banco em 1907, no qual mais de quarenta pessoas morreram. — Ele mal podia acreditar que um criminoso que perseguira no passado agora se sentava à sua frente, do outro lado de uma mesa de interrogatório.

— Correto — disse Dzhugashvili —, só que agora meu nome é Josef Stalin, e não sou mais ladrão de bancos. Agora sou o conselheiro chefe do Comissariado do Povo.

— E você está aqui para me aconselhar?

— Sim. Estou. Conselhos que espero que aceite. Um detetive com sua experiência nos poderia ser muito útil. Muitos de seus antigos camaradas concordaram em trabalhar com o novo governo. Isto é, claro, depois de nos informarem os detalhes de seus trabalhos. — Ele estudou Pekkala por um instante. Então, ergueu no ar um dedo atarracado, como alguém que verifica a direção do vento. — Mas acho que você não vai ser uma dessas pessoas.

— Não vou — respondeu Pekkala.

— Alertaram-me para esperar por isso — falou Stalin. — Então você compreende que as coisas terão de se passar de outro modo.

Naquela noite, quando voltou para a casa Ipatiev, Pekkala encontrou Kirov fervendo batatas na cozinha. No vidro das janelas, o vapor condensado escorria.

Pekkala sentou-se à mesa, cruzou os braços e abaixou a cabeça até que a testa estivesse repousando nos pulsos.

— Nenhum acordo com Mayakovsky hoje?

— Mayakovsky é ardiloso — respondeu Kirov. — Ele nos dá o suficiente para aguçar nossos apetites, então deixa a gente passar fome, enquanto os preços que ele cobra disparam.

— Suponho que ele vá começar a cobrar mais por informações também.

— Eu estava falando de informações — respondeu Kirov —, mas sei lidar com tipos assim.

— Ah, sabe?

Kirov fez que sim com a cabeça.

— Basta dar um presente a eles.

— Mas por quê?

— Porque eles não esperam por isso. Pessoas como Mayakovsky não têm amigos e não precisam de amigos. É incomum ganharem presentes, e, quando ganham, ficam completamente desorientadas.

— Você é mais ardiloso do que aparenta — resmungou Pekkala.

— E é por isso que consigo ser ardiloso. — Kirov suspirou. — Mas não fui ardiloso o bastante para filar mais que algumas batatas na cidade hoje.

— Conseguiu alguma informação enquanto estava lá? — perguntou Pekkala.

— Só que essa cidade inteira enlouqueceu. — Com uma colher de pau, Kirov mexeu as batatas na panela com água fervente. — Quase todos com que falei disseram ter visto um dos Romanov vivo. Nunca toda a família junta. Só um deles. Pelo que disseram, daria para imaginar que o tsar, a esposa e os filhos fugiram todos em direções diferentes naquela noite, e ainda assim, de algum modo, acabaram no fundo daquela mina.

Pekkala levantou a cabeça.

— Exceto um.

— De qualquer forma — disse Kirov —, não acredito que Alexei tenha sobrevivido.

— Por que diz isso? — perguntou Pekkala.

— Mesmo que o assassino o tenha deixado fugir, por quanto tempo acha que sobreviveria fugindo no meio de uma revolução? E justo um hemofílico? É o mesmo que ter ossos feitos de vidro. Alexei não teve a menor chance.

— Por que Alexei não está entre os mortos eu não posso sequer imaginar — disse Pekkala —, mas enquanto não soubermos dele, a busca há de continuar. Enquanto isso, acho que o tsar acreditava que poderia escapar de Sverdlovsk, só que não sem ajuda. O que ainda não sei é quem ele pensou que o ajudaria, e como ele acabou sendo morto. Podem tê-lo enganado, ou a tentativa de resgate pode ter dado errado. Talvez os guardas da Cheka tenham matado os Romanov quando perceberam que estavam sendo atacados. Talvez o homem que foi salvar o tsar tenha entrado em pânico e jogado os corpos na mina, em vez de deixar que fossem descobertos na casa Ipatiev.

— Assim — disse Kirov —, os Vermelhos partiriam do princípio de que o tsar e a família ainda estavam vivos. Perderiam tempo procurando os Romanov e não só por

quem tivesse tentado o resgate. — Com um pano enrolado no cabo da panela, Kirov despejou a água leitosa no ralo. Uma nuvem de vapor subiu, envolvendo-o. Colocou a panela na mesa e sentou-se de frente para Pekkala. — Mas que sei eu? Só estou aqui como observador.

— Kirov — disse Pekkala —, você dará um bom detetive algum dia.

— Você não diria isso se soubesse como descobri pouca coisa. Tudo o que consegui foi uma pilha de fotografias.

— Fotografias? — perguntou Pekkala.

— Foi de uma senhora. Disse que eram do estúdio de Katamidze. Katamidze deu as fotos de presente a ela, mas, depois que ele desapareceu, ela teve medo de que elas pudessem lhe trazer problemas.

— Onde estão? — perguntou Pekkala.

— Estão na sala da frente. Eu ia jogar no fogo, já que estamos ficando sem lenha para queimar.

Antes que Kirov concluísse a frase, Pekkala saíra correndo da cozinha.

— A maioria é de paisagens, nada de importante — disse Kirov, e então gritou para a sala ao lado. — Não vai encontrar o tsar em nenhuma delas!

Alguns instantes depois, Pekkala voltou, trazendo uma pilha de fotos que segurava firme. Havia cerca de 24 delas com as bordas rasgadas e retorcidas. Grandes manchas de digitais sujavam as imagens. A maior parte eram fotos da cidade. A igreja com seu domo em forma de cebola espiralada. A rua principal, com a casa Ipatiev a distância e uma imagem borrada e espectral de uma carroça puxada a cavalo no enfoque da câmera. Havia uma lagoa, com a mesma igreja a distância. Do outro lado da água, uma mulher vestindo saia longa e um lenço na cabeça curvava-se para colher alguma coisa no mato. Algumas das fotos eram das freiras que ele vira na parede do convento.

Nestas, parecia que Katamidze tentara colori-las, mas desistira no meio do trabalho.

— Devem ser as fotos que ele separou para descarte — disse Pekkala, baixinho. Recostou-se na cadeira e esfregou os olhos cansados.

— Eu disse que não eram importantes — falou Kirov.

Cada um deles espetou uma batata e começou a comer, estufando as bochechas para não queimar a boca.

Alguns minutos depois, Anton chegou pisando torto, o hálito, uma névoa de beterraba em conserva e espadilhas secas do lago Baikal. Esses peixes, desidratados e murchos até assumir a forma de charutos amassados, eram pendurados em fios no teto do bar da taverna, e seus ossinhos eram como notas musicais sob a carne dura e translúcida. Se um cliente quisesse um peixe, simplesmente pegava um e torcia o corpinho, separando-o da cabeça, que permanecia presa ao fio. Os que não tinham dinheiro pegavam as cabeças para comer, roendo a cartilagem com gosto metálico, até que não sobrasse mais nada.

Anton jogou uma caderneta sobre a mesa.

— Está tudo aí — disse.

Pekkala pegou a caderneta e folheou-a.

— Essas páginas estão em branco.

— Puxa. Você é detetive? — disse Anton.

— Chama isso de ajuda? — perguntou Pekkala, esforçando-se para conter a raiva.

Anton sentou-se à mesa. Viu as fotografias e as pegou.

— Olhem, fotos!

— Eram de Katamidze — explicou Kirov.

— Tem de mulher pelada? — perguntou Anton.

Kirov sacudiu a cabeça em negativa.

— Aposto que Mayakovsky tem. Ele parece ter de tudo.

— Eu disse para você não beber — falou Pekkala.

Anton soltou as fotos.

— Disse? — perguntou. Então deu um soco na mesa. — Você quer dizer que me deu ordens! Não é possível ir a uma taverna e não beber! Fiz meu trabalho como você mandou, então não torre a paciência, inspetor. — Cuspiu a última palavra como se fosse um naco de gordura. — É na taverna que as pessoas contam seus segredos! Foi isso o que você disse.

— Mas você tem de ficar sóbrio para ouvir os segredos!
— Pekkala apanhou a maçã de madeira que estava sobre a mesa e arremessou-a contra o irmão.

Anton levantou o braço com agilidade. A maçã bateu na palma da mão e então ele fechou os dedos em volta dela. Anton lançou um olhar triunfante para o irmão.

— Você se ofereceu para salvar o tsar? — perguntou Pekkala.

O olhar de regozijo desapareceu de seu rosto.

— Hein?

— Você entendeu — respondeu Pekkala. — Quando estava guardando os Romanov, ofereceu-se para deixar que ele e a família fugissem?

Anton riu.

— Você está louco? Que motivo imaginável eu teria para ajudá-los? Houve uma época em que tudo o que eu queria era um lugar no regimento finlandês, mas você roubou isso de mim e eu tive de fazer novos planos, que não incluíam o tsar.

— Você poderia ter voltado para o regimento! — disse Pekkala. — Eles não te expulsaram de vez.

— Eu ia voltar até que soube que você estava a caminho de Petrogrado para tomar meu lugar. Você realmente esperava que eu aguentasse essa humilhação? Por que não ficou em casa para cuidar dos negócios da família, do jeito que o pai tinha planejado?

— Do jeito que ele tinha planejado? — perguntou Pekkala. — Você não percebe que foi ele quem me mandou para tomar seu lugar no regimento?

Anton piscou.

— Ele mandou?

— Depois de chegar o telegrama informando que você tinha sido suspenso. Não sabíamos que era só temporário.

— Mas por quê? — gaguejou Anton. — Por que não me disse na época?

— Porque não consegui te encontrar. Você havia desaparecido.

Por um longo tempo ninguém disse uma palavra.

Anton parecia ter criado raízes na cadeira, aturdido demais para se mexer.

— Juro que não sabia — disse.

— Isso já não importa — disse Pekkala. — Agora é tarde demais.

— Sim — respondeu Anton, falando como se estivesse em transe. — É tarde demais.

Então saiu para o pátio.

— Talvez — disse Kirov — um dos outros guardas da Cheka tenha feito uma oferta ao tsar. Seu irmão podia não saber de nada.

— Quer dizer, estava bêbado demais para saber — disse Pekkala.

Os dois olharam Anton lá fora, que continuava com a testa encostada na parede e um braço apoiado na pedra para equilibrar-se. Então saiu do pátio para a rua e desapareceu.

— Ele está indo direto para a taverna — disse Kirov.

— Talvez — disse Pekkala.

— Irão espancá-lo de novo.

— Ele parece não se importar.

— No Bureau — disse Kirov —, quando eles me colocaram no caso, disseram que esse hábito de beber poderia ser um problema.

— Ele não está tão bêbado quanto fez parecer.

— O que quer dizer?

— Viu como ele pegou a maçã de madeira?

— Estava testando os reflexos dele?

Pekkala confirmou.

— Se ele estivesse bêbado mesmo, nunca teria reagido com tanta rapidez.

— Por que ele fingiria estar bêbado? — perguntou Kirov.

— Porque está escondendo alguma coisa — disse Pekkala —, mas se é alguma coisa que tem a ver com essa investigação ou se é algo do nosso passado, ou as duas coisas, não sei dizer.

— Quer dizer que não podemos confiar mais nele? — perguntou Kirov.

— Nunca pudemos — respondeu Pekkala.

— Tem uma coisa que gostaríamos de saber — disse Stalin.
— Cedo ou tarde você nos dirá. A única variável nessa equação é o que vai ter sobrado de você, física e espiritualmente, no momento em que decidir responder à pergunta.

Pekkala sentiu-se quase aliviado com o início do processo. Qualquer coisa era melhor que a agonia de ficar encolhido dentro daquela cela que mais parecia uma chaminé. Era a curva do teto o que mais o aterrorizava, como se tudo estivesse lentamente desmoronando sobre ele. Sempre que pensava nisso, novas gotas de suor se formavam em seu rosto.

— Felizmente — continuou Stalin —, temos apenas uma pergunta a fazer.

Pekkala esperou.

— Quer um cigarro? — perguntou Stalin. Do bolso da calça, tirou uma caixa vermelha e dourada com a palavra “Markov” inscrita na frente.

Pekkala lembrou-se de que era a marca que Vassilejev costumava fumar.

— O ex-diretor da Okhrana teve a gentileza de deixar um estoque considerável no escritório dele — explicou Stalin.

— Onde ele está agora?

— Morto — disse Stalin, sem rodeios. — Sabe o que ele fez? Quando soube que estávamos chegando para prendê-lo, encheu a perna artificial de explosivos. Então, no camburão, a caminho da cadeia, Vassilejev acionou a

bomba. O eixo do carro acabou parando no teto de um prédio de dois andares. — Stalin riu baixinho. — Explosivos em uma perna de madeira! Não posso negar que ele tinha senso de humor.

Stalin estendeu a caixa de cigarros Markov, girando desajeitadamente o pulso de modo que os cigarros ficassem de frente para Pekkala.

Pekkala recusou.

Stalin fechou a caixa com um clique.

— Nos próximos dias, peço que não esqueça que minha primeira oferta a você foi de amizade.

— Não vou esquecer — disse Pekkala.

— É claro que não — respondeu Stalin. — Sua famosa memória não vai deixar. É por isso que tenho certeza de que poderá responder à minha pergunta.

— O que você quer saber? — perguntou Pekkala.

— Onde estão as reservas de ouro do tsar?

— Não faça a menor ideia — respondeu.

Stálin soltou o ar silenciosamente, os lábios levemente contraídos, como alguém que está aprendendo a assoviar.

— Então o que me disseram deve estar errado.

— O que te disseram? — A cada minuto que passava, aquela estranha leveza, criada pela certeza de que ia morrer, enchia cada vez mais o corpo de Pekkala. Quando finalmente decidirem me matar, pensou, não vai ter sobrado nada em mim capaz de sentir dor.

— Ouvi que o tsar confiava em você — disse Stalin.

— Não para tudo — respondeu Pekkala.

Stalin deu um ligeiro sorriso.

— É uma pena — disse.

Duas semanas depois, Pekkala foi arrastado para fora da cela e voltou à sala de interrogatório. Teve de ser carregado, pois não conseguia mais andar.

As partes de cima dos dedos dos pés queimavam no atrito contra o carpete enquanto os guardas o arrastavam, cada um apoiando com os ombros um dos braços de Pekkala.

Deixado pelos guardas, Pekkala percorreu os últimos poucos passos até sua cadeira na sala de interrogatório. Tremendo como quem sofre de febre alta, sentou-se e tentou manter o equilíbrio. Tinha os pés tão inchados que estavam com o dobro do tamanho normal, as unhas enegrecidas pelo sangue que coagulara sob elas. Não conseguia levantar as mãos acima dos ombros. Tampouco conseguia respirar pelo nariz. Intervalos curtos se interpunham entre crises violentas de tosse, os joelhos quase tocando no peito. Isso fazia com que flashes azuis desenhassem um arco ao longo de sua linha de visão, acompanhados por uma dor como se um cravo perfurasse seu crânio.

Stalin estava lá.

— E agora, gostaria de um cigarro? — perguntou, com aquela mesma voz meio acanhada.

Pekkala abriu a boca para falar, mas começou a tossir novamente e tudo que conseguiu foi responder com a cabeça.

— Não sei onde o ouro está — disse, quando conseguiu recuperar o fôlego. — Estou dizendo a verdade.

— Sim — respondeu Stalin. — Já estou convencido disso. O que gostaria de saber agora é o seguinte: a quem ele confiou a tarefa de esconder o ouro?

Pekkala não respondeu.

— Disso você sabe a resposta — disse Stalin.

Pekkala manteve-se em silêncio. O pavor veio a galope como um cão preto pelos túneis de sua mente.

— Quando esta conversa terminar — disse Stalin —, e você refletir sobre o que lhe acontecerá em seguida, talvez

se arrependa de sua famosa memória perfeita.

Mais tarde, naquela noite, Pekkala sentou-se na sala da frente, apoiando as costas na parede, pernas esticadas no chão de tábuas nuas. O *Kalevala* repousava em seu colo.

Kirov entrou, trazendo uma pilha de madeira para o fogo. Despejou ruidosamente as toras no piso da lareira.

— Nem sinal de Anton? — perguntou Pekkala.

— Nem sinal — respondeu Kirov, batendo as mãos para limpar a poeira da madeira. Gesticulou com a cabeça para o *Kalevala*. — Por que não lê um pouco do seu livro para mim?

— A menos que você fale finlandês, não vai entender.

— Leia um pouco mesmo assim.

— Duvido que você encontre isso na lista de textos aprovados pelo partido comunista.

— Se você não contar nada — disse Kirov —, então prometo ficar de boca fechada também.

Pekkala deu de ombros.

— Está bem, então.

Ele abriu o livro e começou a ler, as palavras finlandesas reverberando como trovões na garganta, e estalando no céu da boca como o estrondo de um raio no ar. Embora Pekkala lesse daquele livro o tempo todo, raramente dizia o texto em voz alta, e fazia anos desde a última vez que pudera falar sua língua nativa. Até mesmo seu irmão a abandonara. Enquanto lia agora, ela lhe parecia ao mesmo tempo distante e familiar, como uma memória emprestada da vida de outra pessoa.

Depois de um minuto Pekkala parou e levantou os olhos para Kirov.

— A sua língua — disse Kirov — tem o som de alguém arrancando pregos de um pedaço de pau.

— Vou tentar encarar isso como um elogio.

— O que significa? — perguntou Kirov.

O olhar de Pekkala voltou ao livro. Encarou as palavras até que lentamente comesçassem a se transformar, falando com ele na língua que Kirov conseguia entender. Ele contou a Kirov a história do vagabundo Vainamoinen e de suas tentativas de convencer a deusa Pohjola a descer do arco-íris onde vivia e juntar-se a ele nas viagens. Antes de concordar, Pohjola lhe mandava fazer coisas impossíveis, como dar nó em um ovo, cortar longitudinalmente um cabelo de cavalo com uma faca cega e tirar cortiça de uma pedra. Enquanto se dedicava ao trabalho final, que era construir um navio usando lascas de madeira, Vainamoinen cortou o joelho com um machado. A única coisa que faria parar o sangramento seria um feitiço chamado “A Fonte de Ferro”, e Vainamoinen partiu à procura de alguém que soubesse as palavras mágicas.

— As histórias são todas estranhas desse jeito? — perguntou Kirov.

— São estranhas até você entendê-las — respondeu Pekkala —, e depois é como se as conhecesse desde sempre.

— Alguma vez leu esta história para Alexei? — perguntou Kirov.

— Li algumas para ele, mas não esta. Ouvi falar de um feitiço como esse que o fazia esperar o impossível. — Enquanto essas palavras saíam de sua boca, Pekkala não pôde deixar de se perguntar se suas próprias esperanças de encontrar Alexei vivo não eram tão ocas quanto um feitiço para estancar o sangramento do menino.

* * *

De manhã cedo alguém bateu à porta da frente.

— Mayakovsky! — grunhiu Kirov, enquanto esfregava os olhos para acordar. — Espero que tenha trazido mais que batatas.

— Não é Mayakovsky — disse Pekkala. — Ele sempre chega pelo pátio. — Pekkala levantou-se e passou por Anton, que retornara em algum momento da noite.

Abrindo a porta, encontrou Kropotkin postado à frente dela. O chefe de polícia vestia sua túnica azul de trabalho, mas deixara os botões abertos. Não usava quepe e as mãos permaneciam enfiadas nos bolsos. Os cabelos escorridos e a mandíbula quadrada lhe davam a aparência de um cão boxer.

Kropotkin era o policial de aparência mais desleixada que Pekkala já vira. O tsar o teria demitido imediatamente, pensou Pekkala, pela ousadia de aparecer daquele jeito.

— Ligaram procurando você na noite passada — disse Kropotkin.

— Quem?

— Do manicômio em Vodovenko. Katamidze diz que se lembrou de alguma coisa que você perguntou. Um nome.

O coração de Pekkala começou a ribombar dentro do peito.

— Estou de saída imediatamente.

Assim que Pekkala estava prestes a fechar a porta, o homem falou com ele de novo.

— Já contei para seu homem da Cheka — disse. — Encontrei-o na taverna na noite passada. Passei a mensagem, mas achei que ele talvez estivesse bêbado demais para me entender. Achei que seria melhor passar

aqui agora de manhã só para ter certeza de que você tinha recebido a mensagem.

— Foi bom ter vindo.

Kropotkin chacoalhou as moedas nos bolsos.

— Veja bem, Pekkala, sei que não nos demos muito bem logo de cara, mas se houver alguma coisa que eu possa fazer para ajudar, sabe onde me encontrar.

Pekkala agradeceu e fechou a porta.

Anton ainda dormia, enrolado em um cobertor.

Pekkala pegou uma ponta do cobertor e puxou-a para cima.

Anton rolou para o chão.

— O que é isso?

— Katamidze! — disse Pekkala. — O telefonema de Vodovenko! Por que não nos contou na noite passada?

Anton sentou-se, olhos cansados de sono.

— Eu ia contar de manhã. — Pouco acima das cortinas de veludo, raios de luz solar entravam pelas janelas, iluminando a poeira que espiralava lentamente no ar. — Mas acho que já é de manhã, então estou te contando agora.

— Devíamos ter pegado a estrada horas atrás. — Pekkala apanhou as roupas de Anton que estavam no chão e jogou-as na cara dele. — Vista-se. Vamos sair agora.

Kirov apareceu, vindo da cozinha.

— Carne do exército frita de café da manhã! — anunciou ele.

Pekkala passou por ele e saiu para o pátio.

Kirov ficou vendo Pekkala sair, e o sorriso começou a desaparecer de seu rosto.

— O que está havendo? — Então se virou para Anton e perguntou de novo. — Qual é o problema?

Anton estava calçando as botas.

— Entre no carro — disse.

Dez minutos depois pegaram a estrada.

Indo para o sul, em direção a Vodovenko, passaram pelo vilarejo da mentira temporária. A barreira ainda impedia a passagem, mas encontraram a guarita trancada e desguarnecida.

Depois de removerem a barreira, continuaram pelo caminho e logo se viram na rua principal. O lugar estava deserto, como se toda a população tivesse fugido de uma hora para outra, deixando para trás lojas cujas vitrines transbordavam de pães, carnes e frutas. Mas quando Pekkala saiu do carro para poder ver melhor, percebeu que tudo por trás do vidro era feito de cera.

Eles pararam na pequena estação ferroviária e seguiram com o olhar os trilhos vazios, que se estendiam até o horizonte. Havia uma vassoura encostada contra uma das colunas de sustentação do teto da estação.

Nenhum deles disse uma palavra. O vazio do lugar parecia ordenar-lhes que mantivessem silêncio.

Pekkala lembrou-se dos rostos que vira quando passaram por ali antes. Lembrou-se do medo que se escondia atrás das máscaras sorridentes.

Entraram no carro e seguiram em frente.

Mais tarde, no mesmo dia, quando pararam no pátio em Vodovenko, o funcionário ruivo saiu para recebê-los.

— Tarde demais — disse.

Pekkala saiu do carro, as juntas dos quadris doloridas de tanto sentar espremido dentro do Emka.

— Como assim tarde?

— Não tarde — disse o funcionário. — Tarde demais.

— O que aconteceu?

— Não temos certeza. Talvez suicídio.

Os três homens não se deram ao trabalho de assinar o registro de entrada e o funcionário não pediu que entregassem as armas. Passaram apressados pela porta reforçada e pelos corredores até chegarem a uma sala cujo

chão e cujas paredes eram cobertos, na altura do peito, de ladrilhos brancos, como um box de chuveiro. Quatro luzes grandes pendiam do teto. Era o necrotério.

O corpo de Katamidze estava disposto sobre uma mesa de tampo metálico, coberto até o meio por um cobertor de algodão. Lábios, pálpebras e a ponta do nariz tinham assumido um matiz azulado, mas o resto da pele parecia tão pálido quanto os azulejos das paredes. Os pés, que estavam virados para a porta, saíam do cobertor. Preso por um fio ao dedão do pé direito um disco metálico que continha uma inscrição numérica. As unhas estavam amareladas como as escamas de um peixe morto.

Anton se recostou à parede ao lado da porta, olhos fixos no chão. Kirov seguiu atrás de Pekkala, curioso demais para se horrorizar.

- Veneno — disse Pekkala.
- Sim — concordou o funcionário.
- Cianeto?
- Soda cáustica — disse o funcionário.

Com delicadeza, Pekkala pôs a mão sobre o rosto de Katamidze e ergueu uma das pálpebras. O branco dos olhos do morto havia ficado vermelho com o rompimento dos vasos sanguíneos. Examinando a área ao redor dos olhos, Pekkala percebeu um leve rubor se estendendo da maçã do rosto até a linha da testa. Então, Pekkala correu os dedos pela lateral do pescoço do morto, sentindo a carne. Quando chegou à laringe de Katamidze, correu o dedo pelo frágil osso em forma de ferradura. Ele cedeu sob a pressão delicada, indicando que fora esmagado. O assassino, quem quer que tenha sido, apertara a garganta até ter certeza de que Katamidze não sobreviveria, mas o estrangulamento não fora a causa da morte.

- Onde ele foi encontrado? — perguntou Pekkala.
- Na cela dele — respondeu o funcionário.

Pekkala sacudiu a cabeça na direção da porta.

— Leve-me até lá.

Os três homens seguiram para a cela de Katamidze.

— Onde vocês usam soda cáustica nesse prédio? — perguntou Pekkala.

— Às vezes nos jardins. — As pernas do funcionário eram mais curtas que as de Pekkala. Agora tinha de se esforçar para acompanhá-lo. — Usamos para limpar os canos de esgoto, algumas vezes por ano.

— Ele estava morto quando o encontrou?

— Quase. Quero dizer, ele morreu antes que pudéssemos abrir a cela.

— Disse alguma coisa?

— Não. Quer dizer...

— Quer dizer o quê? — interpelou Pekkala.

O funcionário ruborizou.

— Pelo amor de Deus, as entranhas dele foram queimadas. Seja lá o que tentou dizer, estava mal demais para que se conseguisse entender. Aqui. Esse é o lugar.

Encontraram um faxineiro passando esfregão no piso. O ar pesava com o cheiro de água sanitária, misturado com um odor forte de vômito e o amargor penetrante da soda cáustica. A cela não tinha janelas, somente um catre de metal dobrável afixado à parede. Não havia outros móveis. Uma corrente aparafusada à parede descia até o centro do catre. Uma algema de ferro presa à corrente oscilava.

Pekkala levantou a corrente e deixou-a cair. Os elos de metal retiniram contra a parede.

— Ele estava preso nisso?

A respiração de Anton tornara-se curta. Então de repente ele saiu da cela e o som de seus passos apressados foi desaparecendo pelo corredor.

O funcionário observou sua saída.

— Algumas pessoas não têm estômago para um lugar como esse — disse.

Kirov ficou onde estava, olhando por cima do ombro de Pekkala.

— Todos os detentos são presos aos seus beliches no horário de dormir — continuou o funcionário. — Durante o dia, as camas são dobradas e as algemas abertas.

— O que acontece com os prisioneiros depois disso?

O faxineiro continuou a esfregar o chão como se os dois homens não estivessem lá.

— Deixamos que eles saiam por 15 minutos todos os dias. Pelo resto do dia, ficam sentados no chão, ou andando de um lado para o outro dentro das celas.

— Então você acha que ele bebeu a soda cáustica antes que você o acorrentasse para passar a noite?

O funcionário concordou com a cabeça.

— Sim. É a única possibilidade.

Pekkala chegou o rosto perto do funcionário.

— Você sabe muito bem que isso não foi suicídio.

O esfregão do faxineiro parou de repente. Dos fiapos cinza retorcidos, uma água espumosa fluiu pelo chão.

— Saia — disse o funcionário.

O faxineiro largou o esfregão e correu para fora da cela.

— Alguém apertou o pescoço de Katamidze — disse Pekkala.

— Ele se arranhou. Katamidze estava fora de si.

— Há outras marcas. Marcas de pressão. Alguém o pegou pela garganta. E o esôfago dele foi danificado.

— A soda cáustica...

— Alguma coisa foi forçada garganta abaixo, provavelmente algum tipo de funil. Então a soda cáustica foi derramada em seu estômago.

O funcionário começara a suar. Colocou a mão na testa e olhou para o chão.

— Veja bem, inspetor, no final das contas, realmente importa se ele se matou ou não?

— É claro que importa! — gritou Pekkala.

— O que estou dizendo — explicou o funcionário — é que esta é uma casa de loucos. Brigas acontecem. Há rixas que não terminam e nem tiveram começo. Esses homens foram retirados do mundo para que não fossem mais um perigo para a sociedade, mas isso não impede que eles sejam um perigo uns para os outros. Nossa capacidade de ação é limitada.

— Por que tentou me convencer de que foi suicídio?

— Um suicídio — o funcionário fez ondas com a mão, como se quisesse ajudar as palavras a saírem da própria boca — requer somente uma investigação interna. Mas um assassinato precisa de um inquérito completo. Você sabe o que isso significa, inspetor. Homens que são inocentes, que apenas estão tentando fazer um trabalho que não é fácil, acabam sendo condenados como criminosos. Se houvesse alguma maneira de manter isso entre nós...

— Há informações de que algum intruso esteve no prédio?

— Nosso esquema de segurança tem por objetivo impedir a saída de pessoas, não a entrada.

— Então está me dizendo que qualquer um poderia entrar aqui e ter acesso aos detentos?

— Teriam de passar por mim primeiro — respondeu —, ou por qualquer pessoa que estiver de guarda.

— E a mesa de recepção fica desocupada em algum momento?

— Oficialmente não.

— O que isso significa? — perguntou Pekkala.

— Significa que algumas vezes temos de responder ao chamado da natureza, se entende o que quero dizer. Ou saímos para fumar um cigarro. Ou vamos até a cafeteria

tomar uma tigela de sopa. Se não houver ninguém na mesa, tudo o que a pessoa tem a fazer é tocar a campainha que vamos atender.

— Mas não havendo ninguém, seria possível pegar uma chave.

O funcionário deu de ombros.

— Não oficialmente.

— Em outras palavras, sim.

— Há um armário cheio de chaves de entrada. Todos que trabalham no manicômio têm uma. Eles pegam a chave quando chegam e a entregam quando saem. A chave de cada um fica pendurada em um gancho com um número que corresponde àquela pessoa.

— E o armário fica trancado?

— Oficialmente...

— Pare.

— Deveria ficar, mas às vezes não fica. Mas olha, como eu disse, esse lugar é para manter as pessoas presas. Um detento que tente fugir tem que sair da cela, que é trancada, e por esta porta, que também é trancada. As pessoas não forçam a entrada em manicômios.

— Sabe de alguém aqui que talvez odiasse Katamidze o suficiente para matá-lo?

— Inspetor, os detentos deste lugar não precisam de um motivo para matar. É por isso que estão em Vodoenko. E se você está me dizendo que ele foi estrangulado, por que dar-se ao trabalho de despejar soda cáustica goela abaixo?

— Para fazer parecer o ato de um louco — respondeu Pekkala —, de modo que ninguém suspeitasse de alguém de fora do manicômio.

— Não seria mais simples acreditar que realmente foi alguém de dentro?

— Pode ser mais simples — disse Pekkala —, mas não acredito que seja essa a verdade. Ele tinha algo a nos dizer,

e alguém chegou antes de nós.

Pekkala saiu para o corredor.

O funcionário o seguiu. Puxou a manga da camisa de Pekkala.

— Por que motivo alguém de fora entraria aqui para matar um homem como Katamidze?

— Ele sabia um nome.

— Um nome, só isso? Ele morreu por isso?

— Não seria a primeira vez — disse Pekkala. Então foi em direção à saída.

No septuagésimo quinto dia de Pekkala na prisão de Butyrka, depois de ter seus ombros deslocados pela terceira vez, pendurado pelos pulsos até que seus braços saíssem das articulações, dois guardas o amarraram a uma tábua. Eles o inclinaram de modo que os pés ficassem acima do nível da cabeça e jogaram uma toalha molhada sobre seu rosto. Então um dos guardas derramou água na toalha até que Pekkala não conseguisse mais respirar e tivesse a nítida sensação de estar se afogando.

Ele não sabia quanto tempo aquilo havia durado.

Caíra em um estado mental que ele não sabia existir até aquele momento. Com tudo o que tinham feito a ele até então, sua mente consciente havia equilibrado a informação que buscavam com a dor que lhe causavam. O trabalho agora era impedir que a posição dos pratos se invertesse. Mas enquanto Pekkala se afogava sob a toalha, os pratos da balança desapareceram por completo e algo inconsciente assumiu o controle. Uma escuridão terrível, com um quê de vermelho-terra, espalhou-se como uma nuvem por sua mente, e ele não sabia mais quem era, ou o que era importante, ou de qualquer coisa que tivesse importância, exceto sobreviver.

Quando tiraram a toalha de seu rosto, falou o nome que procuravam. Ele não planejara dizer. Parecia quase que o nome se pronunciara sozinho.

Devolveram Pekkala imediatamente à cela.

Quando a porta foi fechada, Pekkala chorou. Tapou a boca com a mão para não ser ouvido. O desespero abriu-se diante dele como um abismo. Lágrimas escorriam pelos nós dos dedos. Quando o choro cessou, ele percebeu que ia morrer.

No dia seguinte, quando os guardas chegaram, Pekkala deixou-se conduzir pelo corredor de celas-chaminé até que chegassem a uma sala vazia com chão molhado. O espaço não teria mais que alguns metros de comprimento e largura, mas parecia tão imenso depois de sua estada na chaminé que a primeira reação de Pekkala foi grudar-se à parede, como se estivesse na beira de um penhasco.

O guarda entregou-lhe um pedaço de pão e fechou a porta.

Pekkala deu uma mordida no pão e cuspiu. Esse pão só piora, pensou.

Então um esguicho de água começou a sair, vindo de um buraco na parede.

Pekkala gritou, jogou-se no chão e encolheu-se em posição fetal.

O esguicho de água não parava.

A água era morna.

Depois de um tempo, ele levantou a cabeça. Tudo o que via era a água esguichando sobre ele. O pedaço de pão borbulhou em sua mão, e então ele se deu conta de que era sabão. Esfregou o rosto com ele.

A água fluía pelo seu corpo e escorria preta de sujeira por um ralo num canto da sala. Pekkala ficou de joelhos e continuou debaixo da água, queixo colado ao peito, mãos pousadas nas coxas. O som da água trovejava em seus ouvidos.

Por fim, ouviu um guincho e a água parou.

Ainda vestindo os pijamas ensopados, Pekkala saiu para o corredor. Apesar do banho, ainda havia crostas de sangue

seco em torno das narinas. Seu gosto metálico prolongava-se no céu da boca.

— Mãos nas costas — ordenou o guarda.

— Passo para a esquerda, passo para a direita — disse Pekkala.

— Quietos — disse o guarda.

Pekkala e os dois guardas percorreram outro corredor até chegarem a uma pesada porta de ferro enfeitada por tachas. A porta foi aberta. Uma lufada de ar úmido golpeou Pekkala no rosto. Então os dois guardas o rebocaram por uma longa escadaria em espiral, iluminada por lâmpadas em gaiolas metálicas.

O porão, Pekkala pensou. Estão me levando para o porão. Agora eles vão me matar. Estava feliz por não ter de voltar para a chaminé. Sua alma já se esvaíra por completo. Sentia o próprio corpo como um barco pequeno e esburacado, quase naufragando sob as ondas.

— Tem certeza? — perguntou Kirov, enquanto guiava o Emka pelos portões de Vodovenko.

— Estão chamando de suicídio — disse Pekkala —, mas não foi suicídio.

— É melhor sairmos de Sverdlovsk — disse Anton. — Iremos embora agora. Não devíamos nem voltar para pegar nossas coisas.

— Não — respondeu Pekkala. — Vamos continuar a investigação. Estamos mais perto agora. O assassino não deve estar longe.

— Mas não é melhor pelo menos encontrar um local mais seguro que a casa Ipatiev? — perguntou Kirov.

— Queremos que ele ache que estamos vulneráveis — disse Pekkala. — O assassino dos Romanov sabe que estamos no encalço dele, portanto, sabe que não pode mais se esconder e é apenas uma questão de tempo até que venha nos procurar.

Era de manhã.

Pekkala estava sentado sobre um balde emborcado, perto da bomba d'água, a Webley no chão perto dos pés. Um espelho de mão, feito de aço polido, estava apoiado no gancho da manivela da bomba. Pekkala se barbeava. Uma espuma encardida de sabão encobria seu rosto, e a lâmina fazia um leve ruído ao seguir os contornos do queixo.

Estava cansado, tendo dormido somente por algumas horas. Depois de voltarem de Vodovenko, os três haviam concordado em montar guarda em turnos durante a noite, e todas as noites dali em diante, até que a investigação terminasse.

Naquele momento, um rosto espreitou da extremidade do muro do pátio.

Pekkala pegou a arma.

O rosto sumiu de vista num instante.

— Sou eu! — gritou uma voz detrás do muro. — Seu velho amigo Mayakovsky.

Pekkala colocou a arma no chão.

— O que você quer? — perguntou.

Cautelosamente, Mayakovsky voltou para o pátio. Trazia nos braços uma cesta feita de talos de junco entrelaçados.

— Trago presentes! — disse. — São algumas das coisas que Kirov me pediu. — Mayakovsky olhou para a arma. — Está um pouco nervoso hoje, inspetor Pekkala.

— Tenho motivos para isso.

— Barbeando-se, estou vendo. Sim. Bom pros nervos. É. — Mayakovsky riu nervosamente. — Occam ia gostar de ver.

— O quê? — perguntou Pekkala.

— A navalha de Occam. — Apontou para a lâmina que Pekkala tinha em mãos. — A explicação mais simples que der conta dos fatos...

— ... geralmente é a verdadeira — disse Pekkala. Perguntou-se em que escambo Mayakovsky havia tomado conhecimento daquela curiosidade. — O que o traz aqui?

— Ah, poderia dizer que é Occam que me traz aqui, inspetor Pekkala.

Pekkala raspou a navalha por toda a extensão da garganta, então limpou o sabão da lâmina e voltou a passar o gume na pele.

Mayakovsky colocou a cesta na soleira da porta e sentou-se ao lado dela.

— Meu pai trabalhava de faz-tudo para a família Ipatiev. Eu costumava esperar por ele aqui quando criança enquanto ele terminava o trabalho do dia. Eu jurei que algum dia compraria este lugar. No fim das contas, é claro, a casa não podia ser comprada. E também quem ia querer comprar, depois de tudo o que aconteceu aqui?

— A casa que você tem me parece grande o bastante — disse Pekkala.

— Ah, sim! — respondeu Mayakovsky. — Tenho um quarto para cada dia da semana. Mas não é esta casa. — Deu tapinhas na pedra em que estava sentado. — Não a casa que jurei que seria minha.

— Então a única coisa que o motiva é a ganância.

— Acha que eu teria sido mais feliz se tivesse comprado a casa Ipatiev?

— Não — respondeu Pekkala. — A ganância nunca para até que a satisfaçamos. E é impossível satisfazer a ganância.

Mayakovsky concordou com a cabeça.

— Exatamente.

Pekkala levantou para ele o olhar que antes estava no espelho de barbear.

— Está bem, Mayakovsky, aonde você quer chegar?

— Já que eu não sou dono desta casa — explicou Mayakovsky —, o sonho de ser dono dela continua. Eu cheguei à conclusão de que o sonho de ser dono dela agora tem mais valor para mim que a própria casa. Eu tentei fingir que isso não era verdade. Como um homem pode admitir que passou a vida inteira procurando alguma coisa que ele, na verdade, não quer?

Devagar, Pekkala baixou a navalha do rosto.

— Ele pode admitir se olhar a verdade de frente.

— Sim — disse Mayakovsky —, se, como com a navalha de Occam, ele puder entender para onde os fatos estão apontando.

— Tenho pena de você, Mayakovsky.

— Guarde um pouco da pena para si mesmo, inspetor. — O sorriso forçado de Mayakovsky desaparecia e voltava, como se estivesse ligado a uma corrente elétrica defeituosa. — Você também parece estar à procura de uma coisa que não quer de verdade.

— E o que você acha que estou procurando? — perguntou Pekkala.

— O tesouro do tsar! — cuspiu Mayakovsky. Até então, o velho vinha escolhendo as palavras com cuidado, mas agora soavam como uma acusação.

— O que você sabe sobre isso? — Pekkala limpou o sabão da lâmina em um pano de prato que estendera sobre o joelho.

— Eu sei que o tsar escondeu tão bem que ninguém conseguiu achar. Não que não tenham tentado. Eu vi. A garagem desse pátio estava cheia dos baús que os Romanov tinham trazido. Lindos baús. Do tipo com tiras curvas de madeira e fechaduras de metal, cada baú com um número e um nome. Bem, a milícia revistou os baús e roubou algumas coisas, mas, na verdade, não sabiam o que deviam procurar... era só um monte de livros e roupas chiques. Aqueles rapazes da Cheka devem ter entendido que mesmo que as coisas preciosas não estivessem nos baús, podiam, quem sabe, encontrar alguma pista sobre onde poderiam achar o tesouro. Toda noite, aqueles guardas da Cheka saíam de fininho e revistavam os baús, mas eles nunca encontraram nada.

— O que te faz pensar isso, Mayakovsky?

— Porque se tivessem encontrado, inspetor Pekkala, você não teria qualquer utilidade para eles. Por que outro motivo

deixariam você com vida?

— Mayakovsky — disse Pekkala —, estou aqui para investigar a possibilidade de que a execução dos Romanov não tenha sido realizada por inteiro.

Mayakovsky assentiu, sarcástico.

— Mais de uma década depois que eles desapareceram. As rodas da burocracia em Moscou realmente giram com essa lerdeza toda? Os Romanov são uma nota de rodapé na história. O fato de eles estarem vivos ou mortos não tem mais importância.

— É importante para mim.

— Porque você também é uma nota de rodapé na história, um fantasma procurando outros fantasmas.

— Eu posso ser um fantasma — disse Pekkala —, mas não estou procurando aquele ouro.

— Então o seu olho de esmeralda está cego, inspetor, porque você está sendo usado por alguém que está caçando esse ouro. Você mesmo disse que é impossível satisfazer a ganância. A diferença entre nós, inspetor, é que eu encarei os fatos e você não.

— Reservo esse julgamento para mim, Mayakovsky.

Como se recebessem um sinal invisível, os dois ficaram de pé.

— Katamidze está morto — disse Pekkala. — Você tem o direito de saber.

Mayakovsky fez que sim com a cabeça.

— As pessoas não duram muito tempo em Vodovenko.

— Ele sabia quem matou o tsar. Ele talvez fosse a única pessoa capaz de me dizer o nome do assassino.

— Talvez eu possa ajudar — disse Mayakovsky.

— Como?

— Tem uma pessoa que era conhecida de Katamidze, alguém com quem ele pode ter falado antes de desaparecer de Sverdlovsk.

— Quem? — perguntou Pekkala. — Pelo amor de Deus, Mayakovsky, se você sabe de qualquer coisa...

Mayakovsky levantou a mão e deu pancadinhas no ar.

— Vou falar com essa pessoa — disse. — Preciso ter cuidado.

— Quando você pode me informar?

— Vou cuidar disso imediatamente. — A voz de Mayakovsky era calma e tranquilizadora. — Pode ser que hoje mesmo eu tenha uma resposta para você.

— Suponho que isso vá custar um preço. Você já deve saber, Mayakovsky, que não temos muita coisa para lhe dar.

Mayakovsky inclinou a cabeça, primeiro para um lado e depois para o outro.

— Tenho estado de olho em uma coisa, por assim dizer.

— O que é?

Mayakovsky fez com a cabeça um gesto na direção do casaco preto de Pekkala, que estava pendurado em um prego na parede. Quase oculta sob a lapela, estava a forma oval do olho de esmeralda.

Pekkala soltou o ar entre os dentes cerrados.

— Você não facilita, Mayakovsky.

— Qualquer coisa menos que isso — sorriu Mayakovsky —, eu não teria nenhum respeito próprio.

— E a sua cesta?

— Fique com ela, inspetor. Pense nela como parte do pagamento por esse seu distintivo.

Quando Pekkala acabou de fazer a barba, limpou os últimos salpicos de sabão do rosto, dobrou cuidadosamente a navalha e guardou-a no bolso. Foi até a cozinha e ficou surpreso ao encontrar Anton sentado lá com os pés sobre a mesa, lendo uma cópia do *Pravda*.

— Veja só o que eu comprei — disse.

— Este jornal é de uma semana atrás — disse Pekkala, lendo a data no cabeçalho.

— Mesmo as novidades da semana passada são novidade num lugar como este. — Anton dobrou o jornal e bateu com ele na mesa.

— Mayakovsky esteve aqui — disse Pekkala, colocando a cesta sobre a mesa.

Anton vasculhou o conteúdo. Tirou um pão de centeio e arrancou um pedaço com os dentes.

— O que o nosso trollzinho de estimação pediu em troca disso? — perguntou com a boca cheia.

— Disse que talvez conheça alguém que falou com Katamidze na noite em que os Romanov foram mortos. Talvez ele possa nos dar um nome.

— Esperemos — disse Anton — que seja mais útil que da última vez.

Com o que havia dentro da cesta — uma perdiz pequena, uma garrafa de leite, um pouco de manteiga salgada e meia dúzia de ovos, Kirov compôs uma refeição. Ele picou a carne da perdiz, esmigalhou o pão e misturou-os em uma tigela rachada que achou sob a pia da cozinha. Então passou com as mãos parte da manteiga e várias gemas de ovo na carne. Encheu o fogão de lenha até que a chapa de ferro parecesse ondular de tão quente. Então fez bolos ovais com a mistura e fritou-os na chapa do fogão.

Depois disso, os três homens sentaram-se em volta do fogão à lenha, deixando que o fogo morresse enquanto comiam com as mãos, usando seus lenços como pratos, queimando os dedos nos bolos quentes e amanteigados.

Pekkala comeu o mais devagar que podia, deixando que cada molécula de sabor percorresse o intrincado caminho até o cérebro enquanto os bolos se dissolviam em sua boca.

— Minha família tinha uma taverna — disse Kirov — em uma cidade chamada Torjuk, na estrada Moscou-Petrogrado. Nos velhos tempos, com as carruagens puxadas por cavalos passando para lá e para cá o tempo todo, o lugar estava

sempre muito cheio. Havia pequenos quartos no andar de cima para hóspedes e no andar de baixo as janelas eram feitas de pedaços de vitrais presos por fios de chumbo. Cheirava a comida e fumaça. Lembro-me das pessoas chegando meio congeladas de suas viagens de carroça, batendo o pé no chão para tirar a neve das botas e sentando às mesas grandes. Os casacos ficavam empilhados perto da porta em montes que eram mais altos que eu. Lá ficava sempre cheio, e o chef, que se chamava Pojarski, tinha de estar pronto para cozinhar pratos para as pessoas a qualquer hora que elas chegassem, fosse dia ou fosse noite. No inverno, quando as coisas acalmavam e o fogão esfriava, Pojarski dormia em cima dele. Mas quando a ferrovia Nikolaevsky começou a fazer a ligação entre as duas cidades, ela não passava por Torjuk. A estrada quase foi desativada, de tão poucas carroças que viajavam por ela. Mas minha família não fechou a taverna. Durante a semana Pojarski cozinhava para os hóspedes, se houvesse algum, e nos domingos preparava uma refeição para mim e meus pais depois que voltávamos da igreja. Era esse prato aqui que ele costumava fazer para mim. Ele chamava de croquete Pojarski e temperava-o com vodca e sálvia. Eu passava a semana inteira esperando para comer esse prato. O que vocês estão comendo agora é o que me fez querer ser um chef.

— Você ia à igreja? — Anton tinha devorado sua parte. Agora limpava no lenço a gordura das mãos. — Não é exatamente uma boa credencial para um comissário.

— Todos iam à igreja em Torjuk — respondeu Kirov. — A cidade tinha 37 capelas.

— Tudo isso já era.

— Fique quieto e coma — resmungou Pekkala.

Mais tarde, naquele mesmo dia, Pekkala estava de quatro, raspando as cinzas da lareira na sala da frente. Abriu as cortinas. Raios de sol caíam formando pilares retorcidos ao longo do chão de tábuas desgastadas.

Quando parou para limpar o suor do rosto, viu Mayakovsky saindo de sua casa.

Mayakovsky pegou uma caixa de papelão que havia na soleira da porta. Abriu-a e sorriu, e depois lançou uma olhadela na direção da casa Ipatiev. Então, carregando a caixa, atravessou a rua. Dessa vez, ele não deu a volta na casa, e foi direto para a porta da frente. O som vigoroso e seco da aldrava de latão em forma de ferradura soou pela casa.

Antes que Pekkala pudesse levantar-se, Kirov veio da cozinha e abriu a porta.

— Kirov! — disse Mayakovsky. — Meu bom amigo Kirov!

— Oi, olá, Mayakovsky — respondeu Kirov.

— Eu sabia que éramos amigos de verdade.

— Que bom que pensa assim — disse Kirov.

Pekkala estava de joelhos, com as mãos sarapintadas de cinza, divertindo-se com as tentativas de Kirov em ser cortês.

— A gente se entende — continuou Mayakovsky —, e não vou esquecer isso. Obrigado!

— Você é muito bem-vindo, Mayakovsky. Fico feliz por nos darmos tão bem.

A porta se fechou. Kirov virou-se e ficou parado na entrada para a sala da frente, de braços cruzados, com expressão de perplexidade no rosto.

— Lá vai mais um que pirou. Igual a todo mundo nessa cidade.

— Ele estava agradecendo o presente que você deixou na porta dele.

— Não dei nada a ele — disse Kirov.

— Não? — Pekkala olhou pela janela. — Mas achei que você tinha dito que ia dar um presente a ele. Para desorientá-lo.

— Eu ia, mas acabei adiando.

Mayakovsky atravessou até o meio da rua. Ele parou e se virou, a caixa ainda nas mãos.

Seu olhar e o de Pekkala se cruzaram.

Uma rajada de adrenalina correu pelo abdômen de Pekkala.

— Ah, Deus — sussurrou ele.

O sorriso que Mayakovsky trazia no rosto vacilou. Então ele desapareceu. Onde estivera, por uma fração de segundo, tudo o que Pekkala pôde ver foi uma névoa cor-de-rosa. As janelas se enrugaram como se fossem água. A onda de choque apanhou Pekkala e arremessou-o para o outro lado da sala. Ele bateu contra a parede. Seus olhos se encheram de poeira. A fumaça de fedor metálico preencheu seus pulmões. Pekkala não conseguia respirar. Sentiu uma dor aguda no peito. À sua volta, fragmentos de vidro batiam nas paredes, deslizavam pelo chão, cintilando como diamantes no ar.

Quando se deu conta, Pekkala já estava sendo puxado pelo pé por Kirov, que o arrastava para fora da sala. A porta da frente fora aberta pelo impacto da explosão. Na rua, as pedras do pavimento espalhavam-se por todo lado, junto com escombros. Galhos inteiros de árvore haviam caído na rua, as folhas queimadas formavam punhados pretos tostados.

Quando chegaram à cozinha, Anton estava lá.

Os dois levantaram Pekkala e deitaram-no sobre a mesa.

Pekkala tentou sentar-se, mas Anton o impediu.

Um pano molhado cobria seu rosto.

Anton estava dizendo alguma coisa, mas ele não ouvia som algum.

Então Kropotkin estava lá, sua massa de cabelos loiros saindo do quepe.

Enfim, como um rádio cujo volume é aumentado aos poucos, a audição de Pekkala começou a voltar. Ele tirou o pano molhado do rosto, que agora estava ensopado de sangue, saltou de cima da mesa e cambaleou pelo saguão até chegar à rua. Seu rosto coçava. Ele coçou as bochechas e pedacinhos de vidro se engastaram nos dedos.

Kirov vinha atrás dele.

— Você tem de ficar deitado — disse.

Pekkala o ignorou. Chegou à rua e parou.

Onde Mayakovsky estivera, havia apenas um círculo preto nas pedras. Acima, nos ramos despedaçados das árvores, estavam pendurados trapos da roupa de Mayakovsky.

Kirov pegou-o pelo braço.

— É melhor a gente entrar. — Sua voz era gentil e persistente.

Pekkala começou a sentir-se tonto. Ficou olhando as folhas queimadas, o vidro quebrado e as pedras despedaçadas. Sentiu o dedo do pé encostar em alguma coisa. Olhou para baixo e viu o que parecia a asa quebrada de um jarro branco de cerâmica. Pegou-a. Alguns momentos se passaram antes que Pekkala percebesse que era um pedaço da mandíbula de Mayakovsky.

— Vamos — disse Kirov.

Pekkala encarou Kirov como se não lembrasse quem era. Então, deixou-se levar de volta para casa.

Kirov passou a meia hora seguinte catando estilhaços de vidro do rosto de Pekkala com um alicate de pontas redondas. Eles brilhavam em seus pequenos ninhos de sangue.

Kropotkin estava em um canto da sala, olhando nervosamente na direção de Pekkala.

— Ele já está bem para falar? — perguntou.

— Posso falar — disse Pekkala.

— Bom — disse Kropotkin. — Escuta. Eu ofereci um policial para protegê-los até que possamos esclarecer isso, mas esse homem da Cheka — apontou para Anton — diz que não é necessário.

— Não sabemos quem plantou aquela bomba — disse Anton.

— Bom, não fui eu, se é isso que está insinuando — respondeu Kropotkin, enrubescendo.

— Eu disse para eles que nunca devíamos ter voltado — disse Anton.

— Ele está certo — interveio a voz de Kirov. — Não precisamos de proteção.

— E por que não? — questionou Kropotkin.

— Porque vamos partir ao nascer do dia. Vamos para Moscou apresentar nosso relatório. Então, se eles permitirem, voltaremos com um destacamento de soldados.

— Isso vai levar tempo demais — disse Pekkala, levantando-se. — Ainda falta encontrar o que procuramos.

Kirov pôs as mãos sobre os ombros de Pekkala.

— Não — disse Kirov —, o que procuramos nos encontrou. Você avisou que isso podia acontecer, e aconteceu.

— Não estávamos bem-preparados — disse Pekkala. — Seremos mais prevenidos da próxima vez. — Ele se levantou e caminhou até a sala da frente. A luz do sol, rebrilhando nos cacos de vidro, fazia o chão parecer coberto de manchas de fogo. A elegante pilha de cinzas que Pekkala vinha recolhendo fora soprada pelo chão como a sombra de um tornado. O papel de parede estava rasgado como se pelas garras de um felino gigante. Ele se aproximou de alguma coisa que havia-se engastado à parede. Ao arrancá-la do gesso, percebeu que era o bojo do cachimbo de Kirov,

que com a força da explosão se inserira na parede como um prego.

Pekkala virou-se e viu Anton postado a sua frente.

— Por favor — implorou Anton. — Agora temos de ir embora.

— Não posso — respondeu Pekkala. — É tarde demais para desistir.

No meio da noite, Pekkala acordou de um sonho em que não conseguia respirar.

Kirov estava inclinado sobre ele, cobrindo com a mão o nariz e a boca de Pekkala. Levou o indicador aos lábios, indicando que Pekkala devia ficar em silêncio.

Pekkala assentiu com um gesto de cabeça, os olhos arregalados.

Lentamente, Kirov retirou a mão.

Pekkala sentou-se e retomou o fôlego.

— Tem alguém na casa — sussurrou Kirov.

Anton estava de pé. Já empunhava seu revólver. Estava na passagem para o hall de entrada, tentando enxergar em meio às sombras. Então se virou para olhar Pekkala e Kirov.

— No porão — disse.

Pekkala sentiu um tremor percorrer seu corpo ao pensar que havia alguma coisa viva lá embaixo, no sangue seco e na poeira. Tirou a Webley do coldre, e os três homens desceram a escada.

Pekkala pôs-se de lado ao descer, os pés descalços agarrando os degraus de madeira, que rangiam ao receber o peso de seu corpo.

Atrás dele, Kirov carregava um dos lampiões.

— Não acenda isso até eu mandar — sussurrou Pekkala.

Chegando ao pé da escada, Pekkala nada ouvia a não ser o ruído da respiração de Anton e Kirov. Então percebeu o

som inconfundível de alguém chorando. Estava vindo da sala onde os assassinatos haviam ocorrido.

Agora que seus olhos estavam ajustando-se à escuridão, Pekkala pôde ver que a porta estava aberta.

O choro continuava, abafado, como se viesse de dentro das paredes.

Pekkala inspirou o ar bolorento, indo até a soleira da porta da velha despensa. Espiou dentro e conseguiu distinguir as listras do papel de parede, mas estava escuro demais para ver qualquer outra coisa. O pó do gesso quebrado parecia uma película de neve suja sobre o chão.

Ouviu-se o som mais uma vez e agora ele teve o vislumbre de uma forma no canto do outro lado do cômodo. Era uma pessoa, de joelhos, acocorada e virada para a parede.

Anton estava ao seu lado. Seus olhos brilhavam nas trevas.

Pekkala deu o sinal e os dois homens correram pela despensa, os pés chutando os escombros.

A figura virou-se. Era um homem, ajoelhado. Seu choro transformou-se em um uivo terrível.

— Atira! — gritou Anton.

— Não! Por favor, não! — O homem encolheu-se aos pés de Pekkala.

Anton apontou a arma para a cabeça.

Pekkala afastou a arma com um golpe e agarrou o intruso pela gola do casaco.

— O lampião! — gritou para Kirov.

— Por favor, não me machuquem! — choramingou o homem.

Um fósforo reluziu. No instante seguinte, o brilho suave do lampião espalhou-se pelas paredes.

Pekkala empurrou o homem, forçando-o a deitar-se de costas no chão.

O lampião oscilava na mão de Kirov. As sombras lançadas rolavam pelas paredes salpicadas de buracos de bala.

O homem protegia o rosto com as mãos em garra, como se a luz pudesse derreter sua pele.

— Quem é você? — rugiu Pekkala.

— Tire as mãos! — gritou Kirov.

Devagar, os dedos descobriram a face. Os olhos do homem estavam fechados com força, o rosto anormalmente pálido à luz do lampião. Tinha uma testa larga e um queixo maciço. Um bigode preto e uma barba bem aparada cobriam a parte inferior de seu rosto.

Pekkala afastou o braço de Kirov, de modo que o lampião não ficasse diretamente sobre o rosto do invasor.

Enfim, hesitantes, os olhos se abriram.

— Pekkala — murmurou ele.

— Meu Deus... — murmurou Pekkala. — É Alexei.

— Como pode ter certeza? — sibilou Kirov.

Ele fora com Pekkala até o pátio, enquanto o homem ficou para trás, guardado por Anton.

— É ele — disse Pekkala. — Eu sei.

Kirov pegou Pekkala pelo braço e sacudiu-o.

— A última vez que você viu Alexei foi há mais de dez anos. Vou perguntar de novo: como você pode ter certeza?

— Passei anos com os Romanov — explicou Pekkala. — Foi por isso que o Bureau de Operações Especiais me trouxe aqui, para que eu pudesse identificá-los, vivos ou mortos. E estou te dizendo que é Alexei. Tem o queixo do pai, a testa do pai. Mesmo que você só conheça a família pelas fotos, não há como não ver que ele é um Romanov!

Lentamente, Kirov largou o braço.

— Acho que é a mesma pessoa que vi espiando pela janela aquela noite.

— E você me disse que ele parecia o tsar.

— Tudo bem — disse Kirov —, mas mesmo que seja Alexei, o que diabos ele está fazendo aqui?

— É exatamente isso o que vou descobrir.

Kirov fez que sim, satisfeito.

— Se concordarmos, então digo que devemos ir embora o mais rápido possível. Até que possamos levá-lo para Moscou, nenhum de nós está seguro nesta casa.

— Anton vai ficar de guarda — disse Pekkala. — Ele quase abriu fogo lá no porão. Não o quero presente durante o interrogatório de Alexei.

Levaram Alexei até a cozinha. O herdeiro do trono russo sentou-se a um lado da mesa, Kirov e Pekkala do outro.

Anton ficou do lado de fora, no pátio. Pareceu aliviado de não tomar parte do interrogatório. Depois do que acontecera a Mayakovsky, tudo o que Anton parecia querer era dar o fora da cidade.

A noite ainda estava pela metade.

Um lampião fora colocado sobre a mesa. Sua chama cor de damasco queimava com regularidade, esquentando a cozinha.

O vento uivava em torno do pedaço de papelão que fora colado sobre a janela quebrada da cozinha.

Alexei parecia doente e desganhado. Envelhecera precocemente. Tinha os ombros curvados e coçava nervosamente os braços enquanto falava.

— Disseram-me que você tinha morrido, Pekkala, mas eu nunca acreditei. Quando ouvi que você tinha aparecido em Sverdlovsk, tive de ver com meus próprios olhos se era verdade.

— Você ouviu? — perguntou Kirov. — Quem te contou?

— E quem é você para falar comigo nesse tom? — respondeu Alexei.

— Eu sou o comissário Kirov, e assim que eu estiver convencido de que você é quem diz ser, poderemos ter uma conversa civilizada. Até então, você pode responder às perguntas.

— Nessa cidade, ainda há pessoas que consideram os Romanov como amigos — disse Alexei.

Kropotkin, Pekkala pensou. Devia saber durante todo o tempo onde Alexei estava se escondendo.

— Excelência — começou Pekkala.

— Não se dirija a ele assim — irritou-se Kirov. Era a primeira vez que levantava a voz para Pekkala.

— Ele está certo — disse Alexei. — Me chame pelo nome. — Com a palma da mão, Alexei limpou as lágrimas dos olhos.

Com os cotovelos sobre a mesa, Pekkala entrelaçou as mãos. Sua expressão era tensa e circunspecta.

— Encontramos seus pais, Alexei. E suas irmãs também. Como provavelmente já sabe, você foi o único sobrevivente.

Alexei assentiu com a cabeça.

— Foi o que me disseram.

— Quem disse? — inquiriu Kirov.

— Deixe-o falar! — ordenou Pekkala.

— As pessoas que cuidaram de mim — explicou Alexei.

— Comece pelo começo — Pekkala pediu-lhe com delicadeza. — O que aconteceu na noite em que vocês foram levados desta casa?

— Estávamos lá embaixo, no porão — disse Alexei. — Um sujeito tinha aparecido para tirar uma foto da gente. Estávamos acostumados. Tiraram muitas fotos nossas desde que fomos detidos em Tsarskoye Selo, e depois disso, em Tobolsk. Ele estava prestes a bater a foto, quando um

homem com um uniforme do Exército chegou de repente e começou a atirar.

— Você o conhecia? — perguntou Pekkala.

— Não — respondeu Alexei. — Os guardas estavam sempre mudando, e foram muitos desde que nossa família foi presa lá em Petrogrado. O fotógrafo tinha ligado duas luzes fortes. Estavam brilhando na nossa cara. Eu mal pude vê-lo, e não demorou mais que um segundo antes que ele começasse a atirar. Depois disso, o cômodo ficou cheio de fumaça. Meu pai gritou. Eu podia ouvir minhas irmãs gritando. Devo ter desmaiado. A próxima coisa de que lembro é o homem me carregando degraus acima. Eu estava doente na época. Estava muito fraco. Eu me debatia, mas ele me agarrava com muita força. Ele me carregou até o pátio e me fez subir no banco da frente de um caminhão. Disse que se eu tentasse fugir, meu destino seria igual ao dos outros. Eu estava assustado demais para desobedecer. Ele voltou para a casa diversas vezes, e cada vez que saía de lá estava carregando alguém da minha família. Eu pude ver como as cabeças pendiam, como os braços balançavam. Sabia que estavam mortos. Então ele os colocava no caminhão.

— O que aconteceu depois disso?

— Ele sentou ao volante e partiu com o caminhão.

— Em qual direção?

— Não sei para onde fomos. Era a primeira vez que eu saía daquela casa em muitos meses. Havia uma floresta densa de cada lado da estrada e era muito escura. Paramos na frente de uma casa. As pessoas lá dentro estavam esperando. Deram a volta até o meu lado. O motorista mandou que eu descesse e, assim que coloquei os pés no chão, o caminhão foi embora, desapareceu na noite. Nunca mais vi aquele homem. Nunca soube como se chamava.

Pekkala recostou na cadeira. Os músculos do pescoço, que haviam se enfeixado como um punho sob a pele, começaram a relaxar. Ele agora tinha certeza de que era mesmo Alexei. Os detalhes que sabia sobre aquela noite correspondiam à risca aos que Pekkala ouvira de outras pessoas. Apesar dos anos que haviam se passado desde a última vez que vira o tsarévitch, não havia como não reconhecer a semelhança física. Era como se Alexei emitisse o brilho do rosto do próprio tsar, pelos olhos, pelas bochechas, pelo queixo.

Mas Kirov ainda não estava convencido.

— E quem eram essas pessoas que cuidaram de você? — perguntou.

As palavras agora saíam velozmente da boca de Alexei. Ele parecia ansioso para explicar tudo o que pudesse.

— Era um casal de velhinhos. O nome dele era Semyon, e a velha era Trina. Nunca soube o sobrenome. Tudo que diziam era que eram amigos e que minha vida fora poupada porque eu era inocente. Eles me alimentaram e me deram roupas. Fiquei com eles por muitos meses.

Isso não surpreendeu Pekkala. Aos olhos do povo russo, Alexei nunca compartilhara a culpa atribuída a seus pais. A altivez das irmãs, e principalmente a da mãe, só fizera prejudicar a imagem que a opinião pública tinha delas. Mesmo no auge da revolução, com Lenin clamando pelo derramamento de rios de sangue, Alexei fora poupado da violência de sua fúria. Pekkala sempre acreditara que se alguém tivesse recebido misericórdia, esse alguém teria sido Alexei.

— Você tentou fugir? — perguntou Kirov.

Alexei riu baixinho.

— E para onde eu iria? O interior estava infestado de bolcheviques. Eu tinha visto isso com meus próprios olhos na viagem até aquele lugar. Por fim, fui embarcado

clandestinamente em um trem na ferrovia Transiberiana. Acabei indo para a China e depois disso, para o Japão. Viajei o mundo inteiro para voltar a este lugar.

Pekkala lembrava-se do que seu irmão dissera sobre as pessoas terem avistado Alexei em cantos estranhos do planeta. Ele se perguntou quantos desses relatos seriam verdadeiros.

— Por que voltou para este país? — perguntou. — Não está seguro aqui.

— Eu sabia que era perigoso — respondeu Alexei —, mas havia somente um país em que eu me sentia em casa: este. Já estou aqui há vários anos. Se as pessoas acham que você está morto, param de te procurar. E mesmo quando acham que te reconhecem, elas se convencem de que os olhos estão lhes pregando uma peça. O melhor que posso fazer pela minha segurança é não tentar parecer outra pessoa. Pouca gente sabe quem eu realmente sou. Quando ouvi que você estava aqui, sabia que devia estar à minha procura. E eu sabia que se fosse realmente você, não podia ficar quieto e deixá-lo procurar por alguma coisa que talvez jamais encontrasse. Eu me lembro do que fez pela minha família.

— A situação é mais perigosa do que você imagina — disse Pekkala. — Esse homem que matou sua família sabe que o estamos procurando, e temos razões para crer que ele está por perto. Stalin lhe prometeu anistia, e acredito que a oferta seja genuína, mas precisamos levá-lo até Moscou o mais rápido possível. Assim que fizermos isso, Alexei, vou continuar a busca pelo homem que matou seus pais e suas irmãs, mas por enquanto minha única preocupação é com sua segurança. — Então Pekkala pediu licença e saiu da cozinha junto com Kirov.

Foram encontrar Anton do lado de fora.

— O que vocês acham? — perguntou Pekkala. — Precisamos entrar em acordo antes de fazer qualquer coisa.

Kirov foi o primeiro a falar.

— Eu só poderia saber se ele é quem diz ser se já o tivesse visto antes. Já que não vi, sou obrigado a confiar em seu discernimento.

— E confia? — perguntou Pekkala.

— Sim — respondeu Kirov. — Confio.

Pekkala virou-se para o irmão.

— Então? — perguntou. — O que você acha?

— Não me importa quem ele seja ou diga ser — respondeu Anton. — Acho que devemos sair daqui. Se ele quiser vir conosco para Moscou, pode vir. Se não, então digo que o deixemos aqui.

— Então está acertado — disse Pekkala. — Sairemos para Moscou assim que o sol nascer.

Anton e Kirov permaneceram no pátio, enquanto Pekkala voltava para a cozinha.

Pekkala sentou-se à mesa.

— Tenho boas notícias, Alexei. Partiremos para Moscou...

Antes que pudesse continuar, Alexei esticou o braço por cima da mesa e pegou na mão de Pekkala.

— Aquele homem lá fora. Não confio nele. Tem que mantê-lo longe de mim.

— Aquele homem é meu irmão — disse Pekkala. — Uma pessoa morreu aqui hoje. Meu irmão ainda está em choque. A tensão desses últimos dias foi demais para ele. Não o julgue pela maneira como se comporta agora. Quando estivermos a caminho de Moscou, acho que você conhecerá um lado diferente dele.

— Eu lhe devo a minha vida — disse Alexei. — Eu lhe devo tudo.

Ao ouvir essas palavras, a culpa por abandonar a família ergueu-se como uma onda e subjugou Pekkala. Virou o rosto e lágrimas escorreram por sua face.

Mais tarde, naquela mesma noite, enquanto Pekkala ficava de guarda, sentado na escuridão da cozinha com a Webley sobre a mesa, Alexei apareceu.

— Não consegui dormir — disse, sentando-se à mesa de frente para Pekkala.

— Então está em boa companhia — respondeu Pekkala. Eram tantas as perguntas que queria fazer, sobre os lugares pelos quais Alexei passara, sobre as pessoas que o ajudaram e os planos que tinha para o futuro. Mas isso teria de esperar. Embora exteriormente Alexei parecesse forte, Pekkala só podia imaginar o quanto eram profundas as cicatrizes causadas em sua mente pelos eventos que presenciara, ou o quanto a hemofilia o havia feito sofrer. Trazer essas memórias à superfície rápido demais seria como fazer subir um mergulhador de profundidade sem lhe dar a chance de ajustar-se à pressão do mundo acima das ondas.

— Desde a última vez que nos vimos — disse Alexei —, minha vida não tem sido fácil.

— Não duvido, Excelência — respondeu Pekkala —, mas tem boas razões para ser otimista quanto ao futuro.

— Realmente acredita nisso, Pekkala? Posso confiar nessas pessoas que está me levando para ver em Moscou?

— Acredito que você tem mais valor para elas vivo do que morto.

— E se elas me deixarem viver — disse Alexei —, o que acontecerá então?

— Isso cabe a você — respondeu Pekkala.

— Duvido disso, Pekkala. Minha vida nunca foi minha para que eu agisse como desejava.

— Por enquanto, não acho que temos escolha — respondeu Pekkala —, exceto ir para Moscou e aceitar os termos que nos foram oferecidos.

— Talvez haja outra maneira — disse Alexei.

— Seja lá qual for, farei tudo o que puder para ajudá-lo.

— Eu só gostaria de uma chance de ter uma vida normal.

— Às vezes — disse Pekkala —, acho que seu pai alegremente abriria mão de todo o poder e riqueza para ter exatamente isso.

— Preciso de uma chance de ser independente, ou serei como um bicho no zoológico, uma curiosidade, dependendo da generosidade de estranhos.

— Concordo — disse Pekkala —, mas de que tipo de independência está falando?

— Meu pai escondeu parte da fortuna — disse Alexei.

— Sim — respondeu Pekkala —, embora eu não saiba quanto nem onde.

— Isso certamente não é verdade. Meu pai confiava em você para tudo.

— Havia um oficial chamado Kolchak...

— Sim — interrompeu Alexei, e a impaciência começava a transparecer em sua voz. — Eu sei de Kolchak. Sei que ele ajudou meu pai a esconder o ouro, mas ele jamais correria o risco de não informar mais ninguém do paradeiro de sua fortuna.

— Foi o que disseram quando fui prisioneiro em Butyrka, mas no fim até eles acreditaram no que eu dizia.

— Mas porque você segurou firme, Pekkala! Eles não conseguiriam te quebrar.

— Excelência — disse Pekkala —, eles me quebraram.

Enquanto desciam para o porão da prisão, arrastavam as pontas de seus dedos nas paredes pintadas de preto, feitas de blocos de pedra desiguais. Entraram em uma sala com um teto muito baixo, tão úmida que gotas pingavam no chão. A terra negra sob os pés era macia como canela em pó.

Quando os guardas soltaram Pekkala, ele caiu de joelhos sobre a terra.

À luz de uma lâmpada engaiolada, Pekkala viu alguém encolhido em um canto. Mal parecia uma forma humana: era mais como uma criatura pálida e desconhecida pescada das entranhas da terra. O homem estava nu, pernas esticadas para a frente, cobrindo o rosto com as mãos. A cabeça fora raspada e o corpo estava coberto de hematomas.

Ao olhar em volta, Pekkala percebeu que havia outros homens em pé, quase ocultados pelas sombras. Todos vestiam o uniforme da Cheka: túnicas marrom-oliva e calças azuis enfiadas nas botas que subiam até os joelhos.

Um dos homens começou a falar.

Imediatamente, Pekkala reconheceu a voz de Stalin.

— Maxim Platonovich Kolchak...

Kolchak?, Pekkala pensou. Então, enquanto olhava a criatura, começou a distinguir o rosto do oficial de cavalaria sob a máscara de hematomas.

— Você — continuou — foi considerado culpado pelas atividades contrarrevolucionárias, roubo de propriedade

governamental e mau uso de sua patente e privilégios. Por isso, está condenado à morte. Você não existe mais.

Kolchak levantou a cabeça. Ao fitar Pekkala nos olhos, a criatura tentou sorrir.

— Olá, Pekkala — disse. — Quero que saiba que não disse nada a eles. Diga a sua Excelência...

O som de tiros foi ensurdecedor no espaço apertado da sala.

Pekkala pressionou as orelhas com as mãos. Ondas de choque passaram por seu corpo.

Quando a fuzilaria parou, Stalin deu um passo à frente e atirou à queima-roupa na testa de Kolchak.

Então Pekkala foi posto de pé e empurrado escada acima.

Quando Pekkala chegou à sala de interrogatório, Stalin já o aguardava. Como das outras vezes, a pasta estava sobre a mesa, e havia uma caixa de cigarros Markov ao lado.

— Foi como Kolchak lhe disse — falou Stalin. — Sabíamos desde o início que o tsar o incumbira de remover o ouro para uma localização segura, mas Kolchak não nos disse absolutamente nada. É quase inacreditável, tendo em vista o quanto o fizemos sofrer. — Ele abriu a caixa vermelha de Markovs, mas dessa vez não ofereceu um a Pekkala.

— Mas há quanto tempo Kolchak estava aqui? — perguntou Pekkala.

Stalin tirou um floco de tabaco da língua.

— Desde muito antes de pormos as mãos em você, inspetor.

— Então por que quis que eu informasse o nome dele? Tudo o que fez... — ele tentou impedir que a voz falhasse — não serviu a propósito algum.

— Depende de como você enxerga — respondeu Stalin. — Entenda, para nós é útil saber em que ponto homens como você podem ser quebrados. E é igualmente

importante saber que há outros, homens como Kolchak, que não podem ser quebrados de jeito algum. A mim, o que me causa maior satisfação é que agora você sabe que tipo de homem você é. — Bateu a cinza do cigarro no chão e completou: — É do tipo que pode ser quebrado.

Pekkala, sem conseguir acreditar, encarou Stalin, cujo rosto aparecia e desaparecia por trás de grossas serpentes de fumaça.

— Vá em frente — sussurrou ele.

— Perdão?

— Vá em frente, pode me matar.

— Ah, não. — Stalin batucou os dedos na pasta que continha as relíquias da vida de Pekkala. — Isso seria simplesmente um desperdício. Algum dia, talvez, precisemos do Olho de Esmeralda novamente. Até então, vamos mandar você a um lugar no qual poderemos encontrá-lo caso precisemos de você.

Seis horas depois, Pekkala embarcou em um trem com destino à Sibéria.

Alexei ficou olhando sem acreditar.

— Considerando tudo o que a minha família fez por você, é assim que escolhe retribuir?

— Peço desculpas, Excelência — disse Pekkala. — Estou lhe dizendo a verdade. Estamos correndo perigo aqui. Esta arma está sobre a mesa por um motivo.

— Não vejo risco algum — disse Alexei, ficando de pé. — Tudo o que vejo é um homem no qual achei que podia confiar em qualquer situação.

Logo antes do nascer do sol, Kirov perambulou até a cozinha. A marca de um botão da túnica, com o desenho da foice e do martelo, estava moldada em sua bochecha.

— Eu devia ter assumido seu lugar horas atrás — disse. — Por que me deixou dormir?

Pekkala mal parecia notar a presença de Kirov. Olhava para a Webley sobre a mesa à sua frente.

— Quando iremos para Moscou? — perguntou Kirov.

— Não iremos — respondeu Pekkala. Ele explicou o que acontecera durante a noite.

— Se ele não se dispõe a ir — disse Kirov —, tenho autoridade para prendê-lo. Podemos levá-lo algemado para Moscou se for preciso.

— Não — disse Pekkala. — Eu subestimei o efeito que esses últimos anos tiveram sobre Alexei. Ele tem vivido com medo há tanto tempo que provavelmente esqueceu como é

viver de outro jeito. Ele se apegou à ideia do ouro do pai como a única possibilidade de se proteger. Não adianta tentar forçá-lo a mudar de ideia. Eu só preciso de tempo para persuadi-lo.

— Devemos partir agora — protestou Kirov. — É para o bem dele.

— Pôr algemas nele e dizer que está lhe fazendo um favor não vai convencê-lo. Ele precisa ir por livre e espontânea vontade, ou pode fazer alguma besteira. Pode tentar escapar, e nisso pode se machucar, e com a hemofilia, qualquer ferimento pode colocá-lo em risco de vida. Ele pode até tentar se ferir. Mesmo que o levássemos até Moscou, ele poderia se recusar a aceitar a anistia, e nesse caso o governo o executaria só para se poupar do constrangimento.

Kirov suspirou.

— É uma pena que não possamos pegar a cidade de Moscou e trazê-la até aqui. Daí, não teríamos que nos preocupar com o transporte dele.

Pekkala levantou-se num salto.

— Não é má ideia — disse, e saiu correndo para o pátio.

Kirov foi até a porta.

— O que não é má ideia?

Pekkala pegou a bicicleta encostada na parede. Gavinhas de espigas d'água secas ainda estavam presas aos raios das rodas.

— O que foi que eu disse? — perguntou Kirov.

Pekkala montou na bicicleta.

— Se não podemos levá-lo até Moscou, podemos trazer Moscou até ele. Volto daqui a uma hora.

— Não esqueça que essa coisa não tem freios — disse Kirov.

Pekkala desapareceu rua afora, bamboleando um pouco, a caminho do escritório de Kropotkin. Seu plano era fazer

uma ligação para o Bureau de Operações Especiais em Moscou e instruí-lo a enviar um pelotão de guardas de modo a assegurar a segurança do tsarévitch. Ele estimava que mesmo se os guardas partissem imediatamente, a chegada demoraria vários dias. No meio-tempo, manteria Alexei escondido na casa Ipatiev com tantos policiais quanto Kropotkin pudesse ceder, postados do lado de fora. Pekkala usaria os dias até a chegada do pelotão para dar ao tsarévitch uma oportunidade de falar, e para recuperar sua confiança. Quando a escolta chegasse de Moscou, Alexei estaria pronto para ir com eles.

Pekkala pedalou o mais rápido que pôde. Estando sem freios, quando tinha de fazer uma curva, arrastava os dedos dos pés nas pedras do pavimento, tentando diminuir a velocidade. Correndo por ruas secundárias estreitas, seus sentidos foram tomados pelo cheiro de sabão de lavar roupa, parecido com o cheiro do alcatrão, de cinzas raspadas das grades dos fogões, e de chá fumegante preparado em samovares prolongando-se no ar úmido da manhã. Em jardins cercados, vislumbrava grupos de ósseas bétulas brancas, as folhas em forma de moeda oscilando cintilantes de prata para verde e novamente prata, como lantejoulas em um vestido de noite.

Pekkala estava tão preocupado que não percebeu que a rua estreita terminava em um T. Não havia maneira de fazer a curva, sequer de desacelerar, e lá, espalhando-se à sua frente ao emergir da rua secundária, estava a conhecida imensidão azul-safira da lagoa de patos.

Pekkala jogou o peso do corpo sobre o guidom e, forçando uma roda em direção ao chão, derrapou até parar em meio a uma nuvem de poeira, a menos de um metro da água.

Quando a poeira baixou, a primeira coisa que viu foi uma mulher de pé entre os juncos na margem oposta da lagoa.

Ela carregava um grande cesto, que estava cheio de pedaços de casca cinza em forma de gota d'água. Usava um lenço vermelho na cabeça, blusa azul-escura com as mangas enroladas até os cotovelos e um vestido marrom que batia nos tornozelos, cuja bainha estava ensebada de lama, que se acumulara no tecido ao andar pela margem da lagoa. A mulher encarou-o. Tinha um rosto oval, com sobrelanceiras mais escuras que o cabelo raiado de louro.

— Minha bicicleta — explicou Pekkala — está sem freio.

Ela fez que sim com a cabeça, sem demonstrar empatia.

Aquela mulher não lhe era estranha, mas Pekkala não conseguiu se lembrar de onde a conhecia. Bela memória perfeita, pensou.

— Com licença — disse ele —, mas não nos conhecemos?

— Eu não conheço você — respondeu a mulher. Ela voltou a vasculhar entre os juncos.

Borboletas-monarcas amarelas voavam em torno dela, seus movimentos oscilantes como o de papel picado balançando em pedaços de corda.

— O que você está colhendo? — perguntou Pekkala.

— Capitão-de-sala — disse a mulher.

— Para quê?

— Usam para estofar coletes salva-vidas. Isso me rende um bom dinheiro. — Ergueu uma das cascas cinza e fechou o punho sobre ela, esmagando-a. Sementes brancas aladas, leves como uma baforada de fumaça, subiram desde seu punho e flutuaram até a água.

Então ele se lembrou dela.

— Katamidze! — gritou ele.

A mulher enrubesceu.

— O que tem ele?

— O fotógrafo — explicou Pekkala. Na caixa de fotografias para descarte, Pekkala a vira idêntica a como era agora, às margens daquela lagoa, aquela nuvem prateada

como a mancha fantasmagórica de um rosto, no momento em que foi capturada pela máquina.

— Isso foi há muito tempo, e ele disse que eram só fotos artísticas.

— Bom, certamente tinha... — ele pensou nas bochechas borradas de rosa das freiras — uma certa qualidade.

— A ideia de posar nua não foi minha.

Pekkala inspirou o ar com força.

— Nua?

— Aquele velho, Mayakovsky, comprou as fotos. Então começou a vender para os soldados. Para os Vermelhos quando estiveram aqui, para os Brancos quando marcharam na cidade. Mayakovsky não ligava, desde que estivesse sendo pago. Talvez você tenha comprado uma delas.

— Não — Pekkala tentou tranquilizar a mulher. — Eu só ouvi falar delas.

Ela abraçou o cesto contra o peito.

— Bem, acho que todo mundo ouviu falar delas.

— Você estava aí mesmo — Pekkala apontou para ela. — Exatamente onde está agora.

— Ah, aquela foto. — Ela baixou o cesto novamente. — Agora eu me lembro. Ele disse que não gostou dela.

— Você conhecia Katamidze muito bem?

— Eu o conhecia, sim — ela começou —, mas não do jeito que as pessoas dizem. Ele foi embora, sabe? Não vive mais aqui. Ficou maluco. Naquela noite ele foi tirar uma foto do tsar. Disse que viu com os próprios olhos todos eles sendo assassinados. Eu o encontrei se escondendo no sótão, falando umas besteiras sobre o encontro dele com o diabo.

— Você contou isso a mais alguém?

— Quando os Brancos estiveram aqui, apareceram na minha casa. Mas naquela época Mayakovsky tinha vendido umas fotos a eles. Eu nunca contei a eles que tinha visto

Katamidze naquela noite, e eles nunca perguntaram sobre isso. Só queriam saber onde podiam conseguir mais fotos.

— O que aconteceu com Katamidze depois que você o encontrou no sótão?

— Ele estava de um jeito que eu disse que ia chamar um médico. Mas antes que eu pudesse fazer qualquer coisa para ajudá-lo, ele saiu correndo da casa e nunca mais voltou. Alguns anos depois, ouvi dizer que ele acabou sendo preso em Vodovenko.

— Essa pessoa que ele encontrou cara a cara...

— Katamidze disse que era uma besta com duas pernas.

— Mas um nome. Katamidze ouviu um nome?

— Quando o tsar viu esse homem, ele gritou uma palavra. Então eles começaram a discutir, mas Katamidze não sabia sobre o quê.

— Que palavra o tsar gritou?

— Nada que fizesse sentido. Rodek. Ou Godek. Uma coisa assim.

Pekkala sentiu frio de repente.

— Grodek? — perguntou.

— Isso — disse a mulher —, e então os tiros começaram.

Um peso sufocante caiu sobre Pekkala. Com a pulsação como um tambor em seu pescoço, ele voltou para a casa Ipatiev, chegando ao pátio na mesma hora em que Anton estava saindo com uma pilha de pratos para lavar. Ele havia tirado a túnica. As mangas da camisa estavam enroladas e os suspensórios esticados sobre os ombros.

Enquanto Anton acionava a estridente manivela de ferro da bomba d'água, um jato do líquido se derramou sobre as pedras do chão, brilhante como mercúrio na noite. Ele sentou no balde emborcado que ficava sempre ao lado da bomba e começou a lavar os pratos com uma velha escova de limpeza, com as cerdas desgrenhadas como as pétalas de um girassol. Anton olhou para cima a tempo de ver seu

irmão aproximando-se. Mas já era tarde. Pekkala inclinou-se sobre Anton, seu rosto contorcido pela fúria.

— Qual é o seu problema? — perguntou Anton.

— Grodek — sibilou Pekkala.

O rosto de Anton empalideceu imediatamente.

— O quê?

Pekkala o atacou, agarrando Anton pelo colarinho da camisa.

— Por que não me disse que foi Grodek quem matou o tsar?

O prato escorregou das mãos de Anton e espatifou-se nas pedras.

— Eu não sei do que você está falando.

— Você me incumbiu de procurar um assassino e esse tempo todo você sabia exatamente quem era. Não me interessa o quanto você me odeia, ainda me deve uma explicação.

Por um momento, o rosto de Anton permaneceu uma máscara de perplexidade. Ele parecia pronto a negar tudo. Então, de repente, vacilou. À menção daquele nome, toda uma armação de mentiras desabou, a máscara que vinha usando caiu. Em seu lugar, havia agora apenas medo e resignação.

— Eu disse que devíamos ter ido embora.

— Isso não é resposta! — exclamou Pekkala, sacudindo o irmão.

Anton não opôs resistência.

— Desculpe — gaguejou ele.

— Desculpe? — Pekkala soltou o irmão e deu um passo para trás. — O que foi que você fez, Anton?

Exausto, Anton balançou a cabeça.

— Eu nunca teria arrastado você para o meio disso se soubesse que nosso pai tinha mandado você entrar no regimento finlandês. Todo esse tempo eu achei que tinha

sido escolha sua. Passei anos te odiando por algo que não era culpa sua. Eu queria poder voltar atrás e mudar as coisas, mas não posso.

— Eu achei que Grodek estava preso — balbuciou Pekkala. — Era para ele ficar preso pelo resto da vida.

Anton ficou olhando as pedras do chão do pátio, com os antebraços pousados nos joelhos. Toda sua energia parecia ter se dissipado.

— Quando o quartel da polícia de Petrogrado foi atacado, em 1917, os desordeiros queimaram todos os arquivos. Ninguém mais sabia quem estava na cadeia nem por qual motivo, então, quando eles tomaram a prisão mais tarde, naquele mesmo dia, decidiram libertar todos os prisioneiros. Assim que Grodek saiu, juntou-se à Guarda Revolucionária. Acabou sendo recrutado pela Cheka. Quando teve a notícia de que um destacamento da polícia secreta estava sendo lotado para fazer a guarda dos Romanov, voluntariou-se para o trabalho. Só descobri quem ele era quando chegamos a Sverdlovsk. Eu não o conhecia antes disso.

— E não lhe passou pela cabeça me contar isso?

— Eu achei que você não concordaria em ajudar na investigação se soubesse que Grodek estava solto. A única maneira de o Bureau não tirar minha promoção era eu convencer você a investigar o caso.

— E é verdade? Grodek ofereceu ao tsar uma chance de escapar quando estava baseado na casa Ipatiev?

— Sim. Em troca das reservas de ouro do tsar. Grodek disse que libertaria a família se o tsar o levasse até onde o ouro estava escondido. O tsar concordou. Foi tudo combinado.

— E você o estava ajudando, não estava?

Anton concordou.

— Grodek precisava de alguém que desviasse a atenção enquanto ele levava a família para fora da casa e saía com

eles em um dos nossos caminhões.

— E o que você ganhou com isso?

— Eu ia ficar com metade.

— E o que você fez para desviar a atenção? — perguntou Pekkala.

— Grodek e eu dissemos aos outros guardas que íamos para a taverna. Era o que fazíamos toda noite, de modo que ninguém ia achar estranho. Então arrombei o escritório do chefe de polícia e fiz a ligação para a casa Ipatiev. Eu disse que era da guarnição de Kungurk, logo do outro lado dos Urais. Disse que os Brancos haviam contornado Kungurk e estavam indo em direção a Sverdlovsk. Falei para mandarem todos os homens para construir uma barreira na estrada. Eu, então, me juntaria aos outros guardas na barreira, dizendo que viera direto da taverna. Diria a eles que Grodek estava bêbado demais para vir comigo. Então garantiria que eles permanecessem na barricada o maior tempo possível, de modo que Grodek tivesse tempo de libertar os Romanov.

— Se esse era o plano, qual o motivo de colocar Katamidze no meio?

— A gente sabia que pelo menos dois guardas ficariam para trás para vigiar os Romanov enquanto os outros montavam a barricada. O tsar estava com medo de que sua família se ferisse à medida que os guardas restantes fossem subjugados. Ele se recusou a concordar com o resgate até que Grodek teve a ideia de mandar um fotógrafo. Desse jeito, ele podia garantir que todos estariam seguramente reunidos no porão até que se tivesse cuidado dos guardas.

— Mas os guardas não achariam suspeito Katamidze chegar depois do anoitecer?

— Não. Nós recebemos ordens todas as horas do dia e da noite. Ordens vindas de Moscou às vezes levavam seis horas para chegar aqui. Quando chegavam, poderíamos

estar no meio da noite, mas se a ordem dissesse que era para ser cumprida imediatamente, era isso o que tínhamos de fazer.

— Então Grodek planejou matar dois dos seus homens como parte do resgate?

Lentamente, Anton ergueu a cabeça.

— Esqueceu o que você o ensinou a fazer? Grodek montou uma célula revolucionária com o único objetivo de assassinar o tsar, e então, quando aquelas pessoas haviam aprendido a lhe confiar as próprias vidas, ele traiu todas elas. Todas morreram por causa dele, até mesmo a mulher que ele amava. O que eram mais duas vidas depois disso tudo?

— Mais que duas — disse Pekkala —, porque ele nunca ia libertar o tsar, não é verdade?

— O tsar dissera a Grodek que o tesouro estava escondido por perto. Disse que poderia levá-lo até lá naquela mesma noite. O plano dele era acompanhar o tsar até o esconderijo, pegar o ouro, e então matá-lo e também a tsarina. Nós conversamos sobre a ideia de libertar as crianças. Ele disse que não as mataria a menos que fosse obrigado. Depois, diria que o tsar e a tsarina haviam sido mortos tentando escapar, mas não foi isso o que aconteceu. Deu tudo errado.

— O que aconteceu?

— Eles começaram a discutir. Grodek disse que, quando desceu até o porão, o tsar começou a provocá-lo, dizendo que o tesouro estava ali mesmo na frente dele, que os próprios Romanov eram o tesouro. Grodek achou que o homem havia enlouquecido. Quando se deu conta de que o tsar nunca o levaria até o ouro, ele perdeu as estribeiras. Começou a atirar.

— Por que ele poupou Alexei? — perguntou Pekkala.

— Ele sabia que ia ter de se livrar dos corpos para fazer parecer que os Romanov haviam fugido. Grodek queria um refém, para o caso de topar com destacamentos do Exército Branco bloqueando a rota de fuga. Ouça-me, irmão, vou te contar tudo o que sei, mas agora nós ainda corremos perigo.

— Eu sei do perigo — disse Pekkala.

De repente, os olhos de Anton se arregalaram.

Pekkala se virou a tempo de ver a bota de Alexei bater na lateral da cabeça de Anton. As pálpebras dele adejaram. Sua boca ficou escancarada, com os dentes à mostra, enquanto a dor perfurava seu crânio. O sangue escorria de trás de sua cabeça, correndo pelas fendas entre as pedras. Então ele desabou para trás, inconsciente.

Alexei preparou-se para chutar Anton mais uma vez, mas Pekkala o segurou.

Então Kirov apareceu.

— Que diabos está acontecendo? — perguntou, agressivo.

— Este é o homem que ajudou a matar a minha família!

— Alexei apontou o dedo para Anton. — Ele acabou de confessar. Este é o homem que procuravam.

— É verdade? — perguntou Kirov.

Pekkala fez que sim.

— Grodek matou o tsar. Meu irmão foi cúmplice dele.

— Mas achei que você tinha dito que Grodek ia ficar preso pelo resto da vida.

— Ele foi libertado durante a revolução. Não sabia disso até Anton me contar. — Pekkala então se virou para Alexei.

— Agora tenho quase certeza de que foi Grodek quem matou o fotógrafo Katamidze, e Mayakovsky também. Ele pode ter-lhe poupado na noite em que matou o resto da sua família, mas se ele perceber que estamos perto de apanhá-

lo, não vai se sentir seguro até que todos nós estejamos mortos, inclusive você, Alexei.

— Se quer minha segurança — disse Alexei, ainda fitando Anton —, então pode começar matando-o.

— Não — disse Pekkala —, esta não é hora para vinganças.

— A vingança seria sua também — respondeu Alexei. — Ele tem trabalhado contra você esse tempo todo. Se não quer matá-lo, deixe que eu o mate. E depois pode me levar até o ouro do meu pai. Então te acompanho até Moscou por livre e espontânea vontade. Caso contrário, prefiro tentar a minha sorte aqui.

Pekkala lembrou-se do menino que conhecera, sua natureza delicada destruída e a fúria que havia tomado seu lugar.

— O que aconteceu com você, Alexei?

— Aconteceu que você me traiu, Pekkala. Você não é melhor que seu irmão. Minha família talvez ainda estivesse viva se não fosse por você.

Pekkala mal podia respirar. Sentia como se uma mão se fechasse em volta da garganta.

— acredite no que quiser sobre mim — disse Pekkala —, mas eu vim aqui para encontrá-lo e ajudá-lo se eu pudesse. Nós somos todos vítimas da revolução. Alguns de nós sofremos por causa dela, outros sofreram em nome dela, mas de um jeito ou de outro todos nós sofremos. Nenhuma quantidade de ouro vai mudar esse fato.

Um olhar estranho surgiu no rosto de Alexei.

Pekkala demorou alguns instantes para entender o que era. Ele tivera pena do tsarévitch desde muito antes do infortúnio da família. Mas agora, Pekkala entendeu, era Alexei que tinha pena dele.

Alexei fitou Anton, que se encontrava estirado numa poça do próprio sangue diluído. Então ele passou por Kirov e

entrou na casa.

Pekkala sentou-se no chão soltando o peso do corpo, como se não pudesse mais controlar as próprias pernas.

Kirov ajoelhou-se ao lado de Anton.

— Temos de levá-lo a um médico — disse.

Enquanto Kirov ficava para guardar Alexei, Pekkala colocou Anton no banco traseiro do Emka e dirigiu até a delegacia. Kropotkin entrou no carro e os três viajaram até o consultório de um homem chamado Bulygin, que era o único médico da cidade.

No caminho, Pekkala contou a Kropotkin que Alexei agora estava na casa Ipatiev.

— Graças a Deus — Kropotkin não parava de repetir.

Pekkala também explicou sobre Grodek, e pediu que Kropotkin desse um telefonema para o Bureau de Operações Especiais, requisitando uma escolta armada para o retorno do tsarévitch a Moscou.

— Enquanto isso — disse Pekkala —, vou precisar de todos os policiais que você puder providenciar para que montem guarda do lado de fora da casa.

— Vou providenciar isso assim que tivermos deixado seu irmão com Bulygin.

— Ninguém pode saber que o tsarévitch está na casa — disse Pekkala —, nem mesmo os policiais que ficarem de guarda.

Se ficassem sabendo de Alexei, Pekkala tinha certeza de que a casa Ipatiev seria assolada por uma multidão, e mesmo os que desejavam bem a ele seriam uma ameaça. Lembrou-se do desastre que acontecera no campo Khodynka, em Moscou, no dia da coroação do tsar. A multidão que se formou para ver o acontecimento correu para as mesas com comida que haviam sido postas para

ela. Centenas de pessoas perderam a vida no tumulto. Naquelas circunstâncias, especialmente com um terrorista como Grodek à solta, a situação poderia ser ainda pior.

Bulygin era um homem careca, de rosto impassível e boca pequena, que mal se mexia quando falava. Anton ainda estava inconsciente quando Bulygin o deitou em uma mesa de operação e examinou seus olhos com uma lanterna clínica.

— Ele sofreu uma concussão, mas não vejo nada que o coloque em risco de vida. Deixem-no comigo para observação. Em algumas horas ele deve recobrar a consciência, mas se o estado dele piorar, entro em contato imediatamente.

No caminho de volta para a casa Ipatiev, Pekkala deixou Kropotkin na delegacia.

— Já vi seu irmão ser espancado muitas vezes — disse Kropotkin. — Uma pancada a mais não vai fazer mal. Vou ficar atento a esse Grodek. Enquanto isso, você me avisa se precisar de alguma ajuda.

Chegando à casa Ipatiev, Pekkala encontrou Kirov sentado à mesa da cozinha. Estava absorto na leitura do *Kalevala* de Pekkala.

— Como ele está? — perguntou Kirov.

— Deve ficar bem — respondeu Pekkala. — Onde está Alexei?

Kirov fez um gesto com a cabeça na direção das escadas.

— No segundo andar. Fica lá sentado. Ele não é muito de conversar.

— Desde quando você lê finlandês? — perguntou Pekkala.

— Só estou olhando as figuras — respondeu Kirov.

— As tropas estão vindo de Moscou — disse Pekkala. — Vou subir e explicar as coisas a Alexei.

— Precisa de um exemplar novo deste livro — gritou Kirov para Pekkala, enquanto este saía da cozinha.

— O que tem de errado com este? — perguntou Pekkala.

— Está cheio de furos.

Pekkala grunhiu e seguiu em frente.

Estava no meio da subida quando estacou. Então se virou e voltou correndo para a cozinha.

— Como assim está cheio de furos?

Kirov mostrou uma página. A luz que entrava pela janela da cozinha brilhou por entre pequenos furos espalhados no papel.

— Viu?

Tremendo, Pekkala estendeu a mão.

— Me dê o livro.

Kirov fechou o livro com uma só mão e entregou-o.

— A sua língua tem vogais demais — disse.

Pekkala pegou um lampião da prateleira da cozinha e desceu correndo para o porão. Lá, na escuridão ao pé da escada, acendeu o lampião e colocou-o no chão diante de si.

Lembrou-se do que a freira dissera sobre o método do tsar para enviar mensagens sem que os guardas notassem, usando um alfinete para marcar letras nas páginas. Então Pekkala lembrou-se daquele dia em sua cabana, quando o tsar devolvera o livro. Na época, Pekkala achou que o tsar não estava falando coisa com coisa, mas agora, ao examinar as páginas uma por uma, ele via pequenas perfurações de agulha embaixo de diferentes letras. Pekkala pegou a caderneta e começou a montar as palavras.

Ele decifrou a mensagem em apenas alguns minutos. Quando terminou, subiu correndo as escadas, levando consigo livro e lampião. Passou correndo pelo hall e seguiu para o segundo andar. Então acelerou pelo corredor até ver Alexei.

Ele estava sentado em uma cadeira perto da janela, em um cômodo, de resto, vazio.

— Alexei — disse Pekkala, enquanto tentava recuperar o fôlego.

Alexei virou-se. Aninhado em suas mãos, havia um revólver do Exército russo.

Pekkala ficou alarmado ao ver a arma.

— Onde você arranhou isso? — perguntou.

— Acha que eu ando por aí desarmado?

— Por favor, largue essa arma — disse Pekkala.

— Parece que minhas escolhas se esgotaram.

Vendo Alexei sozinho daquele jeito, Pekkala perguntou-se se o tsarévitch pensava em suicídio.

— Eu sei onde está — disse Pekkala.

— Onde está o quê?

— O tesouro. Você estava certo. Seu pai realmente me disse.

Alexei estreitou os olhos.

— Está dizendo que mentiu para mim?

— Não! — gritou Pekkala. — Ele deixou uma mensagem neste livro. Somente agora me dei conta de que ela estava aqui.

Lentamente Alexei ficou de pé. Pôs a arma no bolso.

— Bem, onde está?

— Perto. Vou levar você direto para lá.

— É só me dizer — disse Alexei. — Só preciso disso.

— É importante que eu te leve lá pessoalmente. Vou explicar no caminho.

— Está bem — disse Alexei —, mas não desperdicemos mais tempo.

— Vamos sair imediatamente — disse Pekkala.

Encontraram Kirov no pé da escada.

Pekkala explicou o que estavam fazendo.

— O tempo todo isso esteve no livro? — perguntou Kirov.

— Eu nunca teria encontrado se você não tivesse percebido os furos.

Kirov estava perplexo.

— E está aqui perto?

Pekkala confirmou.

— Vou ligar o carro — disse Kirov.

— Não — disse Alexei. — Isso é entre mim e Pekkala. Prometo que, assim que voltarmos, irei com vocês a Moscou.

— Está tudo bem — disse Pekkala, tentando acalmá-lo. — Vamos só nós dois.

— Tem certeza disso? — perguntou Kirov.

— Sim — respondeu Pekkala. — É melhor que alguém fique aqui para o caso de o médico ligar com notícias de Anton. Voltamos em mais ou menos uma hora. — Entregou o livro a Kirov. — Tome conta disso — falou.

— Por que não me diz aonde estamos indo? — perguntou Alexei, enquanto o Emka deixava para trás os limites de Sverdlovsk.

— Vou dizer quando chegarmos lá — respondeu Pekkala.

Alexei sorriu.

— Tudo bem, Pekkala. Vá em frente. Esperei muito tempo por isso. Posso esperar mais alguns minutos. Você não vai sair de mãos vazias, é claro. Parte do ouro será sua.

— Pode ficar com tudo, Excelência — respondeu Pekkala.

— Para mim, o tesouro de seu pai é símbolo de tudo o que causou seu assassinato.

Alexei levantou as mãos e riu de novo.

— Como quiser, Pekkala!

O Emka saiu da autoestrada Moscou e entrou por uma estrada de terra esburacada, com os pneus espirrando água enlameada para os lados. Um minuto depois, Pekkala saiu

da estrada de terra para um campo de grama alta. A clareira era cercada por um denso matagal. A distância, uma chaminé torta se erguia de um prédio dilapidado. O Emka rodou pelo campo, com a grama farfalhando sob o para-choque. Finalmente o carro parou, e Pekkala desligou o motor.

— Aqui estamos — disse. — Precisamos andar pelos últimos...

— Mas ali fica a velha mina — disse Alexei. — Onde jogaram os corpos.

Pekkala saiu do carro.

— Venha comigo — disse.

Alexei saiu e fechou a porta do Emka com uma pancada.

— Isso não é uma piada, Pekkala! Você me prometeu aquele ouro.

Pekkala caminhou até a entrada da mina e olhou escuridão adentro.

— Não é ouro.

— O quê? — Alexei manteve distância da boca do poço, relutando em aproximar-se.

— São diamantes — disse Pekkala —, e rubis e pérolas. O tsar mandou costurá-los em suas roupas especiais. Pela mensagem não consegui saber quanto há ou quem os carregava nas roupas. Provavelmente seus pais e suas irmãs mais velhas. Obviamente, com a sua doença, ele não faria você carregar um peso extra como esse; quanto menos você soubesse, mais seguro estaria. Estou lhe dizendo isso agora, Alexei, porque não queria perturbar você. Os corpos ainda estão aqui. É neles que vamos encontrar as gemas.

— Gemas? — Alexei parecia em estado de choque.

— Sim — respondeu Pekkala —, mais do que a maioria das pessoas poderia sequer imaginar.

Alexei anuiu.

— Tudo bem, Pekkala, acredito em você. Mas tenho medo de descer na mina.

— Entendo — disse Pekkala. — Vou descer sozinho.

Tirou a corda de reboque do carro, atando uma extremidade ao para-choque do Emka. Então arremessou a pesada espiral na escuridão. A corda sibilou pelo ar enquanto se desenrolava. Bem abaixo, ouviu-se um som de bofetada quando a corda bateu no chão. Então ele pegou a lanterna de Anton do porta-luvas e a bolsa de couro que trouxera da floresta de Krasnagolyana.

— Vou guardar as joias aqui — explicou. — Talvez precise subi-las para você separadamente. Não tenho certeza se posso subir por essa corda e carregá-las ao mesmo tempo.

Ele acendeu a lanterna, incerto de que funcionaria. Ao ver a luz espalhando-se pelas paredes da mina, Pekkala suspirou aliviado por Kirov ter substituído as pilhas.

De pé na beira do fosso, Pekkala hesitou. O medo abriu-se como asas dentro de seu peito. Ele fechou os olhos e expirou lentamente.

— Qual é o problema? — perguntou Alexei.

— Você vai ter de segurar a corda. Senão ela vai arrastar na beira da mina e eu não vou conseguir segurá-la quando for pelo lado. Assim que eu começar a descer, posso me virar sozinho.

Alexei pegou a corda.

— Assim? — perguntou.

— A corda ainda está baixa demais.

Alexei diminuiu a distância entre eles, segurando firme na áspera corda marrom de cânhamo, levantando-a à medida que se aproximava.

— Vai ter de chegar mais perto — disse Pekkala —, só até eu conseguir apoiar os pés na parede da mina. Quando eu conseguir, não vai precisar mais.

Agora estava a apenas um braço de distância, e suas mãos quase se tocavam.

Pekkala olhou o rosto de Alexei.

— Quase lá — disse.

Alexei sorriu. Seu rosto ficara vermelho com o esforço de levantar a corda pesada.

— Não vou me esquecer disso — disse ele.

Quando Pekkala estava prestes a baixar pelo lado, percebeu a linha branca irregular de uma antiga cicatriz na testa de Alexei. Perplexo, fitou a cicatriz, sabendo que um ferimento como aquele provavelmente teria matado um hemofílico. E então, como se uma imagem espectral deslizesse sobre as feições de Alexei, Pekkala entreviu outra pessoa. Foi levado a um passado muito distante, para um dia frio em Petrogrado. Ele estava em uma ponte sobre o rio Neva. Em frente a ele estava Grodek, com o rosto retorcido pelo terror que lhe causava a ideia de pular da ponte. Quando Grodek tentou passar correndo por ele, Pekkala o golpeou na cabeça com o cano da Webley. Grodek estatelou-se no chão coberto de neve semiderretida, a testa cortada pela mira dianteira da pistola. Era o mesmo ferimento, a centopeia roxa rastejando em direção a seus cabelos, que ele se recusara a cobrir com curativos durante todo o julgamento. A cicatriz descolorira de tal modo que era quase invisível. Só agora, quando a pele em torno enrubescera por causa do esforço, a velha cicatriz reapareceu.

— Grodek — murmurou Pekkala.

Então Grodek sorriu.

— Tarde demais, Pekkala. Devia ter dado ouvidos a seus amigos, mas seu desejo de acreditar era grande demais.

— O que você fez com ele? — gritou Pekkala. — O que você fez com Alexei?

— O mesmo que fiz com os outros — respondeu. Então soltou a corda.

Ainda presa ao para-choque, a corda de cânhamo desceu com um tranco. O abalo quase a arrancou das mãos de Pekkala. Ele cambaleou para trás, esforçando-se para manter o equilíbrio. Mas já adentrara demais a mina. Tombou para trás. Ainda segurando a corda, deslizou para baixo, as palmas das mãos queimando, chutando as paredes da mina, o vento passando por ele. Então seu pé entrou em uma fenda nas pedras. Agarrou firmemente a corda. A pele de suas palmas se abriu, cauterizada pelo calor do aperto firme, mas ele se segurou. Com um giro lancinante da coluna, tudo parou. Pekkala oscilou para trás e então voltou, seu corpo batendo contra as pedras. Esforçou-se para recuperar o fôlego. Cuidadosamente, levantou o joelho, tentando conseguir um ponto de apoio. Assim que achou que tinha conseguido, seu sapato saiu do pé. Quando começou a cair de novo, o peso do corpo agrediu suas omoplatas. Soltou um grito de dor. Sentia como se as mãos estivessem no meio de uma bola de fogo. Dessa vez, soltou a corda. Caiu na escuridão, dando pontapés a esmo. Então a escuridão tomou forma, correndo ao seu encontro. Caiu violentamente, expelindo todo o ar de seus pulmões. Não conseguindo respirar, ele se virou, dedos enfiados na terra, boca aberta e buscando o ar que não vinha. Enquanto sua consciência se esvaía, ele se encolheu, encostando a testa no chão e, ao arquear o corpo, seus pulmões relaxaram. Puxou uma lufada de ar carregado do fedor da decomposição.

O rosto de Grodek apareceu na boca do poço.

— Está aí, Pekkala?

Pekkala grunhiu. Encheu os pulmões mais uma vez.

— Pekkala!

— Onde está Alexei? — gritou Pekkala.

— Já se foi há muito tempo — respondeu Grodek. — Não se preocupe, Pekkala. Não havia nada que você pudesse fazer. Ele morreu na mesma noite que o resto da família. Deixei-o vivo para o caso de precisar de um refém. Quando eu estava despejando os corpos, ele saiu do caminhão e tentou fugir. Eu disse que, se não parasse, atiraria, mas Alexei continuou correndo. Foi por isso que tive de atirar. Ele está enterrado na beira desse campo. Não tive escolha.

— Não teve escolha? — gritou Pekkala. — Nenhum deles merecia morrer!

— Maria Balka também não — respondeu Grodek —, mas eu não te culpo, Pekkala. Nunca considereei você meu inimigo. Desde aquele dia na ponte, eu e você enveredamos por caminhos que não escolhemos. Mas, quer tenhamos escolhido, quer não, nossos caminhos agora se cruzaram. Deve agradecer a seu irmão por isso. Foi ele que entrou em contato comigo depois que aquele fotógrafo lunático decidiu falar. Eu jamais o teria deixado viver, mas o tsar insistiu. E quando Stalin resolveu colocar você no caso, achei que tínhamos uma chance de enfim encontrar o ouro. Se eu soubesse que não era ouro o que procurávamos, talvez tivesse encontrado antes.

— Você não vai conseguir o que quer — disse Pekkala. — Sei que tem medo demais para descer aqui.

— Você tem razão — disse Grodek. — É por isso que você vai recolher as gemas, colocá-las naquela bolsa de couro e amarrá-la na ponta da corda. Então tudo o que vou ter de fazer é puxar para cima.

— Por que eu faria isso para você? — perguntou Pekkala.

— Porque se fizer, vou entrar naquele carro e ir embora, e você nunca mais me verá. Mas se não fizer, vou voltar à cidade e terminar o trabalho que comecei no seu irmão. Vou dar um jeito naquele comissário também. Não quero fazer isso, Pekkala. Eu sei que você acha que o sangue dos

Romanov está em suas mãos, mas a verdade é que eles fizeram por merecer. É a mesma coisa com seu irmão. Ele fez por merecer. Mesmo assim, ele não merece morrer. Acreditou em você quando disse que não tinha como encontrar o tesouro do tsar. Mas eu sabia que, cedo ou tarde, você poria as mãos no tesouro, e eu estava certo. Enquanto isso, tive de continuar ameaçando-o. Quando voltou da taverna todo roxo, foi porque eu fiquei batendo a cabeça dele na parede. Quando tive a ideia de me passar por Alexei, ele me disse que não conseguiria participar. Eu disse que mataria você se ele mencionasse meu nome. Ele sabe que eu cumpriria a palavra, então ficou caladinho. Quando você descobriu por si mesmo que eu estava aqui, ele ia te avisar. Foi por isso que tive de calar a boca dele. Ele salvou sua vida, Pekkala. O mínimo que você pode fazer é salvar a dele também.

— Se eu te entregar as joias — gritou Pekkala —, o que acontece? Vai me deixar apodrecendo aqui embaixo?

— Eles vão te encontrar, Pekkala. Quando não voltarmos em uma hora, o comissário vai procurar aquela mensagem no livro. Ele vai te tirar daí antes que a noite caia, mas para isso você tem de se apressar. Cinco minutos, Pekkala. É o tempo que vou te dar. Se daqui a cinco minutos eu não estiver com as gemas na mão, vou deixar você aqui para morrer junto aos cadáveres dos seus amos. Com seu irmão e Kirov mortos, ninguém em Sverdlovsk vai poder te encontrar. Quando eles entenderem o que aconteceu, você vai ser só mais um cadáver no escuro.

— Como posso saber que você vai cumprir sua palavra?

— Não tem como — respondeu Grodek —, mas se você me entregar essas joias, Pekkala, vou estar de posse do que me trouxe até aqui e não vou me delongar por mais tempo que o necessário. Agora ande! O tempo está se esgotando.

Pekkala sabia que não tinha outra escolha senão seguir as instruções de Grodek.

Depois de tatear pelo chão, Pekkala enfim encontrou a bolsa. Abriu a aba, tirou a lanterna e a ligou.

Os rostos rachados e mumificados dos Romanov se destacaram em meio às trevas. Estavam como os havia deixado. Entre suas roupas apodrecidas, botões de metal e osso refletiram a luz da lanterna.

De joelhos ante o corpo do tsar, Pekkala pegou a túnica do morto e rasgou o tecido. O pano cedeu facilmente, emitindo uma suave nuvem de poeira ao esgarçar dos fios. Sob a túnica, Pekkala encontrou um colete feito de algodão branco, grosso como lona. Parecia o tipo de roupa de proteção usada por esgrimistas. Era sulcada por muitas fileiras de pontos, e entre as fileiras Pekkala podia entrever os calombos onde as joias haviam sido costuradas entre as camadas de pano. O colete fora amarrado com nós de corda em vez de botões. Os nós eram apertados, então ele puxou as cordas até que se partissem. Depois, com a maior delicadeza possível, virou o tsar de rosto para o chão, rasgou a túnica e retirou o colete, deslizando-o pelos braços esqueléticos. O colete era pesado. Ele o jogou de lado.

— Três minutos, Pekkala! — avisou Grodek.

O mais rápido que pôde, Pekkala removeu os outros coletes. Eram todos da mesma estrutura, cada um talhado para servir ao corpo de quem o vestia. Quando o último deles fora removido, Pekkala deu as costas aos corpos seminus, com a carne da consistência de um papel encolhida sobre os ossos e emoldurada por fiapos de roupas apodrecidas.

— Um minuto, Pekkala!

Ele colocou os coletes na bolsa, mas só havia lugar para metade deles.

— Vai ter de descer a bolsa de novo. Não dá para colocar tudo de uma vez.

— Amarre a bolsa na corda!

Logo a bolsa de couro flutuou oscilante no ar, roçando as paredes na subida até a superfície. Ele ouviu Grodek rindo.

Um momento depois, a bolsa vazia bateu no chão de terra, seguida da serpeante corda de cânhamo.

Pekkala armazenou o restante dos coletes e eles também foram puxados até a superfície.

Ouviu um tiro a distância, o som como o de um graveto seco quebrando. Estava vindo lá de cima. Então alguém gritou. Anton chamava seu nome.

Pekkala pôs-se de pé com dificuldade.

Agora podia ouvir a voz de Grodek, e também a de Kirov, seus gritos entremeados por rajadas de tiros. Apertou os olhos na direção da mancha de luz que marcava a entrada do túnel. Houve um grito, e de repente a luz bruxuleou. Pekkala viu o que parecia um gigantesco pássaro negro. Era um homem, caindo. Ele mal teve tempo de dar um passo para trás antes que o corpo batesse no chão.

Pekkala correu para onde o homem estava caído com o rosto virado para o chão. Não dava para saber quem era. Virando o corpo, percebeu que era Anton. Seu corpo fora horrivelmente fraturado pela queda. Os olhos de Anton piscaram e se abriram. Ele tossiu sangue e ofegou. Então levantou uma mão e pegou o braço de Pekkala, que agarrou-se ao irmão, enquanto a mão de Anton perdia as forças. Naqueles últimos momentos, enquanto a vida de seu irmão se dissolvia em trevas, os pensamentos de Pekkala voaram para quando ele e Anton eram crianças, descendo de trenó a colina dos lenhadores. Pekkala pareceu quase ouvir o riso deles dois e o assovio dos trenós enquanto corriam pelo chão congelado. Por fim, a respiração de Anton morreu com um suspiro. Seus dedos afrouxaram e

deslizaram do braço, a mão caindo no chão. E a imagem que fora tão clara na mente de Pekkala um segundo antes se dissolveu em partículas de cinza, distanciando-se cada vez mais umas das outras, até que finalmente a imagem se perdeu e ele soube que seu irmão estava morto.

O corpo inteiro de Pekkala ficou dormente. A dor nas mãos queimadas pela corda, e nos joelhos, ombros e costas se fundiram em um vazio retumbante dentro dele. Seu coração parecia desacelerar, como um pêndulo oscilando logo antes de parar. Sentiu toda a sua vida descrever um círculo até sua fonte, até aquele ponto em que uma pessoa ou morre, ou precisa começar de novo. Fechou os olhos e, numa escuridão de cego, Pekkala sentiu a morte envolvê-lo com os braços.

Então ouviu um sussurro no ar. A corda bateu no chão ao seu lado.

— Segura firme — gritou Kirov para ele. — Vou tirar você daí.

Uma vez mais, Pekkala fechou as mãos em torno do cânhamo áspero. A dor voltou, mas ele se obrigou a ignorá-la. Acima, ouviu um motor ligando e então sentiu que estava sendo erguido do chão. Quando seus pés deixaram a terra, olhou para o irmão, caído ao lado dos corpos dos Romanov, como se tivesse passado ali com eles todo o tempo. Então as paredes pretas da mina fecharam-se sobre eles.

Um minuto depois, Kirov o trouxe até a superfície.

A primeira coisa que Pekkala viu foi Grodek. Estava deitado de bruços, mãos algemadas atrás das costas, os dedos retorcidos como as garras de um pássaro morto. Grodek fora ferido no ombro. O sangue empapava o tecido de sua camisa.

— Você tem de pará-lo — disse Grodek, ofegante. — Ele disse que vai me matar.

Do outro lado do campo, meio enterrado na grama alta, havia outro carro. Seu para-brisa fora estilhaçado por balas. Uma nuvem de vapor subia do radiador perfurado e as laterais pretas perolizadas exibiam cicatrizes de prata, indicando onde os projéteis haviam atravessado o metal.

Kirov pisou nas costas de Grodek e enfiou o calcanhar na ferida.

Grodek guinchou de dor.

O rosto de Kirov não mostrava qualquer emoção.

— Como você me encontrou? — perguntou Pekkala.

— Assim que seu irmão acordou — respondeu Kirov —, pegou o carro do médico e foi para Ipatiev. Então, ele me contou sobre Grodek. A princípio, nenhum de nós sabia onde vocês tinham ido. Então, eu me lembrei do livro. Decifrei a mensagem. Viemos para cá o mais rápido possível. Quando chegamos ao campo, tentei imobilizar Grodek enquanto Anton vinha pelo lado, mas Grodek viu e abriu fogo. Anton ficou ferido. Grodek arrastou seu irmão até a borda da mina e atirou-o no poço.

Kirov então colocou Grodek de pé, levantando-o pelas algemas.

— E agora é hora de acertar as contas.

Grodek gritou ao ter os braços dobrados para trás.

— Ouvi dizer que você tem medo de altura — disse Kirov, enquanto arrastava Grodek até a mina.

Kirov segurou-o bem na beira.

Grodek se debateu e implorou.

Kirov só precisaria soltá-lo.

Ele estava prestes a cruzar uma linha da qual seria impossível voltar. Kirov já parecia ser outro homem, não o comissário júnior que Pekkala conhecera na floresta séculos atrás. Pekkala sentiu-se impotente para impedir o que estava prestes a acontecer. Parte dele desejava aquilo, sabendo que se Kirov não cruzasse aquela linha hoje,

certamente chegaria o dia em que ele não teria escolha. Mas Pekkala se deu conta de que não podia deixar aquilo acontecer. Gritou com Kirov, ordenando que parasse, sabendo que talvez já fosse tarde demais.

Por um momento, Kirov pareceu confuso, como alguém que acorda bruscamente de um transe hipnótico. Então, curvou-se para trás, punho fechado sobre a corrente da algema, puxando Grodek para longe do precipício.

Grodek caiu de joelhos.

Pekkala caminhou até os coletes. Estavam amontoados, o algodão branco parecendo manchado e quebradiço à luz do dia. Ele pegou um deles e sentiu o peso puxando seu braço para o chão. O tecido podre rasgou e uma torrente de diamantes derramou-se sobre o chão, cintilando como água à luz do sol.

Uma semana depois, Pekkala estava em Moscou.

Estava sentado em uma sala com paredes forradas de painéis de madeira, cujas janelas altas, emolduradas por cortinas de veludo carmesim, davam para a Praça Vermelha. Um relógio de pé Thomas Lister, do século XVIII, que antigamente estivera no Palácio de Catarina, marcava as horas com paciência num canto da sala.

A mesa à frente dele estava vazia, exceto por um porta-cachimbos de madeira vazio.

Ele não sabia há quanto tempo estava esperando. De vez em quando, lançava um olhar para a imensa porta dupla. Ouvia os soldados marchando na praça lá fora.

Um sonho que tivera na noite passada ainda ecoava em sua cabeça. Ele ainda estava em Sverdlovsk, naquela bicicleta, voando colina abaixo, sem freios, indo direto para a lagoa de patos outra vez. Assim como antes, acabara caindo na água, ensopado e coberto de ervas daninhas.

Quando saiu da lagoa, viu uma pessoa de pé em meio à grama alta do outro lado. Era Anton. Seu coração se sobressaltou quando viu o irmão. Pekkala tentou se mexer, mas descobriu que não conseguia. Chamou, mas Anton não pareceu ouvir. Então Anton virou-se e andou para longe, e os juncos fecharam-se em torno dele. Pekkala ficou lá por um longo tempo, pelo menos foi o que lhe pareceu no sonho, pensando no dia em que cruzaria aquela lagoa. Como Anton, ele ficaria naquela margem distante, olhando para de onde viera, sem dor, ou raiva, ou tristeza, e então também ele desapareceria no mundo que havia depois da água.

De repente, uma porta se abriu na parede atrás da mesa. Era tão parecida com os painéis de madeira que Pekkala nem sequer notara que estava lá.

O homem que entrou na sala vestia um terno de lã simples, verde amarronzado, com um paletó de corte militar, de modo que seu colarinho duro e curto fechava-se em torno da garganta. Seus cabelos escuros, raiados de branco acima das orelhas e têmporas, fora penteado para trás, e um espesso bigode acumulava-se sob o nariz. Quando ele sorriu, seus olhos se fecharam como os de um gato satisfeito.

— Pekkala — disse ele.

Pekkala levantou-se.

— Camarada Stalin.

Stalin sentou-se à sua frente.

— Sente — disse ele.

Pekkala voltou para sua cadeira.

Por alguns instantes, os dois homens observaram-se em silêncio.

O tique-taque do relógio pareceu ficar mais alto.

— Eu disse que nós nos veríamos de novo, Pekkala.

— O ambiente é mais agradável do que antes.

Stalin recostou-se na cadeira e percorreu a sala com os olhos, como se nunca a tivesse realmente visto antes.

— Tudo é mais agradável agora.

— O senhor pediu para me ver.

Stalin fez que sim com a cabeça.

— Como você pediu, o crédito pelo retorno das joias do tsar ao povo soviético foi atribuído ao tenente Kirov. Na verdade — completou Stalin, coçando o queixo —, ele agora é major Kirov.

— Obrigado por me informar — disse Pekkala.

— Está livre agora — disse Stalin. — A menos, é claro, que esteja pensando em ficar.

— Ficar? Não, estou indo para Paris. Tenho um encontro para o qual estou muito atrasado.

— Ah — disse ele. — Ilya, não é?

— Sim. — Pekkala ficou nervoso ao ouvir Stalin pronunciar o nome dela.

— Tenho algumas informações sobre ela. — Stalin observava-o atentamente, como se os dois estivessem jogando pôquer. — Deixe-me compartilhá-las com você.

— Informações? — perguntou Pekkala. — Que informações? — Pensou consigo mesmo: por favor, que ela não esteja ferida, ou doente, ou coisa pior. Tudo menos isso.

Stalin abriu uma gaveta do seu lado da mesa, a madeira ressecada rangendo ao deslizar. Puxou uma fotografia. Por um momento, examinou-a, deixando Pekkala fitar a parte de trás da foto e se perguntar do que diabos se tratava.

— O que é isso? — perguntou Pekkala. — Ela está bem?

— Ah, sim — respondeu Stalin. Colocou a foto sobre a mesa, pôs um dedo em cima dela e deslizou-a na direção de Pekkala.

Pekkala agarrou a foto. Era Ilya. Ele a reconheceu num instante. Estava sentada a uma mesa pequena em um café. Atrás dela, impressas no toldo do estabelecimento, Pekkala

viu as palavras “Les Deux Magots”. Ela sorria. Ele podia ver seus dentes brancos e fortes. Então, com relutância, o olhar de Pekkala direcionou-se para o homem que estava sentado ao lado dela. Era magro, com cabelos pretos, penteados para trás. Vestia paletó e gravata, e a ponta de um cigarro estava presa entre o polegar e o indicador. Segurava o cigarro à maneira russa, com a brasa pairando sobre a palma da mão como se para apagar as cinzas que caíssem. Como Ilya, o homem também sorria. Os dois olhavam para alguma coisa que estava logo à esquerda da câmera. Do outro lado da mesa havia um objeto que a princípio ele quase não conseguiu reconhecer, já que havia tanto tempo que não via um. Era um carrinho de bebê, com a capota erguida para proteger a criança do sol.

Pekkala se deu conta de que não estava respirando. Teve de se forçar a encher os pulmões.

Stalin descansou o punho sobre os lábios. Pigarreou baixinho, como se para lembrar Pekkala de que ele não estava sozinho na sala.

— Como conseguiu isso? — perguntou Pekkala, com a voz agora rouca.

— Sabemos o paradeiro de todos os emigrantes russos em Paris.

— Ela está correndo perigo?

— Não — Stalin assegurou —, e nem vai correr. Tem a minha palavra.

Pekkala fitou o carrinho de bebê. Imaginou se a criança teria os olhos dela.

— Não deve culpá-la — disse Stalin. — Ela esperou, Pekkala. Esperou por muito tempo. Mais de dez anos. Mas ninguém pode esperar para sempre, pode?

— Não — admitiu Pekkala.

— Como pode ver — disse Stalin com um gesto na direção da foto —, Ilya está feliz agora. Ela tem uma família.

É professora, de russo, é claro, na prestigiosa École Stanislas. Ninguém ousaria dizer que ela não te ama mais, Pekkala, mas ela tentou deixar o passado para trás. É algo que todos precisamos fazer em algum momento de nossas vidas.

Pekkala tentou engolir, mas seu pomo de adão estava paralisado.

Lentamente, levantou a cabeça, até fitar Stalin nos olhos.

— Por que me mostrou isso? — perguntou.

Os lábios de Stalin se contorceram.

— Preferia ter chegado a Paris, pronto para começar uma vida nova, apenas para descobrir que uma vez mais ela está fora do seu alcance?

— Fora do meu alcance? — Pekkala sentia-se tonto. Sua mente parecia correr de uma extremidade do crânio à outra, como peixes presos numa rede.

— Ainda pode procurá-la, é claro. — Stalin deu de ombros. — Tenho o endereço se quiser. Assim que puser os olhos em você, qualquer paz de espírito que ela tenha conquistado em todos esses anos será destruída para sempre. E digamos, fazendo uma suposição, que você possa convencê-la a deixar o marido. Digamos até que ela deixe a criança para trás.

— Pare — disse Pekkala.

— Você não é esse tipo de homem, Pekkala. Não é o monstro que seus inimigos um dia acreditaram ser. Se fosse, nunca seria um oponente tão formidável para pessoas como eu. Monstros são facilmente derrotáveis. Com essas pessoas, é só uma questão de tempo e de sangue, já que a única arma que têm é o medo. Mas você, Pekkala, conquistou os corações do povo e o respeito dos seus inimigos. Eu não acredito que você tenha noção de como isso é raro, e os corações que você conquistou ainda estão lá fora. — Stalin abanou as mãos na direção da janela, e do

céu azul pálido de outono. — Eles sabem como seu trabalho pode ser difícil, e como poucos dos que percorrem o seu caminho conseguem fazer o que deve ser feito e, ainda assim, conservar a própria humanidade. Eles não te esqueceram, Pekkala, e eu não acredito que você os tenha esquecido.

— Não — sussurrou Pekkala. — Eu não esqueci.

— O que estou tentando lhe dizer, Pekkala, é que ainda tem um lugar aqui para você, se quiser.

Até aquele momento, a ideia de ficar não lhe ocorrera. Mas agora os planos que fizera não tinham mais sentido. Pekkala percebeu que seu último gesto de afeição pela mulher que antigamente achara que seria sua esposa devia ser deixá-la acreditar que ele estava morto.

— Mais que um lugar — continuou Stalin —, aqui você terá um propósito. Compreendo como seu trabalho pode ser perigoso. Sei dos riscos que corre, e não posso prometer que suas chances de sobrevivência serão maiores. Mas precisamos de alguém como você... — Subitamente Stalin pareceu vacilar, como se mesmo ele não pudesse compreender por que Pekkala deveria continuar a suportar tal fardo.

Naquele momento, Pekkala pensou no pai, na dignidade e paciência que ele aprendera com aquele velho.

— É um trabalho... — Stalin procurou a palavra.

— Que importa? — contestou Pekkala.

— Sim. — Stalin soltou o ar. — Importa. Para eles. — Mais uma vez, fez um gesto na direção da janela, como se quisesse abranger toda a vastidão do país com um único gesto de mão. Então, ele trouxe a mão para perto e bateu forte com a palma no peito. — Para *mim*. — Agora a confiança de Stalin retornara, e toda incerteza desaparecera como se uma sombra tivesse sido varrida de seu rosto. —

Pode achar interessante saber — continuou ele — que conversei com o major Kirov. Ele fez alguns pedidos.

— O que ele queria?

Stalin grunhiu.

— A primeira coisa que pediu foi meu cachimbo.

Pekkala deu uma olhada no porta-cachimbo vazio sobre a mesa.

— Foi um pedido tão estranho que acabei concordando.

— Stalin abanou a cabeça, ainda intrigado. — Era um bom cachimbo. Urze branca inglesa.

— Qual foi o outro pedido?

— Ele pediu para trabalhar com você novamente se a oportunidade um dia surgir. Ouvi dizer que ele é um bom cozinheiro — disse Stalin.

— Um chef — respondeu Pekkala.

Stalin deu uma pancada na mesa.

— Melhor ainda! Este é um país enorme, cheio de comida horrível, e seria bom ter a companhia de alguém assim.

O rosto de Pekkala permanecia indecifrável.

— Então? — Stalin recostou-se na cadeira e juntou as pontas dos dedos das mãos. — O Olho de Esmeralda gostaria de um assistente?

Por um longo tempo, Pekkala ficou em silêncio, fitando o nada.

— Preciso de uma resposta, Pekkala.

Vagarosamente, Pekkala levantou-se.

— Muito bem — disse. — Voltarei ao trabalho imediatamente.

Então Stalin ficou de pé. Estendeu o braço por sobre a mesa e apertou a mão de Pekkala.

— E o que devo dizer ao major Kirov?

— Diga — respondeu Pekkala — que é melhor ter dois olhos que um só.

NOTA HISTÓRICA

O que realmente aconteceu aos Romanov?

Nota sobre as datas

Em 1º de fevereiro de 1917, a Rússia substituiu o calendário juliano pelo gregoriano, que era usado no restante do mundo. O sistema juliano tinha um atraso de 12 dias em relação ao gregoriano até março de 1900, quando o atraso aumentou para 13 dias. Para fins de exatidão, as datas aqui listadas são as que os próprios russos teriam usado, sendo do calendário juliano até a época em que a substituição foi realizada, e a partir de então, do calendário gregoriano.

Fevereiro-março de 1917

As condições dos soldados russos na frente de batalha contra os exércitos alemão e austro-húngaro chegaram a um ponto crítico. Passeatas e greves de trabalhadores espalham-se pela maioria das cidades russas, incluindo Moscou e Petrogrado.

Março de 1917

Nicolau II abdica, indicando seu irmão Mikhail como o herdeiro do trono russo, deixando de lado seu próprio filho, Alexei, que o tsar acredita ser jovem e frágil demais para suportar a tensão de comandar o país.

Março de 1917

Mikhail, acreditando que a situação já estava perdida, recusa-se a aceitar o trono.

Março de 1917

Nicolau II e sua família são colocados em prisão domiciliar na propriedade Tsarskoye Selo, nos limites de Petrogrado. Um plano é concebido para transportar a família para o exílio na Inglaterra. Após uma onda de protestos públicos, o governo britânico retira a oferta.

Mai-Junho de 1917

Os protestos e as greves continuam. A escassez de alimentos e combustível levam a saques generalizados.

16 de junho de 1917

O Exército russo ataca com todas as forças na frente austro-húngara. Esse ataque acaba tornando-se uma grande derrota para os russos.

Agosto de 1917

Com as condições piorando em Petrogrado, o governo provisório decide remover a família Romanov, junto com seus médicos, enfermeiras e tutores particulares das crianças, para a cidade siberiana de Tobolsk. Em 6 de

agosto, a família encontra-se instalada em uma mansão pertencente ao ex-governador de Tobolsk.

20 de novembro de 1917

A Rússia começa a negociar sua rendição à Alemanha.

16 de dezembro de 1917

O governo revolucionário ordena a reestruturação do Exército. Todos os oficiais deverão ser eleitos democraticamente e o sistema de patentes militares é abolido.

23 de fevereiro de 1918

O Pravda, o jornal do Partido Comunista, exige que o confinamento dos Romanov passe a ter condições mais rigorosas. A família Romanov passa a ser alimentada com rações do exército e é avisada de que será transferida para um lugar ainda mais remoto — a cidade de Ecatemburgo, a leste dos montes Urais.

30 de abril de 1918

Escortados por Guardas Vermelhos sob o comando do comissário Yakovlev, os Romanov e alguns de seus empregados chegam de trem a Ecatemburgo. Ao chegarem à estação, são recebidos por uma multidão hostil, que exige que os Romanov sejam mortos. Os Romanov são aprisionados na casa de um comerciante local chamado Ipatiev. Uma alta cerca de paliçada é construída em volta da casa e as janelas dos andares superiores são pintadas com cal, para impedir qualquer visão de dentro ou de fora.

Guardas para a casa Ipatiev são recrutados entre operários de fábrica de Ecaterimburgo.

22 de maio de 1918

A Legião Tcheca, que mais tarde seria conhecida como Exército Branco, recusa-se a obedecer às ordens do governo revolucionário de depor as armas. A maioria desses homens é de desertores do Exército austro-húngaro, que escolheram juntar-se aos russos durante a Primeira Guerra Mundial. Impossibilitados de voltar ao país natal, marcham por quase toda a extensão da Rússia, em direção a Vladivostok. De lá, seriam transportados por meio mundo até a França, para se juntarem à luta no fronte ocidental, ao lado de seus aliados franceses, britânicos e americanos. O Exército Branco conta com mais de 30 mil homens, uma força avassaladora, que começa a abrir caminho para o leste, seguindo a ferrovia Transiberiana.

12 de junho de 1918

Mikhail, o irmão do tsar, está sendo mantido prisioneiro na cidade de Perm. Acomodado no hotel Korolev, renomeado de “Hotel Nº 1” pelos bolcheviques, ele e seu mordomo, Nicholas Johnson, têm permissão de andar pelas ruas, contanto que não tentem fugir da cidade. Nessa noite, o grão-duque Mikhail e Johnson são retirados de seus quartos por um esquadrão da morte da Cheka, sob o comando de Ivan Kolpaschikov, levados a um bosque chamado Malaya Yazovaya, e executados a tiro. Os bolcheviques não anunciam a morte publicamente, noticiando, em vez disso, que ele fora resgatado por oficiais do Exército Branco. Nos meses seguintes, o grão-duque é “visto” nos quatro cantos do mundo. Seu corpo, assim como o de Nicholas Johnson, nunca foi encontrado.

4 de julho de 1918

Os guardas locais são despedidos depois de serem acusados de roubar os Romanov. São substituídos pelo oficial Yurovsky, da Cheka, e um contingente de “letões”, na verdade composto por uma maioria de húngaros, alemães e austríacos. De agora em diante, os únicos guardas com permissão para entrar na casa Ipatiev são os da Cheka. Guardas são postados por toda a casa, até mesmo na porta dos banheiros. Os Romanov vivem no segundo andar. Têm permissão para cozinhar a própria comida, baseada em uma dieta de rações do exército e doações das freiras do convento Novotikvinsky, em Ecatimburgo.

16 de julho de 1918

Com o Exército Branco aproximando-se da região de Ecatimburgo, o comissário Yurovsky recebe um telegrama ordenando a morte dos Romanov para que não se corra o risco de que sejam resgatados pelos Brancos. Esse telegrama, presumivelmente, foi enviado por Lenin, embora sua origem permaneça incerta.

Yurovsky imediatamente ordena que seus guardas entreguem seus revólveres Nagant. Ele então carrega as armas, devolve-as aos donos e notifica-lhes que os Romanov deverão ser executados naquela noite. Dois dos “letões” recusam-se a atirar em mulheres e crianças a sangue frio.

Yurovsky destaca um guarda para cada membro da família Romanov e sua comitiva, de modo que cada homem seja responsável por uma execução. O número total de guardas é onze, o que corresponde ao número composto pela família Romanov, mais uma dama de companhia, Anna Demidova, um cozinheiro chamado Kharitonov, o médico da

família, Dr. Botkin, e um criado de nome Trupp, que também deveriam ser executados.

17 de julho de 1918

À meia-noite, Yurovsky acorda a família Romanov e ordena que eles se vistam. Então informa à família de que está havendo um tumulto na cidade. Por volta de uma hora depois, a criadagem é levada até o porão, que Yurovski designou ser o local da execução.

Quando os Romanov chegam ao porão, a tsarina Alexandra pede cadeiras, e três são trazidas. A tsarina senta-se em uma delas, Alexei em outra, e o próprio tsar na terceira.

O caminhão, que foi pedido para transportar os mortos após as execuções, não aparece até quase duas da manhã.

Quando o caminhão chega, Yurovski e os guardas descem ao porão e entram na sala em que os Romanov estavam esperando. A sala está tão lotada que alguns dos guardas são forçados a ficar de pé na entrada. Yurovsky informa o tsar de que ele será executado.

De acordo com Yurovsky, a resposta do tsar foi “O quê?”. Ele então teria se virado para falar com o filho, Alexei. Nesse momento, Yurovsky lhe dá um tiro na cabeça.

Os guardas então começam a atirar. Embora Yurovsky tenha planejado uma sequência ordenada de eventos, a situação rapidamente se torna caótica. As mulheres gritam. Balas ricocheteiam nas paredes e, aparentemente, nas próprias mulheres. Um guarda leva um tiro na mão.

Não tendo conseguido matar as mulheres, os guardas, então, tentam completar o serviço com baionetas, mas não têm sucesso. Por fim, cada uma das mulheres leva um tiro na cabeça.

O último a morrer é Alexei, que ainda está sentado em sua cadeira. Yurovsky lhe dá vários tiros à queima-roupa.

Os corpos são levados até o pátio da casa Ipatiev, carregados em macas improvisadas com cobertores estendidos sobre vigas de arnês retiradas de carruagens. Os mortos são colocados em um caminhão e cobertos por mantas.

Nesse momento, Yurovsky percebe que os guardas roubaram os itens de valor que os Romanov carregavam nos bolsos. Ele ordena a devolução dos itens. Sob ameaça de execução, os guardas devolvem os objetos a Yurovsky.

O caminhão vai em direção a uma mina abandonada que fora escolhida para enterrar os Romanov e a comitiva da família. Antes de chegar a seu destino, contudo, o caminhão depara com um grupo de cerca de 25 civis, que haviam sido destacados por outro membro da Cheka para servir como equipe encarregada do enterro. Os civis estão revoltados, pois esperavam que coubesse a eles a execução dos Romanov. Eles descarregam os corpos do caminhão e imediatamente começam a pilhar os mortos. Yurovsky ameaça atirar a menos que parem.

Yurovsky então percebe que ninguém no grupo, inclusive ele mesmo, sabe a localização exata da entrada da mina. Tampouco alguém havia pensado em providenciar pás para os enterros. Yurovsky carrega os corpos de volta no caminhão e procura outro lugar para realizar o enterro.

Ao amanhecer, Yurovsky encontra outra mina abandonada perto do vilarejo de Koptiaki, a três horas de caminhada de Ecaterimburgo.

Os corpos dos Romanov são descarregados mais uma vez. Suas roupas são removidas e uma fogueira é preparada para queimar as roupas antes que os corpos sejam escondidos na mina. Enquanto os corpos estão sendo desnudados, Yurovsky descobre que os Romanov estão

usando coletes no interior dos quais centenas de diamantes haviam sido costurados, o que explica por que os tiros não mataram as mulheres da família. Os diamantes são escondidos e mais tarde levados até Moscou.

Depois que as roupas são queimadas, Yurovsky ordena que os corpos sejam jogados na mina, e depois tenta fazer com que a mina desabe usando granadas de mão. O sucesso é somente parcial, e Yurovsky sabe que terá de esconder novamente os corpos em algum outro lugar.

Depois de se reportar aos superiores, Yurovsky é informado por um membro do Comitê do Soviete dos Urais de que os corpos poderiam ser escondidos em alguma das várias minas profundas próximas à rodovia Moscou, não muito longe de onde os corpos se encontravam. As minas estão cheias d'água e Yurovsky decide amarrar pedras aos corpos antes de jogá-los.

Ele também formula um plano reserva: queimar os corpos, então derramar ácido sulfúrico sobre eles e enterrar os restos mortais em um fosso.

Na noite de 17 de julho, os corpos são exumados, colocados em carroças e transportados até as minas da rodovia Moscou.

18 de julho de 1918

As carroças que levavam os corpos quebram no meio do caminho. Yurovsky ordena que um fosso seja escavado, mas em meio aos trabalhos é informado de que o buraco é facilmente visível da estrada.

Yurovsky abandona o fosso e ordena que caminhões sejam requeridos para que o grupo possa continuar em direção às minas profundas da rodovia Moscou.

Nesse dia, o Pravda anuncia que o tsar foi executado, mas afirma que a tsarina Alexandra e o filho, Alexei, haviam

sido poupados e levados a um local seguro. Não há menção das quatro filhas do tsar ou da criadagem. O artigo deixa implícito que as execuções haviam sido realizadas por iniciativa dos guardas de Ecaterimburgo, e não por ordens de Moscou.

19 de julho de 1918

Nas primeiras horas da manhã, os caminhões que haviam sido requeridos para substituir as carroças quebradas também quebram nas estradas esburacadas.

Yurovsky ordena que um novo fosso seja escavado. Nesse meio-tempo, ele queima os corpos.

Os restos mortais são jogados no fosso e ácido é derramado sobre eles. O fosso é coberto e dormentes são dispostos sobre o local do enterro. Os caminhões então passam várias vezes por cima dos dormentes, para que todos os indícios do enterro sejam ocultados.

Ao amanhecer, o trabalho está completo.

Antes de partir do local, Yurovsky faz os participantes jurarem silêncio.

Os ossos não são encontrados, a despeito de uma busca exaustiva conduzida pelo Exército Branco, quando este invade Ecaterimburgo poucos dias depois. Os Brancos, no fim, são forçados a sair, e o controle de Ecaterimburgo volta às mãos do Exército Vermelho.

Nos meses seguintes, surgem histórias afirmando que a tsarina e as filhas teriam sobrevivido.

Testemunhas relatam tê-las visto em um trem com destino à cidade de Perm. Outra história inclui o aparecimento de uma jovem mulher, uma das filhas, da qual se diz que viveu por pouco tempo com uma família

num bosque antes de ser entregue à Cheka, que então a teria assassinado.

Um alfaiate chamado Heinrich Kleibenzetl afirma ter visto a princesa Anastácia, gravemente ferida, recebendo cuidados de sua senhora em uma casa em frente à casa Ipatiev, imediatamente após as execuções.

Um prisioneiro de guerra austríaco, Franz Svoboda, alega ter pessoalmente resgatado Anastácia da casa Ipatiev.

1920

Uma mulher tenta cometer suicídio pulando de uma ponte sobre o canal Landwehr, em Berlim. Ela é internada em um manicômio em Dalldorf, onde se descobre que tem múltiplas cicatrizes de ferimentos que se assemelham àqueles feitos pelos projéteis, e uma que parece ter sido feita pela lâmina cruciforme de uma baioneta russa Mosin-Nagant.

A mulher aparenta estar sofrendo de amnésia e é chamada pelos funcionários do hospital de Fraulein Unbekannt (“Fulana de Tal”).

1921

Fraulein Unbekannt conta a uma das enfermeiras de Dalldorf, Thea Malinkovsky, ser, na verdade, a princesa Anastácia. Ela afirma ter sido salva da execução por um soldado russo chamado Alexander Tschaikovsky. Juntos, teriam fugido para Bucareste, onde Tschaikovsky foi morto em uma briga.

1922

A mulher que afirma ser Anastácia é liberada do manicômio e se hospeda com o barão Von Kleist, que acredita em sua

história.

Nos anos seguintes, a mulher é visitada por numerosos amigos e parentes dos Romanov, entre eles a grã-duquesa Olga Alexandrovna, irmã de Nicolau II, e Pierre Gilliard, tutor particular dos filhos do tsar, ambos os quais declaram ser ela uma fraude. Com base num molde de sua arcada dentária, o dentista da família Romanov, Dr. Kostrizky, também declara ser falsa a alegação da mulher.

Nem todos os que encontram pessoalmente a mulher acreditam que ela esteja mentindo. Na Alemanha, o sobrinho e a sobrinha do médico da família Romanov, Dr. Botkin, apoiam vigorosamente a alegação da mulher, em meio a acusações de que estariam tão somente buscando o tesouro perdido da família Romanov, que atualizado equivaleria hoje a mais de 190 milhões de dólares (aproximadamente 90 milhões de libras).

A batalha legal que se segue torna-se o caso mais longo da história alemã.

Um detetive particular, Martin Knopf, afirma, com base em suas investigações, que a mulher seria na verdade uma operária polonesa de nome Franziska Schanzkowska e que as feridas em seu corpo teriam sido resultado de uma explosão na fábrica de munições onde ela trabalhara.

O irmão de Schanzkowska, Felix, é trazido para identificar a mulher. Ele imediatamente afirma que ela é sua irmã, mas, misteriosamente, recusa-se a assinar uma declaração juramentada.

1929

A mulher se muda para Nova York, onde reside temporariamente com Annie Jennings, uma rica socialite de Manhattan. Pouco tempo depois, após uma série de

incidentes de histeria, ela é mais uma vez internada em um manicômio, dessa vez o Four Winds Sanatorium.

1932

A mulher, agora conhecida como Anna Anderson, volta para a Alemanha.

1934

Yurovsky, em uma conferência do partido, em Ecatereburgo, faz um relato detalhado das execuções e dos eventos que as precederam.

1956

É lançado o filme Anastácia, a princesa esquecida, estrelado por Ingrid Bergman e Yul Brynner.

1968

Aos 70 anos, Anna Anderson volta para os Estados Unidos e casa-se com John Manahan, que acredita ser ela a princesa Anastácia. O casal passa a residir no estado da Virgínia.

1976

Os restos mortais dos Romanov são localizados exatamente onde Yurovsky dissera que estariam, mas a informação é mantida em segredo e os corpos não são exumados.

1977

O futuro presidente da Rússia, Boris Yeltsin, então líder do Partido Comunista em Ecatereburgo, ordena a destruição

da casa Ipatiev, observando que ela se transformara em local de peregrinações.

1983

Anna Anderson é mais uma vez internada. Poucas horas depois de sua entrada na instituição psiquiátrica, Manahan a sequestra e os dois fogem pelo interior da Virgínia.

12 de fevereiro de 1984

Anna Anderson morre de pneumonia.

1991

Os esqueletos dos Romanov são exumados. Por meio de amostras de DNA adquiridas, entre outros, do duque de Edimburgo (cuja avó era irmã da tsarina Alexandra), os restos mortais são identificados com segurança como sendo os de Nicolau II, Alexandra, suas filhas Olga, Tatiana e Anastácia. Também são identificados os restos do Dr. Botkin e de três criados da família. Dois corpos, os de Maria e Alexei, não são encontrados.

1992

Testes de DNA feitos em uma amostra retirada de Anna Anderson confirmam que ela não era a princesa Anastácia. A amostra de DNA é compatível com a de Karl Maucher, sobrinho-neto de Franziska Schanzkowska.

27 de agosto de 2007

Restos mortais atribuídos a Maria e Alexei são encontrados em covas rasas não muito longe de onde os outros corpos haviam sido depositados.

30 de abril de 2008

O governo russo anuncia que testes de DNA confirmaram as identidades de Alexei e Maria. No mesmo dia, para comemorar o nonagésimo aniversário das execuções, mais de trinta mil russos visitam a mina onde os Romanov foram enterrados.

Para descobrir mais, visite www.inspectorpekkala.com

Pequena bibliografia

Os seguintes livros se mostraram de grande ajuda na reconstituição dessa cadeia de eventos. Recomendo-os a qualquer um que deseje adentrar o labirinto da história russa dessa época:

Mossolov, Alexander. *At The Court Of The Last Tsar*, Londres: Methuen, 1935.

Iroshnikov, Mikhail. *The Sunset Of The Romanov Dynasty*, Moscou: Terra, 1992.

Bulygin, Paul. *The Murder of the Romanovs*, Londres: Hutchinson, 1966.

Erickson, Carolly. *Alexandra, The Last Tsarina*, Nova York: St. Martins, 2001.

Crawford, Rosemary e Donald. *Michael and Natasha*, Nova York: Scribner, 1997.

Steinberg, Mark e Khrustalev, Vladimir. *The Fall Of The Romanovs*, New Haven: Yale University Press, 1995.

Agradecimentos

O autor gostaria de agradecer às seguintes pessoas, em ordem alfabética, pela ajuda e estímulo que deram à escrita deste livro: Katherine Armstrong, Will Atkinson, Lisa Baker, Lee Brackstone, Angus Cargill, Pauline Collinghurst, Jason Cooper, Matthew De Ville, Walter Donohue, Jo Ellis, Dominique Enright, John Grindrod, Alex Holroyd, Samantha Matthews, Stephen Page, Deborah Rogers, Mohsen Shah, Dave Watkins.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de
Serviços de Imprensa S.A.

O Olho do Tsar Vermelho:

Site da série

<http://www.inspectorpekkala.com/>

Wikipedia do autor

[http://en.wikipedia.org/wiki/Paul_Watkins_\(novelist\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Paul_Watkins_(novelist))

Autor no goodreads

[http://www.goodreads.com/author/show/
3002846.Sam_Eastland](http://www.goodreads.com/author/show/3002846.Sam_Eastland)

Skoob do livro

http://www.skoob.com.br/livro/222804-eye_of_the_red_tsar

Capa

Rosto

Créditos

Dedicatória

Prólogo

Sibéria, 1929

Nota histórica

Pequena bibliografia

Agradecimentos

Colofão

Saiba mais